

ELIANE MARTINS DE FREITAS

MEMÓRIAS DE UMA “ODISSÉIA”:

**Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a
“Revolução de Trinta” em Uberlândia-MG**

CAMPINAS, 1999

ELIANE MARTINS DE FREITAS

MEMÓRIAS DE UMA “ODISSÉIA”:

Tito Lívio (Teixeira) e a construção da memória histórica sobre a

“Revolução de Trinta” em Uberlândia-MG

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação da Profª. Drª. Vera
Hercília (Vavy) Pacheco Borges

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em

___/___/___

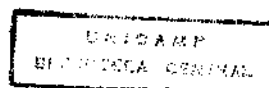
Profª. Drª. Vera Hercília Pacheco Borges

Profª. Drª. Christina Roquete Lopreato

Profª. Drª. Izabel Marson

Vera H. Borges
C. Roquete Lopreato

Fevereiro/1999



O estímulo, o exótico e o pitoresco só têm efeito sobre o estrangeiro.

Para retratar uma cidade, o nativo tem que ter outros motivos, mais profundos - motivos de alguém que viaja para o passado ao invés de na distância.

O livro de um nativo sobre sua cidade será sempre relacionado às suas memórias; o escritor não passou sua infância lá em vão. (Walter Benjamim)

Para Thaís Tormin

que, primeiro como mestra e depois como companheira de trabalho, ensinou-me o amor pela História e cuja lembrança é sempre um estímulo quando ser professora de História parece difícil.

SUMÁRIO

Agradecimentos	06
Introdução	09
Capítulo I - Tito Teixeira: “pioneiro do Brasil Central”	31
1.1 - Tito Teixeira: empresário, político e aviador	32
1.2 - Tito Teixeira - imagens e memórias	54
1.3 - Tito Lívio (Teixeira) - o historiador e a obra	56
 Capítulo II - Uberlândia e a “Grande Revolução Nacional”	80
2.1 - 1930/1964: memória e apropriação do fato	80
2.2 - Preparando a “Revolução”	90
2.3 - Notícias das operações militares	94
2.4 - Sujeitos “revolucionários”	104
2.5 - Cotidiano e a “Revolução”	118
 Capítulo III - Revolução: concepção e imagens	124
3.1 - Revolução: concepção e imagens	128
3.2 - Os “inimigos” da “Revolução”: paulistas, goianos e oposição local	135
3.3 - A “Revolução de Trinta” e a história de Uberlândia	145
 Considerações Finais	159
Fontes	162
Referências Bibliográficas	164

AGRADECIMENTOS

Num trabalho que fala de memória, eu não poderia deixar de dizer que estas primeiras páginas, que foram as últimas a serem escritas, e são dedicadas aos agradecimentos, nasceram de uma rememoração. Ao pensar nas pessoas e entidades que contribuíram direta ou indiretamente com este trabalho, eu não pude deixar de refazer um percurso, de recriar, os longos anos que separam meu ingresso na pós-graduação e a conclusão do texto que se segue. Cada nome que minha memória voluntária resgatava, trazia consigo uma história (ou na maioria dos casos, histórias): risos, lágrimas, apreensões, expectativas, paixões, desejos, cumplicidades, solidariedades, situações cotidianas diversas. Gostaria de colocar nestas páginas mais do que a memória voluntária me trouxe, o que as tornaria demasiadamente longas, por isso, saibam os amigos citados que rememorei muito mais do que deixo registrado e cada um, a seu modo, deixou em mim aquele gosto das “madeleines” de Proust.

Tentei seguir uma ordem cronológica linear, mas os que estudam a memória sabem como isso é impossível. Então, rendi-me a sua descontinuidade e deixei-me levar pelos seus múltiplos e diversos tempos, sem qualquer fio de Ariadne.

Agradeço à Heloísa Helena Pacheco, professora e orientadora na graduação, que, com seu sorriso nada fácil, iniciou-me no prazeroso mundo da pesquisa e dos anos trinta.

À Idalice Ribeiro, companheira de tantas angústias em Campinas e depois em Uberlândia, por quem cultivo um amor imenso.

À Rosa Maria Ferreira, comadre e companheira de tantas (des)venturas, cuja paixão pela “memória” foi de grande ajuda para este trabalho.

Ao Salvador Fragola Neto, “Dozinho”, mais que amigo porque irmão eleito nas lutas políticas cotidianas, por todas as longas discussões sobre a elite uberlandense e pelo interesse com que buscou nos jornais a figura de Tito Teixeira.

À Lúcia Elena Franco, “Bill”, presença mais que constante, mesmo com a distância que nos separa, e encorajadora deste longo percurso.

À Mariza Galo, “Zão”, que, com seu sorriso “carpidor” de menina da roça, embalou muitas lágrimas e nunca deixou de fazer as devidas cobranças.

À Sandra Molina, Magda Ricci e João Fábio Bertonha, amigos dos tempos de Campinas de quem guardo imensa saudade.

Ao José Eustáquio Ribeiro, “Tatá”, cuja presença tranqüila de “anjinho barroco” faz a vida valer a pena e torna a Academia menos intediante.

À Ana (do Tatá), que suportou bravamente muitas discussões estranhas sobre os memorialistas, Herodoto, Tucídides e a historiografia goiana.

Ao Cláudio Maia, mais que colega de trabalho, companheiro de luta.

À Regma Maria dos Santos, amiga, confidente, companheira de trabalho e de moradia, que, no último ano, todas as semanas religiosamente me perguntava pelo “trabalho” que eu nunca enfrentava. Pela leitura da primeira versão (não incorporada) e da versão definitiva, e, também, pelo empréstimo das crônicas de Lycido Paes.

À Márcia Pereira dos Santos, amiga, ex-aluna, companheira de trabalho, mas principalmente irmã eleita (às vezes filha, às vezes mãe), pelo codinome “Gaivota” que será sempre símbolo de que podemos mais do acreditamos.

Aos antigos “dionisiacos”, hoje auto-intitulados “bonobos”, cujos encontros “bafônicos” tornaram mais leves algumas noites catalanas e fizeram a vida mais feliz: “Dragma”, “A Drag” (the best seller), “O Drag”, “Dionísio” e outros (que por falta de codinomes não serão citados).

À minha família, que, mesmo sem saber o que era “esse tal” de mestrado, compartilhou muitas angústias e prazeres.

À Andreia e Ana Carla, vizinhas que vivenciaram alguns de meus enclausuramentos e principalmente o tempo da escrita final.

À Dulcéria Tartucci e Ana Maria Gonçalves, amigas e companheiras de trabalho, pelo estímulo e, também, pelas “broncas”.

À Thaís Tormin, professora, amiga e colega de trabalho, que me ensinou o amor pela História.

Ao Dr. Marcos Bueno, que já conseguiu que eu rescrevesse boa parte do *script* de minha vida e tem me ajudado muito na difícil arte de me conhecer melhor.

À Ana Paula Cantelli e Núbia, pelas longas horas copiando artigos de jornal, que no final, nem foram utilizados, mas que propiciaram um conhecimento maior da relações Triângulo Mineiro/Goiás.

À Gizelda Simonini, pelo empréstimo de documentos sobre a CTBC.

Ao Sr. Durval Teixeira e D. Yolanda Teixeira Avelino, pelas entrevistas, por me permitirem falar-lhes de coisas dolorosas e me mostrarem um Tito Teixeira mais gente, menos “meu objeto”.

Ao Claiton, que nos últimos meses deu-me a sorte de um amor nada tranqüilo e com muitos quilômetros entre nós, mas também a felicidade de amar e me sentir amada.

À Christina Lopreato e Izabel Marson, que, com suas observações sobre meu texto, devolveram-me a paixão pelo meu objeto e abriram caminhos até então ignorados.

À Vavy Pacheco Borges, minha orientadora, que apesar dos meus longos desaparecimentos nunca desistiu de mim, e que com seu vasto conhecimento dos anos trinta me fez trilhar com mais segurança pela História do Brasil.

Ao Laurindo, ao Edir e à Maria do Carmo, queridos vizinhos, cuja solidariedade deu-me segurança em muitos momentos decisivos.

Ao José Emílio Major Neto, amigo uberlandense que Campinas me deu, pela sensibilidade e cumplicidade com que consolidou nossa amizade.

À Profª. Livia Abrahão, pela revisão do texto final.

À Maria Janice Santos Matias e família, que por algum tempo me acolheram como filha em sua casa e que nunca deixarão de ser “a minha família do Satélite”.

Ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia, ao Arquivo Público Municipal de Uberaba, ao Arquivo Público Municipal de Araguari, ao Arquivo Público Mineiro, ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS/UFU) e ao Arquivo da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB), sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

À CAPES, Programa PICD-UFU, pelo financiamento, através de bolsa de pesquisa, nos primeiros anos do mestrado.

INTRODUÇÃO

Às vésperas de completar setenta anos, a “Revolução de Trinta” continua entre os temas que marcaram a história política brasileira no século XX, constituindo-se num objeto privilegiado pela historiografia, não só por tratar-se de um momento de ruptura da ordem jurídico-política (deposição do presidente, fechamento do Senado e da Câmara), mas principalmente pela amplitude e pluralidade de interpretações que o debate político dos anos trinta oferece ao historiador. Conforme Vavy Pacheco Borges:

Em todas as falas, seja no debate mais amplo que agitava o meio político nacional, seja nas disputas políticas menores do dia-a-dia, o conceito de “revolução” colocava-se claramente como central para todas as vozes envolvidas; isso se percebe nos variados registros (na imprensa, em anais, como em ensaios, memórias e até na literatura). Essa infinidade de fontes comprova a centralidade e a predominância do conceito em diferentes conteúdos e essa “revolução” aparece quase que permanentemente adjetivada como “brasileira”¹.

Dentre estes registros de que fala a autora, podemos verificar que a historiografia tem dado pouco relevância às memórias produzidas pelos historiadores locais ou memorialistas². Um estudo deste tipo de memória histórica³, parece-nos pertinente: de um lado, por nos permitir perceber o significado que o fato histórico “Revolução de Trinta” teve para sujeitos históricos concretos, participantes diretos ou não dos acontecimentos; por outro lado, por permitir-nos também pensar fatos que fazem parte de um contexto mais geral, entendido aqui como história nacional em sua

¹ BORGES, Vavy Pacheco. “Anos Trinta e política: história e historiografia”, In: FREITAS, Marcos (org.), *Historiografia Brasileira em Perspectiva*, São Paulo, Contexto, 1998, p. 161.

² Apesar da ironia, num país onde a profissão não é regulamentada, é comum utilizar-se a expressão historiador local para designar aqueles indivíduos que, mesmo sem formação acadêmica em História, tomam para si a tarefa de “não deixar no esquecimento” a história de sua cidade. Em alguns lugares estes historiadores são também denominados: “historiador amador”, “historiador diletantes” (Le Goff) ou ainda “cronista local”. O termo “memorialista”, apesar de ser mais frequentemente relacionado com relato de memórias pessoais, é também utilizado para designar, particularmente, os autores das histórias de província, comuns no século XIX, sob o título de “Memórias”. Sobre a diferença entre o historiador profissional e o historiador amador ver:

LE GOFF, Jacques. “História”, In: *História e Memória*, 2 ed., Campinas, Ed. UNICAMP, 1992.

³ A idéia de memória histórica será desenvolvida no item III desta Introdução.

relação com contextos específicos, ou seja, a história de uma dada cidade ou região. Neste sentido, o presente estudo busca compreender a apropriação e a configuração de uma certa memória da “Revolução de Trinta” em Uberlândia-MG, a partir da análise do livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia, do memorialista Tito Teixeira⁴.

I

O debate inicial sobre a “Revolução de Trinta” foi marcado pela instabilidade política do momento e propiciou o surgimento de uma determinada tendência de discussão, a partir dos dois sentidos do movimento “revolucionário” - como movimento militar ou como mudança estrutural. Podemos verificar que, a linha mestra que norteou os estudos sobre o tema, centra-se em torno da dicotomia ruptura/continuidade, sendo a noção de ruptura, predominante entre os diversos autores que assumem a tendência explicativa oficial do momento, quando “trinta” significaria um corte ou a passagem da “República Velha” para a “República Nova”⁵.

Em linhas gerais, podemos dizer que a historiografia até os anos setenta não se diferenciou em muitos aspectos, pois apesar se encontrar algumas variações de autor para autor, é possível destacar alguns pontos centrais desta tendência. Os diversos autores vêem o momento como, destruição do sistema político oligárquico, instalação de um novo tipo de Estado, inauguração de uma política de industrialização mais avançada, a afirmação de uma certa passividade da classe operária, eleição de determinados grupos sociais como agentes do processo “revolucionário”.

A partir de meados dos anos setenta, alguns estudos começaram a ser empreendidos numa perspectiva um tanto diferenciada. Ao revisarem 1930, estes estudos buscaram demonstrar que houve uma apropriação do fato histórico e a

⁴ TEIXEIRA, T., Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia, Uberlândia, Gráfica Pavan, 1970. 02 Volumes.

⁵ Dados os objetivos de nosso trabalho e o caráter desta introdução, não pretendemos fazer um balanço da historiografia que trata a “Revolução de Trinta”. Buscaremos apenas cotejar algumas obras que, ao nosso ver, são necessárias à compreensão da construção feita por Tito Teixeira. Algumas das considerações que se seguem foram debatidas no curso: “Os Anos Vargas: um objeto de História Política”, ministrado pela professora Vavy Pacheco Borges, UNICAMP/primeiro semestre de 1992 e encontram-se no seu artigo Anos Trinta e política: história e historiografia, Op. Cit..

construção de uma dada memória sob a ótica do vencedor; destacaram também o papel da historiografia nesta cristalização, na medida em que não percebeu tal apropriação.

Trabalhar com todo este material, para além de sua riqueza, é praticamente impossível. Alguns destes estudos e ensaios, no entanto, são, ao nosso ver, cruciais para a compreensão do tema, seja porque se transformaram em clássicos que influenciaram grande parte dos estudos que surgiram depois, seja porque enquadram-se na categoria de revisão do tema. Quanto à primeira tendência explicativa da “Revolução de Trinta” destacaremos: Outubro, 1930 de Virgílio A. de Melo Franco, O sentido do tenentismo de Virginio Santa Rosa e A verdade sobre a revolução de outubro-1930 de Barbosa Lima Sobrinho⁶.

Publicado imediatamente após o movimento, o livro Outubro, 1930, de Virgílio de Melo Franco, segundo o próprio autor, é um ensaio político de defesa:

(...) este livro não é um livro de ataque. Não é filho do ódio nem a expressão de um mesquinho sentimento de vingança. (...) Mais do que um depoimento, é um livro de defesa. Defesa de uma obra (...), procuro, nas suas páginas, é justificar o apelo feito ao extremo recurso da revolução - a tentativa de salvar o cosmos por intermédio do caos...⁷

O autor procura, ao longo de seu livro, mostrar o movimento de 1930 como essencialmente civil, desvinculando a imagem do movimento armado de um movimento militar. Para tanto, faz uma retrospectiva, passando por todos os presidentes e seus respectivos processos de sucessão até chegar em Washington Luís; tenta mostrar assim, que existia um sentimento “civilista” enraizado no povo brasileiro. O governo de Washington Luis é detalhadamente narrado, bem como sua personalidade, segundo o autor, nada lisonjeira. Numa narrativa pormenorizada, Melo Franco descreve os episódios da conspiração, as dificuldades de organização do movimento, a inconstância dos líderes políticos ligados à Aliança Liberal.

⁶ FRANCO, Virgílio A. de Melo. Outubro, 1930. 5ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Este livro foi publicado pela primeira vez por Schmidt Editor (RJ - 1931), sendo que data de julho de 1931 o prefácio à 4ª ed..

SANTA ROSA, Virginio. O sentido do tenentismo. 3ª ed., São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976. A primeira edição foi da Editora Schmidt (RJ - 1933) e a segunda da Ed. Civilização Brasileira (RJ - 1963). ambas sob o título O que foi o tenentismo.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. A verdade sobre a revolução de outubro-1930. 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1975. A primeira edição deste livro é da Gráfico-Editora Unitas (SP - 1933).

⁷ FRANCO, Virgílio Melo. Op. Cit., p. XVIII.

O autor apresenta o movimento “revolucionário” de trinta como uma conspiração dos políticos da Aliança Liberal para “salvar o Brasil das garras da tirania” que colocava em risco a democracia do país, justificando-se assim a ruptura jurídico-política:

(...) o Brasil sofreu uma das maiores transformações de que há memória na sua história. Do alcance dessa transformação e da sua extensão ninguém poderá, por enquanto, dizer nada.

Uma coisa porém é certa; a saber, a revolução não foi boa nem má: a revolução foi indispensável e como tal invencível.⁸

Barbosa Lima, em A verdade sobre a revolução de outubro-1930, critica Melo Franco incluindo seu livro entre um grande número de escritos que precisam ser lidos por causa da documentação que reuniram, mas que, “em regra geral, porém, eles se colocaram num ponto de vista parcial, ora a apologia, ora o libelo(...)”⁹. O autor justifica seu trabalho como sendo um “panorama de conjunto em que fossem apontados os erros e os méritos de um e outro acampamento”¹⁰. E já nos adianta que “a conclusão (a que chegou) foi de certo pessimista, quanto à expressão puramente regionalista da revolução”¹¹.

Esta é a tônica central da argumentação de Barbosa Lima Sobrinho, que vê a “Revolução de Trinta” como um “guerra de estados”, ou seja uma cisão de oligarquias regionais, fomentada pela forma desigual com que o Governo Federal tratava os diversos Estados¹². O movimento de 1930 expressa, para o autor, a luta pela hegemonia política no final dos anos vinte. O autor admite uma luta de classes subjacente a esta “guerra de estados”:

é possível que, ao lado dessa causas, militassem outras verdadeiramente subterrâneas, de uma revolta extensa e profunda contra o regime de propriedade rural e a opressão capitalista. Agiam, porém surdamente, como circunstâncias de ambiência, dada a feição pequeno-burguesa da revolução de 1930¹³.

⁸ Idem, p. 265.

⁹ LIMA SOBRINHO, Barbosa, Op. Cit., p. XV.

¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹ Idem, p. XVI.

¹² Essa interpretação da “Revolução de Trinta” como expressão do regionalismo encontra-se também em Martins Almeida: Brasil Errado, publicado também pela editora Schmidt. Cf. BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e política: história e historiografia, Op. Cit., p. 166.

¹³ LIMA SOBRINHO, Barbosa, Op. Cit., p. 180.

Lima Sobrinho vê uma luta de classes em andamento, mostrando inclusive a apropriação que a Aliança Liberal fez das reivindicações daí surgidas. Em suas palavras: "aí, exatamente, a originalidade da Aliança Liberal. As reivindicações que ela agitava constituíam problemas não só de atualidade, como de importância capital"¹⁴.

Detendo-se com mais vagar na questão da luta de classes, temos o trabalho de Virginio Santa Rosa, O sentido do tenentismo¹⁵. O livro defende duas idéias centrais: 1) o tenentismo como um movimento que expressa de forma politicamente organizada, os anseios de expressão econômica e de representação política da pequena burguesia, responsável pela radicalização do movimento de 1930; 2) qualquer tentativa política das camadas médias urbanas estaria fadada ao fracasso se as massas rurais não estivessem libertas da condição de dependência econômica social e política dos coronéis, libertação possível somente pela reforma agrária.

Para o autor, a falta de consciência de classe da pequena burguesia em ascensão leva os militares a assumirem um papel de catalisador das agitações sociais¹⁶. E em 1930 o "tenentismo" tem uma presença definitivamente marcante no cenário nacional¹⁷.

¹⁴ Idem, p. 68.

¹⁵ Este livro insere-se numa polémica entre Santa Rosa e Alcindo Sodrê. Em 1932, Santa Rosa publica A desordem: ensaio de interpretação do momento, que desencadeia a réplica de Alcindo Sodrê através do livro A gênese da desordem e a contra-resposta de Santa Rosa O Sentido do Tenentismo. Segundo Vavy Pacheco:

No primeiro volume, ao ver o Exército como representante das diversas camadas e regiões do país, Santa Rosa explica os motins militares como 'sementeira' e a 'desordem' como 'positiva'; ao prever o fim do sistema capitalista, deseja que o Estado organize economicamente o país. Em resposta Alcindo Sodrê, ao contrário, deseja a manutenção da ordem, afetada basicamente pela presença militar na direção da República desde sua fundação, mas naquele momento se manifestando com uma conotação de socialismo e de comunismo. BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e política: história e historiografia, Op. Cit., p. 165.

¹⁶ SANTA ROSA, Virginio, Op. Cit., p. 27.

¹⁷ Segundo Vavy Pacheco Borges, o termo "tenentismo", e seus correlatos, é uma criação *a posteriori* historicamente localizada na disputa política em São Paulo do pós-30. São os políticos paulistas "violentamente atacados pelos 'outubristas' ou 'revolucionários' (...) que, em função do imediatismo da luta e da sobrevivência partidária, apresentam falas e atitudes as quais inventam novos agentes históricos designados por 'tenente', cujas ações são apresentadas como constituindo o 'fenômeno do tenentismo'." (p.147). Segundo a autora o termo que carrega um sentido pejorativo surge da oposição civil/militar daí:

o primeiro sentido que toma o tenentismo ao ser criado é o de expressar as ações dos "revolucionários militares" alcunhados de "tenentes", a nova geração radical do Exército que, embora coberta de "feitos heróicos", está indevidamente querendo interferir na orientação política do estado e do país. BORGES, Vavy Pacheco. Tenentismo e Revolução Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1992, p.152.

Os três autores marcaram profundamente as interpretações posteriores, cristalizando a idéia de ruptura que, como afirma Vavy Pacheco: “constituíra a intenção bastante bem-sucedida daqueles no poder, que acabou por constituir uma ‘história oficial’; a idéia de ruptura perdura até em revisões que se querem radicais”¹⁸. Quanto à idéia de continuidade, menos assumida, de forma geral, podemos verificar que encontra-se presente, particularmente, entre aqueles para quem as mudanças desejadas não foram concretizadas, localizam-se neste grupo, tanto a “esquerda” que almejava uma grande transformação, quanto políticos tradicionais.

A primeira revisão do tema surge apenas no início dos anos setenta. Trata-se do livro A revolução de 1930: história e historiografia, de Boris Fausto¹⁹. Esta obra é valiosa particularmente quanto à apresentação e discussão do modelo interpretativo corrente, marcado pela visão do PCB, da “Primeira República”, e da “Revolução de 1930”. Boris Fausto diferencia-se da historiografia anterior, entre outras, porque busca mostrar que não houve um único agente revolucionário em trinta, mas que diversas facções sociais agiram concomitantemente. Para o autor, retomando Barbosa Lima Sobrinho, “1930” representou uma ruptura, “um conflito intra-elites” marcadamente regional, por se tratar do fim da hegemonia da burguesia cafeeira e marcar a mudança da ação do Estado.

O autor destaca na introdução, dois modelos de interpretação desta fase da história brasileira: o primeiro (marcado pela visão do PCB), trabalha a teoria do dualismo das sociedades latino-americanas em vias de desenvolvimento, que identifica, na formação social do país, uma contradição básica entre o setor agrário exportador, representado pela oligarquia associada ao imperialismo, e os interesses voltados para o mercado interno, representados pela burguesia. Portanto, a “Revolução de 30” é identificada com revolução da burguesia industrial.

O segundo modelo nega a existência de contradições entre estes dois setores, analisando a revolução de 1930 como expressão da necessidade de reajustar a estrutura do país às novas perspectivas econômicas e sociais, a partir de uma complementariedade básica de interesses entre setor agrário exportador e burguesia nacional. Isto é, a “Revolução de 30” aparece como a revolução das classes médias.

¹⁸ BORGES, V. P. Anos Trinta e política: história e historiografia, Op. Cit., p. 170.

¹⁹ FAUSTO, Boris. A revolução de 1930: história e historiografia. 12ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1989. 1ª ed. 1970. Reeditado em 1997 pela Companhia da Letras, esta nova edição traz um novo prefácio do autor.

A historiografia brasileira, dividida assim em dois grandes blocos, é apresentada ao leitor, possibilitando-lhe um conhecimento geral das linhas e dos principais autores que as caracterizaram. Refutando o primeiro modelo - do dualismo das sociedades em vias de desenvolvimento - e posicionando-se pelo segundo - a "Revolução" como momento de mudança de estrutura - o autor nos fornece uma síntese das principais hipóteses levantadas na historiografia até então.

Para explicar a atuação de diversas facções sociais em "trinta" o autor endossa a interpretação de Francisco Weffort sobre o "Estado de compromisso"²⁰. Segundo Fausto, o conceito "Estado de Compromisso" é buscado por Weffort em textos de Gramsci, podendo ser definido como: " (...) a resultante de uma conjuntura em que nenhum setor de classe tinha condições de construir sua hegemonia, dada a crise da burguesia cafeeira, a fraqueza dos demais setores agrários e a dependência das classes médias diante dos interesses tradicionais"²¹. Nesta perspectiva nenhum dos grupos participantes do movimento "revolucionário" oferecia base de legitimação para o novo Estado, caracterizando-se um "vácuo de poder". Instala-se, segundo o autor, um compromisso entre as facções, sendo o Exército a única instituição capaz de garantir a existência desse compromisso, que sustentaria o regime não no caráter de "Estado protetor" das classes médias, mas como liame unificador das várias facções.

Boris Fausto volta ao tema no final dos anos oitenta no artigo "Estado, classe trabalhadora e burguesia industrial (1920-1945): uma revisão", onde faz também uma retrospectiva de algumas questões desenvolvidas no seu livro, procurando responder às críticas feitas, particularmente nos anos oitenta²². Boris Fausto aceita algumas críticas, entre elas, a que se refere à posição defendida de uma acentuada "desarticulação da burguesia industrial e, no limite, seu 'apolitismo'". O autor admite que, a partir de estudos posteriores, foi possível perceber que a articulação da burguesia tinha um alcance maior.

A segunda revisão do tema apareceu no início dos anos oitenta, com os estudos de Edgar De Decca e Carlos Alberto Vesentini, que, ao discutirem "1930" enquanto "fato histórico", buscaram mostrar que houvera uma apropriação do mesmo através da

²⁰ WEFFORT, Francisco. Classes populares e política (contribuição ao estudo do populismo). São Paulo, FFLCH/USP, 1968. (Tese de Doutorado)

"Estado e massas no Brasil". In: O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

²¹ FAUSTO, Boris. Op. Cit., "Prefácio à edição de 1997", p. 23.

²² FAUSTO, Boris. "Estado, classe trabalhadora e burguesia industrial (1920-1945): uma revisão", In: Novos Estudos do CEBRAP, São Paulo, n° 20, março de 1988.

construção de uma dada memória histórica sob a ótica do vencedor²³. A história política passa a ser encarada, pelos autores, como construção da memória oficial, possibilitando-lhes, assim, questionar o conceito “revolução” imputado à “1930”, e a eleição desta data como marco periodizador. Segundo os autores, em A revolução do Vencedor, e obras posteriores, a escolha de 1930 como marco histórico oculta o processo de luta de classes, de diferentes projetos políticos e sociais em disputa naquele momento, na medida em que esta memorização e periodização do movimento nos dá a idéia de homogeneidade. Esta homogeneização pode ser identificada, segundo ele, como sendo uma estratégia do discurso do poder “para apagar outras propostas políticas que se expressavam no interior da luta de classes”²⁴. Ou seja,

*(...) nessa memória histórica sobrelevam-se apenas alguns agentes sociais ao passo que outros são, de uma vez por todas, suprimidos, não se tornando estranho, tanto para a ótica do poder constituído nos anos trinta como para a historiografia a inexistência da ação política dos dominados durante esse período histórico*²⁵

Assim, a proposta dos autores é “arrancar do silêncio os diversos registros dos vários agentes sociais que acreditaram estar produzindo a história em torno de 30”. Estes autores resgatam um processo revolucionário no Brasil, a partir de 1928, onde podem ser identificadas várias propostas de revolução, que engendradas por grupos políticos diferentes, acabaram por parecerem unidas “em torno de um acordo tácito capaz de imprimir uma direção política à luta de classes”. São identificadas três propostas: a do Partido Democrático, a dos Tenentes e a do Bloco Operário e Camponês (BOC).

Algumas críticas foram feitas a esta tendência, entre elas, a de que, ao desmistificar o marco histórico 1930, os autores acabaram por eleger um outro: “1928”. E também que, ao analisar a proposta do BOC, partiram do pressuposto de que este era representativo na e da classe operária como um todo. Mas há que se ressaltar que essa

²³ - São representativos os seguintes trabalhos:

DE DECCA, Edgar S.. 1930, O silêncio dos vencidos. 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1988.

MUNAKATA, Kazumi. Algumas cenas brasileiras. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1982. (Dissertação de Mestrado)

VESENTINI, Carlos A. e DE DECCA, Edgar S.. “A revolução do vencedor”, In: Ciência e Cultura. 29(1), jan 1977.

VESENTINI, Carlos A., A feia do fato. São Paulo, HUCITEC, 1997. (Tese de Doutorado defendida em 1982)

²⁴ VESENTINI, Carlos A. e DE DECCA, Edgar S. “A revolução do vencedor”, Op. Cit., p. 74.

²⁵ Idem, p. 76.

tendência trouxe uma grande contribuição para se pensar o tema, particularmente porque ela se caracteriza por um novo procedimento de se pensar a história, agora não mais como um processo único, apresentando memória e historiografia “como produzidas dentro de um campo de lutas sociais”²⁶.

Esta nova perspectiva de se pensar a temática e a própria produção do conhecimento histórico seria mais fecundamente desenvolvida nos anos noventa, caracterizando-se uma terceira revisão do tema através do livro Tenentismo e Revolução Brasileira de Vavy Pacheco Borges²⁷. A autora, ao discutir o “tenentismo” e o debate em torno da “Revolução Brasileira”, busca recuperar “a pluralidade de conceitos, imagens e interpretações” presentes na documentação da época. Constituiu-se um novo foco de análise que não passava mais somente pela preocupação de retomada da “memória dos vencidos”, mas segundo a autora:

*Aos poucos ficou claro que minha pesquisa deveria começar por ver como a história dessa luta (pelo exercício do poder em São Paulo) começou a ser contada enquanto se processava e como se fixou sua memória, parte desse mesmo jogo de poder. (...) Para se compreender 30 e 32, era preciso retomar o que esses movimentos foram para seus participantes e contemporâneos, em suas diferentes e conflitantes versões.*²⁸

Nesta perspectiva, o “tenentismo”, os vários conceitos de revolução que permeavam o debate político dos anos trinta, a luta de vários segmentos sociais pelo reconhecimento enquanto sujeito “revolucionário” recebem um outro tratamento, não mais a partir de modelos fixos, a exemplo da historiografia de influência marxista, mas de representações construídas pelos sujeitos históricos no momento da luta política e sua posterior cristalização, seja pelo detentores do poder, seja pela historiografia. Voltando recentemente ao tema no artigo “Anos trinta e política: história e historiografia”, a autora, a partir da análise das principais obras de história política sobre os anos trinta, buscou recuperar o tratamento dado pela historiografia à questão da revolução e às duas interpretações a ela relacionadas, as idéias de ruptura e de continuidade²⁹. A importância desta análise, para além de um necessário balanço historiográfico sobre o tema, encontra-se na proposta já iniciada anteriormente de

²⁶ BORGES, V. P., Anos Trinta e política: história e historiografia, Op. Cit., p. 180

²⁷ BORGES, V. P., Tenentismo e a Revolução Brasileira, Op. Cit.

²⁸ Idem, p. 19.

²⁹ BORGES, Vavy P., Anos Trinta e política: história e historiografia, Op. Cit..

repensar os anos trinta sob a perspectiva das representações que foram construídas ao longo destes quase setenta anos, em torno do conceito de “revolução”.

II

A “Revolução de Trinta”, em Uberlândia-MG, tem sido objeto de dois tipos de produção: a dos memorialistas e a dos historiadores profissionais. Entre os memorialistas, encontramos a obra de Tito Teixeira, Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central³⁰, objeto de nossa análise no presente trabalho. No âmbito acadêmico temos três estudos: a tese de doutoramento de Luise Bundy, O movimento político de 1930 em Uberlândia; o artigo de Vilma Marcelino Lima, “1930: História e Memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro” e o de nossa autoria, “O Triângulo em marcha: construção do imaginário sobre a Revolução de 1930”³¹.

O ponto de partida de Luise Bundy foram preocupações como: “Em que medida ele (o movimento de 1930) representou uma ruptura, levando à modificação do quadro histórico então existente? Este movimento foi feito para atender ao povo ou aos interesses de quem o promoveu?”³². Tais preocupações levam a autora a concluir que:

*neste estudo sobre o movimento de 30, pressupõe-se que não se está tratando de uma revolução, no sentido de modificação radical na composição econômica, social e ideológica da sociedade brasileira, mas sim de uma modificação de extrema importância para o processo histórico nacional*³³.

A autora parte do conceito marxista de revolução, que pressupõe uma transformação radical da sociedade no sentido de um impacto real entre classes e

³⁰ TEIXEIRA, Tito. Op. Cit. pp. 280 a 397.

³¹ BUNDY, Luise. O movimento político de 1930 em Uberlândia. São Paulo, Departamento de História/USP, 1985. (Tese de Doutorado)

FREITAS, Eliane Martins. “O Triângulo em marcha: construção do imaginário sobre a Revolução de 1930”. In: Revista Análise & Conjuntura. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, v. 6, nº 2, maio/ago. 1991.

LIMA, Vilma Marcelino. “1930: História e Memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro”, IN: Revista História e Perspectivas, Uberlândia, Ed. UFU, jul./dez. 1992, nº 7.

³² BUNDY, Luise. Op. Cit., p. 03.

³³ Idem, p. 03.

mudança no modo de produção. Por não encontrar tal transformação em 1930, Luise Bundy analisa o movimento sob a perspectiva da ruptura da ordem jurídico-política. A partir deste posicionamento, seu objetivo é, então, “recuperar as representações ideológicas que deram forma ao movimento, ao mesmo tempo em que se tratou de perceber onde se encontra a origem das mesmas”³⁴.

Luise Bundy se embasa na análise que o brasileiro John Wirth fez sobre a formação e manutenção do poder político ligado às grandes famílias e ao clientelismo em Minas Gerais³⁵. Ela procura demonstrar como o controle político e social em Uberlândia manteve-se estável e coeso até 1954, com a formação de pequenos impérios locais; conclui que os chamados “coronéis” de Uberlândia, se ligavam ao poder central em Belo Horizonte apenas pelo clientelismo, em busca de favores pessoais, “numa política de favoritismo”.

Para a autora, no que diz respeito ao movimento de 1930:

*(...) apesar da política de clientelismo, não coube aos coronéis de Uberlândia idealizar a Revolução, ou mesmo moldá-la. O esquema foi rígido. As ordens vieram de cima para baixo. Os coronéis, não só de Uberlândia, como do restante do Triângulo Mineiro recebiam ordens emanadas de Belo Horizonte*³⁶.

Neste sentido, a autora encontra as “representações ideológicas” num grupo de intelectuais ligados aos coronéis locais, “satélites dos coronéis”. Segundo Luise Bundy, estes intelectuais tinham como tarefa produzir um discurso de “cunho doutrinário e propagandístico” que viabilizasse e justificasse o “movimento político”³⁷. Tal grupo, apesar de ser identificado como de esquerda, na conclusão da autora, professava um certo liberalismo que não pretendia “a subversão da ordem”. A autora conclui que o movimento resultou apenas “no fortalecimento político de um grupo de coronéis que disputava a liderança política local já antes da Revolução de 30”³⁸.

O artigo de Vilma Marcelino e o de nossa autoria, respectivamente sobre Uberaba e Uberlândia, buscaram, através dos jornais da época, analisar o discurso político veiculado pela imprensa mineira ligada à Aliança Liberal em torno da

³⁴ Idem, p. 03.

³⁵ WIRTH, John D., O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

³⁶ BUNDY, Luise, Op. Cit., p. 49.

³⁷ Idem, p. 126.

³⁸ Idem, p. 175.

“Revolução de Trinta”³⁹. As autoras procuraram recuperar os diversos discursos produzidos pelas elites políticas no período e que corroboraram para a cristalização no imaginário social de uma certa memória sobre o movimento “revolucionário”. Bastante influenciadas pela historiografia dos anos oitenta, particularmente por Carlos Vesentini e Edgar De Decca, as autoras buscaram compreender os pilares do discurso “revolucionário” na perspectiva, um tanto ingênua, de “desmascarar” o discurso oficial e dar voz a outros projetos⁴⁰.

Nessa perspectiva, a discussão sobre ruptura/continuidade nos dois artigos aparece de forma subjacente e inconclusa oscilando, assim como Bundy, entre aceitar a ruptura da ordem jurídico-política, mas também ressaltando uma continuidade, dado ao fato de não se verificar uma transformação nas estruturas da sociedade brasileira.

Além dessa, existe outra proximidade entre os três trabalhos, pois todos eles utilizam o livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central de Tito Teixeira apenas como referência bibliográfica e não como um documento histórico, ou seja, não procuraram pensar a obra também como uma das construções e cristalizações da memória histórica sobre a “Revolução de Trinta”. No nosso caso, este posicionamento pode ser explicado, de um lado, pelo caráter da pesquisa - iniciação científica - e por outro, pela opção de utilizar exclusivamente a imprensa como fonte. Conforme explicitado naquele momento:

*Buscaremos, através do discurso veiculado pela imprensa triangulina, perceber como estes “revolucionários” (elite política mineira ligada ao Partido Republicano Mineiro (PRM) e à Aliança Liberal) criaram e sustentaram a idéia de Revolução de 1930, quais seus pilares e princípios. Trabalharemos com a imprensa encarando-a como um instrumento de dominação de uma dada classe social e, como tal, comprometida em veicular as suas idéias*⁴¹.

³⁹ FREITAS, Eliane Martins, Op. Cit. e LIMA, Vilma Marcelino, Op. Cit. Os dois artigos são resultados de uma pesquisa de iniciação científica, “1930: História e Memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro”, financiada pelo CNPq e realizada conjuntamente sob orientação da Prof.a. Heloisa H. Pacheco (História-UFU). Ambos foram premiados em concursos de monografias de graduação: o de nossa autoria no concurso “Sessenta anos da Revolução de 30”, promovido pela Fundação João Pinheiro, em 1990 e o de Vilma Marcelino no concurso promovido pelo Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, em 1992.

⁴⁰ A “ingenuidade” da perspectiva adotada pelas autoras encontra-se no fato das mesmas usarem os autores citados como “modelos fixos”, buscando repetir a análise deles no Triângulo Mineiro.

⁴¹ FREITAS, Eliane Martins, Op. Cit., p. 184.

Desde a publicação deste artigo, no entanto, buscamos dar continuidade à pesquisa, cuja preocupação central voltou-se para a construção da memória histórica sobre a “Revolução de Trinta”. Procuramos ampliar os registros sobre o movimento “revolucionário” em Uberlândia, e então chegamos ao livro de Tito Teixeira, agora encarado numa outra perspectiva: a de fonte, enquanto portador (elaborador) de um certo discurso e, portanto, de uma cristalização do tema estudado.

III

A obra de Tito Teixeira situa-se dentro produção dos “historiadores locais” ou memorialistas. O próprio autor ressalta que seu livro “funda-se em pesquisas documentais e em conhecimentos pessoais, armazenados durante oitenta e quatro anos de existência, duramente vivida”⁴², então, estaremos adotando, no caso específico deste estudo, a denominação de “memorialista”, no lugar de “historiador local” ou “amador”, por entendermos que o termo corresponde melhor ao trabalho realizado por Tito Teixeira.

Tito Teixeira não é o único memorialista de Uberlândia, encontramos publicações desse gênero desde 1916 até nossos dias⁴³. No entanto, o livro de Tito Teixeira é a única, entre as obras dos memorialistas uberlandenses, publicadas depois de 1930, que faz referência à “Revolução de Trinta”.

O livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central nasce na segunda metade da década de sessenta (1968/1970) à partir de crônicas sobre a história da cidade, produzidas para serem lidas no rádio, a convite de uma estação local, a Rádio Difusora. Foi publicado em 1970 em dois volumes assim distribuídos: o primeiro dedicado à

⁴² TEIXEIRA, Tito. Op. Cit.. P. S/n.

⁴³ CAPRI, Roberto. Município de Uberabinha. (Physico, Econômico, Administrativo e suas riquezas naturais e agrícolas). São Paulo, Capri Andrade Editores, 1916.

PEZZUTI, Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia. Uberabinha, Livraria Kosmos, 1922.

ARANTES, Jerônimo, Anuário de Uberlândia. Indicações e Estatísticas. Uberlândia, Pavan, 1936.

_____, Corografia do Município de Uberlândia. Uberlândia, Pavan, 1938.

_____, Memórias Históricas de Uberlândia. 2 ed., Uberlândia, Zardo Gráfica, 1982.

Uberlândia chamava-se Uberabinha até 1929.

Além destes autores com obras publicadas a partir dos anos oitenta, Antônio Pereira da Silva, apesar de não ter uma publicação organizada em forma de livro, também assume a condição de memorialista dada a extensa publicação em periódicos locais (revistas e jornais) de artigos sobre a história da cidade.

história de Uberlândia, desde sua criação até o final da década de sessenta; e o segundo, à biografias de “personagens ilustres” da cidade. Dos documentos recolhidos e das lembranças resgatadas de sua memória, Tito Teixeira construiu aquilo que iria dar o nome de uma grande epopéia.

A análise da obra dos memorialistas permite-nos uma discussão sobre o conhecimento produzido, sobre o passado, e sobre qual memória histórica que pretende-se “salvar do esquecimento” e legá-la às gerações futuras. Por acreditarmos que a produção do conhecimento sobre o passado não é neutra, nem tão pouco uma escolha inocente, mas se insere no movimento da sociedade, na articulação das lutas políticas e ideológicas, parece-nos necessário uma breve discussão sobre este tipo de produção⁴⁴.

As obras de memorialistas, até hoje, são muito comum nas pequenas cidades do interior brasileiro. O primeiro elemento que gostaríamos de ressaltar sobre estas obras diz respeito a seus autores, os memorialistas, no geral, fazem parte do chamado (ou auto-intitulado) segmento de intelectuais da cidade (médicos, advogados, jornalistas, professores, funcionários públicos, entre outros), muito próximos do poder, pertencentes ou não, socialmente falando, às elites dominantes. Tal aspecto, para além do conteúdo produzido, influencia, particularmente, na divulgação da sua obra, visto que, normalmente, contam com o apoio institucional. Conforme G. Thuillier e J. Tulard, outro aspecto a ser destacado é que o “historiador não profissional” trabalha também por prazer, visto que, ligado a outras profissões, não retira de suas obras quaisquer vantagens de carreira:

*Eles são movidos pelo prazer da procura, da descoberta, pelo amor a sua terra: mas os historiadores locais falam pouco deles mesmos, temos dificuldade de compreender esta paixão desinteressada, este instinto do passado; na verdade eles não procuram “explicar” o mundo, “dizer a verdade”, mas eles querem tudo saber sobre sua pequena cidade.*⁴⁵

⁴⁴ Cf. CHESNEAUX, Jean. Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores, São Paulo, Ed. Ática, 1995.

⁴⁵ THUILLIER, G. e TULARD, J., Histoire locale et régionale. Vendôme, Presses Universitaire de France, 1992. P. 13 No original:

Ils sont mis par le plaisir de la chasse, de la découverte, par l'amour du terroir: mais les historiens locaux parlent peu d'eux-mêmes, on a peine à comprendre cette passion désintéressée, cet instinct du passé; à la vérité ils ne cherchent pas à “expliquer” le monde, à “dire la vérité”, mais ils veulent tout savoir de leur petite cité..

Podemos verificar, em geral, um certo preconceito dos historiadores profissionais ao tratarem destas obras. Tal preconceito está ligado, por um lado, ao fato destas produções serem, em sua maioria, glorificações de grandes personagens políticos, de acontecimentos econômicos e/ou políticos que marcaram a vida da cidade desde seu nascimento. De outro, ao fato da preocupação com a exatidão dos fatos narrados ser uma característica muito forte destas obras, confundida muitas vezes com a busca de uma “verdade histórica absoluta”, pois, mesmo não empregando um método próprio à disciplina histórica, a idéia de verdade é sempre ressaltada na apresentação destas obras⁴⁶. Para tanto, trazem reproduzidos vários documentos históricos, na intenção de “comprovar” o que está sendo dito sobre este ou aquele assunto.

Os memorialistas parecem comungar da idéia de que há fatos históricos em si e que bastaria extraí-los dos documentos e ligá-los a outros fatos para construir uma série cronológica “natural”. Estas características têm levado muitas vezes os historiadores a classificarem estas obras como “positivistas”. No entanto, parece-nos mais próximas à concepção de história fundada por Herodoto e Tucídides, onde o documento e o testemunho não se opõem, ao contrário, o “ser testemunha” dá maior exatidão à narrativa dos acontecimento. Outro elemento que aproxima a obra dos memorialistas da tradição grega é a preocupação com o caráter pedagógico da história, que, como nos autores citados, aparece como “mestra da vida”; os memorialistas procuram dar exemplos dignificantes capazes de fornecer orientação e sabedoria a todos os que deles se aproximarem.

Enquanto memória histórica, estas obras são marcadas, muitas vezes, por um cunho ideológico e político evidentes, “transmitindo explicitamente demandas de setores dominantes da sociedade via homogeneização de interesses”⁴⁷ e com forte enraizamento no pensamento liberal demonstrado, entre outros, através da apologia de uma certa perspectiva de progresso. Pode-se ler, nas entrelinhas da obra, a expectativa do autor para com a cidade. Assim, todo o passado é narrado a partir de um ponto no presente, que está claramente marcado pela projeção do futuro; ou seja, um presente de prosperidade e desenvolvimento, que está sempre prenhe de uma expectativa de um futuro promissor, daí, o passado remoto da cidade é reconstruído, às vezes

⁴⁶ Sobre a questão do método na produção dos historiadores locais ver:

THUILLIER, G. e TULARD, J., Op. Cit.

⁴⁷ SILVA, Marcos A. “A história e seus limites”, In: Revista História & Perspectivas, Uberlândia, UFU, 6, jan/jun. 1992. P. 59.

“reinventado”, como sendo portador de uma missão que se vê concretizando-se no presente, mas que deverá alcançar seu ápice no futuro.

A nossa experiência acadêmica de trabalhar com estas obras nos permite dizer que, na maioria delas, a história da cidade se confunde com a história do seu progresso econômico e tecnológico. O futuro fica, assim, preestabelecido. A força inexorável do progresso estabelece *a priori* este devir. O papel que o memorialista se atribui é o de apreender este movimento linear da história, seu sentido, e dá-lo a conhecer às gerações futuras. A relação entre passado/presente/futuro tem um sentido temporal explicativo da constituição da cidade, ou melhor, de uma certa identidade que se quer construir para a cidade. Apesar de não ser atemporal, pois a origem normalmente é datada, o memorialista busca construir um “mito da origem” que marca sua missão histórica.

Estas obras apresentam uma certa concepção de cultura que parte da separação entre cultura erudita (letrada) e cultura popular (iletrada), reservando, à primeira, um papel preponderante sobre a segunda. Quase que invariavelmente, encontraremos um rol dos estabelecimentos educacionais e culturais da cidade, além de várias fotografias dos primeiros tempos (as vezes contrapostas às atuais) e dos personagens ilustres como exemplos do nível de cultura da cidade; e as manifestações culturais populares, quando mencionadas, são chamadas de folclóricas.

Estas obras trazem também, na sua maioria, em especial as corografias, uma descrição dos aspectos geográficos da cidade e região⁴⁸. Tais aspectos, são normalmente, utilizados para engrandecer os primeiros habitantes, demonstrando as dificuldades que superaram; e também para estabelecer uma ponte com a “missão” da cidade, ou seja, buscam demonstrar como a natureza contribuiu, ou ofereceu dificuldades, para que a cidade se transformasse.

Outro aspecto importante é que estas obras, às vezes por serem as únicas a resgatar a história local, são amplamente divulgadas, tornando-se em história oficial da cidade, e são freqüentemente utilizadas como fonte de pesquisa pelas escolas de 1ª e 2ª graus e pelos jornais nos períodos de comemoração do aniversário da cidade. Um bom exemplo disso é o fato do livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central de Tito

⁴⁸ Segundo Noé SANDES e José E. Ribeiro: “Corografia é uma descrição de um determinado espaço geográfico (região, município, Estado, etc.). Sendo Histórica, ela tenta traçar as origens e evolução dos dados descritos, essencialmente os concernentes aos homens e suas produções”.

SANDES, Noé e RIBEIRO, José Eustáquio, “O estrangeiro”, In: Cadernos de Pesquisa do ICHL, Goiânia, UFG, nº 03, 1991. Série Estudos Regionais, p.14.

Teixeira ser adotado pela Secretaria Municipal de Uberlândia, na disciplina, Estudo Sociais nas 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, como obra de referência para se estudar a história da cidade, sendo distribuído em forma de apostila para os professores.

Em alguns casos, estas obras tornam-se também fontes de referência para historiadores, que comumente as tomam por fontes bibliográficas, e, raríssimas vezes, como fontes primárias. Assim, tais obras cristalizam uma certa memória da cidade, com a ajuda de historiadores, jornalistas, estudantes e professores do 1º e 2º graus.

A narrativa da história da cidade está, geralmente, intrinsecamente ligada a acontecimentos da vida dos memorialistas. Não raro, encontramos seus parentes ou eles próprios (mesmo que não façam referências explícitas a sua pessoa ou cite seus próprios nomes) em acontecimentos que figuram em primeiro plano. Esta característica nos faz reportar ao que Walter Benjamin diz sobre o narrador: “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”⁴⁹. Assim são os memorialistas, suas vidas se confundem com a vida da cidade, seus desejos e expectativas se confundem com os da cidade.

A questão acima nos coloca diante de uma discussão necessária a quem se propõe a discutir os memorialistas: a relação memória/história, neste trabalho, sintetizada na expressão “memória histórica”⁵⁰. Conforme dito anteriormente, assumimos o termo “memorialista” por entender que se aplica melhor às obras, como a de Tito Teixeira, que, além de não usarem um método próprio da disciplina histórica, utilizam-se fartamente do recurso de memória pessoal e/ou de outras pessoas enquanto “testemunha” dos acontecimentos.

Na tentativa de enfrentar a questão sobre a relação memória/história a historiadora Jacy Seixas, nos alerta que:

(...) a crescente revalorização da memória no interior da historiografia, o acúmulo de falas de memória, sua

⁴⁹ BENJAMIM, W. “O narrador”. In: Obras Escolhidas, São Paulo, Brasiliense, 1987, volume 01. P. 221

⁵⁰ As reflexões que embasam nosso posicionamento sobre memória foram feitas a partir dos seguintes autores:

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”, IN: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

SEIXAS, Jacy A.. “A aprendizagem (proustiana) da memória e do esquecimento e a discussão historiográfica hoje”, In: Anais do XI Encontro Regional de História - ANPUH-MG. Uberlândia, UFU, 1998,

VESENTINI, Carlos A., A teia do fato. São Paula, HUCITEC, 1997.

*operacionalização cada vez mais eficaz, o **direito** e o **dever** de memória, reivindicado por inúmeros grupos sociais e políticos, convivem com um movimento inverso, que aponta para um descaso ou fragilidade teórica realmente instigantes. Em uma palavra, muito se fala e se pratica a “memória” histórica - o **boom** atual da história oral e das biografias é nesse sentido, bastante expressivo - mas pouquíssimo se reflete sobre ela.*⁵¹

Segundo a autora os historiadores, ao não enfrentarem a questão teórica em torno da memória, agem “como se a memória, em sua relação com a história, deixasse, em grande medida, de ser memória para enquadrar-se nos preceitos teórico-metodológicos das historiografias, como se ela, espontaneamente se redefinisse (...)”⁵². As críticas de Jacy Seixas, nos remetem a uma dificuldade encontrada ao longo de nossa pesquisa, a de definir memória histórica, particularmente se lembrarmos que a discussão, conforme ressalta a autora, tem sido direcionada pelas idéias básicas de Halbwachs, assumidas posteriormente por Pierre Nora, ou seja na oposição que este

*(...) estabelece entre memória individual e memória coletiva e, sobretudo, entre memória coletiva e história. À memória coletiva, Halbwachs confere os atributos de ser uma atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo entre o presente e o passado; ao contrário da história, que é um processo interessado, político e, portanto, manipulador.*⁵³

Como desdobramento desta concepção, a “memória encontra-se prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado, transformou-se mesmo em objeto da história, em *memória historicizada*”⁵⁴. Para a autora, a saída seria então buscar não apenas a dimensão voluntária da memória mas também a involuntária.

A questão colocada é um desafio para os historiadores que, como nós trabalham com a memória. Recorremos à polêmica estabelecida por Jacy Seixas com o propósito de situar tal discussão, no entanto, não temos a pretensão de enfrentá-la no âmbito deste trabalho, porque nele nos referenciaremos na discussão estabelecida por Carlos A. Vesentini sobre a “criação do fato” e a “instituição de sua memória”⁵⁵. Assumimos como direção, a “apropriação da memória pela história”, ou seja, enquanto memória

⁵¹ SEIXAS, Jacy A.. Op. Cit., p. 31.

⁵² Idem, *ibidem*.

⁵³ Idem, p. 32.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

⁵⁵ VESENTINI, Carlos A., A teia do fato, Op. Cit.

histórica, nos utilizaremos da perspectiva aceita pela maioria dos historiadores: *a recordação que se debruça sobre o passado vendo-o como história, particularmente quando um episódio (ou experiência) ultrapassa sua significação puramente pessoal e atinge uma abrangência maior, apresentando-se como geral*. No nosso caso específico, acrescida do fato desta memória estar potencializada por um momento de crise e ruptura (mesmo que apenas da ordem jurídico-política).

Nesta perspectiva, entendendo a obra de Tito Teixeira enquanto recordação que realizou um balanço do passado, buscaremos estar atentos às questões intrínsecas à memória tais como: seu caráter seletivo, sua capacidade de ampliar o significação do episódio, o diálogo com outras interpretações e as mediações entre o passado recordado e o presente do memorialista.

IV

Discutir a construção da memória histórica realizada por Tito Teixeira sobre a “Revolução de Trinta” implica em fazer um recorte temporal que não lida com um tempo único, seja o “tempo curto” do momento (outubro de 1930), o “tempo médio” da conjuntura (anos vinte e trinta) ou o “tempo longo” das estruturas (para usar a classificação feita por Fernand Braudel). Estaremos trabalhando, como diz Proust, com “tempos diversos e múltiplos”, e que, como é próprio da memória, se cruzam e se interpenetram. Daí estarmos falando de 1930, dos anos 60, mas também de toda uma trajetória de vida que não se inicia com o nascimento de Tito Teixeira em 1885, mas sim, com a chegada de seus pais a Uberlândia, e vai até o momento de finalização do livro, em 70.

O recorte espacial é tomado de Tito Teixeira. Como seu livro trata da história de Uberlândia, a cidade será o recorte privilegiado, mas não o único, visto que o autor a insere, já no título da obra, num espaço maior que denomina de “Brasil Central” (Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba em Minas Gerais e as regiões sul e sudoeste de Goiás)⁵⁶.

⁵⁶ Encontramos nos jornais pesquisados de 1922 e 1923 algumas referências esparsas à constituição de um novo Estado que deveria receber o nome de “Brasil Central”, nossa hipótese é que, neste momento, esta discussão estaria se respaldando num projeto apresentado ao Senado de “transferir a Capital da República para o Planalto Central” - Jornal A Tribuna, Uberlândia, 11/11/1923

A multiplicidade de tempos levou-nos também a fontes de natureza variada e que tiveram, ao longo do texto, tratamentos diferenciados. A principal delas é o livro Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia, que exigiu toda uma reflexão sobre a produção da chamada história local e, particularmente, ofereceu um certo cuidado na medida em que, no capítulo sobre a “Revolução de Trinta”, o autor utilizou-se da transcrição de um periódico editado pelo Comando Revolucionário de Uberlândia: O Diário da Revolução. Neste sentido, por se tratar de uma fonte dentro da fonte principal, procuramos compreender o uso do jornal dentro do texto de Tito Teixeira e a utilização que Tito fez do jornal na construção de suas memórias da “Revolução de Trinta”. Para a produção do livro Tito Teixeira serviu-se também, de documentos colecionados ao longo de sua vida. E esta documentação (ou parte dela) foi doada pela família, no início dos anos noventa, ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) da Universidade Federal de Uberlândia e encontra-se devidamente organizada e à disposição do público⁵⁷. O denominado “Acervo Tito Teixeira” é composto por livros, folhetos, regulamentos, mapas, atlas e periódicos (jornais e revistas), que cobrem o período que vai dos anos vinte aos anos oitenta⁵⁸.

Outras fontes escritas utilizadas foram os jornais de circulação local que abrangiam o período de 1911 a 1970, atas da Câmara Municipal e da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB); estes documentos foram muito importantes para se compreender o lugar social do autor na cidade de Uberlândia e as atividades em que esteve envolvido ao longo de sua vida, e as relações entre Triângulo Mineiro/São Paulo/Goiás nas décadas de vinte e trinta. Esta documentação, principalmente os jornais, dado o volume de artigos que cobriam o período de 1919 a 1954 (período em que o autor foi empresário da telefonia, sua principal atividade), foi empregada de forma irregular, privilegiando-se o jornal A Tribuna, dado a sua maior regularidade frente aos outros periódicos pesquisados; o que não significa que os outros foram descartados, mas que foram menos citados ao longo do texto.

⁵⁷ Como acontece com a maioria dos acervos particulares, depois da morte de Tito Teixeira, segundo a família, muitos documentos haviam se “perdido”; o acervo doado portanto é parte da documentação colecionada pelo autor ao longo de sua vida. Não descartamos também a hipótese da família ter selecionado a documentação que a ser doada, o que é muito comum nestes casos.

⁵⁸ Um especificação mais detalhada desta documentação será feita no Capítulo 1, quando estivermos discutindo o livro propriamente.

Por fim, utilizamos também fontes orais, através de entrevistas com os filhos de Tito Teixeira: Yolanda Teixeira e Durval Teixeira. Durante a pesquisa documental, tentamos entrevistar o Sr. Hermilon Corrêa, genro de Tito Teixeira, a nossa avaliação era que, devido ao fato do sogro ter vivido com ele nos últimos vinte anos de sua vida, período em que escreveu o livro, o Sr. Hermilon Corrêa poderia nos ajudar a preencher algumas lacunas que as fontes orais e escritas deixaram, particularmente quanto à passagem de crônicas para a forma de livro; no entanto, ele recusou-se a conceder a entrevista. A justificativa para esta negativa foi o uso indevido de entrevistas já concedidas por ele à respeito de Tito Teixeira.

O uso das fontes orais fez-se necessário pelas próprias lacunas surgidas ao longo da pesquisa, na composição da imagem de Tito Teixeira. Cabe ressaltar que, para tanto, os depoimentos não foram utilizados com apêndices ou complementos dos documentos escritos, mas como outros tantos documentos importantes ao todo do trabalho. Não buscamos, em momento algum, a mera confrontação de informações ou o cotejo de informações adjacentes.

Dadas as características deste tipo de documento, buscamos, no decorrer da pesquisa, a partir de uma bibliografia específica, dar-lhe tratamento metodológico necessário. Questões como, o papel da memória na construção do depoimento; a relação entre pesquisador e depoente; a “subjetividade” que envolve a construção do documento oral; o papel do entrevistador na construção do documento; a intencionalidade ou não das perguntas e muitas outras, foram preocupações presentes o tempo todo.

Nosso trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro busca compreender, num primeiro momento, através da trajetória de Tito Teixeira, sua vida pública como político e empresário, o lugar social do autor na cidade de Uberlândia; num segundo momento, o contexto em que produziu sua obra (1968/1970) e a interlocução com outro memorialista da cidade, Pedro Pezzuti⁵⁹. Esse capítulo pauta-se por duas preocupações surgidas ao longo da pesquisa documental: a primeira é compreender os compromissos sociais e políticos do autor com a cidade, na perspectiva de entender o tipo de história que ele escreveu. Esta preocupação reforçou-se ao longo da pesquisa, na medida em que verificamos a grande proximidade que seu livro tem

⁵⁹ PEZZUTI, Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia. Op. Cit.

com outras obras sobre a cidade, e também com um determinado discurso que mostra Uberlândia como uma cidade cuja missão histórica é o desenvolvimento econômico e tecnológico. A segunda preocupação é perceber as mediações entre o presente da rememoração e o passado rememorado.

O segundo capítulo procura, através da análise do capítulo “A Grande Revolução Nacional”, compreender a construção que Tito Teixeira fez do fato histórico “Revolução de Trinta”: o planejamento, a constituição do Comando Revolucionário de Uberlândia, os combates nas fronteiras, bem como sujeitos “revolucionários” que o autor elegeu representativos do movimento; buscamos seguir a ordem dada pelo autor aos acontecimentos, bem como a utilização feita da documentação.

No terceiro e último capítulo buscaremos, a partir da análise dos capítulos anteriores, primeiramente compreender as imagens presentes na obra de Tito Teixeira e a concepção que o autor tem da “Revolução de Trinta”; depois analisaremos a relação que Tito Teixeira estabeleceu entre a história de Uberlândia e a “Revolução de Trinta” .

CAPÍTULO I

TITO TEIXEIRA: “pioneiro do Brasil Central”

A proposta do presente estudo é analisar a construção da memória histórica sobre a “Revolução de Trinta” em Uberlândia-MG, através da obra do memorialista Tito Teixeira, em particular do capítulo “Grande Revolução Nacional”⁶⁰. Como o estudo de uma obra comporta, obrigatoriamente, a análise do processo que envolve sua produção, dado que os compromissos do autor com a conjuntura política, social e econômica de sua época são inerentes à produção intelectual, buscaremos neste capítulo, na primeira parte, resgatar, em linhas gerais, a trajetória de Tito Teixeira, e, em particular, sua atuação como empresário da telefonia, construtor de estradas, político e aviador, visto que ele esteve presente na vida econômica, política e social de Uberlândia por mais de meio século. Na segunda parte, fazer uma apresentação geral do livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central, e também do contexto histórico em que é produzido e sua interlocução com outro memorialista uberlandense, Pedro Pezzuti⁶¹. Estes procedimentos, adotados tanto na primeira quanto na segunda parte, visam a compreensão das mediações entre o presente da rememoração e o passado rememorado, não como uma relação de imposição de um para o outro, mas o rememorar como recriação do passado.

Nossa proposta, neste capítulo, não é fazer uma biografia do autor, mas o levantamento de alguns aspectos de sua vida, mas nem isso é tarefa fácil. Giovanni Levi nos alerta sobre os principais problemas de se escrever a história de vida de um indivíduo:

como historiadores, imaginamos atores históricos que obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que

⁶⁰ TEIXEIRA, T., Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia, Uberlândia, Gráfica Pavan, 1970. 02 Volumes.

⁶¹ PEZZUTI, Op. Cit.

*associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas*⁶².

Os indivíduos, entretanto, não são sempre coerentes, oscilam, são contraditórios e suas opiniões podem mudar. O desenvolvimento de uma vida não pode ser descrito ou analisado de forma linear, pois as fontes nem sempre informam sobre os processos de tomada de decisões, mas apenas sobre seus resultados. Daí reforçarmos a necessidade de compreender o indivíduo no contexto histórico e social em que viveu, não numa relação de submissão do processo pessoal à conjuntura, mas como propõe Levi: “ (...) qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica ⁶³.”

1.1 - Tito Teixeira: empresário, político e aviador

Tito Lívio Teixeira da Costa, filho de Arlindo Teixeira e Filomena A. Rosa Terra, ambos de Uberaba-MG, nasceu em 04 de janeiro de 1885⁶⁴. Seus pais, conforme biografia que o autor fez de seu pai, mudaram-se para a pequena Vila de São Pedro de Uberabinha em 1884 porque este estabelecera na cidade uma sociedade comercial, “Borges & Teixeira”, para a “venda de tecidos e compra de matéria prima”. Além das atividades comerciais Arlindo Teixeira logo se envolveu com as questões políticas: “Arlindo Teixeira fez parte da grande comissão pró-emancipação do distrito em 1888,

⁶² LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, M. Moraes e AMADO, J.(org.), Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.169

⁶³ Idem, p. 171.

⁶⁴ TEIXEIRA, T., “Arlindo Teixeira”. In: Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., Volume 02, pp. 78 a 88.

A descendência de Arlindo Teixeira é a seguinte:

- Senhorinha Teixeira Sereno casada com Antônio Sereno (primeiras núpcias) e com José Monteiro da Silva (segundas núpcias).
- Tito Teixeira casado com Cândida Chaves Teixeira
- Arlindo Teixeira Júnior casado com Amanda Carneiro Teixeira
- Fernando Teixeira Terra casado com Izaura de Carvalho Teixeira
- Damartina Teixeira Chaves casada com Camilo Rodrigues Chaves
- Amélia Teixeira Costa casada com Antônio Gomes da Costa

foi membro da Intendência Municipal da Vila de São Pedro de Uberabinha e camarista da primeira e segunda Câmara Municipal (...)”⁶⁵.

Arlindo Teixeira tornou-se, então, um dos principais articuladores da emancipação política e administrativa do município. Sua influência política, segundo o filho, colocou-o na posição de, em 1891, indicar o primeiro Juiz de Direito da Comarca de Uberabinha. Esse papel político assumido pelo pai colocou Tito Teixeira, desde muito cedo, familiarizado com política local, tanto que este fez sua primeira aparição no cenário político de Uberlândia em 1892. Segundo suas próprias palavras:

*(...) Uberlandense que sempre prestou a seu município desde a idade de 7 anos, os mais assinalados serviços, a começar por ter sido o menino que tirou da urna de sorteio do primeiro júri de Uberabinha, sob a presidência do saudoso Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa, os nomes dos respectivos jurados*⁶⁶

Não é por acaso que Tito Teixeira ressaltou, em mais de um documento que dele encontramos, esse primeiro fato de sua vida pública. O estabelecimento do primeiro Corpo de Jurados representou o ingresso definitivo de Uberabinha como município e, como se viu acima, o autor atribuiu a seu pai papel de destaque neste processo.

Sobre sua infância e adolescência encontramos poucas referências; segundo seu biógrafo e sobrinho, Fábio Teixeira Chaves, entre 1897 a 1901 Tito Teixeira andou pelo Rio de Janeiro, em companhia de seu cunhado Antônio Sereno, onde trabalhou na Casa Comercial “Gomes de Castro & Cia”⁶⁷. Regressando ao Triângulo Mineiro em 1901, passou a residir em Ituiutaba-MG e tornou-se “cometa-viajante” e, em 1905, sócio da casa comercial “Arlindo & Vilela”⁶⁸.

Através dos dados relacionados por Tito Teixeira nas biografias dos cunhados, podemos verificar que além do pai, toda a família estava ligada a atividades comerciais

Em 1920 Tito Livio Teixeira faz publicar declaração em jornal anunciando a mudança de assinatura para fins comerciais, passado então para Tito Teixeira Costa (“Declaração”, In: A Tribuna, Uberabinha, 07/11/1920)

⁶⁵ TEIXEIRA, T., “Arlindo Teixeira”. Op. Cit., p. 83.

São Pedro de Uberabinha e, posteriormente, Uberabinha, foram as denominações que a cidade teve até 1929, quando a Lei Estadual nº 1126 de 19/10/1929 autoriza a mudança para Uberlândia. Em decorrência disto, várias citações deste capítulo virão com o antigo nome do município.

⁶⁶ TEIXEIRA, Tito. Carta Aberta aos Snrs. Acionistas da Cia. De Telefones do Brasil Central. Uberlândia, 15/10/1954. Panfleto avulso, pp. 04.

⁶⁷ CHAVES, Fábio T. R., “Tito Teixeira”. In: TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros ..., Op. Cit., volume 02, pp. 463 a 473.

⁶⁸ A expressão “cometa-viajante” era empregada na região para denominar o representantes e/ou comerciante que viajava pelas diversas cidades do Triângulo Mineiro e Goiás negociando, principalmente, produtos vindos de São Paulo. Outra denominação comumente utilizada para designar este comerciante é “caixeiro-viajante”.

em Uberlândia e região⁶⁹. Seus cunhados, Antônio Sereno e Antônio Gomes Costa, foram “cometa-viajante” representando empresas do Rio de Janeiro no final do século XIX e instalando firmas comerciais na região do Triângulo Mineiro no início do século XX⁷⁰. Os outros dois, José Monteiro Silva e Camilo Chaves, também estavam envolvidos em atividades comerciais, o primeiro no beneficiamento e venda de arroz, e o segundo, com empresas comerciais⁷¹.

Tito Teixeira casou-se, em 1904 com Cândida Chaves Teixeira, “Dona Candinha”, irmã de Camilo Chaves, este por sua vez se casou em 1909 com Damartina Teixeira, irmã de Tito Teixeira. Em 1906, com a morte de seu cunhado Antônio Sereno, Tito Teixeira passou a dirigir, em Ituiutaba, a filial da casa comercial “Teixeira, Chaves & Cia”, fusão das firmas “Sereno, Chaves & Cia” (Uberlândia) e “Arlindo Teixeira & Cia” (Ituiutaba). Em 1908 comprou em sociedade com seu sogro, João Evangelista R. Chaves e seu cunhado Hilário R. Chaves a filial que dirigia, que passa a denominar-se “Tito, Chaves & Cia”. Em 1909, permuta com Camilo Chaves a sociedade da “Teixeira, Chaves & Cia” de Uberlândia, indo residir nesta cidade. Excetuando-se a primeira casa comercial de Arlindo Teixeira e a “Sereno, Chaves & e Cia”, em nenhum outro momento Tito Teixeira, seja no caso de seu pai ou de seus cunhados, especificou que tipo de produtos era comercializado pelas diversas empresas da família.

⁶⁹ Tito Teixeira não fez biografia de seus irmãos, apenas de seu pai e de seus cunhados. A participação destes em atividades comerciais e outras foram cotejadas nas biografias apresentadas.

⁷⁰ - Antônio Sereno casou-se em 1897 com Senhorinha Teixeira; foi sócio das firmas “Castro Guimarães & Cia” no Rio de Janeiro e “Sereno & Chaves” (sócio de Camilo Chaves) em Uberabinha. Faleceu em 1906. TEIXEIRA, T., “Antônio Sereno”. In: Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., Volume 02, pp. 69 a 72.

- Antônio Gomes Costa casou-se em 1911 com Amélia Teixeira. Veio para Uberabinha substituindo Antônio Sereno como “cometa viajante” de “Castro Guimarães & Cia”. Em 1905 tornou-se sócio de Arlindo Teixeira na casa comercial “Teixeira, Chaves & Cia” de Uberabinha que passou então a denominar-se “Teixeira, Costa & Cia”. Faleceu em 1949. TEIXEIRA, T., “Antônio Gomes Costa”. In: Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., Volume 02, pp. 72 a 76.

⁷¹ - José Monteiro Silva casou-se com a viúva de Antônio Sereno, Senhorinha Teixeira, e em sociedade com Antônio Gomes Costa instalou uma maquina de beneficiar arroz. Foi dono da concessão de serviço telefônico de 1917 a 1919 quando a transferiu para Tito Teixeira e Arlindo Teixeira Jr. É o único dos cunhados que Tito Teixeira não fez biografia.

- Camilo Rodrigues Chaves casou-se em 1909 com Damartina Teixeira, em 1904 montou casa comercial em sociedade com Antônio Sereno, com a morte deste em 1906 a empresa passou a denominar-se “Teixeira Chaves & Cia” em sociedade com Arlindo Teixeira, Arlindo Teixeira Júnior e Tito Teixeira. Em 1909 permutou com Tito Teixeira a filial “Tito, Chaves & Cia” de Ituiutaba-MG, que passou a chamar “Chaves & Cia”. Transferiu-se então para esta cidade onde foi por vários mandatos vereador e deputado estadual, em 1927 foi eleito Senador do Congresso Mineiro. Retomaremos Camilo Chaves em outros momentos deste trabalho dada a sua participação na “Revolução de Trinta”.

TEIXEIRA, T., “Camilo Rodrigues Chaves”. In: Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., Volume 02, pp. 108 a 116.

Em 1912, Tito Teixeira, então com 29 anos, foi eleito vereador-especial em Uberlândia, cargo que exerceu até 1919, após duas reeleições consecutivas. Infelizmente, está foi uma das muitas lacunas que a documentação não nos permitiu preencher: as Atas da Câmara Municipal e os jornais da época não informam muito sobre a atuação dos vereadores neste período. Pelas Atas, sabemos apenas que ele participou de algumas discussões e decisões comuns à década de dez de nosso século, quase todas ligadas à urbanização da cidade⁷². Embora as atas da Câmara Municipal não mencionem os partidos políticos dos vereadores, encontramos uma manifestação de “solidariedade política” assinada pelo Diretório e membros do Partido Republicano Municipal na qual consta a assinatura de Tito Teixeira⁷³.

Apesar das relações políticas e da atuação como comerciante, foi como construtor de estradas e empresário da telefonia que encontramos uma maior relevância de Tito Teixeira nos diversos documentos pesquisados. Em 1919, deixou de ser comerciante vendendo sua parte na Casa Comercial “Teixeira & Costa”, para comprar com o irmão, Arlindo Teixeira Júnior, a Empresa de Telefones de Uberabinha⁷⁴. Esse

⁷² Conforme as atas da Câmara Municipal, em 10/09/1915, por exemplo, Tito Teixeira apresentou ao Legislativo um projeto de lei para construção de “uma represa, caixa de decantação e casa de bombas” para o tratamento e distribuição de água potável, projeto este aprovado por unanimidade.

⁷³ “Solidariedade política”, In: Jornal O Triângulo Mineiro, Uberabinha, 24/10/1926.

Neste período verifica-se a existência de dois partidos políticos em Uberlândia: Partido Republicano Municipal (PR - codinome COCÃO) e Partido Republicano Mineiro (PRM - codinome COIÓ). Os codinomes dos dois partidos são explicados por Tito Teixeira, no volume de biografias da seguinte forma: “no calor da luta partidária o chefe heremita, o Cel. Olímpio de Freitas Costa, chamou o Dr. João Severiano Rodrigues da Cunha - Joanico - Secretário dos Civilistas, de “Cocão”, certamente por ser de baixa estatura, e em retribuição, Joanico chamou Olímpio de “Coio”, cujo diálogo motivou as denominações de Partido Cocão e Partido Coio” (Volume 02 p. 458). Tito referiu-se ao episódio como se trata-se da campanha eleitoral de 1910, mas em outro momento referiu-se ao desligamento de Olímpio e Marcos de Freitas em 1918 (volume 02 p.372).

⁷⁴ Segundo Tito Teixeira no seu volume sobre a história de Uberlândia:

Em 29 de novembro de 1910, a Câmara Municipal de Uberabinha assinou contrato de privilégio, por 25 anos, com Carmino Coelho, para exploração dos serviços de comunicações telefônicas no município, cuja concessão foi transferida para José Monteiro da Silva, em 1917. Em 8 de abril de 1919, José Monteiro da Silva e sua mulher D. Senhorinha Teixeira da Silva (irmã de Tito Teixeira), transferiram o respectivo contrato e suas instalações, com uma mesa comutadora para 50 assinantes, a Arlindo Teixeira Júnior e Tito Teixeira(...)”. TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., p. 265.

O memorialista Antônio Pereira da Silva tem outra versão:

Segundo o historiador Tito Teixeira, a concessão pioneira foi dada a Carmino Coelho em 1910 que a transferiu em 1917 a José Monteiro da Silva. Infelizmente, as Atas da Câmara e o jornal da época, “O Progresso”, não confirmam a informação. O jornal não faz qualquer referência à concessão de 1910 e a Ata da Câmara de 11 de janeiro de 1909 refere-se, no Expediente, a um requerimento de Manuel Caldeira e outros solicitando o uso e gozo de uma linha telefônica para o município. No dia 15 é aprovado o parecer da Comissão de Obras Públicas a respeito, mas não é consignado se

empreendimento, de 35 anos (1919 a 1954), começa num momento em que o telefone é identificado como o grande invento da era moderna. Um exemplo desta visão é o artigo “Os processos do telefone”, de 07/09/1919:

*Digam o que quiserem é o telefone uma grande coisa ... Quando se obtém uma imediata comunicação. A utilidade prática do precioso instrumento está plenamente comprovada pelo crescente incremento das linhas no mundo inteiro, e tempo virá em que ele será tão imprescindível (atenta a intensidade sempre crescente da vida social) que ninguém deixará de ter um aparelho em sua casa. (...) No velho mundo prefere-se ainda escrever, ao passo que no novo se faz o serviço falando. Qual dos dois sistemas é o mais vantajoso? (...) O telefone é ..., em qualquer caso , o mais rápido e o mais completo sistema de comunicação - e o seu desenvolvimento prova cada ano a excelência dos seus resultados práticos. E quando dentro de alguns anos, ao telefone se aplicar a máquina de escrever pronta para registrar o telefonema, mesmo quando o assinante está ausente, então se julgara que ele é o mais prático dos instrumentos!...*⁷⁵

Mesmo assim, na pequena Uberabinha, foi necessário prestar-se, inicialmente, serviço interurbano gratuito para acostumar a população da cidade com esta modernidade. Conforme Fábio Teixeira: “Deu, por mais de 15 anos, gratuitamente, aos assinantes a transmissão dos interurbanos, a fim de que a população servida tomasse gosto pelas comunicações, fazendo jus a futuros melhoramentos”⁷⁶.

o parecer é a favor ou contra e muito menos o seu teor. O que se sabe, com certeza, é que, em abril de 1911, Lázaro Ferreira começou a instalar a linha o que, por exclusão, leva a crer que Mamel Caldeira e outros (entre estes podendo estar o Carmino Coelho) não a instalaram. Entre janeiro de 1909 e 12 de setembro de 1911 não há qualquer referência a telefone na Atas. Nesse último dia, Lázaro Ferreira pediu autorização para transferir a concessão a Oliveira & Cia. - SILVA, Antônio Pereira. Com o suor de teu rosto: biografia de Alexandrino Garcia, Uberlândia, SABE, 1993. p. 78.

A historiadora Gizelda Simonini, em sua dissertação de mestrado, assume a versão de Tito Teixeira sem ao menos citar a de Antônio Pereira da Silva. Não tivemos acesso à documentação citada por Antônio Pereira, mas seja qual for a versão correta, o que interessa a este estudo é o período a partir de 1919.

SIMONINI, Gizelda C. S., Telefonia: relação empresa e cidade - 1954 -1980, São Paulo, PUC-SP, 1994. (Dissertação de Mestrado) . P. 50.

⁷⁵ - X..., “Os processos do telefone”, In: Jornal A Tribuna, coluna “Mosaico”, Uberabinha, 07/09/1919.

⁷⁶ CHAVES, Fábio T. R., “Tito Teixeira”. In: TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros.... Op. Cit., volume 02, pp. 463 a 473. P. 466.

Os habitantes da cidade levaram tempo para se acostumar com o telefone⁷⁷. Gizelda Simonini ao analisar o regulamento da Empresa, em particular os artigos que disciplinam o uso dos telefones por parte dos usuários, conclui que os mesmos ofereciam:

(...) indícios de que as pessoas consideravam uma invasão da intimidade do lar não apenas o toque da campainha, mas também a entrada da empresa em suas casas. Aspectos que hoje são óbvios e corriqueiros, representavam dificuldades para serem aceitos pela população dos anos 30. Os apelos, a punição prevista de desligamento dos aparelhos dos discordantes foram formas de reação da empresa ao comportamento indócil da população, que não fora ainda “treinada” para receber tão importante aquisição do mundo moderno⁷⁸.

Através do Regulamento podemos perceber as dificuldades para consolidação dos serviços telefônicos. O documento apresentava a regulamentação do uso por assinantes e não assinantes, bem como as atitudes da população consideradas “desrespeitosas” na utilização dos serviços. Mas, além das dificuldades normais que as pessoas enfrentavam com os avanços tecnológicos, podemos dizer que um fator que dificultava o uso do telefone estava nos inconvenientes apresentados pelo serviço que exigia a manivela e a intermediação da telefonista. Tanto que a própria a Empresa previa no artigo 19º de seu Regulamento que as reclamações deveriam ser feitas diretamente com a gerência e proibia o uso de “linguagens obscenas pelas linhas telefônicas e palavreado violento que alguns assinantes julgam-se no direito de dizer às telefonistas ou empregados da Empresa”⁷⁹. Incômodos vistos com ironia por alguns:

De Bodoque

*Toca o Tito a manivela/ do telefone encrencado,/ que
impertinente donzela/ quer falar, apenas ela,/ pelo fio, ao
namorado.*

*Toca, toca, e a campainha/ um sinal não dá, sequer./ A moça,
no fim da linha,/ vibra, nervosa, a mãosinha/ com caprichos de
mulher.*

⁷⁷ A resistência ao telefone, naquela época, pode ser comparada à resistência que muitas pessoas têm hoje ao computador. Uma resistência que, no caso do telefone, ainda pode ser encontrada na década de 50, nas crônicas de Lycidio Paes publicadas nos jornais uberlandenses. Conforme SANTOS, Regma M. A história e o efêmero: o cotidiano que se tece no jornal - um estudo sobre a imprensa na crônica jornalística de Lycidio Paes (1920-1970), São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. (Pesquisa em andamento)

⁷⁸ SIMONINI, Gizelda, Op. Cit., p. 97.

⁷⁹ Regulamento da Empresa Telefônica “Teixeirinha”, sem data. Acervo “Tito Teixeira” do CDHIS- UFU.

*E o Tito, todo afobado,/ vendo a moça tagarela/ doida por dar o recado/ ao distante namorado,/ Toca, toca a manivela
E o Abano, cabeça altiva,/ indireitando a farrela,/ diz, triunfante: é privativa/ essa demora aflitiva/ do sistema de manivela...*⁸⁰

A poesia pode ser encarada como uma crítica válida ao período que vai de 1919 à década de 40, quando os velhos aparelhos a manivela foram substituídos por telefones automáticos (ainda com a intervenção da telefonista). As reclamações não eram poucas, além da incômoda manivela, não foi fácil estender os fios telefônicos subterrâneos num período em que a própria urbanização da cidade ainda era precária.

Uma característica importante deste investimento em telefonia era a sua rápida expansão, já em 1919 a empresa de telefones ligava Uberlândia a Monte Alegre (MG) e Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara-GO) e estas duas entre si⁸¹. Este fato foi bastante comemorado pela imprensa uberabinhense:

*Está sendo construída e em estado bastante adiantado, a linha telefônica que liga Monte Alegre a Santa Rita do Paranaíba. Logo terminada a construção, poderemos falar com aquela cidade goiana, fato que influirá bastante na intensificação das relações entre as duas cidades.*⁸²

Ao ligar Uberlândia com as cidades mineiras circunvizinhas e com as cidades goianas mais próximas, transformando a empresa em interestadual, Tito Teixeira estava respondendo a uma necessidade da época. As relações a que se referem o artigo, eram relações comerciais e os jornais deste período traziam um intenso debate em torno da necessidade de melhorar a comunicação com Goiás, particularmente via construção de estrada. O que explica o fato de concomitantemente à expansão da rede telefônica Tito Teixeira investir na construção de estradas de “autoviação”, entre 1917 a 1931; buscando alargar a rede rodoviária que ligava Uberlândia ao interior de Goiás e levando junto a rede telefônica:

Construtor por conta própria de 220 quilômetros de estradas de rodagem em 1920, que prosseguindo a da Cia Mineira de Autoviação em Itumbiara, abrangeu a zona de Goiatuba, Morrinhos, Pouso Alegre e Caldas Novas, no intuito exclusivo de atrair

⁸⁰ Jornal *O Estado de Goyas*, Uberlândia, 08/03/1936.

⁸¹ No início da década de 50, a “Teixeirinha” contava com uma rede que servia a 09 cidades do Triângulo Mineiro e Goiás: Uberlândia (sede), Monte Alegre, Ituiutaba, Tupaciguara, Canápolis, Capinópolis, Centralina, Buriti Alegre e Itumbiara.

⁸² Jornal *A Tribuna*, coluna “Várias”, Uberabinha, 05/10/1919, nº 05.

para Uberlândia esta zona que não lhe pertencia, justamente quando todas as estradas eram uma negativa econômica, chegando a se comprar ações de 200 mil réis da Cia Mineira, por apenas 30 mil réis. (grifo do autor)⁸³

A importância da expansão da comunicação com Goiás, seja via estradas ou via telefone, justificava-se pelo próprio desenvolvimento histórico da região do Triângulo Mineiro. Apesar da região ser marcada, desde seus primórdios até os anos 30, por um economia voltada para as atividades agropastoris e mercado interno, o fato de ser passagem obrigatória para a distribuição de bens produzidos em São Paulo e comercializados com o centro-oeste, seria de grande importância desde o início de seu desenvolvimento. O investimento em estradas neste momento era, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento de Uberlândia e de toda a região do Triângulo Mineiro e é significativo o fato de, junto à estrada, estender-se a rede telefônica, ao ponto de se confundirem:

Continuamente fica interrompida a comunicação telefônica daqui para Monte Alegre. É que a linha está em péssimo estado, mostrando, em muitos pontos, o fio junto à terra. Seria conveniente, a bem de seus interesses, que quem de direito - pois não sabemos se a linha pertence à Cia de Auto-viação ou a Empresa Telefônica local - mandasse reformá-la⁸⁴

Esta não é a única referência encontrada na documentação pesquisada a esta ligação entre a expansão da rede de comunicação telefônica e a da estrada. Cabe ressaltar que o trecho rodoviário acima mencionado pertencia à Empresa Mineira de Autoviação da qual Tito Teixeira era acionista e membro da Diretoria. No relatório apresentado em 1922, podemos ter uma visão do empreendimento: “É extensa a rede de estradas da empresa e promotor seu desenvolvimento coadjutor eficiente da prosperidade econômica da zona. Quatro cidades, uma vila e três distritos entrelaçam-se comercialmente pelas estradas(...)⁸⁵”.

Além da “Empresa Mineira”, Tito Teixeira investiria sozinho, na construção de estradas no trecho que ligava as cidades goianas de Morrinhos e Caldas Novas⁸⁶. O

⁸³ TEIXEIRA, Tito, Carta aberta. Op. Cit., p. 04.

⁸⁴ Jornal A Tribuna, Uberabinha, 28/12/1919.

⁸⁵ “Relatório apresentado a Assembléia Geral de Acionistas da Companhia Mineira de Autoviação Intermunicipal”, In: Jornal A Tribuna, Uberabinha, 12/02/1922.

⁸⁶ Sobre seu investimento na construção de estradas em Goiás Tito Teixeira escreveu um opúsculo Cidade de Morrinhos: tradicional sala de visita de Goiás - Como te vi e como te vejo, publicado em 1960. Neste

investimento parece não ter sido pequeno, pois encontramos vários elogios nos jornais ao trabalho realizado por ele neste setor:

Não raras vezes nos temos referido a auto-viação no Triângulo e Goiás pondo em relevo os defeitos dessas vias e sugerindo idéias ao Governo sobre as mesmas.

É entretanto, necessário fazermos com que os nossos leitores não pensem que assim acontece com todas as estradas automobilísticas o que constituiria uma injustiça flagrante (...) Há dias, tivemos, por exemplo, ocasião de viajar na estrada que o Sr. Major Tito Teixeira vem mantendo entre os municípios de Santa Rita, Morrinhos e outros, há mais de 8 anos e só tivemos que admirar a tenacidade desse espírito de uberabinhese trabalhador e forte. O Sr. Major Tito Teixeira é ainda o empresário dos telefones entre esta cidade, Ituiutaba, Santa Rita (Itumbiara-GO), Monte Alegre, Buriti Alegre, Abadia e outros pontos, mantendo ao longo de sua estrada este serviço inestimável.

É pois cessionário que serve duplamente ao particular e ao público o qual sem nos ficar devendo favor nenhum não pode ser incluído, como a Cia Mineira e outras que estão a salvo de nossas referências, na lista das estradas de auto-viação ...⁸⁷

Os empreendimentos de Tito Teixeira exerceram, portanto, um papel muito importante para o desenvolvimento da cidade, seguindo os imperativos capitalistas e do “progresso”. Esteve assim, no centro das atividades cruciais para a região, pois ligava o Triângulo Mineiro com Goiás tanto pela via das estradas como pelo telefone, ajudando a construir para Uberlândia o papel de polo para onde convergiam as atividades comerciais com São Paulo.

Ao mesmo tempo que investia na estrada buscava modernizar a empresa telefônica:

Já está concluído o prédio para a Central de Empresa Telefônica local, dependendo a sua inauguração, segundo nos informaram, da vinda do novo centro que os irmãos Teixeira encomendaram no estrangeiro e que já se acha em viagem.

Esta é a última e a mais importante modificação que os seus operosos empresários desejam fazer na rede telefônica deste município, incontestavelmente uma das melhores, senão a melhor do Triângulo Mineiro.⁸⁸

livro Tito Teixeira narra em detalhes as articulações políticas para a construção de 225 Km de estrada, ligando as cidade goianas de Itumbiara, Goiatuba, Piracanjuba, Morrinhos e Caldas Novas.

⁸⁷ Jornal *A Tribuna*, Uberabinha, 18/02/23.

⁸⁸ Jornal *A Tribuna*, coluna “Várias”, Uberabinha, 01/02/1920.

A modernização da empresa era identificada, incessantemente pelo jornais, ao progresso da própria cidade:

Evidentemente Uberabinha segue em marcha firme para o progresso. Deixando para traz aquela imagem desoladora que feria profundamente o Triângulo, a bela cidade cresce, modernizando-se, provendo-se de melhoramentos indispensáveis aos grandes centros. (...) Ainda agora os irmãos Teixeira fundaram uma pequena fábrica de pilhas elétricas - "Teixeirinhas", tão boas como as similares estrangeiras. É, evidentemente, um passo magnifico no terreno das boas iniciativas. A forte empresa telefônica uberabinhense retém aqui o capital que se escoava para outros Estados e de lá para o estrangeiro. São talvez umas 800 pilhas mensais que a empresa deixa de adquirir fora, para seu uso, além das que poderia vender aos assinantes de aparelhos telefônicos. Os irmãos Teixeira estão animados dos mais patrióticos intuits; o seu produto é honestamente fabricado, visando talvez menos o lucro pecuniário, do que aqui todos adoram com extremado culto. Os irmãos Teixeira, porém, não pretendem ficar somente na pequena fábrica que mantém; vão aumenta-la até que possam fornecer pilhas para todo o Triângulo, Sul de Goiás, de Mato Grosso, etc. Do espirito cheio de iniciativas, aqueles senhores mandaram levantar orçamento para a instalação de alguns aparelhos de telefones sem fios, tendo já estado aqui um dos representantes de uma firma instaladora. Pretendem adotar aquele tipo moderníssimo de aparelhos de comunicação, avantajando-se a empresa uberabinhense a quantas existam espalhadas por esse caro Brasil⁸⁹.

Segundo Gizelda Simonini, "A história da cidade mostra que, em cada tempo, em cada fase vivida, há eleição de um tema apresentado como gerador do progresso."⁹⁰. Nas décadas de vinte e trinta este tema era a comunicação, tanto por rodovias e ferrovias, como pela telefonia. A fábrica de pilhas, como um apêndice da telefonia neste momento, foi vista como impulso para a industrialização da cidade. O tom ufanista do artigo que coloca as "Teixeirinhas" no mesmo patamar de qualidade que os produtos estrangeiros, é significativo do projeto de modernização da cidade.

Enquanto se consolidava como empresário da telefonia e construtor de estradas, Tito Teixeira buscava organizar o empresariado de Uberlândia, estando entre os fundadores da primeira Associação Comercial da cidade datada de 1924. Esta

⁸⁹ "De Uberabinha", Jornal *A Tribuna*, Uberabinha, 22/10/1922.

⁹⁰ SIMONINI, Gizelda, *Op. Cit.*, p. 12.

Associação teve vida efêmera, segundo o Tito Teixeira: “por falta de comparecimento à reuniões programadas o entusiasmo pela organização foi-se arrefecendo gradativamente, até que o seu desaparecimento tornou-se uma realidade e, com ele, o extravio dos livros de atas (...)”⁹¹

Em 1927, seu cunhado Camilo Chaves foi eleito Senador ao Congresso Mineiro, como representante do Triângulo Mineiro, e em 1930, nomeado comandante das forças revolucionárias na região⁹². Esta relação de parentesco com Camilo Chaves foi de grande importância, proporcionando-lhe, provavelmente, relações políticas de relevância durante toda sua vida. A nosso ver, a primeira grande manifestação disso seria durante a “Revolução de Trinta”. Tito Teixeira foi nomeado por Camilo Chaves, Assistente do Comando Civil e Militar do Quartel Revolucionário de Uberlândia e Região, recebendo, durante o período, apesar de não ser militar, a patente de Capitão⁹³. A patente militar durante o movimento, foi concedida a vários voluntários civis, que deveriam dar baixa ao término do mesmo. No caso de Tito Teixeira, porém, encontram-se na documentação pesquisada, em períodos anteriores e posteriores a 1930, referências a ele, ora como Coronel, ora como Major; estas patentes possivelmente podem ser explicadas pelos movimentos militares anteriores a 1930. Como neste caso, ele deve ter recebido patentes militares retiradas com o fim dos movimentos. Ele próprio definiu sua atuação política da seguinte forma:

Ainda mais, fui pessoa de destaque e confiança dos chefes civis e militares nas fases revolucionárias de 1924, 1930 e 1932, onde minha atuação se destacou como apara-choques dos interesses militares com a incompreensão dos civis menos orientados, evitando descontentamentos chocantes. Em 1924, o então senador Antônio Ramos Caiado entregou a mim como pessoa de sua inteira confiança a parte orientadora e conselheira da primeira Cia do 1º B. De C. De Petrópolis, comandada pelo Capitão Cavalcanti, cantonada na cadeia desta cidade; em 1930 fui Capitão assistente do Comando Civil e Militar da zona revolucionária do Triângulo Mineiro, com

⁹¹ TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros... Op. Cit., volume 01, p. 253.

Uma nova Associação Comercial foi criada apenas em 1933 sob o nome Associação Comercial, Industrial e Agro-pecuária de Uberlândia (ACIAPU) e no início da década de cinquenta passou a denominar-se Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB). O irmão de Tito Teixeira, Arlindo Teixeira Júnior foi membro da Diretoria da nova Associação Comercial na gestão 1934/1935.

⁹² Segundo Tito Teixeira, depois de seu apoio ao movimento de 1932 Camilo Chaves viveu no ostracismo até sua morte em 03/03/1955. TEIXEIRA, T., Op. Cit., vol. 2, pp. 108 a 116.

⁹³ Apesar de não termos encontrado qualquer referência a este assunto na documentação acreditamos que neste período dada sua atuação na “Revolução de Trinta” Tito Teixeira não pertencia mais ao Partido Republicano Municipal e sim ao Partido Republicano Mineiro.

*sede em Uberlândia, sob o comando do Senador Camilo Chaves e do Coronel José Persilva. Em 1932 prestei relevantes serviços ao General Rabelo, que em ofício de seu ajudante de ordens salientou a minha dedicação a ele prestada, quando de sua demorada passagem por esta cidade, ofício este que guardo em meu poder.*⁹⁴

De 1924 e 1932, infelizmente, não encontramos nenhum registro nos jornais ou outra documentação pesquisada⁹⁵. O que se pode apreender do trecho acima e do restante da documentação pesquisada é que ele foi um civil sempre envolto em questões militares.

No início da década de trinta o governo goiano assumiu as estradas construídas pela iniciativa privada e Tito Teixeira passou a dedicar-se exclusivamente à telefonia, em 1932 comprou a parte de seu irmão Arlindo Teixeira Júnior e mudou o nome da empresa para “Empresa Telefônica Teixeirinha”. Os anos trinta foram palco também da primeira disputa em torno da telefonia em Uberlândia. O primeiro contrato de concessão para exploração dos serviços telefônicos da cidade, firmado entre Tito Teixeira e a Prefeitura, é de 25 anos. Período ao longo do qual, como já foi dito, Tito Teixeira ampliou a rede para outras cidades e consolidou-se, apesar dos problemas técnicos. Em 1936, momento de renovação do contrato, o uso do telefone não precisava mais ser incentivado entre a população, através da gratuidade de alguns serviços. E pela primeira vez, Tito Teixeira enfrentou a concorrência; pois para a renovação da concessão foi aberta concorrência pública e apareceram duas propostas: da “Teixeirinha” e da “Empresa Prada de Força e Luz”⁹⁶. Percebe-se através do debate nos jornais da época, na Câmara de Vereadores e na Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, que a concorrência foi grande. As duas concorrentes apresentaram propostas centradas na modernização dos serviços, na tecnologia. Os partidários da Empresa Prada alardeavam as vantagens dos cabos aéreos, e o novo sistema de bateria central⁹⁷. Os da Empresa “Teixeirinha” falavam dos cabos magnéticos e do sistema

⁹⁴ TEIXEIRA, Tito, Carta aberta. Op. Cit., p. 05.

⁹⁵ Sobre a atuação em 1924 encontramos apenas a publicação de um telegrama do Comandante Caiado de Castro comunicando a Tito Teixeira o início do pagamento das despesas de transporte e alimentação das tropas sob seu comando. Jornal A Tribuna, Uberlândia, 30/09/1925. Mas o telegrama não é explícito quanto à sua participação no movimento.

⁹⁶ Empresa paulista que explora o serviço de eletricidade na região. Conforme: Jornal A Tribuna, Uberlândia, 01/01/1936

⁹⁷ Jornal A Tribuna, Uberlândia, 01/01/1936, 22/01/1936 e 01/02/1936.

automático, além, é claro, da confiança que se podia depositar em Tito Teixeira, que durante 25 anos explorara os serviços.

Mas todos eram unânimes com relação a uma coisa: a ineficiência dos telefones à manivela. Fosse o sistema com pilha central ou o automático, o certo é que a manivela não respondia mais aos anseios de modernização da cidade⁹⁸. A “Empresa Prada” ganhou a concorrência, mas como o antigo concessionário tinha a vantagem da preferência, expressa no contrato anterior, ele assumiu a proposta vencedora para continuar como concessionário⁹⁹.

Apesar da disputa em torno da concessão dos serviços telefônico a diversidade de atividades nas quais Tito Teixeira estava envolvido não só aumentaram seu patrimônio, mas garantindo-lhe a imagem de um empresário preocupado e identificado com o desenvolvimento local. O que leva, num artigo de 1938, a comparação com Henry Ford:

(...) Não sabemos se o Sr. Tito Teixeira é discípulo de Ford. Estamos mesmo, inclinados a pensar que não o é, pois suas atividades, nesta zona, datam de muitos anos já e começaram antes mesmo, haver o grande industrial ‘yankee’ escrito suas obras formidáveis.

Por outro lado, a atuação do Sr. Tito Teixeira, em vários setores do nosso progresso, tem-se revestido de um tal caráter de espontaneidade, que não parece ter sido simplesmente copiada - se bem que a cópia, nesse caso, fosse, também, das mais louváveis.

*Inegavelmente, porém, há uma curiosa coincidência entre os princípios pregados por Henry Ford e o critério por que se tem guiado, em nosso meio, o Sr. Tito Teixeira.*¹⁰⁰

O artigo, que não era assinado, nos coloca diante de outra lacuna da documentação; será que sua identificação com Ford era feita somente pela diversificação de atividades? Qual seria sua relação com o fordismo enquanto método de trabalho? Será que ele aplicava esse método nas suas empresas? Temos poucas pistas

⁹⁸ O sistema de pilha central era feito através de abastecimento a energia elétrica e isso configurou-se em outro grande argumento contra a Prada, que já explorava os serviços de eletricidade da cidade. Este sistema foi visto como um artifício da empresa para expandir seu lucro na cidade.

⁹⁹ TEIXEIRA, Tito, *Bandeirantes e Pioneiros*, Op. Cit., pp. 267 e 268.

O parecer favorável à Empresa Prada é concedido por Alexandrino Garcia que estará envolvido na década de cinquenta com o processo que leva à perda da “Teixeirinha”.

¹⁰⁰ “A nossa articulação comercial através de extensa rede telefônica”, Jornal *A Tribuna* - Suplemento Ilustrado, nº Especial. 1938.

na documentação sobre a relação com os trabalhadores da empresa, apenas o Regulamento da “Teixeirinha” pode oferecer alguns dados neste sentido:

As telefonistas estão proibidas de responderem às perguntas ou entreterem conversações além das que forem necessárias para completar as ligações, assim como de fornecerem horas e outras informações alheias ao serviço de ligações, para não prejudicar o serviço coletivo. A Empresa roga, pois, aos assinantes e ao público a gentileza de não fazê-las transgredir deste dispositivo, a fim de evitar descontentamentos e seja a telefonista fultosa dispensada do serviço¹⁰¹.

Se levarmos em consideração a morosidade do processo que necessitava da intervenção direta da telefonista e, mesmo, o que já dissemos sobre a população, não fica difícil compreender a preocupação em se evitar conversas “desnecessárias”. Mas por outro lado, esta preocupação pode nos apontar para um hábito da própria população de estender os contatos com as trabalhadoras para além dos serviços normais¹⁰².

Ao lado dos empreendimentos empresariais, encontramos outra atividade de Tito Teixeira na vida social da cidade. Ainda nos anos vinte foi eleito primeiro presidente do recém criado Uberabinha Esporte Clube, e, segundo seu biógrafo: “foi eleito como elemento conciliador, em face da situação política-esportiva, criada no seio da Associação Esportiva de Uberabinha entre elementos situacionistas e oposicionistas”¹⁰³. Tito Teixeira foi novamente presidente do Clube de 1931 a 1933 e em 1935.

No final da década de trinta, Tito Teixeira ingressou na Escola da Aviação Marinceck, criada em 1937, e em março de 1938 torna-se aviador com 53 anos de idade, o homem mais velho a receber o brevê de aviador no Triângulo Mineiro. Fundou ainda em 1938 o Aero Clube de Uberlândia, primeiro do interior do Brasil, ocupando o

¹⁰¹ Regulamento da Empresa telefônica “Teixeirinha”, *Op. Cit.*

¹⁰² Ver também Gizelda Simonini, *Op. Cit.*, pp. 98.

¹⁰³ CHAVES, Fábio T. R. *Op. Cit.*, pp. 467.

A Associação Esportiva de Uberabinha pertencente, em sua maioria, a membros do Partido Republicano Municipal - COCÃO (situacionistas)- assim como o Partido Republicano Mineiro - COIÓ (oposicionistas) -, que por acordo entre os Partidos revezavam-se nos eventos esportivos. O conflito “político-esportivo” de que fala Fábio Chaves deu-se por causa do rompimento deste acordo levando a dissolução da Associação Esportiva e a fundação por parte de pessoas ligadas ao Partido COIÓ de outra associação esportiva chamada Uberabinha Esporte Clube em novembro de 1922. Como Tito Teixeira aparentemente pertencia neste momento ao Partido Republicano Municipal, aparentemente ele era respeitado pelos membros de ambos os Partidos, atuando como disse o biógrafo como elemento “conciliador”. Conforme TEIXEIRA, Tito, *Bandeirantes e Pioneiros...* *Op. Cit.*, volume 01, pp. 501 a 516. Ver também: *Jornal Comemorativo dos 57 anos do Uberlândia Esporte Clube*, Uberlândia, 1979.

cargo de presidente. Durante sua administração, recebeu a visita do ministro Salgado Filho, que foi o paraninfo da terceira turma de aviadores brevetados pelo Aero Clube da cidade. A visita do ministro foi acompanhada por Assis Chateaubriand, Brigadeiro Dias Costa(Presidente do Aero Clube do Brasil) e John Riddle(diretor da Escola Técnica de Aviação em São Paulo)¹⁰⁴. Foi também interventor do Aero Clube de Uberaba, em 1943¹⁰⁵.

Tito Teixeira disputou e controlou a direção do Aero Clube de Uberlândia durante muitos anos. Segundo ele:

*O segundo período (de administração do Aero Clube) foi presidido nos primeiros meses pelo professor Nelson Cupertino, que denunciado pelo prefeito Dr. Vasco Gifoni, ao Ministro Salgado Filho, como propagandista de ideologias contrárias ao nosso regime, foi afastado; depois de prévia consulta, fomos nomeado Interventor do Aero Clube de Uberlândia (...) em 27 de agosto de 1942*¹⁰⁶.

Durval Teixeira, seu filho, fez referência a este episódio como sendo uma disputa por parte dos “comunistas” para controlar o Aero Clube:

*Os comunistas disputaram os aero clubes em todo o Brasil neste período (década de 40), devido a importância de se controlar as forças aéreas durante a segunda guerra. E meu pai que não gostava do comunismo, foi até amigo de Nelson Cupertino (membro do Partido Comunista de Uberlândia), mas era conservador, sabe? Assim meio contra os comunistas*¹⁰⁷

Não encontramos nenhuma menção de Tito Teixeira às suas divergências políticas com os comunistas, nem mesmo na biografia que fez de Nelson Cupertino o autor menciona o fato de este ser comunista ou “propagandista de ideologia contrárias ao regime”¹⁰⁸. A denúncia do Prefeito deve ser entendida no contexto do Estado Novo e a perseguição efetuada por este aos comunistas. Segundo Vavy Pacheco Borges:

¹⁰⁴ CHAVES, Fábio T. R. Op. Cit., pp. 467 e TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., pp. 462 e 463.

Existem discrepâncias entre alguns acontecimentos e datas apresentados na biografia de Tito Teixeira e o que ele coloca no volume 01 de seu livro. Um exemplo é a visita do ministro Salgado Filho que o biógrafo apresenta como paraninfo da primeira turma e Tito como da terceira turma.

¹⁰⁵ CHAVES, Fábio T. R. Op. Cit., pp. 467

¹⁰⁶ TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., p.466.

¹⁰⁷ Durval Teixeira, filho de Tito Teixeira, entrevista realizada em 13/07/1996.

¹⁰⁸ TEIXEIRA, T., “Professor Nelson Cupertino”. In: Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., Volume 02, pp. 384 e 385.

O comunismo é a ameaça mais antiga e a que mais assusta por ser a reviravolta social total (...) Esse fato é amplamente comprovado pela historiografia que estuda o período. Os editorialistas, articulistas e jornalistas da "imprensa democrática" especializaram-se em agitar essa tensão que se torna aos poucos o maior pavor existente até nossos dias em vários grupos da sociedade brasileira.

Quanto ao Aero Clube, Tito Teixeira ocupou o cargo de interventor até 1945, quando segundo ele:

fomos vítimas de um abalo moral, quando um elemento de destaque da cidade - não sabemos com que interesse - propalava que Tito Teixeira havia se perpetuado na Interventoria do Aero Clube, porquanto Uberlândia possuía mais elementos que também estavam à altura de dirigir a entidade¹⁰⁹.

Aparentemente as coisas se resolvem sem maiores repercussões, promovendo-se eleições para o cargo. Foi também homenageado em Ituiutaba (cidade mineira vizinha de Uberlândia), onde deram seu nome ao aeroporto da cidade. Segundo ele, por que a construção do mesmo fora a seu pedido e por ter sido o primeiro piloto a pousar naquela pista. Mais uma vez Durval Teixeira tem outra versão para o fato:

a esposa do prefeito de Ituiutaba estava doente e o remédio que veio do Rio de Janeiro só chegou de noite, meu pai sabendo que ela poderia morrer se não tomasse logo o remédio, não teve dúvida pegou o avião e saiu a noite mesmo. Tendo que fazer um pouso perigoso pois a pista não tinha iluminação. Foi preciso colocar todos os carros da cidade para iluminar a pista com seus faróis. Por isso deram o nome dele ao aeroporto.¹¹⁰

Independentemente da lembrança de Durval Teixeira não corresponder à narrativa de Tito Teixeira, parece-nos que ela estava ancorada na imagem que ele faz do pai como um homem audaz e corajoso. Sua atuação como aviador pode também ser detectada no papel desempenhado junto à Fundação Brasil Central, criando e vistoriando o Aero Clube de Barra do Garça, segunda base de operações daquela entidade. No campo político-partidário, depois de sua passagem na década de quarenta, Tito Teixeira passou a integrar o Partido Social Democrático (PSD) de Uberlândia. Em

¹⁰⁹ TEIXEIRA, *op.cit.*, p. 468.

¹¹⁰ Durval Teixeira, entrevista, *op. cit.*.

1945, por indicação do prefeito de Uberlândia J. A. Vasconcelos Costa, foi eleito 2º Secretário deste partido.

Voltando à telefonia, o início da década de quarenta vai assistir a inauguração dos telefones automáticos. Foi nesse período que Tito Teixeira começou a ter prejuízos financeiros com a empresa. Primeiro, o navio que trazia o equipamento importado da Bélgica foi afundado, depois, esse tipo de material tivera seu preço elevado, pois com a II Guerra Mundial havia sumido do mercado¹¹¹.

As dificuldades agravaram-se em 1948 em virtude de um decreto estadual que estipulava novas regras para a exploração dos serviços telefônicos. Com este decreto, as empresas telefônicas foram obrigadas a pagar o imposto sobre atividades “Industriais e Profissões”, que não pagavam até então. Tito Teixeira solicitou isenção deste imposto, propondo, em troca, continuar a fornecer dez telefones à Prefeitura¹¹². O pedido foi indeferido pela Câmara, agravando a situação financeira da empresa, obrigada a pagar o novo imposto.

Em 1949, ele solicitou a alteração das tabelas de preços, visando a aquisição de material para a ampliação da telefonia automática em Uberlândia. Começava então, o processo que levaria à constituição de uma Sociedade Anônima da qual Tito Teixeira, inicialmente, fez parte, a “Companhia de Telefones do Brasil Central”, que substituiria a “Teixeirinha” e que culminou, em 1954, com sua retirada da exploração dos serviços telefônicos da cidade.

Sendo a documentação que envolvia a discussão entre Prefeitura, Câmara Municipal, Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB) e Tito Teixeira muito rica e extensa em detalhes fizemos a opção de apresentá-la da forma mais resumida possível, a fim de não nos afastarmos do objetivo central desta parte que é resgatar a atuação de Tito Teixeira em alguns setores¹¹³.

¹¹¹ Durval Teixeira, entrevista, op. cit.. Não encontramos nos jornais quaisquer referências às dificuldades financeiras de Tito Teixeira neste período.

¹¹² O contrato entre “Teixeirinha” e Prefeitura de Uberlândia estipulava que, enquanto durasse o contrato, para cada 200 telefones instalados na cidade esta última teria direito a concessão de um. Como neste período a rede contava com 500 assinantes a Prefeitura tinha direito a três telefones, mas usava dez.

¹¹³ A documentação a que nos referimos é composta por: Atas da Câmara Municipal de 1949 a 1955, Processos da Câmara nº 617, Ofícios da Associação Comercial, datados de 02/05/50, 26/10/1953; Ofício de Tito Teixeira, datados de 03/11/1952.

Cabe observar que Gizelda Simonini também trabalha com esta documentação, mas, como nós, dados os objetivos de seu estudo, não analisa com profundidade a questão, que é detalhadamente descrita pelo memorialista Antônio P. Silva. Este livro trata da biografia de Alexandrino Garcia, mas a sua interpretação diverge de Gizelda Simonini e da nossa, dado o caráter apologético da mesma. Ver: Antônio Pereira. *Op. Cit.*, item “Na Associação Comercial nasce a CTBC”, pp. 77 a 92.

Foram quase cinco anos de debates, idas e vindas, onde foi possível notar uma articulação política por parte dos vereadores e, posteriormente, também da ACIUB, no sentido de primeiro não conceder o aumento de tarifas e depois de anular o contrato de concessão da “Teixeirinha”.

O processo que autorizava a alteração de tabela tramitou durante 19 meses na Câmara, estabelecendo-se um novo contrato. Neste, a “Teixeirinha” pela 2ª cláusula do contrato, obrigava-se a aumentar a capacidade do centro automático e a expandir sua rede urbana num prazo de seis meses; e isso não foi cumprido¹¹⁴. Tito Teixeira, então, solicitou mais prazo, alegando que a demora da Câmara Municipal em aprovar a alteração das tarifas fez com que o antigo orçamento perdesse a validade¹¹⁵. Outro argumento utilizado foi a negociação com o Banco do Brasil em busca de financiamento.

A ampla correspondência entre Prefeito e Câmara Municipal, bem como o volumoso debate apresentado em seu interior, demonstram a relevância que a questão iria tomar. Diferentemente de 1949, quando o projeto fora engavetado, agora é ele motivo de debate em 20 sessões da Câmara ao longo de 1952 e 1953; em quatro delas a tribuna é utilizada para reclamações contra os serviços da empresa. Na sessão de 10 de novembro de 1952, o principal reclamante procurava se justificar:

*(...) Ainda com a palavra, o vereador Paulo Lisboa diz não lhe mover nenhum sentimento de inimizade ou perseguição pelo fato de tantas vezes vir a tribuna da Câmara para fazer restrições aos atos da Empresa Telefônica “Teixeirinha”, é que outras tantas vezes tem sido procurado por pessoas diversas que solicitam providências contra as atitudes prejudiciais aos interesses públicos, mantida por aquela empresa.(...)*¹¹⁶

Em 1953, quando o processo nº 617 (que analisava o pedido de alteração de prazo) entrou em discussão, é que podemos notar a indisposição de alguns vereadores para com a empresa e seu proprietário. Na primeira discussão do processo, um dos membros da Comissão de Finanças afirmou ter assinado o parecer com restrições, pois, embora concordasse com alguns argumentos levantados, julgava que o caso merecia

¹¹⁴ A Empresa possuía, neste período, uma rede de telefones automáticos em Uberlândia, com um centro automático com capacidade para quinhentos (500) números e uma rede urbana com capacidade de oitocentos e cinquenta (850) linhas.

¹¹⁵ Ofício de Tito Teixeira enviado ao Prefeito Municipal, processo 617.

¹¹⁶ Ata da Câmara Municipal de Uberlândia - 10/11/1952.

maior ponderação e estudo. Outro membro da Comissão de Justiça afirmava não conhecer os termos do parecer da Comissão de Finanças endossado pela de Justiça¹¹⁷.

Chegou-se a cogitar a possibilidade da Prefeitura encampar a empresa telefônica, em caso de rescisão¹¹⁸. Como o não cumprimento da cláusula segunda por si só não implicaria na rescisão do contrato, a Câmara sugeriu a aplicação de multas pelo não cumprimento deste, forçando assim uma saída para a rescisão.

O pedido de financiamento foi indeferido pelo Banco do Brasil e Tito Teixeira apresentou duas alternativas, caso não conseguisse reverter o parecer que negava o financiamento do Banco do Brasil, tentar financiamento junto a Caixa Econômica Federal ou a criação de uma Sociedade Anônima¹¹⁹.

Apesar de tentar criar a Sociedade Anônima, a “Teixeirinha” continuava recebendo multas, que não eram pagas. Tito Teixeira foi convidado a comparecer à Câmara, o que não fez alegando não gostar de “usar a tribuna”, mas colocou seu escritório à disposição para qualquer informação técnica que a Câmara necessitasse¹²⁰. Os vereadores, de ânimos alterados, só cederam à intervenção da ACIUB, que se propôs a solucionar o caso, criando, ela mesma, uma Sociedade Anônima com “pessoas ilustres da cidade” para assumir a Telefônica.¹²¹

Terminada a batalha no Legislativo, outra se armava. Apesar das esperanças de Tito Teixeira de ser sócio da nova Sociedade Anônima, ele teve que vender seu patrimônio para os outros acionistas. Depois de organizada a nova entidade, os sócios em Assembléia Geral nomearam uma Comissão Diretora, excluindo Tito Teixeira¹²²:

(...) aclamaram como membro da comissão que deveria cooperar comigo, o seu (da ACIUB) próprio presidente, a quem entregaram a direção dos trabalhos como se fosse ele o dono do acervo que foi incorporado a nova Companhia, em vez de entregarem a mim, que deveria ser por força de direito, o seu presidente e orientador. Como medida de interesse colocaram na comissão um cidadão querido e estimado por todas as

¹¹⁷ Ata da Câmara Municipal de Uberlândia - 07/05/1953.

¹¹⁸ Ata da Câmara Municipal de Uberlândia - 12/05/1953.

¹¹⁹ Ofício de Tito Teixeira para o Prefeito municipal 27/04/1953.

¹²⁰ O não comparecimento à sessão da Câmara mostra um daqueles momentos de tomada de decisão num plano que as fontes não informam.

¹²¹ Conforme ofício enviado pela Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, 26/10/1953, ao Prefeito. Processo nº 617.

¹²² A Comissão Diretora era composta por: Alexandrino Garcia (Presidente), Elpidio Aristides de Freitas (Vice-Presidente), Hêlvio Cardoso e Francisco Caparelli (Diretores). Alexandrino Garcia e Hêlvio Cardoso eram neste momento, respectivamente, Presidente e Primeiro Tesoureiro da Associação Comercial. Cf. Antônio Pereira. *Op. Cit.*, pp. 53 e 88.

*camadas sociais de Uberlândia, no intuito de servir de aparachques de correntes partidárias e como elemento de prestígio no legislativo municipal onde conta com um filho como vereador e no executivo o Prefeito eleito por seu partido político, formando assim um triunvirato político, uma vez que os demais membros da referida comissão, elementos de dois outros partidos majoritários, se completam.*¹²³

Este trecho sugere uma provável articulação política por trás do processo. A Diretoria da nova Associação propôs, então, a compra do patrimônio da “Teixeirinha”. Além da quantia paga não corresponder a toda a rede telefônica pertencente à Empresa Telefônica “Teixeirinha”, o montante foi pago em 10 parcelas¹²⁴.

A documentação, particularmente as Atas da Câmara Municipal, apontam, de um lado, uma articulação em torno do processo da “Teixeirinha” e de outro uma certa passividade por parte de Tito Teixeira. Aparentemente ele entrega seu patrimônio, mas não nos foi possível compreender todos os meandros deste processo. Uma primeira questão que nos pareceu evidente foi que ele estava falido, uma outra resposta a esta questão está no próprio contexto histórico em que todo este processo se dá. Se até os anos 40 ele é um “moderno”, no sentido daquele que está investindo no desenvolvimento capitalista da cidade, nos anos 50 ele já estava ultrapassado. A cidade, e toda a região sofreram grandes alterações a partir da década de 50. Segundo Carlos A. Brandão:

*Profundas transformações ocorreram na economia e na sociedade do Triângulo Mineiro a partir de meados da década de 50.(...) Nesta “nova fase”, pensamos que os vetores principais do dinamismo regional (cuja matriz foi a força de seu capital comercial) convergem no sentido da agroindustrialização. Em outras palavras, entendemos que a expansão e irradiação (espacial e setorial) do capital comercial determinou uma diversificação produtiva que contraditoriamente, poderia-se chamar de “especializada”*¹²⁵.

Tudo isso, além, é claro, da construção de Brasília que provocara um dinamismo tanto no comércio quanto na indústria, principalmente de Uberlândia mobilizando: fabricas de manilhas, telhas, ladrilhos, cal, cimento, distribuidoras de madeiras,

¹²³ TEIXEIRA, Tito, *Carta aberta*. Op. Cit., p. 06.

¹²⁴ Durval Teixeira, entrevista, op. cit.

¹²⁵ BRANDÃO, C. A., *TRIÂNGULO: capital comercial, geopolítica e agroindústria*. Belo Horizonte, UFMG, , 1989, (Dissertação de Mestrado) p. 138.

combustíveis, peças de reposição, de modo geral todos os setores tomaram grande impulso. Isso refletiu também na sua posição de empório comercial do centro-oeste, e numa reestruturação das relações políticas. Segundo João Marcos Alem, numa tentativa de superar a dominação pessoal para uma dominação institucional, mais compatível com o capitalismo¹²⁶.

Estas transformações, tanto nas relações econômicas quanto na ordem política da cidade, talvez expliquem as atitudes de Tito Teixeira, seu não comparecimento à Câmara Municipal quando solicitado, ou a sua incredulidade diante da traição do “amigos com A maiúsculo”¹²⁷. Ele aparentemente não acompanhara as transformações ocorridas na cidade e ainda se fiara nas relações pessoais e políticas que construíra ao longo de sua vida como empresário e político.

Apesar da própria configuração política da cidade ter mudado, fica mais ou menos claro que Tito Teixeira ainda acreditava em seu prestígio político. Um exemplo disso é que, quando pede o financiamento do Banco do Brasil, o fez através de carta ao Presidente Getúlio Vargas, que a encaminhou à matriz do Banco¹²⁸. Talvez por ter sido um homem ligado a grandes figuras nacionais, parecia não acreditar na possibilidade de lhe faltar apoio político.

Isso não o deixou perceber que, há muito, não tinha mais o mesmo poder local. Já em 1936, quando renovou pela primeira vez o contrato de concessão, foi Alexandrino Garcia¹²⁹ quem deu parecer contrário à “Teixeirinha” e favorável à “Prada”. Em 1946, quando suas dificuldades econômicas começaram a aparecer, a Associação Comercial discutiu a possibilidade de se criar uma Sociedade para adquirir a “Teixeirinha”, para evitar que este grande patrimônio “seja vendida(o) a firmas de fora, ainda mesmo que tenha esta Associação de tomar a iniciativa de conseguir a formação de uma sociedade local para adquiri-la”.¹³⁰

¹²⁶ ALEM, J. M., “Representações coletivas e história política de Uberlândia”. In: Revista História e Perspectivas. Uberlândia, Ed. UFU, nº 04, jan/jun. 1991, p. 95.

¹²⁷ TEIXEIRA, Tito, Carta aberta. Op. Cit., p. 06

¹²⁸ Cabe-nos ressaltar que o número de pessoas que escreviam a Getúlio Vargas para fazer pedidos sem nunca ter tido qualquer contato com ele era grande. Este, no entanto, pode não ser o caso de Tito Teixeira que, conforme jornais da década de trinta, foi ciclerone de Getúlio Vargas quando de sua passagem por Uberlândia.

¹²⁹ Alexandrino Garcia foi o presidente da ACIUB quando da formação da “Sociedade Anônima” e posteriormente tornou-se o único proprietário da empresa de telefones, cujo nome passou a ser “Companhia de Telefones do Brasil Central” (CTBC).

¹³⁰ Ata da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, 10/12/1946, Livro nº 09.

Analisando a documentação concluímos na mesma linha de Gizelda Simonini que:

*a venda dos serviços telefônicos não fora feita como uma transação comercial comum, mas trouxe à cena uma nova figura capitalista que surgia, o pioneiro de nova mentalidade, colocando sua admiração pelo avanço técnico a serviço de vultuosos lucros. Apostava na áreas estratégicas da economia, com alianças políticas fortes para superar dificuldades. Além disso, o momento econômico e político do país possibilitava uma expansão dos serviços, principalmente, das comunicações, já que a indústria estava em expansão, alimentando o crescimento de empresas na região do Triângulo Mineiro. Como entreposto comercial, seu papel naquele momento era muito importante para a ampliação de empresas como a CTBC.*¹³¹

Novos interesses estavam em jogo, se pensarmos no tipo de organização administrativa que tinha a “Teixeirinha” até então: era uma empresa de capital familiar, dirigida diretamente pelo proprietário, que também era gerente de obras, aquele que comprava, que negociava em nome da empresa, que ia à casa dos assinantes. Seu filho trabalhava com ele, e seu “homem de confiança” era seu compadre Cid Bonvine. Uma administração tradicional que não condizia mais com os novos tempos¹³².

Além disso, tratava-se de um ramo da economia em franca expansão, com possibilidade de lucro rápido se injetado um grande capital, visto que a empresa, como ainda hoje, não era uma empresa local, mas regional e os novos diretores encontraram toda a rede já instalada. O apoio que a nova Sociedade recebeu da Câmara esclarece qualquer dúvida. O novo contrato concedia direito de concessão perpétuo à Nova Sociedade e o direito de aumentar, sem consulta prévia ao município, o preço das mensalidades devidas pelos assinantes até atingir um lucro mínimo de 12% ao ano. A julgar pelas reclamações constantes que verificamos nos jornais e na própria Câmara, os

¹³¹ SIMONINI, Gizelda, *Op. Cit.*, p. 56.

¹³² Gradativamente Alexandrino Garcia, o diretor presidente da CTBC, retorna ao investimento familiar, concentrando as ações em sua família, ampliando o ramo de atividades da mesma, mas agora com uma administração mais moderna. Conforme Gizelda Simonini, a CTBC se torna carro chefe do grupo ABC ALGAR: “o grupo empresarial está colocado em quarto lugar, a nível estadual, e em quinquagésimo, a nível nacional. Abrange diversificadas áreas, de telefonia à mineração, passando por eletrônica, informática, alimentos, publicidade, entre outras.” A CTBC foi até 1996 a única empresa privada de telefonia no Brasil.

SIMONINI, Gizelda, *Op. Cit.*, p. 01.

serviços não recebiam a mesma vigilância rigorosa ¹³³. Conforme Simonini: “a prefeitura desempenhou um papel parcial, beneficiando o novo concessionário em prejuízo do antigo, favorecendo uma das partes no acordo relativo à concessão de telefonia na cidade”¹³⁴.

Na década de sessenta encontramos poucas referências a Tito Teixeira. A mais importante delas é o fato de, em 1962, ser condecorado com a medalha de prata “Mérito Santos Dumont”, pelo Presidente da República, através do Ministro da Aeronáutica, por serviços prestados a aviação nacional, como presidente do Aero Clube de Uberlândia ¹³⁵. Essa experiência com a aviação levou Tito Teixeira a escrever o livro Asas, Risos e Lágrimas, que, segundo o autor, foi escrito com o intuito de registrar “as páginas históricas da aviação no Brasil Central”¹³⁶.

1.2 - Tito Teixeira - imagens e memórias

Antes de discutir seu papel como historiador, última atividade desempenhada por Tito Teixeira, gostaríamos de resgatar algumas imagens de Tito Teixeira encontradas na documentação pesquisada. A primeira a que tivemos acesso foi aquela construída por seu biógrafo e sobrinho, Fábio Teixeira Chaves:

*Como, pioneiro, amansou o sertão no lombo do burro. Era pau-para-toda-obra. (...) é um homem que permanecerá na recordação de seus conterrâneos, pela fibra de seus feitos extraordinários. (...) Veemente às vezes, apaixonado outras, por amor ao que pensa e se dispõe a fazer. É um pilar de virtudes cívicas(...) As gerações futuras continuarão a lhe fazer justiça*¹³⁷.

¹³³ “Péssimo o serviço telefônico”. Jornal O Correio de Uberlândia. 03/07/1954 e Ata da Câmara Municipal de Uberlândia - 25/10/1954.

¹³⁴ SIMONINI, Gizelda, Op. Cit., p. 26.

¹³⁵ “Homenagem a Tito Teixeira”. In: Jornal O Correio de Uberlândia. 08/11/1962.

“No exercício de suas atividades aeronáuticas, Tito Teixeira criou o Aero Clube de Uberlândia, incentivou a formação de diversas entidades da região, brevetou diversas turmas de pilotos para o Brasil, propagou e conseguiu a construção de diversos campos de pouso nos municípios vizinhos, estabelecendo o intercâmbio aviatório entre os Estados de Minas (Triângulo), Goiás e Mato Grosso”.

¹³⁶ TEIXEIRA, Tito, Asas, Risos e Lágrimas, (inédito) - TEIXEIRA, Tito, Op. Cit., p. 464.

¹³⁷ Idem, p. 473.



Fotografia nº 01

"Coronel Arlindo Teixeira e família"- 1928 - Acervo "João Quituba" (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)

1ª fila em cima:

Dr. Camilo Chaves Júnior (advogado), Dr. Hélio Chaves (advogado), Dr. Altivo Teixeira da Silva (médico)

2ª fila:

José Monteiro da Silva (comerciante) viúvo de Senhorinha Teixeira Silva, Tito Teixeira, Dr. Camilo Chaves (Senador), Arlindo Teixeira Júnior (comerciante), Cel Arlindo Teixeira (comerciante), Fernando Teixeira (comerciante), Antônio Gomes da Costa (proprietário), Odélio Costa (engenheiro)

3ª fila:

Esposa do Dr. Oscar Moreira (sem identificação), Damartina Teixeira Chaves (esposa do Dr. Camilo Chaves), Cândida Chaves Teixeira (esposa de Tito Teixeira), Amanda Carneiro Teixeira (esposa de Arlindo Teixeira), Isaura Carvalho Teixeira (esposa de Fernando Teixeira), Amélia Teixeira Costa (esposa de Antônio Gomes Costa) , Dinhorah Carvalho Costa

4ª fila:

Odília Costa Caltapan, Otávio Teixeira Silva, Cel do Exército Odelmo Teixeira Costa, Werther Teixeira da Silva, Norma Teixeira Correia (filha de Tito Teixeira), Osmar Teixeira Costa, Dr. Fábio Teixeira Chaves, Odelicia Teixeira Costa de Castro



Fotografia nº 02

**“Tito Teixeira com a primeira bicicleta que entrou em Ituiutaba”- 1907 - Acervo “João Quituba”
(Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)**



Capitão Tito Teixeira

Assistente do Commando Geral Revolucionario no Triangulo Mineiro

em

Outubro 1930

Fotografia nº 03

“Capitão Tito Teixeira” - 1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 04

“Tito Teixeira” - sem data - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 05

“Brevetamento de Tito Teixeira” -1938 (menino Hélio Mannceck) - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 06

“Tito Teixeira cumprimenta o Presidente Costa e Silva e o Ministro Rondon Pacheco” - sem data - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Casa fundada em 14 - 1 1884
Comerciantes
Comissarios e Consignatarios
Caixa Postal. 111
Uberlândia - Minas

Fotografia nº 07

"Casa Comercial Teixeira Costa & Cia de Arlindo Teixeira" - sem data - Acervo "João Quituba"
(Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



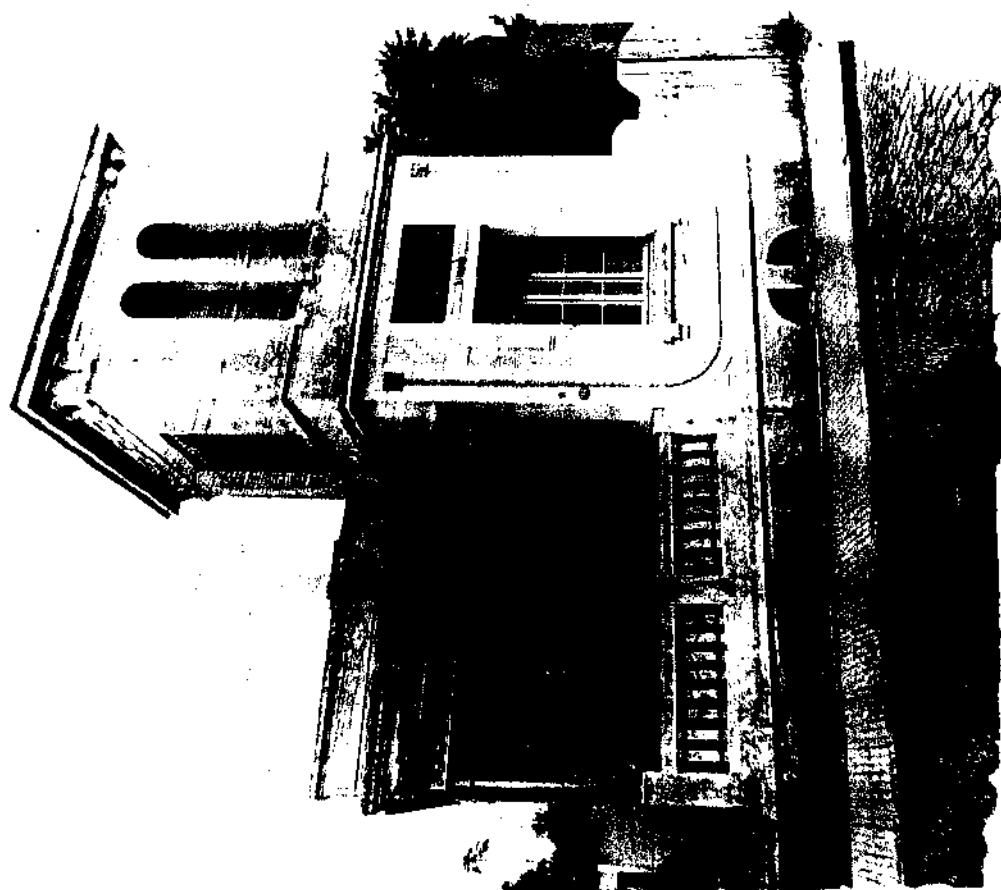
Fotografia nº 08

"Casa Comercial Teixeira Costa & Cia de Arlindo Teixeira" - sem data - Acervo "João Quituba"
(Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 09

“Construção da linha telefônica ligando Tupaciguara a Santa Rita do Paranahiba - Empresa Telefônica Teixeira” - sem data - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 10

“Prédio da Empresa Telefônica Teixeira” - sem data - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)

Além das características pessoais “fibra”, passionalidade, “ pilar de virtudes cívicas”, chama a atenção a construção em torno do “pioneirismo” de Tito Teixeira. Como vimos ao longo das páginas anteriores, Tito Teixeira foi um homem concatenado com seu tempo, e suas atividades estavam ligadas às necessidades de sua época. Daí entendermos a descrição que Fábio Chaves faz dele como construção de uma imagem, compreensível, se pensarmos que a família sentiu-se lesada no processo de perda da empresa telefônica e que, no final dos anos sessenta, existia um processo de construção da memória local que colocava Alexandrino Garcia como “pai da telefonia” na cidade. Para tanto fez-se necessário esfumçar o papel de Tito Teixeira.

Este sentimento de perda, ou de “esquecimento”, foi encontrado também no depoimento de seus filhos, Durval Teixeira e Yolanda Teixeira Avelino. Ambos nos disseram que seu pai havia amado muito Uberlândia, e, no entanto, esta não o amara. Durval Teixeira chegou a reclamar o fato de terem dado o nome de seu pai a uma rua de um bairro distante da cidade, “um lugar que ninguém conhece, ninguém passa por lá”¹³⁸. Ou seja, para ele, o pai merecia um “lugar de memória” de maior destaque.

Além de reafirmar a imagem de pioneiro encontrada no biógrafo, os filhos buscam uma descrição pessoal do pai. Para Durval Teixeira, o pai era um homem elegante, que ele descreve como um “dândi do sertão”, que “vestia-se de linho branco, sempre dos pés à cabeça, (...) quando começou a pilotar usava um cachecol, um óculos e um boné de piloto”¹³⁹. Para Yolanda Teixeira Avelino, sua filha, ele era um homem de muito coragem, que gostava de tocar tangos argentinos no piano¹⁴⁰.

A todos estes atributos podemos acrescentar o de aventureiro, tão próprio à imagem de pioneiro, como descrito pelo jornalista Quintiliano Jardim, dono do jornal Lavoura e Comércio de Uberaba:

(...) As terras virgens em torno dormiam, no seu sono milenário. Tito Teixeira, de uma coragem doida, passeava pelas pontinhas rendilhadas dos abismos, batendo chapas fotográficas. (...) Essa ótima disposição do rei dos dólares nos alegrou. Tito Teixeira, então quis requintar nas suas audácias. Ia tirar uma chapa suprema; e o pé lhe resvalou no limo de uma crista que reportava do abismo do Ferrador. Era a morte do amigo, aos

¹³⁸ Em 17/04/1984, quatro meses depois da morte de Tito Teixeira, o vereador Geraldo Gomes Rezende apresenta projeto, nº 5702, junto à Câmara Municipal para denominar Av. Tito Teixeira, uma Rua do Bairro Custódio Pereira, sendo o projeto aprovado em 28/06/1984 e sancionado em 05/07/1984. O bairro em questão está localizado na periferia da cidade e foi construído a partir dos anos oitenta.

¹³⁹ Durval Teixeira, entrevista, op. cit.

¹⁴⁰ Yolanda Teixeira Avelino, entrevista realizada em 16/07/1996.

*nossos olhos. O americano pacífico, apreciava ... Mas Tito Teixeira deu um passo de charton e escapou da tragédia. Aquele momento nos doeu para sempre no coração.*¹⁴¹

Destacando-se mesmo no cotidiano mais prosaico, como no episódio da bicicleta, narrado pelo sobrinho biógrafo:

*Neste mesmo ano (1909) Tito empreendeu uma de suas grande façanhas. Montado em sua bicicleta, rumou para Campo Belo do Prata, utilizando dos trilhos abertos pelos cascos dos animais, enfrentando serras e areões. Os minguados habitantes do povoado receberam-no com reservas, pois não podiam compreender como Tito podia equilibrar-se e ainda fazer piruetas sobre duas rodas que não fossem paralelas. Era a primeira bicicleta que penetrava aquela região.*¹⁴²

Tito Teixeira morreu em 01/12/1983, aos 98 anos de idade. Com o título “Tito Teixeira falece aos 98 anos” encontramos a seguinte nota nos jornais: “A cidade de Uberlândia recebeu consternada, ontem à tarde, a notícia do falecimento do historiador Tito Teixeira, de 98 anos de idade”¹⁴³. Há muito a imprensa não se referia a Tito Teixeira com “empresário da telefonia”, mas apenas como historiador¹⁴⁴.

1.3 - Tito Lívio (Teixeira) - o historiador e a obra

Tito Teixeira, depois de perder a empresa telefônica e já com a saúde debilitada após o derrame cerebral que sofrera em 1954, abraçou uma nova tarefa: dedicou-se ao trabalho de historiador. Ele produziu, na década de sessenta, três livros: Cidade de Morrinhos: tradicional sala de visita de Goiás - Como te vi e como te vejo, Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia e Asas, Risos e Lágrimas¹⁴⁵.

¹⁴¹ JARDIM, Quintiliano. “Com o financiamento da estrada de ferro marginal do Paranaíba: uma excursão a Cachoeira Dourada”. In: Jornal Lavoura e Comércio. Uberaba, 22/08/1929, nº 5.137. O artigo relata a viagem da comitiva (Camilo Chaves, Tito Teixeira e Quintiliano Jardim) que acompanhava o americano Mr Williams numa verificação topográfica da região.

¹⁴² CHAVES, Fábio T., R. Op. Cit., pp. 465.

¹⁴³ “Tito Teixeira falece aos 98 anos”, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 02/12/1983.

¹⁴⁴ Até o início dos anos setenta nas páginas sociais do jornal, na coluna aniversariante, encontramos referência a Tito Teixeira como “empresário da telefonia”, a partir daí aparecia apenas seu nome.

¹⁴⁵ TEIXEIRA, T., Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., volumes 01 e 02.

..., Cidade de Morrinhos: tradicional sala de visita de Goiás - Como te vi e como te vejo, s/ref. 1966.

O livro sobre Morrinhos, publicado em 1960, está dividido em duas partes: “Pequeno capítulo de sua história oferecido à mocidade estudantil” e “Reminiscências”. A primeira parte centra-se na narrativa da criação da “Empresa Automobilística de Morrinhos”, pertencente a Tito Teixeira, e na construção da estrada que ligava as cidades goianas de Itumbiara e Morrinhos e a tentativa de Tito Teixeira de explorar os “serviços de força e luz” em Morrinhos. A segunda parte volta-se para alguns aspectos informativos sobre a cidade tais como: aspectos geográficos, escolas, clubes de lazer e outros.

O livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia, sua principal obra, foi escrito a partir de crônicas sobre a história da cidade, que o autor lia numa rádio local, Rádio Difusora, no período de 1967 a 1968. Infelizmente, a documentação pesquisada não ofereceu pistas sobre como se deu a passagem das crônicas para o livro; buscamos, junto à família tais informações, mas os filhos entrevistados, Durval Teixeira e Yolanda Teixeira Avelino, não souberam explicar, e nos remeteram a Hermilon Corrêa, genro de Tito Teixeira; que, no entanto, como já foi dito, recusou-se a nos conceder entrevista. Quanto à repercussão do livro, além de uma pequena notinha, encontramos o seguinte artigo do cronista/jornalista uberlandense Lycidio Paes:

Conhece (Tito Teixeira) profundamente a crônica da cidade; foi observador ou participante da maioria das ocorrências registradas; teve tempo suficiente para estudo de todas as questões que lhe foram sugeridas durante a confecção, uma vez que, depois de largo tirocínio na vida industrial, devotou-se somente à vocação de historiador, (...) É de supor que os leitores (...) encontrem nos seus capítulos a matéria específica que satisfaça a todos que gostam de conhecer ou de recordar os episódios em que estiveram envolvidos os antepassados e em muitos casos os próprios coevos. Tito Teixeira presta a Uberlândia um relevante serviço que, se interessava sobremaneira os seus contemporâneos, muito mais preciso será para os pósteros.¹⁴⁶

_____, Asas, Risos e Lágrimas, (inédito)

Apenas o último não foi publicado e segundo a família os manuscritos se perderam depois da morte do autor.

Pelas informações dadas por seus filhos, Durval Teixeira e Yolanda Teixeira Avelino, bem como por seu biógrafo, no que diz respeito à instrução escolar, Tito Teixeira cursou apenas o correspondente ao primário e era autodidata.

¹⁴⁶ PAES, Lycidio, “História de Uberlândia”, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 09/09/1970.

Conforme o comentário de Lycídio Paes, a marca essencial do livro é o fato do autor ter sido testemunha “da maioria das ocorrências registradas” e o trabalho como historiador ter começado após o que o cronista chama de “tirocínio industrial”. Estas duas características são determinantes para se compreender o tipo de história escrita pelo memorialista Tito Teixeira. Outro elemento que ressaltamos é o caráter utilitário imputado à obra, tanto por Lycídio Paes como pelo próprio Tito Teixeira. Podemos encontrar no “Prólogo” do volume 1, a explicação que o objetivo do autor é: escrever “uma obra que registrasse para as gerações futuras os acontecimentos que influíram no advento de uma grande odisséia”¹⁴⁷. Ao vislumbrar a história de Uberlândia como odisséia, podemos dizer que o autor estava preocupado em registrar a grande façanha da transformação de uma faixa do sertão das *Gerais*, no século XIX, em uma grande cidade no século XX. Esta transformação influenciou, segundo a interpretação do autor, o desenvolvimento de uma vasta região que compreendia o Triângulo Mineiro e o sul e sudoeste de Goiás.

O próprio título do livro nos dá uma boa referência dessa grandiloquência almejada para a cidade: Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia. Encontramos, neste título, três imagens bastante fortes: o bandeirante, o pioneiro e delimitação espacial não somente da cidade de Uberlândia, mas da região “Brasil Central”. A imagem do “bandeirante”, cristalizada na memória histórica nacional, é, antes de tudo, a imagem do bravo e destemido, daquele que enfrenta várias dificuldades para desbravar os desconhecidos e misteriosos sertões brasileiros. Essa imagem não se limita apenas ao período das “Bandeiras”, mas é recorrente, por exemplo nos governos de Getúlio Vargas (a Marcha para o Oeste e a Fundação Brasil Central), de Juscelino Kubitschek (construção de Brasília) e no

¹⁴⁷ TEIXEIRA, Tito, *op.cit.*, p. s/n.

A palavra *odisséia*, comumente usada para descrever um grande acontecimento ou uma grande façanha, é uma derivação do nome do herói da segunda *epopéia* de Homero: Odisseu (Ulisses). Portanto, *Odisséia*, título da obra de Homero que narra as aventuras e desventuras de Ulisses, transformou-se em uma metonímia, substituindo a palavra *epopéia*. A palavra *epopéia* deriva do grego *epikós*, oriundo de *epos* que significa recitação, canto, narrativa, e *poieo* que significa fazer. Segundo Massaud Moisés, pode-se definir odisséia/epopéia (ou poesia épica), por: “uma narração dum fato histórico de relevância nacional e universal, recuado no tempo, o suficiente para se transformar, no inconsciente coletivo, em mito ou lenda. (...) A narração seria composta de episódios, peripécias, nós, diálogos e discursos”. MOISÉS, Massaud, *A criação literária*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1975, p. 61/62).

Na obra de Tito Teixeira a palavra odisséia e mesmo *epopéia*, também encontrada, não tem o significado dado pela Teoria da Literatura de narrativa de acontecimento, mas refere-se ao acontecimento em si numa tentativa de adjetivá-lo dando-lhe uma caráter grandiloquente.

Regime Militar (desbravamento da Amazônia/Transamazônica). E o “pioneiro”, par e contraponto do bandeirante, é aquele que enfrenta estas dificuldades para colonizar e, neste caso, assegurar a posse do território¹⁴⁸. A terceira imagem, “Brasil Central”, faz parte de uma dada concepção do papel histórico atribuído a Uberlândia no desenvolvimento regional, que ultrapassa a região do Triângulo Mineiro estendendo-se a Goiás e Mato Grosso.

Desse caráter utilitário podemos extrair a concepção de história do autor, expressa também no Prólogo onde esclarece que:

(...) A obra se funda em pesquisas documentárias e em conhecimentos pessoais, armazenados durante oitenta e quatro anos de existência, duramente vivida. Em cada passagem descrita, alimenta-se a esperança de deixar à juventude o exemplo dignificante de um povo destemido e de prestar homenagem aos seus conterrâneos.(...)Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central é a recordação sempre presente de Uberlândia em seus primórdios e da região do Brasil Central, desde os tempos mais remotos. 'HOC ERAT INVOTIS!' (Era isto que desejávamos)¹⁴⁹

¹⁴⁸ Em relação à inspiração sobre o título: não conseguimos constatar se Tito Teixeira leu o clássico “Bandeirantes e Pioneiros” de Vianna Moog, mas levantamos a hipótese que sim. Parece-nos que a representação utilizada por ele é muito próxima à de Moog. Vianna Moog, que em sua obra, busca explicar as diferenças entre Estados Unidos e Brasil e, para tanto, busca na forma de colonização a resposta. Conforme Moog, “Há desde logo uma fundamental diferença de motivos no povoamento dos dois países: um sentido inicialmente espiritual, orgânico e construtivo na formação norte-americana e um sentido predatório, extrativista e quase só secundariamente religioso na formação brasileira” (MOOG/1983, p. 88).

Ou ainda, “de sorte que, enquanto o pioneiro conquista a terra palmo a palmo, plantando vilas e cidades, as ‘bandeiras’ - como acentua Capistrano de Abreu - ‘concorreram antes para despovoar que para povoar nossa terra, trazendo índios dos lugares que habitavam, causando sua morte em grande número, ora nos assaltos às aldeias e aldeamentos, ora com os maus tratos infligidos em viagens (...) Acresce que os bandeirantes iam e tornavam, não se fixavam nunca nos territórios percorridos’ (...) Sucede, porém, que na história da América anglo-saxônica, seja por motivos geográficos, seja por motivos psicológicos, seja pela conjunção dos dois, o espírito de colonização prevaleceu sobre o de conquista, enquanto na América Latina se deu precisamente o contrário: não foi o pioneiro que prevaleceu sobre o bandeirante, mas o bandeirante que triunfou sobre o pioneiro.” (MOOG/1983, pp. 91 e 93)

Ver:

MOOG, Vianna Bandeirantes e Pioneiros, 14ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983. (1ª edição 1964)

O livro de Moog, apesar da grande repercussão que teve na década de 60, recebeu pouca atenção da historiografia até agora. Recentemente foi publicado o livro “Intérpretes do Brasil”, de Geraldo Bezerra de Menezes, que dedica um capítulo à Moog. No entanto o autor não oferece muitos subsídios para pensar o livro “Bandeirantes e Pioneiros”. Geraldo Bezerra parece mais preocupado em colocar Moog entre aquelas que ele elege como sendo as principais interpretações da história nacional, como Joaquim Nabuco, Alberto Torres, Oliveira Vianna, entre outros, do que com uma análise mais profunda da interpretação oferecida por Moog. Ver:

MENEZES, Geraldo Bezerra de. Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro, Clube de Literatura Cromos, 1997.

¹⁴⁹ TEIXEIRA, T. Op. Cit., p. V.

Para o autor, a história possui um cunho moral: deve-se aprender com ela, e, em particular, com os “exemplos dignificantes”. Além disso, ela deve “conter a verdade dos fatos” e para tanto, o autor ressalta que valeu-se de pesquisas documentais e de seu testemunho (através de “conhecimentos pessoais”). A concepção de história defendida e praticada por Tito Teixeira, assim como pela maioria dos memorialistas, insere-se, como já foi dito na introdução deste trabalho, na tradição grega fundada por Herodoto, onde o testemunho pessoal (de quem viu/viveu os acontecimentos) não se opõe ao documento, ao contrário, se completa neste. Não podemos dizer com certeza se Tito Teixeira leu Herodoto ou Tucídides, mas a semelhança de postura é grande; lembremos de Herodoto ao explicitar sua proposta:

*os resultados das investigações de Herodotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados*¹⁵⁰

Ou ainda Tucídides:

*(...) quanto aos fatos da guerra, considereí meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual, nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros.(...) Pode ser que a ausência do fabuloso em minha narrativa pareça menos agradável ao ouvido, mas quem quer que deseje ter uma idéia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência de seu conteúdo humano, julgará minha história útil e isto me bastará. Na verdade, ela foi feita para ser um patrimônio sempre útil (...)*¹⁵¹

Portanto, para salvar do “esquecimento” e “legar às gerações futuras” os “feitos maravilhosos” não basta narrá-los confiando na memória coletiva, que passa de geração para geração os acontecimentos, através da narrativa oral, é necessário, sim “investigar cada detalhe com o maior rigor possível”. À semelhança de Tucídides que buscava construir “um patrimônio sempre útil”, Tito Teixeira guardava também “a esperança de deixar à juventude o exemplo dignificante de um povo destemido”.

¹⁵⁰ Herodoto, História, Brasília, Ed. Univ. Brasília, 1985. P. 19

¹⁵¹ Tucídides, História da Guerra do Peloponeso, 2 ed., Brasília, Ed. Univ. Brasília, 1986. P. 22

No que diz respeito às fontes utilizadas, o autor informa, em seu livro, que serviu-se de “PESQUISAS REGIONAIS e de seus conhecimentos pessoais, desde 7 anos de idade - 1892-1968”, do Arquivo da Prefeitura e informações fornecidas pelo memorialista Jerônimo Arantes¹⁵². Especificamente na composição do capítulo “Grande Revolução Nacional”, sobre a “Revolução de Trinta”, ele utilizou-se de documentos oficiais do Comando (avisos, editais, despachos telegráficos, jornal O Diário da Revolução) e notícias de jornais (A Noite/RJ e O Estado de Minas/MG)¹⁵³.

O autor, ao longo de sua vida, também colecionou uma série de documentos, que foram doados pela família ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) da Universidade Federal de Uberlândia. Pelo manuseio que fizemos dos mesmos, percebemos que, a partir de um critério cronológico, ela pode ser dividida em três grupos, que se subdividem em temáticas: 1 - anos 20 e 30, composto por folhetos expedidos pelo Comando Revolucionário de Uberlândia, mapas de operações militares em 1930, recortes de jornais (de várias cidades do Triângulo Mineiro e jornais do Rio de Janeiro e São Paulo) e revistas; 2 - anos 40 e 50, composto por recortes de jornais; 3- anos 60 e 70, composto pelo jornal A Folha de São Paulo: recortes do anos 60 e o Caderno “Jornalistas contam a História” de 1979. As principais temáticas desta documentação: anos 20 e 30, a figura de Camilo Chaves (projetos, visitas e homenagens); a “Revolução de Trinta” e a questão referente a transportes (estradas de rodagem e ferrovias); anos 40 e 50, menor e mais variada, centra-se em comemorações em torno da cidade de Uberlândia (aniversário da cidade ou de entidades), notícias sobre aviação e política em geral; 60 e 70 dizem respeito a telefonia e ao regime militar.

¹⁵²

Como pesquisas regionais o autor lista as seguintes publicações:

1922 - ÁLBUM - “MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA” por Cônego Pedro Pezzuti;

“UBERLÂNDIA ILUSTRADA” - Revista Periódica pelo historiador Jerônimo Arantes;

1953 - “A CALACA” pelo historiador Edelweiss Teixeira;

1960 - “BRASIL CENTRAL” - Notas e Impressões - por Cel. Silo Furtado Soares de Meireles;

1960 - “ENTRE OS ÍNDIOS DO XINGU” - história de Diacui por Ayres Câmara Cunha;

1966 - “CAIAPÔNIA” - Romance da Terra e do Homem do Brasil Central - por Camilo Chaves;

1934 - “FUNDADORES DE CATAGUAZES” por Artur Vieira de Rezende e Silva - TEIXEIRA, T. Op. Cit., p. S/nº.

¹⁵³ Dada a importância do jornal O Diário da Revolução na narrativa de Tito Teixeira, este periódico será objeto de análise do próximo capítulo.

Encontramos ainda livros (do autor e sobre leis municipais de Uberlândia) e atlas geográfico do Brasil e de Minas Gerais.

Quanto à estrutura do livro podemos verificar que no primeiro volume é feito um recorte cronológico extenso, e vai da segunda metade do século XVII (1682, passagem de Anhaguera rumo a Goiás) até 1970 (quando o livro foi publicado), sendo que, alguns momentos e/ou episódios são mais detidamente descritos. O primeiro deles é o período das “Primeiras Bandeiras”, séculos XVII e XVIII, *tempo dos bandeirantes*. O segundo, que trata basicamente o século XIX, vai da ocupação da região (início do século XIX) até os primeiros anos do século XX, período dos “Primeiros entrantes”, formação e consolidação da cidade, *tempo dos pioneiros*. O terceiro é o que trata a “Fundação Brasil Central”, projeto que recuperava o espírito bandeirante, rumo à exploração do centro-oeste brasileiro, *segundo tempo dos bandeirantes*. E o quarto e último episódio tratado pelo autor, é a “Revolução de Trinta”, que ele intitulou de “Grande Revolução Nacional”: a luta dos uberlandenses - herdeiros dos primeiros pioneiros - pela manutenção da democracia republicana, *segundo tempo dos pioneiros*. Outros acontecimentos e dados são apresentados de forma sintética e rápida, num arrolamento de números, datas e nomes.

A obra de Tito Teixeira tem também, algumas características próprias às chamadas *corografias*, ou seja juntamente com a descrição histórica, o autor apresenta algumas dados geográficos, que estão basicamente relacionados à localização geográfica da Região do Triângulo Mineiro e do município de Uberlândia. E com relação aos fatos históricos, o autor constrói sua narrativa a partir da atuação de alguns personagens de destaque, buscando dar uma ordem cronológica aos acontecimentos. No entanto, o peso dados aos vários períodos históricos é diferenciado, alguns são pouco explorados, como por exemplo o período que vai do pós-30 a aproximadamente final dos anos 50. Ou seja, observamos que a narrativa centrada na história política que norteia o período que vai da origem da ocupação até a consolidação de Uberlândia como cidade é rompida, e, no período que vai do final dos anos vinte até os anos 60, a narrativa centra-se na apresentação de dados como a criação de entidades e escolas. Exceção feita à “Revolução de Trinta” e à “Fundação Brasil Central”.

O volume 2, intitulado Biografia de personagens identificados com a História de Uberlândia nos diversos ramos de atividades - 1818-1968, contém 162 biografias,

organizadas de forma resumida a partir de dados como: data e local de nascimento, filiação, lista de descendentes, profissão e alguns fatos mais significativos como aqueles ligados à atuação profissional e/ou política do personagem¹⁵⁴. A única biografia que não foi feita pelo autor é a sua própria, que ficou a cargo de seu sobrinho, Fábio Teixeira Chaves. Conforme diz o prefaciador, trata-se de “um verdadeiro ‘livro de linhagens’ ao estilo antigo, ou melhor, um ‘who is who?’ de nossos dias atuais. Realmente, no livro de Tito Teixeira, ao lado dos acontecimentos estão os homens (...)”¹⁵⁵. Além da biografia do autor, apenas a de Camilo Chaves ocupa um espaço maior no livro, que traz também, ao final, algumas fotografias da cidade nos anos 60, vista aérea da cidade e alguns pontos aparentemente significativos como a nova Estação ferroviária, as instalações da filial da Rede Globo, entre outras.

Feitas estas considerações gerais sobre os dois volumes, gostaríamos de ressaltar outro aspecto importante para a compreensão da obra de Tito Teixeira (ou de qualquer outro memorialista): as mediações entre o presente da rememoração e o passado rememorado. Conforme dissemos anteriormente, é possível se perceber, nas entrelinhas das obras dos memorialistas, uma apologia ao progresso econômico de suas respectivas cidades, bem como a expectativa que alimentam com relação ao futuro. Desta forma, o passado rememorado por eles é narrado a partir de um ponto do presente, que consideram, na maioria dos casos, o de maior prosperidade e desenvolvimento e que sublinaramente é portador de um futuro inevitavelmente ainda mais promissor. Assim, como é próprio da memória, existe uma “interferência” do presente da rememoração na reconstrução do passado, visto que o ato de rememorar não é uma repetição do passado, mas sua recriação, reaparição. Para compreender a memória histórica construída por Tito Teixeira, portanto, parece-nos imprescindível conhecer o presente de onde ele fala (1967/1970) e o diálogo que o autor estabelece com a memória histórica da cidade, cristalizada por outros memorialistas.

No item anterior, buscamos compreender o lugar social de onde fala Tito Teixeira, que, enquanto empresário e político, esteve profundamente envolvido no crescimento e desenvolvimento de Uberlândia até meados dos anos cinquenta.

¹⁵⁴ Apesar de mantermos a palavra “Biografia” utilizada pelo autor, o trabalho realizado por Tito Teixeira no volume 02 aproxima-se mais de um levantamento de dados biográficos, não se configurando propriamente em biografia. Sobre a definição de biografia ver:

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. *Op. Cit.*

¹⁵⁵ GONÇALVES, Osvaldo Vieira, “Prefácio”, In: TEIXEIRA, T. *Op. Cit.*, p. s/n.

Conforme dissemos, a região do Triângulo Mineiro, e particularmente Uberlândia, passou por grandes transformações no período em que Tito Teixeira perdeu a empresa telefônica. A construção de Brasília trouxe uma demanda de bens de consumo muito grande que reforçou o papel de entreposto comercial que Uberlândia vinha desenvolvendo, ou seja, a cidade torna-se passagem obrigatória dos produtos trazidos de São Paulo para a construção da nova Capital. E significou também um estímulo para o aumento da área agrícola que fornecia alimentos ao contingente populacional atraído pela construção da cidade; além de significativa expansão do setor industrial. Uberlândia beneficiou-se com este processo mais do que qualquer outra cidade em virtude do investimento do Plano de Metas de J. K. no rodoviarismo/automobilismo, que teve a cidade como ponto estratégico da malha rodoviária que ligava São Paulo ao Triângulo Mineiro, Goiás e Mato Grosso. Isso se deve a dois fatores: a posição geográfica, centro da região, e ao investimento na construção de estradas que remontava à década de vinte, através da iniciativas privada, na qual, conforme se viu, Tito Teixeira estava envolvido.

Este desenvolvimento propiciado pelo governo J. K. consolidou-se, no entanto, na segunda metade da década de sessenta durante o regime militar, com o fortalecimento da representação política uberlandense tanto em nível estadual, quanto federal. Segundo o economista Carlos A. Brandão:

Amplamente apoiado pela burguesia local, o movimento (Golpe Militar de 1964) inseriu o Triângulo em “pesadas” articulações econômicas e políticas. Vejamos o que o desiderato geopolítico encorajou.

As lideranças que emergiram do Golpe levaram a efeito uma política de “limpeza do terreno” para o avanço da homogeneização do espaço para o grande capital, ampliando a área “produtiva” ao mesmo tempo que procuravam exportar as tensões sociais das áreas mais povoadas para as fronteiras. Essa estratégia “territorial” de ordem e segurança nacional tinha na geopolítica seu sustentáculo. (...) O mapa geopolítico do General Golbery (...), deixa clara a idéia de um “centro vital” que precisa ser controlado, pois para os geopolíticos, “domina um território quem domina sua área central”¹⁵⁶

Uberlândia está localizada geograficamente dentro desse “centro vital” e é amplamente beneficiada por esta concepção geopolítica; tanto nos aspectos econômicos

¹⁵⁶ BRANDÃO, C. A., TRIÂNGULO: capital comercial, geopolítica e agroindústria, Op. Cit., pp. 140 e 141.

quanto políticos, pois nesta concepção de segurança nacional “os interesses expansionistas” estabeleciam, “dentre as lideranças políticas locais, seus ‘testas de ferro’. Daí a participação desses políticos nos quadros cupulares, tanto a nível federal quanto a nível estadual”¹⁵⁷. Um exemplo disto foi a nomeação do deputado uberlandense Rondon Pacheco como Ministro Extraordinário para Assuntos do Gabinete Civil do governo do General Costa e Silva (1967-69)¹⁵⁸.

A este presente da rememoração, marcado indiscutivelmente pelo desenvolvimento econômico e projeção política de Uberlândia no cenário nacional, soma-se a memória histórica cristalizada pelos memorialistas que escreveram antes de Tito Teixeira. Essa memória histórica, que vem sendo reforçada ao longo do tempo pelo discurso do poder e pela imprensa local, tenta mostrar Uberlândia como a cidade da ordem, do desenvolvimento e das possibilidades, um verdadeiro “eldorado”¹⁵⁹. A narrativa de Tito Teixeira está bastante concatenada com este discurso sobre Uberlândia, e podemos verificar uma semelhança muito grande entre seu livro e as obras de outros memorialistas da cidade, particularmente com a obra de Pedro Pezzuti, Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia, segunda obra publicada sobre a história de Uberlândia¹⁶⁰.

Como a obra de Pezzuti cobre o período da origem da cidade até 1920, podemos dizer que a obra de Tito Teixeira é uma atualização a partir da década de 20¹⁶¹. A obra

¹⁵⁷ Idem, pp. 141 e 142.

¹⁵⁸ Segundo biografia feita por Tito Teixeira, Rondon Pacheco, membro da União Democrática Nacional (UDN), foi deputado da Assembleia Constituinte de Minas Gerais em 1946 e em 1950 elegeu-se deputado federal, reeleito várias vezes. Em 1961 exerceu o cargo de Secretário do Interior de Minas Gerais e posteriormente nomeado por Castelo Branco para a Embaixada Especial Diplomática junto à ONU; foi também m Secretário Geral da ARENA e líder do governo no Congresso, além do já mencionado cargo de Ministro do Gabinete Civil de Costa e Silva. Foi também condecorado por Costa e Silva com a comenda brasileira da “Cruz da Ordem ao Mérito”. TEIXEIRA, T. Op. Cit., volume 2, pp. 443 a 447.

¹⁵⁹ Discursos deste gênero não são exclusividade ou originalidade dos uberlandenses, pois quase todas as cidades constróem para si uma identidade voltada para o desenvolvimento econômico. Nas duas últimas décadas muito se tem escrito em Uberlândia sobre este discurso, a maioria dos estudos produzidos vem tentando desmontá-lo e demonstrar que as questões sociais, entre outras, não foram resolvidas e muitas vezes foram apagadas, silenciadas, não apenas do discurso político como da memória histórica da cidade. Retomaremos esta questão no Capítulo 3.

¹⁶⁰ PEZZUTI, Município de Uberabinha: história, administração, finanças, economia. Uberabinha, Livraria Kosmos, 1922.

O livro não foi escrito apenas por Pedro Pezzuti, mas em co-autoria; os capítulos sobre Administrações Municipais e Transportes foram escritos respectivamente por José Avelino e por Ignácio Paes Leme.

A primeira obra sobre a história da cidade foi publicada em 1916:

CAPRI, Roberto. Município de Uberabinha. (Physico, Econômico, Administrativo e suas riquezas naturais e agrícolas). São Paulo, Capri Andrade Editores, 1916.

de Pezzuti está imbuída do espírito que moveu a Exposição de 1922 tinha a missão de propaganda do município, que 1922 ainda se chamava Uberabinha. O *leit motiv* da obra portanto era mostrar como o desenvolvimento econômico alcançara também o interior do país, o sertão. Nesta perspectiva podemos levantar a hipótese de que a obra, em consonância com seu momento histórico, “inventa” para a cidade uma tradição/memória histórica de progresso e desenvolvimento, que com o correr do tempo cristaliza-se nas diversas representações e discursos sobre a cidade, transformando-se em identidade local¹⁶².

Passemos agora à análise do livro de Tito Teixeira. Para tanto, fizemos a opção de, num primeiro momento, cotejar estas semelhanças com Pedro Pezzuti e, num segundo descrever a narrativa de Tito Teixeira a partir dos anos vinte. Os dois autores, Tito Teixeira e Pedro Pezzuti, elegem o mesmo fato histórico como fundante da história da cidade: as bandeiras, chefiadas pelo Anhangüera II. Tito Teixeira, no entanto, detém-se um pouco mais na descrição delas pelos sertões das Gerais em busca de metais preciosos. Segundo o autor, esta busca foi o principal motivo pelo qual a região do Triângulo Mineiro ficaria inexplorada até 1722, visto que a suas “condições geográficas não ofereciam garantias aos caçadores de metais preciosos”¹⁶³, ficando ofuscada pelo centro do estado. Assim, as picadas abertas pelos bandeirantes no século XVIII e a

¹⁶² Pezzuti escreveu sua história de Uberlândia sob encomenda da Comissão de Redação e Instrução da Câmara Municipal, concomitantemente a um mostruário sobre a cidade, para ser apresentado na Exposição Nacional do Centenário da Independência. Segundo a própria Comissão, deveria ser: “uma obra ilustrada sobre o município, contendo um estudo de suas riquezas agrícola, industrial, pastoril e mineral; condições de climatologia, salubridade bem como a história do município, desde a fundação do povoado (...), bem como a narração imparcial de todos os fatos e episódios aqui desenvolvidos e que digam respeito à vida do Município” (p. 02).

O parecer da Comissão, portanto, já nos informa bastante sobre a obra, e sobre o caráter da Exposição de 1922. A comemoração do centenário da Independência tinha como objetivo ser mais que um evento solene, deveria ser um momento de reflexão sobre o Brasil com um caráter cultural e pedagógico, deveria montar um painel das riquezas do país, mostrando-o como uma nação independente e próspera; seria assim um acontecimento representativo de um novo tempo, um momento de recomposição da memória nacional

Sobre a exposição do centenário da Independência ver:
SANDES, Noé Freire. A invenção da Nação entre a Monarquia e a República. São Paulo, USP, 1997. (Tese de Doutorado)

¹⁶³ Enquanto uma memória construída sob um ponto bem definido, estamos trabalhando com aquilo que Eric Hobsbawm chama de “tradição inventada”. Conforme o autor: “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”
HOBSBAWM, Eric (org.), A invenção das tradições, 2 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. p. 09.

¹⁶³ TEIXEIRA, T. Op. Cit., p. 01.

necessidade do Governo de Minas Gerais de colonizar a região traria os primeiros pioneiros para a região:

Há motivos para crer que em consequência das facilidades proporcionadas pelo governo de Minas Gerais, na colonização das terras marginais da estrada de penetração para Goiás, através do Triângulo Mineiro, fosse a causa determinante da expansão de diversas entradas. O governo mineiro quis assim consolidar o território do Triângulo Mineiro a Minas Gerais, (...) Com o tempo, o número de sertanistas foi aumentando gradativamente e assustadoramente, formando hoje este gigante que é o Triângulo Mineiro¹⁶⁴.

Esta também é a justificativa dada por Pezzuti:

E há motivos para se crer que, em consequência das facilidades nesse tempo proporcionadas pelo Governo de Minas Gerais, no intuito de colonizar as terras situadas ao longo da estrada geral de Goiás, no Triângulo Mineiro, que em 1816 de novo havia passado a pertencer a Minas, no começo o século XIX, se determinasse uma recrudescência de entradas expansionistas por esta zona sertaneja(...) , não só esse território, antes por eles (índios Caiapós) ocupado, mas também outros extensíssimos, que lhe ficavam adjacentes, passaram a ser de livre concessão e de fácil aquisição para os primeiros ocupantes¹⁶⁵.

A semelhança até na redação dos dois trechos é muito grande. Os autores estabelecem assim os motivos que levaram à colonização da região: a necessidade do governo de Minas de tomar posse da região e a facilidade na aquisição de terras. A “História do município (1818/1966)” constitui-se no segundo episódio da narrativa de Tito Teixeira. Depois de uma breve descrição geográfica do Triângulo Mineiro e de Uberlândia, o autor apresenta, assim como Pezzuti, a origem e o significado do primeiro nome “São Pedro de Uberabinha”, origem ligada ao nome do rio Uberabinha.

Em seguida, passa aos primeiros entrantes, os pioneiros. Segundo Tito Teixeira, com a ocupação das terras devolutas marginais do rio das Velhas, o geralista João Pereira da Rocha, “ousado pioneiro”, tomou posse de uma vasta gleba, a qual deu o nome de Fazenda São Francisco, “trazendo consigo escravos e protegidos”. João Pereira Rocha, era, segundo o autor,

¹⁶⁴ Idem, p. 06.

¹⁶⁵ PEZZUTI, *op.cit.*, p. 07.

o patriarca da família Pereira nas terras da Farinha-Podre¹⁶⁶, foi um exemplo de honestidade e filantropia, empreendedor, trabalhador, tendo abrigado muitas famílias, agregando-as ou vendendo-lhes por preços razoáveis e prazos acessíveis, glebas de terras de seu vasto domínio.

(...) construindo um monumento humano de gerações contínuas, onde se lê no subconsciente do uberlandense: 'Aqui está plantada a árvore genealógica de João Pereira da Rocha, o primeiro capítulo da história de Uberlândia'¹⁶⁷.

O primeiro pioneiro portanto, segundo o autor, deixou marcado na história, um “exemplo dignificante”:

Na sede da fazenda desenvolveu a criação do gado vacum, caprinos e cavalares para suprir o custeio da fazenda, formando anualmente pequenas lavouras para consumo interno, onde se notava, além do milho, o arroz, o feijão e pequenos eitos da algodão, fumo, cana e anil.

Dotado de espírito industrial, conseguiu montar uma rudimentar fábrica de anil, alimentando com a matéria prima colhida do esforço próprio, cujo produto era por ele conduzido em lombos de burros, para São Paulo e Rio de Janeiro.¹⁶⁸

Em Pezzuti encontramos a mesma caracterização de João Pereira da Rocha, que segundo o autor possuiu-se de quantas terras pode:

Em jornada de exploração o ousado pioneiro (J. P. Rocha), a quem sobravam animo, experiência e saúde, no dia 29 de junho de 1818, dia de São Pedro, aportou às margens do ribeirão que ele, filho de português, não discrepando das atávicas tradições paternas, em recordação do dia e homenagem ao Santo, denominou São Pedro, nome pelo qual ficou sendo conhecido e tratado.

(...) Homem soberanamente bondoso e proverbialmente caritativo, João Pereira da Rocha, o patriarca da linhagem dos Pereiras, a mais numerosa aqui atualmente existente, fora pioneiro e criador, deixando nome de empreendedor e honesto.¹⁶⁹

Outros pioneiros também são descritos da mesma forma pelos dois autores. E assim, a história da região, como a das grandes famílias, Pereira Rocha, Carrijo, Alves

¹⁶⁶ Até o século XIX a atual região do Triângulo Mineiro era denominada Sertão da Farinha Podre, aparentemente por ser lugar de estocagem de alimentos por parte dos bandeirantes.

¹⁶⁷ TEIXEIRA, T. *Op. Cit.*, p. 14.

¹⁶⁸ Idem, p. 12.

¹⁶⁹ PEZZUTI, *op.cit.*, p. 08.

de Rezende, vai sendo construída sob a égide do trabalho, honradez e esforço pessoal. Estes traços marcam portanto, para os dois autores, aquilo que tornou-se como que uma predestinação para o progresso: terras férteis, cheias de perigos, que, trabalhadas por homens especiais, se tornariam no futuro, uma grande metrópole.

O processo de ocupação da região, na primeira metade do século XIX, aparece como sendo obra exclusiva destes bravos homens. Ao mesmo tempo, os motivos que os trouxeram para estas terras foram apontados mas pouco explorados. A apropriação das terras que hoje formam o município de Uberlândia, portanto, ocorreu em um momento histórico marcado pela crise da mineração em Minas Gerais.

Além dos interesses do governo da província de Minas, em Pezzuti aparece também a ação da Igreja Católica:

*E, provavelmente, foi por essa época que João Pereira da Rocha, estimulado e auxiliado pelos padres José Ferreira e José Nogueira, os quais por certo, não ignorariam, a largueza de vistas do Governo de Minas no tocante o povoamento do Triângulo, há pouco reivindicado, movera do vale do Paraopeba, em demanda de terras devolutas, para si, e , talvez para outros.*¹⁷⁰

Segundo o autor, João Pereira da Rocha trouxera consigo “numerosa caravana de filhos, de escravos e de protegidos”¹⁷¹ para colonizar a região, sendo seguido, posteriormente por outras nobres famílias. Tito Teixeira usa o mesmo argumento.

No que diz respeito à mão-de-obra escrava, segundo João Marcos Alem, esta não se apresentava como sedutora aos primeiros entrantes, visto que representava um investimento alto, na medida em que a região estava distante dos mercados de compra e venda, além das dificuldades de manutenção. Ela veio com os primeiros entrantes, mas não se tornou fundamental como nas regiões de cana-de-açúcar, de mineração e café. O problema seria resolvido com o uso de homens livres, parentes e agregados, combinando-se inicialmente o trabalho familiar, o trabalho escravo e o de agregados¹⁷².

O domínio pessoal foi a característica da organização política que a pequena vila de Uberabinha conheceu desde a sua fundação. Encontramos em Pezzuti várias passagens neste sentido, como por exemplo a descrição que faz das relações sociais estabelecida por João Pereira da Rocha. Segundo o autor, aquele,

¹⁷⁰ Idem, p. 08.

¹⁷¹ Idem, p. 10.

¹⁷² ALEM, J. M., Op. Cit.

*Liberalizava em socorros com quantos a ele recorressem; a uns facilitava meios de vida, a outros vendia ou dava glebas de terras em seus vastos domínios, outros ele agregava a seus interesses e haveres, a todos tratava com doçura e probidade, dando hospitaleira guarida a quantos aqui aportassem.*¹⁷³

A passagem mostra que o sistema político fundava-se através de doações e de favores que, como podemos verificar através de Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil, não é específica de Uberlândia, mas comum às diversas regiões do Brasil, raiz do nosso ser político¹⁷⁴. Este sistema político parece ter sido eficiente, pois segundo Pezzuti, por volta de 1846, a população local girava em torno de duas mil pessoas. A descrição desta população, apresenta elementos sobre a relação da classe trabalhadora e a classe dominante. Aquela seria dotada das mesmas características dos primeiros entrantes:

*população em geral pobre, mas laboriosa e ambiciosa de melhorar, bastante coesa pelos tempos, que se vinham progressivamente alastrando pela zona, esboçando o núcleo de uma nova agremiação social e civil, que o tempo amalgamou e tornou prospera e forte.*¹⁷⁵

Pacífica e laboriosa essa gente, mineiros na sua maioria, segundo o autor, construiu, nos Sertões das Gerais, “uma civilização”. A harmonia entre os projetos de uma classe trabalhadora e de uma classe dominante (em nossa forma de classificação e não dos autores) será sempre uma tônica do discurso sobre a cidade.

O surgimento da cidade é apresentado da mesma forma pelos dois autores: em 1853 fundou-se a primeira capela nas terras de Felisberto Carrejo, que havia criado uma escola de alfabetização¹⁷⁶. O povoado que surgia em torno da capela é elevado à Freguesia em 1857. Felisberto Carrejo será desde sempre considerado um dos pioneiros de maior importância, visto que, seus projetos de fundação da capela e criação de uma escola, propiciaram as condições para a formação do povoado. Sendo assim descrito por Tito Teixeira:

Fixando sua residência na fazenda da Tenda, criou para aquele local um ponto de convergência de todas as atenções das

¹⁷³ PEZZUTI, *Op. Cit.*, p. 11.

¹⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque, Raízes do Brasil, 4ª ed., Brasília, Ed. Univ. Brasília, 1963.

¹⁷⁵ PEZZUTI, *Op. Cit.*, p. p. 12.

¹⁷⁶ Encontramos em vários documentos e estudo o sobrenome de Felisberto grafado ora como “Carrejo” ora como “Carrijo”, optamos por utilizar Carrejo por ser a grafia adotada pelos dois memorialistas.

regiões ocupadas, onde seus posseantes iam buscar conselhos e orientação para a solução de questões comerciais, sociais ou familiares.

Felisberto Carrejo criou em torno de sua figura patriarcal um culto de admiração e respeito de tal envergadura, que o transformou em apóstolo da família.

Nas proximidades de sua humilde moradia, foram construídas outras tantas, conseguindo formar um núcleo residencial, que tomou a denominação de povoado dos Carrejos.¹⁷⁷

Assim, a partir do sonho de João Pereira da Rocha, dos irmãos Carrejo e outros destemidos homens que vieram colonizar os sertões das Gerais, o autor narra como surgiu o distrito de São Pedro de Uberabinha. Alguns episódios são, narrados detalhadamente para mostrar a grandeza de espírito destes homens.

Além da luta pela construção da igreja matriz do distrito, Tito Teixeira passa rapidamente pelas questões políticas locais, já na década de 70 do século XIX, informando apenas que:

Como acontece em todos os municípios e povoados, as opiniões políticas se dividiam e os partidos se extremavam.

Além das idéias, personalidades ou interesses pessoais, tudo mais era chamado para atablado das decisões partidárias, onde as correntes liberais e conservadoras, empenhadas no desejo de mando, descambavam a implantar a discórdia nos meios sociais e políticos, em abono a ordens externas, de direitos inconfessáveis.¹⁷⁸

Em Pezzuti temos a seguinte análise:

Já por esse tempo (década de 70 do século XIX) o arraial tinha a sua vida e tratava de fazer valer seus foros de colaborador efetivo no movimento regional.

Como em toda parte, aqui também se dividiram as opiniões e se extremaram os partidos.

Mais do que idéias, personalidades e interesses de momento eram chamados em campo, e as grandes divisões partidárias do tempo, a conservadora e a liberal, descambavam em lutas mesquinhas, em aborrecimentos de pessoas e de coisas, em cobiças de impérios e de mando, muitas vezes obedecendo a sugestões vindas de fora.

Cada parcialidade se empenhava para ter as autoridades distritais escolhidas dentre os próprios sectários e dessas autoridades, muitas vezes, se valiam os paredros para

¹⁷⁷ TEIXEIRA, T. *Op. Cit.*, p.21.

¹⁷⁸ Idem, *Op. Cit.*, p. 33.

*exercerem arbitrariedades e picardias contra os adversários, picardias que eram retribuídas com usura tão logo o partido deixasse de ser poder público e se procedesse, em consequência, a costumeira derrubada de quaisquer contrários investidos duma parcela qualquer de poder.*¹⁷⁹

Como se pode verificar, os dois autores, conforme suas concepções de história e de política, apresentam as lutas partidárias sob o manto das lutas pessoais, como rixas pessoais movidas por pessoas ou idéias vindas de fora. A harmonia e a colaboração seriam o tom do discurso não só do memorialista, mas também do setor dominante ao longo da história da cidade, evidenciando uma subordinação do poder institucional ao poder pessoal.

A Guerra do Paraguai foi outro episódio político narrado pelos autores como palco de disputas e vinganças pessoais; a tentativa de se formar um grupo de combatentes é mostrada como objeto de uma disputa interna entre dois partidos (Liberal e Conservador), onde o partido que estava no poder alistava apenas os adversários. Encerra-se a disputa com um grande fiasco, na medida em que não se conseguiu formar nenhum grupo de voluntários para a guerra.

De todas as cristalizações promovidas pelos memorialistas em torno da história da cidade, o mito de sua “vocação” para a modernidade   o mais utilizado pelos diversos discursos posteriores. O documento de 1888 que solicitava e justifica a cria  o do município de São Pedro de Uberabinha   bastante ilustrativo disso:

A representa  o popular, portadora das aspira  es locais, foi apresentada   assembleia provincial mineira em 7 de agosto de 1888, pelo então deputado Augusto César Ferreira e Souza, mais tarde pr  cer na política de Uberabinha, notando-se que essa representa  o já enumerava uma série de melhoramentos que asseguravam ao distrito direito às pretensões solicitadas. De fato, reza esse documento, em Uberabinha já se encontravam “sessenta engenhos de cana, sete engenhos de serra, nove olarias de telhas, seis oficinas de ferreiros, quatorze oficinas de sapateiros, seiscentos carros arreados em trabalho, duzentos prédios, um cemitério, obra de pedra aperfei  ada, uma matriz importante, contendo todos os paramentos, uma Igreja do Rosário em constru  o, duas aulas do sexo masculino e feminino, oito aulas particulares, dez capitalistas, nove negociantes de fazendas, doze negociantes de g  neros do país e molhados, uma fonte de águas sulfurosas já acreditadas, um hotel bem montado, pedras de diversas qualidades e muitas

¹⁷⁹ PEZZUTI, *Op. Cit.*, p. 18.

madeiras de lei". O mesmo documento orçava a exportação anual de gado, porcos e mais gêneros em cem contos, a importação em cento e cinquenta contos, o número de eleitores em oitenta, o número de cidadãos aptos para jurados em duzentos, a criação de gado vacum em mil cabeças.¹⁸⁰

O documento mostra que, em 1888, Uberabinha já se tornara um núcleo urbano com geração de excedente, fluxo populacional contínuo e uma elite local que se ocupava com as atividades institucionais. Este núcleo urbano foi viabilizado sob planejado controle das classes dominantes, através, por exemplo, da comercialização das terras destinadas à cidade¹⁸¹. Este mesmo documento é transcrito por Tito Teixeira. Na biografia de seu pai, o autor vai acrescentar a participação dele como o responsável pela iniciativa do deputado Augusto César Ferreira e Souza. Segundo ele:

Insatisfeito com somente esse primeiro passo dado com a emancipação política e administrativa do município, Arlindo Teixeira, insistiu com seu compadre Augusto César Ferreira e Souza, deputado provincial, que fosse a Ouro Preto e trouxesse a criação da comarca de Uberlândia. Tecidos alguns comentários a respeito das dificuldades que teria de enfrentar, Augusto César disse que a Intendência não estava em condições financeiras para assumir tamanha responsabilidade. A essa altura, Arlindo Teixeira sacou do bolso a chave da sua gaveta e ao entregá-la a seu amigo, disse-lhe: 'tire ali a importância que julgar necessária, acrescida dos imprevistos e vá buscar a emancipação judiciária do município, e se a Intendência não puder pagar-me e o povo recusar-se a cooperar, arcarei com muito prazer, com todas as despesas que se fizerem necessárias'¹⁸².

Outra passagem ilustrativa de como os dois memorialistas buscam construir uma imagem progressista para a cidade é a descrição feita em 1922, por Pedro Pezzuti:

*A juízo de todos os competentes, um grande futuro está reservado a Uberabinha, (...)
Suas casas em grande parte de estilo moderno, arejada, limpas, graciosas, impressionam favoravelmente os visitantes e proporcionam todo conforto aos inquilinos (...)
A população de Uberabinha, franca, leal, morigerada e hospitaleira, inteligente e ativa, enveredou desasombradamente pela senda luminosa do progresso e tudo faz crer que a passos*

¹⁸⁰ Idem, p. 21.

¹⁸¹ Sobre o assunto ver:

SOARES, B. *Habitação e produção em Uberlândia*. São Paulo, USP, dissertação de mestrado, 1988.

¹⁸² TEIXEIRA, T. *Op. Cit.*, volume 2, pp. 83 e 84

largos continuara a ir avante, sem vacilações e sem desfalecimentos(...)

Esboçada assim, em largos, mas rigorosamente fieis traços, a silhueta material e social de Uberabinha atual, tão distanciada hoje daquele feitiço entristecedor de burgo anacrônico, que fora até bem poucos anos atras, não será destituído de interesse acenarmos ligeiramente às causas eficientes destes belos resultados que nós hoje, de visu, constatamos.¹⁸³

A modernidade e o progresso da cidade estariam ligados a outra de suas “vocações”: o comércio, no qual Tito Teixeira iniciou suas atividades econômicas. Se, como dissemos antes, a região foi marcada por um desenvolvimento econômico voltado para as atividades agropastoris e mercado interno, um outro componente esteve presente desde o início do desenvolvimento, não só de Uberlândia, mas de toda região do Triângulo Mineiro: o fato de a região ser passagem obrigatória para a distribuição de bens produzidos em São Paulo e comercializados com o centro-oeste. Segundo Pezzuti:

núcleo de concentração de estradas que de diversas e longínquas paragens para ela convergem, tornando-a, por isso mesmo, um ponto de intercâmbio ou, melhor diríamos, um entreposto de variadíssimas transações, é claro que o seu comércio deva ser ativo, e vultuosos o seu movimento.(...) Resta sempre uma crença corroborada pela confiança nos destinos a que é fadada esta cidade nos surtos cada vez mais assinalados dos seu comércio e indústria no futuro.¹⁸⁴

Esta situação de entreposto comercial consolidou-se, segundo Pezzuti, com a construção da Estrada de Ferro Mogiana e da Ponte Afonso Pena (ligando o Triângulo Mineiro ao sul de Goiás), particularmente no que diz respeito a esta última, porque mais do que receber os produtos de São Paulo, era necessário distribuí-los para o centro-oeste, e, em especial, para Goiás. Assim, tanto a modernização da cidade, o progresso econômico, como a autonomia administrativa estavam ligados intimamente à expansão econômica propiciada, na opinião do memorialista, principalmente, pela construção da ponte.

Em 1891, Uberabinha foi elevada à categoria de Comarca e seus limites geográficos estabelecidos definitivamente; o termo de instalação da comarca é devidamente transcrito pelos dois autores, bem como os de instalação do legislativo e

¹⁸³ PEZZUTI. *op. cit.*, pp. 28 e 29.

¹⁸⁴ Idem, p. 51.

administrativo da comarca. A caracterização que se faz das primeiras administrações da cidade, em particular de J. S. Rodrigues da Cunha, a exemplo dos pioneiros, é bastante personalista. Segundo, José Avelino (responsável na obra de Pezzuti por discutir as Administrações Municipais):

Pode-se dizer que todo serviço de utilidade, conforto e embelezamento traz o sinal pessoal do presidente Rodrigues da Cunha, que com lúcida intuição e largo descortino, com elevado critério de oportunidade e acendrado patriotismo, pleiteou, promoveu e realizou todos os relevantes serviços públicos que de Uberabinha fizeram o que ela é - uma cidade limpa, cômoda e garrida.(...) Moço, educado nos grandes centros cultos do país, cheio de justas aspirações, destacou-se de modo inconfundível dos que o precederam desde os seus primeiros passos na vida pública. Entrou sem temor pelo caminho das reformas do que não estava bom e dos melhoramentos inadiáveis. Para servir ao município foi inteiramente cego desde logo a pedidos de ordem subalterna, não viu antipatias pessoais e nem imposições do coração. Administrador, na melhor acepção da palavra, fez-se respeitado e, o que é mais, admirado pelos que lhe moviam hostilidades.(...) Amigo dos seus companheiros, como os que melhormente o são, - contraria-os todas as vezes que é preciso. Jamais se escravizou ao compadrio, à sedução diabólica do filhotismo.¹⁸⁵

Apesar de apresentar Rodrigues da Cunha como um grande administrador, o autor não pode deixar de mostrar os conflitos sociais latentes na cidade. Mesmo tentando amenizar a truculência da administração Rodrigues da Cunha, a violência “naturalizada” da mesma, aparece. Esse tipo de violência era bastante comum no país até a década de 30, e o autor tenta criar uma aparente necessidade de pulso forte e de honestidade por parte do administrador que sabia contrariar os amigos quando necessário.

Tito Teixeira não chega a descrever a administração de Rodrigues da Cunha, pois termina sua narrativa dos aspectos históricos em 1895 e enumera os primeiros sinais de progresso que surgiam: a criação da primeira cadeia(1892), o primeiro matadouro de gado (1894), a inauguração da Estrada de Ferro Mogiana(1895), a criação do primeiro jornal(1897), a inauguração da estação telegráfica(1899), inauguração do serviço de energia elétrica(1909) e do primeira casa de diversões o cinema São

¹⁸⁵ Idem, p. 34.

Pedro(1909). No caso da extensão da Estrada de Ferro até Uberabinha, ressalta a participação de Arlindo Teixeira, seu pai:

Neste mesmo ano (1894), atendendo a pedidos insistentes de Arlindo Teixeira, o engenheiro da Companhia Mogiana, Dr. James John Mellor fez o levantamento da planta da parte alta da cidade, (...)

*Verificado que Arlindo Teixeira, autor da iniciativa, custearia por conta própria as despesas com esse trabalho, o Dr. Mellor prontificou-se a fazer gratuitamente a parte técnica, devendo o proponente pagar apenas os auxiliares de campo (...)*¹⁸⁶

Conforme dissemos anteriormente, nesta primeira parte da história da cidade, Tito Teixeira centra sua narrativa na história política e dos personagens ilustres, e esta parte coincide também com o livro de Pezzuti. A partir deste ponto, buscaremos fazer uma rápida descrição do restante do livro, a parte de “atualização” do pós-20. O autor começa por enumerar a criação de alguns estabelecimentos comerciais, as principais ruas, praças e bairros, relacionando-os com os da década de 60. Na sequência, reproduz os orçamentos municipais e respectivos administradores desde 1891 até 1965; aos orçamentos, segue-se uma lista com todos os Presidentes da Câmara Municipal de 1947 a 1969 e também a composição da Câmara municipal em 1965. O autor faz, também, a relação de 45 escolas e 7 grupos escolares da cidade, mas não coloca a data a que se refere o levantamento, além de apresentar uma lista de juizes de direito, promotores, cartórios, escreventes, escrivães, oficiais de justiça, coletorias públicas no período de 1892 a 1964.

Em seguida, são apresentados brevemente, as instalações de diversos estabelecimentos, tais como: Cine-teatro, Fábrica de fósforo, Rádio Difusora, a terceira estação da Estrada de Ferro Mogiana, etc. O autor apresenta também um Boletim do IBGE (1954/1966); em seguida, as vias de comunicação, hospedagens, estabelecimentos hospitalares, assistência social, cultos religiosos, e um breve histórico da instalação das principais escolas e a relação daquelas de maior destaque em 1962. Seguindo-se a relação de clubes recreativos e de serviços, associações de classes e esportivas, repartições públicas, sindicatos, música e outros.

Sob o título de “Organizações, feitos e fatos” temos o terceiro episódio, destinado a relatar a criação e organização de algumas entidades políticas, sociais e

¹⁸⁶ TEIXEIRA, T., *op. cit.*, pp. 58/59.

econômicas da cidade. A que o autor considera mais importante e, portanto, dá maior atenção, é a Fundação Brasil Central, criada em Uberlândia dentro da organização federal “Coordenação da Mobilização Econômica”, projeto “Expedição Roncador-Xingu” (1943, do Ministro João Alberto Lins de Barros). Segundo Tito Teixeira: “O idealizador deste projeto, deste grande empreendimento, objetivou o lançamento de uma linha de comunicações terrestres e aéreas, entre o Rio de Janeiro e o alto Amazonas”.¹⁸⁷

Dentro do programa “Marcha para o Oeste”, podemos considerar esta Fundação como um segundo ciclo de bandeiras, destinada a explorar e colonizar o Brasil Central. Segundo Leila Scalia Gomide:

Durante a primeira fase do governo Vargas (1930-1945), o Triângulo Mineiro se tornou, indiretamente, palco de realizações governamentais. Para se cumprir os objetivos propostos pelo Estado Novo, em seu programa de integração e colonização expresso na “Marcha para o Oeste”, tornava-se necessário dotar o Triângulo de uma infra-estrutura para a penetração rumo ao Centro-Oeste.

Aliado a esse programa mais amplo da “Marcha para o Oeste”, o governo criou novos dispositivos de apoio à sua obra civilizadora.

*A Fundação Brasil Central constituiu um desses dispositivos, considerada uma das mais espetaculares, embora uma das menos conhecidas.*¹⁸⁸

Cabe a Uberlândia, como primeira base do projeto, segundo o autor: “(...) receber e alojar os expedicionários, fornecer-lhes os meios de transporte para os respectivos destinos, carregar, conferir, armazenar e transportar todo material destinado à expedição”.¹⁸⁹

Tito Teixeira teve papel importante nos trabalhos da Fundação:

Organizada a primeira coluna de desbravadores de sertões da Fundação Brasil Central,(...), partiu ela de Uberlândia com destino à Barra do Garça no rio Araguaia, onde instalou a 2ª base da expedição, à sua margem direita.

*Aí foi construído um campo de aviação, inaugurado e vistoriado pelo Aero Clube de Uberlândia, atendendo à solicitação do Ministro João Alberto ao presidente Tito Teixeira, (...).*¹⁹⁰

¹⁸⁷ Idem, p. 107.

¹⁸⁸ GOMIDE, Leila R. S., “O Triângulo Mineiro: História e Emancipação - Um estudo sob a perspectiva da História Regional”, In: CADERNOS DE HISTÓRIA - Especial sobre história de Uberlândia, Uberlândia, UFU, vol. 4, nº 4, jan. 1993. P.33

¹⁸⁹ TEIXEIRA, T., op. cit., pp. 107/108.

¹⁹⁰ Idem, p. 108.

Tito Teixeira faz um longo relato dos procedimentos adotados para criar esta base de operações e do desenvolvimento do projeto nas áreas indígenas. O projeto teve vida curta, já em 1945 começava a ser desmontada a grande estrutura criada em Uberlândia. O autor demonstra um certo pesar ao analisar o fim da Fundação Brasil Central: “E assim vai desaparecendo paulatinamente uma grande organização idealizada e posta em prática pelo saudoso Ministro João Alberto Lins de Barros¹⁹¹”.

Ainda na década de 40, o autor apresenta as atas de instalação e criação dos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama(1943), bem como a demarcação de suas divisas territoriais. Em seguida, relaciona uma série de inaugurações ocorridas neste período: Escola de Aviação Civil, escolas municipais, Rotary Clube, cinemas, bem como a visita de Juscelino Kubitschek, então governador de Minas Gerais e a organização financeira Bracinvest, listando seus investimentos e diretorias.

O Parque de Exposição Agropecuária e Industrial de Uberlândia é descrito desde sua origem, principais negócios efetivados e suas principais diretorias. O autor descreve também a criação do Colégio Agrícola de Uberlândia(1967), da Escola de Engenharia de Uberlândia(1965), Faculdade de Direito de Uberlândia(1963). Volta a descrever a criação de algumas escolas particulares e públicas e a criação e desenvolvimento da Sociedade Médica de Uberlândia(1945), entidade de representação de classe.

Sob o título “Capelas triangulinas”, o autor lista, cronologicamente, a criação das principais capelas do Triângulo Mineiro. Fez um longo relato sobre a construção da segunda Igreja do Rosário e de outras igrejas, passando pela descrição de, algumas festas religiosas mais importantes da região, desde a sua origem. Relaciona em seguida, algumas entidades filantrópicas e seus trabalhos realizados na cidade.

Passa então, à narrativa da “Revolução de Trinta”, que será objeto de nossa análise nos próximos capítulos. Depois disso, o autor retoma a descrição de algumas entidades sociais, falando sobre a criação, funcionamento e lista as várias diretorias dos principais clubes recreativos da cidade: Cajubá Country Club (1964, do qual foi membro fundador e presidente), Uberlândia Clube (1952), Praia Clube (1935) e Jóquei Clube de Uberlândia (1966). Em seguida, faz um histórico do Aero Clube de Uberlândia e do Uberlândia Esporte Clube, centrando a narrativa, nos dois casos, em

¹⁹¹ Idem, p. 111.

sua participação como fundador e presidente destas entidades. Passa rapidamente pela implantação do Exército Nacional em Uberlândia, retomando a descrição de algumas manifestações culturais como a Cavallhada, que descreve minuciosamente, bem como as árvores históricas da cidade. Faz em seguida um longo histórico da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e da criação do distrito de Santa Maria. Terminando assim, a primeira parte do livro.

A análise da obra dos dois memorialistas nos mostra uma determinada memória histórica sobre Uberlândia, bastante aceita e reproduzida nos mais variados discursos. Em Pezzuti temos o momento de sistematização de um discurso, que se encontrava na fala do poder e da imprensa sobre a Uberlândia, momento de constituição da memória histórica que tornou-se uma tradição aceita e repetida até os dias de hoje. Categorias e conceitos como trabalho, ordem, progresso, desenvolvimento, modernidade, ausência de conflitos políticos e sociais estão presentes também na obra de Tito Teixeira, publicada em 1970, e possibilitam ao autor, ampliar seus significados como a “atualização” desta memória, através de novos “exemplos”.

CAPÍTULO II:

Uberlândia e a “Grande Revolução Nacional”

Ao analisarmos a estrutura do livro de Tito Teixeira, construímos uma divisão do mesmo em quatro grandes episódios. Buscamos também, perceber como o presente ordena a sua rememoração da história de Uberlândia, permitindo a ele uma retomada e ampliação da memória histórica produzida por Pedro Pezzuti. No presente capítulo, trabalharemos especificamente o quarto episódio, “Grande Revolução Nacional”, na perspectiva de compreender a rememoração que o autor fez do movimento “revolucionário” de 1930 em Uberlândia. Nossa hipótese é que as mediações entre o presente da rememoração e o passado rememorado, existentes na narrativa da história da cidade, estão presentes na rememoração da “Revolução de Trinta”, ou seja é possível perceber na leitura que Tito Teixeira faz de 1930 uma “interferência” de sua interpretação do Golpe Militar de 1964. Neste sentido, buscaremos compreender as seguintes questões: como explicar o destaque dado à “Revolução de Trinta” no conjunto da narrativa sobre a história da cidade, o que ordena em seu relato o diálogo entre o passado e o presente; como ele interpretou a “Revolução de Trinta” e quais outras interpretações se entrecruzam com a dele.

2.1 - 1930/1964: memória e apropriação do fato

A primeira e segunda questões nos remetem, mais explicitamente, ao contexto histórico em que o livro Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central foi elaborado e publicado - 1968-1970. Na década de sessenta, temos novamente, na cena política nacional e nos variados debates cotidianos, a questão dos rumos políticos do país, e diversos projetos políticos em embate: é a questão da “revolução brasileira” que retorna

com toda a força¹⁹². Na tentativa de compreender estas questões, recorremos à imprensa uberlandense, em particular ao jornal O Correio de Uberlândia, no período de 1964 a 1968¹⁹³. No Editorial de 04/04/1964, encontramos as justificativas para o 31 de março, e a posição do Jornal quanto ao fato:

Passou a desastrosa e agitada atuação do presidente João Goulart no comando dos supremos destinos do país. Passou, felizmente, para o Brasil poder continuar seguindo seus gloriosos destinos democráticos, como nação livre, independente e com luminoso caminho de progresso e desenvolvimento. (...) Já agora o país retorna à calma, retorna à obediência à Constituição, conduzido por outros homens, outras mentalidades, ausentes do extremismo violento praticado pelo governo (felizmente) deposto através dos acontecimentos de 1º deste mês.(...) Por índole, cristão e amante da paz, o brasileiro repudia o extremismo comunista que vinha sendo desesperadamente tentado (...) Porém o Brasil deve esperar mais dos atuais dirigentes que nos livraram da iminência de uma nova Cuba na América do Sul. Esperamos que os comandantes saibam que o Brasil é nosso.(...) O Brasil é dos brasileiros e tem que evoluir para ser uma nação livre, forte, independente e gloriosamente "gigante pela própria natureza", como afirma o seu Hino nacional. Este, temos certeza, é o pensamento do governo democrático e honesto que sucedeu, em boa hora, à desastrosa política extremista do ex-presidente Goulart¹⁹⁴.

Este primeiro editorial após o movimento armado, contem alguns dos elementos básicos encontrados no jornal entre os anos de 1964 a 1968. O movimento é

¹⁹² Conforme Vavy Pacheco Borges o tema "revolução brasileira" é recorrente tanto na vida política quanto na historiografia. Anterior à "Revolução de Trinta", segundo a autora:

Embora iniciada muito anteriormente e sob outras formas, torna-se marcante nos anos 30, após o movimento de outubro de 1930 (...) As fontes históricas dos anos 20 e 30 evidenciam a constante preocupação de políticos, militares, jornalistas e estudiosos sobre essa "revolução", entendida seja como ruptura da ordem jurídico-política, seja também como outras transformações estruturais sob diferentes formas e/ou propostas. BORGES, Vavy Pacheco, Tenentismo e a Revolução Brasileira, São Paulo, Brasiliense, 1992. p. 14.

¹⁹³ A opção por trabalhar com o jornal O Correio de Uberlândia deve-se ao fato de ser o principal jornal uberlandense do período e o único cujo acervo está completo e em bom estado; os outros jornais que pesquisamos encontramos apenas poucos números avulsos. As posições defendidas nos editoriais do jornal, parecem-nos, diretamente ligadas ao fato de este pertencer à UDN, principal núcleo golpista no Congresso Nacional.

¹⁹⁴ "Após a tempestade", Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 04/04/1964. O Editorial do Jornal a partir de 1963 recebe o nome "Assim Pensamos", neste trabalho estamos utilizando apenas o Editorial quando nos referirmos a esta coluna.

apresentado como uma ação salvadora da pátria ameaçada pelo comunismo, corporificado no Governo Goulart, e restauradora da democracia. O jornal, através de seu editorial, posiciona-se francamente a favor do movimento e tenta construir a idéia de que ele era desejado. A recorrência ao caráter cristão e amante da paz busca legitimar a luta contra esse “inimigo” e cria para o movimento uma base de apoio popular através da generalização: “o brasileiro”, o “Brasil”. Acrescentando ao combate do grande “inimigo”, a “ameaça vermelha”, e à restauração da democracia, uma dose de nacionalismo e este não se refere apenas a uma possível dominação soviética, mas também à relação de “dependência com os Estados Unidos”. Mas os articulistas do jornal se encarregam de lembrar que este não é um movimento puramente militar, pelo contrário, e constróem para alguns civis a ação desencadeadora dos acontecimentos:

(...) Partiu de nosso estado o grito de libertação. Partiu em 1964, como partira anos e anos antes, quando do episódio da Conjuração Mineira. O grito de liberdade que Minas deu, logo depois repetido, de quebrada em quebrada, pela imensa vastidão do Brasil, possibilitou-nos o afastamento definitivo do perigo vermelho, da subversão dos valores, da luta fratricida que era planejada pelo governo Goulart...

Permanece, portanto, em pleno funcionamento, a afirmativa (...) “Magalhães Pinto é o maior político do Brasil”. Agora posso afirmar mais alguma coisa: é o maior, o mais democrata, o mais corajoso, autor do primeiro passo para afastamento da nuvem vermelha que pairava sobre nossa Pátria¹⁹⁵.

Magalhães Pinto é o grande líder civil defensor da democracia, que eleva à glória o nome de Minas, no entanto, não há como esconder o papel dos militares que assumiram o governo. O governo militar aparece, então, uma concessão temporária:

Sempre fui contra o militarismo. Não entendo por militarismo a candidatura de um militar, mas a candidatura imposta pela classe militar. Pode até ser um civil que esteja identificado com os objetivos militares. (...) Há, entretanto, circunstância em que é forçoso transigir. O momento atual aconselhou essa transigência. A deposição do Sr. João Goulart não teria maior importância se ele não estivesse aliado a elementos de encomenda do estrangeiro. É uma máquina perigosa, armada com técnica e com tempo e com eficiência garantida pelos recursos oficiais que lhe foram facultados. (...) Para essa desarticulação é que um militar está naturalmente indicado. Não um militar qualquer só porque esteja com uma farda bordada de galões, mas um militar que reúna muitos

¹⁹⁵ COSTA, Marçal, “Coluna Estórias”, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 04/04/1964.

*requisitos.(...) Por esta e outras idênticas é que se justifica o governo ostensivo e honradamente militar*¹⁹⁶.

Ao longo dos primeiros meses, foram somados à luta contra o comunismo outros elementos: a luta contra a corrupção através da moralização da política e o combate inflacionário. Do apoio ao movimento, o jornal passou a sua defesa explícita, visto que ele “passou a ser alvo das investidas dos políticos profissionais que, da vitória revolucionária desejam fazer esteio para perpetuação de privilégios”, o que “equivaleria ao esvaziamento completo dos ideais revolucionários”¹⁹⁷

Como acontece nos casos de ruptura jurídico-política, ao lado das justificativas, aparece a construção da imagem do novo. O movimento passou a ser visto como a instituição de uma nova ordem. Em 04/07/1964 temos o “Sentido de uma revolução”:

*(...) Ela foi democrática. Não visou perseguições. Tão somente colocou em seus lugares os valores autênticos. Expurgou os corruptos e eliminou da política os comunistas profissionais, diletantes ou comungantes. Essa tarefa está quase cumprida. Foi a primeira etapa, sem dúvida alguma. Segue agora seu curso. Vai modificar estruturas injustas. (...) Uma reforma da amplidão da nossa não se faz da noite para o dia. A nós do povo, resta confiança e tranquilidade enquanto o governo bem intencionado e com meios poderosos executa as mudanças necessárias ao bem do Brasil*¹⁹⁸.

Após o aniversário de um ano do movimento armado, as esperanças nesta nova ordem permanecem inalteradas:

*Vitoriou-se o movimento revolucionário de 64, implantando-se no país uma nova ordem com prenúncio de dias melhores. Há um ano o governo promete a estabilização dos preços, a prosperidade geral. Se promete, convenhamos, tudo tem feito para promover o fim da orgia inflacionária*¹⁹⁹.

Mas os dias melhores não surgem do nada, e o movimento era apresentado como um processo que deveria percorrer várias etapas, a primeira e mais urgente delas, era o expurgo dos comunistas, concluída está etapa, o jornal volta sua atenção para o “grande problema nacional”: a economia do país. Era necessário conter a inflação, sanear as

¹⁹⁶ PAES, Lycídio, “Governo Militar”, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 11/04/1964.

¹⁹⁷ “A Revolução não se perderá”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 10 e 11/12/1964.

¹⁹⁸ “O Sentido da Revolução”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 04/07/1964.

¹⁹⁹ “Pronunciamentos”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 08/05/1965.

contas públicas e criar condições para a retomada do crescimento, para que os “dias melhores” se concretizassem.

As primeiras e páldas críticas, que aparecem ainda em 1964, estão relacionada às crescentes denúncias de torturas, mas estas são encaradas como atitude de “alguns elementos, à sombra do ideal de confiança do governo” e que “usam o nome da revolução para desrespeitar, para aproveitar, para diminuir o valor de uma expressão autêntica e histórica de nossa pátria”, pois “verdade é que os líderes da revolução, repudiam os seviciadores, os que não sabem vencer sem o aviltamento do vencido”²⁰⁰. Ou ainda: “maiores inimigos do atual regime que os que praticam excessos não podem existir.(...) Os torturadores de presos políticos são agora, os maiores inimigos do regime” e continua “fizemos uma revolução libertadora, um movimento armado que teve apoio do povo (...) Os verdadeiros revolucionários não derramaram sangue, inexistiu luta de irmãos contra irmãos”²⁰¹. Salva-se em última instância os líderes do golpe: “Acreditamos que o honrado governo federal, composto de homens ilustres e cultos, brasileiros autênticos, e patriotas não vai deixar o mundo assistir o espetáculo do terror nos calabouços onde são torturados seres humanos”²⁰². Mas, como as denúncias cresciam com o recrudescimento militar e o aumento de manifestações públicas, o jornal advertia: “Revolta todo o mundo civilizado a violência cruel, o espetáculo de barbarismo policial que vem sendo praticado em diversas capitais brasileiras, contra os estudantes universitários”²⁰³

Apesar dessas censuras às torturas, cada vez mais denunciadas, e à truculência contra as manifestações oposicionistas, as críticas mais contundentes apareceram em 1966 depois do Ato Institucional nº 3, que estabelecia eleições indiretas para governadores. O papel dos militares na política, começava a ser questionado, deixando de ser visto como uma “transigência circunstancial” ao menos nos Estados:

Depois da revolução e especialmente após o lançamento da candidatura do General Costa e Silva à presidência da República, o problema da participação de militares na política voltou a debate, apresentando aspectos curiosos e dignos de análise. (...) Seja como for, no caso especialíssimo do próximo pleito presidencial, a candidatura de um militar é inevitável - e,

²⁰⁰ “Revolução”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 14/10/1964.

²⁰¹ “Os inimigos do regime”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 05 e06/01/1965.

²⁰² Idem.

²⁰³ “Solidariedade dos estudantes”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 25 e26/09/1966.

sendo assim, é preferível que o escolhido seja um homem como o atual ministro da Guerra, que reúne apoio maciço na área militar e (o que também é muito importante) conta com a simpatia do povo brasileiro, do cidadão comum, que não terá o direito de votar, mas pelo menos tem o direito de gostar ou não dos candidatos. (...) Acreditamos que o mesmo está ocorrendo em outros Estados, cuja população aceita, em princípio, candidatos militares para a sucessão do marechal Castelo Branco, mas gostaria imensamente que nos pleitos estaduais fossem indicados e escolhidos civis. Não quer isso dizer que os que assim pensam sejam contrários a participação de militares na vida política do país. Apenas nas atuais circunstâncias há um anseio geral de distensão, de pacificação, e parece que os civis estão mais próximos de nos levar a essa meta que os militares. (...) Se a escolha coubesse ao povo, certamente os resultados não agradariam o atual governo e por isso mesmo preferiu ele dispor as cartas à sua maneira, a fim de assegurar-se a vitória, a qualquer preço.

Porque ao contrário do lema do bom esportista, ao atual governo o que interessa não é competir, mas sim vencer. E a oportunidade de vencer é agora - agora ou nunca²⁰⁴.

As críticas já não eram censuras apenas à setores “à sombra do governo”, pois agravava-se a instabilidade política:

Todos os analistas e comentaristas políticos que têm se manifestado nos últimos dias reconhecem uma verdade que nós há mais de um ano proclamamos: o governo Castelo Branco, apesar de todas as suas responsabilidades revolucionárias, não dispõe de bases reais na vida política da nação. Já não falamos em Revolução. Esta, a nosso ver, passou a ser apenas um longínquo ideal, uma palavra vazia. (...) O cenário político está totalmente conturbado. A Nação assiste, como num estádio, a luta política que se trava nas altas esferas federais. Não será esta situação o resultado de um plano bem arquitetado para se criar as condições para a decretação do estado de sítio? Não pretendemos ver fantasmas onde eles não existem. Mas, nada nos alegraria mais do que sermos contraditados pelos fatos²⁰⁵.

Neste momento já se falava em fracasso da “revolução”: “Já não falamos em Revolução. Esta, a nosso ver, passou a ser apenas um longínquo ideal, uma palavra vazia. (...)”²⁰⁶. A partir de 1967, período de maior truculência do regime, o jornal deixou de posicionar-se através de seu editorial e guarda silêncio sobre as questões que

²⁰⁴ “Militares na política”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 17 e 18/05/1966.

²⁰⁵ “Para onde vamos?”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 29 e 30/07/1966.

²⁰⁶ “Para onde vamos?”, Editorial, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 29 e 30/07/1966.

vinham criticando. Até mesmo os aniversários do movimento armado deixava de receber o destaque dos dois primeiros anos, apenas pequenas notinhas foram encontradas em 1967 e 1968.

No campo das imagens construídas para justificar o movimento armado, chamou-nos a atenção uma feita pelo cronista/jornalista Lycidio Paes. Em um artigo sobre as eleições estaduais de 1965 e a perspectiva de uma futura eleição presidencial em 1966, o jornalista, que participou do movimento de 1930, fez uma comparação entre os dois movimentos armados - 1930/1964 - estabelecendo aquilo que ele vê de comum entre eles²⁰⁷:

*Um cotejo entre os efeitos da revolução de 1930, cujos vencedores estiveram, no poder durante cerca de trinta e quatro anos, e os da revolução de 1964, talvez não seja ocioso para o conhecimento da nossa história política. Ambos foram, na mais alta expressão, movimentos revolucionários de caráter tipicamente popular. Entraram no seu preparo e na sua execução, por certo os elementos militares, porque não pode haver revolução sem armas, mas foi o povo, psicologicamente mobilizado, que influiu no ânimo das classes armadas para desencadear o levante. Num e noutro caso os chefes civis estiveram mais em evidência do que os homens de farda. Entretanto, em 1930 o governo foi entregue a um civil formado em Direito que se converteu num déspota e que só abandonaria o poder impellido pela força revoltada contra os seus desmandos; em 1964 coube a chefia a um militar cujo o predado mais saliente é a vocação legalista. Não foram em 1930 menos sorridentes as esperanças dos brasileiros numa nova era de justiça, de progresso, de moralidade; e nunca faltaram aos dirigentes o apoio, a colaboração e o incentivo dos verdadeiros patriotas.(...)*²⁰⁸

O autor estabeleceu um duplo movimento em seu artigo. De um lado, ressalta as características semelhantes dos dois fatos e, de outro, a diferença entre os governos constituídos pelos dois movimentos. As semelhanças encontram-se no caráter civil e com amplo respaldo popular, atribuindo ao militares um papel de coadjuvantes, bem como nas expectativas quanto aos rumos posteriores em ambos os casos. Estas últimas permitiram ao autor, no entanto, ressaltar o que ele via de diferente nos governos pós-30

²⁰⁷ Lycidio Paes, cronista e jornalista uberlandense, atuou no movimento "revolucionário" de 1930 no sub-setor de Araguari-MG (Comando Geral de Uberlândia). Assim como muitos sujeitos da época, se decepciona com o Governo Vargas e passa, a partir de 1931 a fazer críticas contundentes a este e aos governos posteriores que ele vê como continuismo. Estes artigos podem ser encontrados nos jornais uberlandenses: *A Tribuna* e *O Correio de Uberlândia*.

²⁰⁸ PAES, Lycidio "Cotejo impressionante", In: *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 22/23/08/1965.

e pós-64. Para ele, o pós-64, no que se referia às “*esperanças dos brasileiros numa nova era de justiça, de progresso, de moralidade*”, o devir era promissor. O mesmo não pode ser dito do pós-30, a continuidade do artigo contém uma rememoração deste período onde o autor se mostrou bastante decepcionado com os rumos tomados, que para ele traíram os princípios do movimento. Lycídio Paes, crítico ferrenho da ditadura Vargas, projetou em Castelo Branco, não sem estudada ironia, a esperança de que, desta vez, não houvesse um desvio da rota original. A garantia estava, para o autor, no fato de o presidente militar ser um amante da legalidade e dos princípios democráticos, ao contrário de Vargas, um civil que não respeitava tais princípios.

O artigo de Lycídio Paes é de meados de 1965. Nestes primeiros momentos do regime militar, a sociedade ainda se encontrava engajada na luta contra o comunismo, apoiava a “caça à bruxas”, esperava a resolução do problema inflacionário e os civis ainda não tinham sido expurgados do governo. Já em 1966 Lycídio Paes reviu sua posição de defesa do governo militar, passando a criticá-lo. Mas o que nos interessa neste momento é este “cotejo” feito entre os dois movimentos armados²⁰⁹.

Esta aproximação entre os dois movimentos (1930/1964) feita por Lycídio Paes, aparecia também no discurso dos próprios militares de maneira diferente. Por tratar-se de ruptura jurídico-institucional, como em 1930, temos uma tentativa, por parte do discurso do poder, de recomposição da memória nacional, operada por dois movimentos complementares, mesmo que aparentemente contraditórios: ao mesmo tempo em que os militares tentavam se afirmar através do discurso da constituição do novo, buscavam estabelecer um elo de continuidade com outros momentos da história nacional. Este segundo movimento pode ser percebido, no pós-64, pelo discurso de “retomada de rumos, inscritos em 30, mas perdidos em meio a desvios”²¹⁰. Na análise

²⁰⁹ Em artigo de 20/10/1966 Lycídio Paes, ao analisar o comportamento dos políticos uberlandenses frente às eleições municipais, demonstra a decepção com o recrudescimento militar:

A situação política nacional que atravessamos com o fracasso do movimento revolucionário de 31 de março de 1964 afugentou as personalidades do escol e projeta no ambiente os ingênuos e pretensiosos, às vezes mais pretensiosos do que ingênuos. Isto está ocorrendo no plano da política federal como estadual, não sendo de espantar que se repita no plano municipal. Depois, a extinção dos partidos e a fundação por decreto de duas siglas hermafroditas trouxe um clima confuso e prenhe de desconfianças.

PAES, Lycídio, “Retificação”, In: Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 20/10/1966

²¹⁰ VESENTINI, Carlos A., A teia do fato. São Paulo, HUCITEC, 1997. P. 159

Esta discussão foi feita preliminarmente pelo autor no artigo: “A fulguração recorrente”, In: Tudo é História - Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Brasiliense, nº 2, 1979.

de Carlos A. Vesentini essa “retomada” que os militares fazem de 1930, pode ser assim definida:

Trata-se da apropriação e utilização posterior do fato. Não o retomar do tema revolução, mas o reafirmar da revolução de 30 e do tempo ligado a ela, ainda na senda da dominação, quando certas questões voltam à tona e tornam-se debates. E não é o trabalho do intérprete a entrar em cena, pelo contrário, prescinde-se deste debate.

Penso, retomando o viés da difusão do fato (...), na recuperação da memória como parte integrante do exercício do poder, em outra situação. Quando o fato pode manter e reconsiderar seu sentido de fundação, de abertura desse tempo onde todos estiveram, o ponto de unidade e de procura de início do atendimento e consecução de aspirações gerais.

Comparece quando, novamente, a legitimidade se coloca e a dívida sobre esta - incidindo no sistema do poder - obriga a refundar. Mil, novecentos e sessenta e quatro soa como fato, vínculo no qual a história teria transparecido, momento de revisão de rumo²¹¹.

Essa apropriação, feita pelos militares, dá-se na utilização das mesmas expressões características de Vargas (aqui há uma união de 1930 e Vargas) e na comparação direta dos dois momentos, mas, principalmente, ao estabelecer uma continuidade temporal entre os dois fatos.

Esta recorrência a 1930, seja na apropriação feita pelos militares, seja no discurso “daqueles estiveram lá”, como no exemplo de Lycídio Paes, demonstra que no nível do discurso a “Revolução de Trinta” volta à cena política. E a semelhança entre os dois momentos é grande: a instabilidade política; os diversos projetos em embate; as características de golpe militar de 1930; o governo autoritário instalado por Getúlio Vargas; o discurso em torno da constituição do novo; a recorrência a pilares como a moral, pátria, família, salvação nacional, entre outros; a presença dos comunistas como o “perigo vermelho” e o apoio popular. Acreditamos que a partir das considerações feitas acima, é possível responder a primeira questão que colocamos: como explicar o destaque dado à “Revolução de Trinta” no conjunto da narrativa sobre a história da cidade. Como é próprio da memória trata-se, ao nosso ver, do presente reordenando o passado; ou seja, algumas das questões colocadas por Tito Teixeira na sua narrativa sobre 1930 foram fruto de angústias suscitadas por essa recorrência à “Revolução de

²¹¹ Idem, p. 157.

Trinta”. Mesmo que, ao longo de seu livro ele não comente o golpe militar, este, na nossa opinião, aparece de forma implícita na leitura que o autor fez de 1930, no capítulo “Grande Revolução Nacional”. O rememorar 1930, em Tito Teixeira, não está colocado numa relação direta de explicar e/ou justificar 1964 através de 1930, mas marcado pela preocupação do autor com os rumos que essa nova “revolução” está tomando, a partir de 1968.

Diferentemente de Lycídio Paes, que escreveu em 1965 quando ainda se depositava esperanças no golpe militar visto como uma ação para livrar o país do comunismo e restaurar a democracia, Tito Teixeira começou a elaborar sua obra em 1968, e neste momento, já se verificava uma mudança de rumos no movimento. Desde de 1964, com os sucessivos Atos Institucionais e a Nova Constituição (1967), os militares vinham promovendo um crescente fortalecimento do Executivo Federal, e impondo uma diminuição na autonomia dos Estados, além do aumento da repressão contra as oposições que começavam a se rearticular em 1966 e o movimento estudantil. E a partir de 1967 começam a expurgar a participação civil do governo. A montagem do Ministério de Costa e Silva, por exemplo, foi feita de modo a incluir o maior número possível de militares, tanto da ativa quanto da reserva, promovendo assim uma paulatina militarização do governo. Ao nosso ver, estes “novos” rumos tomados no pós-64, incomodam Tito Teixeira, levando-o a retomar o movimento de 1930. Este retorno, no entanto, não significa uma discordância ou censura ao golpe militar em si, mas a problematização da figura dos militares²¹². Nossa hipótese é que para Tito Teixeira, diferentemente de Lycídio Paes, o movimento de 1930 tinha dado certo e isto só foi possível por que o governo ficou nas mãos dos civis. Existe, na sua leitura de “trinta”, uma apologia aos civis. Era esta a sua preocupação em 1968: o movimento armado de 1964 entrou num “desvio” na medida em que os militares deixaram de ser “coadjuvantes” e assumiram o papel de protagonistas.

²¹² Quando entrevistamos Durval Teixeira, filho de Tito Teixeira, uma das perguntas pontuais que fizemos foi quanto à posição de Tito Teixeira frente ao golpe militar de 1964, e ele respondeu-nos que o pai tinha sido favorável

2.2 - Preparando a “Revolução”

Tito Teixeira faz um relato minucioso dos vinte e um dias do movimento de 1930 e de alguns momentos imediatamente posteriores à vitória. Essa narrativa, *pari passu*, das medidas e estratégias adotadas pelo Comando Geral, destaca, também, a participação dos sujeitos históricos envolvidos: o “povo”, sujeito coletivo, entidades sociais e alguns políticos e homens ilustres da cidade, que tomam, em sua narrativa, a dimensão de heróis. Na rememoração feita pelo autor, o Triângulo Mineiro, particularmente a cidade de Uberlândia, adquire um papel de destaque no episódio a “grande revolução nacional”²¹³. Antes de entrar no movimento revolucionário propriamente, o autor faz uma breve introdução, informando que:

*A 3 de outubro de 1930, o Estado de Minas Gerais, representado na pessoa do Presidente Antônio Carlos Ribeiro Andrada, solidarizou-se com o movimento revolucionário contra o Presidente Washington Luís, entrou em atividades entregando o comando da região do Triângulo Mineiro ao Senador Dr. Camilo Rodrigues Chaves*²¹⁴.

O autor apresenta aqui alguns elementos que serão centrais em sua narrativa, ou seja mostra a “revolução” como um movimento contra Washington Luís. A construção de Tito Teixeira aproximou-se muito daquela feita por Virgílio de Melo Franco, no livro Outubro, 1930. Para este autor, foi o desrespeito de Washington Luís ao compromisso com Minas, de fazer um mineiro seu sucessor na presidência, que desencadeou todo o processo²¹⁵. Segundo o autor, testemunha participante da história: “convencidos de que o presidente da República forçaria a eleição e o reconhecimento do seu candidato, não se detendo diante de nada, os elementos mais extremados da Aliança Liberal começaram a cogitar da possibilidade de um movimento armado”²¹⁶.

Definido no primeiro momento, o caráter do movimento, Tito Teixeira começa a tecer os fios da trama através do papel que os dois chefes mineiros, Antônio Carlos

²¹³ Conforme Vavy Pacheco Borges, o uso da denominação “Revolução de Trinta”, não é imediato ao fato. Os agentes revolucionários empregam: “revolução de outubro”, “movimento de outubro de 30” ou “outubro de 30”. A utilização de “Revolução de Trinta” se dá num momento posterior à “Revolução Constitucionalista” de 1932, firmando-se contra esta que é apresentada pelo Governo Vargas como uma “contra revolução”.

BORGES, Vavy Pacheco, Op. Cit., p. 16.

²¹⁴ TEIXEIRA, Op. Cit., p. 280.

²¹⁵ FRANCO, Virgílio A. de Melo. Outubro, 1930. 5ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

²¹⁶ Idem, p. 120.

Andrada e Camilo Chaves, exerceram no Triângulo Mineiro. Para justificar este papel, o autor faz um breve preâmbulo à deflagração do movimento, voltando no tempo, exatamente a 1927, para relatar a visita do Presidente de Minas Gerais ao Triângulo.

Segundo o autor, a convite de Camilo Chaves,

foi projetada pelo chefe do executivo mineiro, uma viagem de cordialidade pelos diversos municípios do Triângulo Mineiro(...)

A 8 de outubro de 1927, a ilustre comitiva presidencial era recebida em Uberlândia com grande festividade - ocasião em que o povo demonstrou a seu presidente o mais elevado grau de simpatia. As demonstrações de júbilo pelo acontecimento eram de desusada eloquência e acentuada sinceridade, deixando transparecer o desejo da presença do grande Presidente no convívio de sua gente.

A visita do presidente Antônio Carlos a esta zona do Triângulo Mineiro veio reforçar a confiança do povo no ilustre chefe do executivo mineiro, cujos feitos refletiram de forma decisiva na arrancada de outubro de 1930²¹⁷.

O autor busca demonstrar, assim, o papel que Antônio Carlos desempenhou no desencadeamento do movimento revolucionário no Triângulo Mineiro²¹⁸. Dessa forma, a presença do Presidente de Minas no Triângulo Mineiro é vista por Tito Teixeira como um dos motivos que levaram a população da região a aderir, tão prontamente, ao movimento revolucionário.

Descrita a viagem o autor volta-se para o tema central do capítulo, ou seja, a “grande revolução nacional”, dividindo-o em duas partes; na primeira faz uma narrativa da preparação do movimento no Triângulo Mineiro a partir de junho de 1930, onde ele apresenta a trama, a conspiração, o planejamento, bem como as medidas tomadas. A

²¹⁷ TEIXEIRA, *Op. Cit.*, pp. 280 a 282.

²¹⁸ Em 1927 existe uma articulação política por parte de Antônio Carlos (representando o Partido Republicano Mineiro - PRM), para garantir o cumprimento do “compromisso” entre São Paulo e Minas Gerais, no que diz respeito à sucessão da presidência da República. Os jornais da época deixam bem claro estas articulações, ao noticiar em março de 1927 as viagens que o presidente de Minas fazia por todo o Estado:

As viagens do Sr. Antônio Carlos - isso sim - poderiam ser interpretadas como habilidades de S. Ex.a., que já começaria a tecer a rede com que há de pescar a presidência da República. (...) A cogitação da futura presidência da República é muito séria para Minas. Para São Paulo ela é um doce. São Paulo pode dormir, pode sonhar. Tudo indica que o Sr. Washington Luis dê a São Paulo a futura presidência. Seria mesmo impossível supor que o Sr. Washington Luis fosse contrário a que seu sucessor fosse paulista. De maneira que a Minas, diante dessa séria ameaça cabe desde já o dever de ir demovendo o Sr. Washington Luis dessa má idéia.

Cf. “O nosso ponto de vista”, In: JORNAL LAVOURA E COMMERCIQ. 17-07-1927, p. 01.

segunda parte é o movimento revolucionário em si, das primeiras providências internas até a vitória.

A narrativa da preparação do movimento começa em meados de 30, com a formação dos comandos militares do Triângulo Mineiro:

Em meados de junho de 1930, quando a propaganda revolucionária havia saído das conferências secretas para a consciência de um povo escravizado por um governo prepotente, o Dr. Odilon Braga - Secretário da Segurança Pública do Estado de Minas Gerais - estabeleceu a divisão do Triângulo Mineiro em dois comandos de operações, sendo um com vértice em Uberlândia e o outro em Uberaba.²¹⁹

Sendo a “Revolução” um movimento contra Washington Luís, Tito Teixeira busca construir, para Camilo Chaves e outros políticos, um papel de articuladores e desencadeadores do mesmo em Minas Gerais. Podemos perceber, pela passagem acima, que o autor vai amarrando os fios de uma trama, na qual a visita de Antônio Carlos aparece como um dos elementos constituidores da mesma. Desta maneira, ele procura mostrar como a “Revolução de Trinta” não se deu de um dia para outro.

Na composição do que seja a “revolução” para o autor, dois novos elementos são apresentados: a conspiração e o povo. Os primeiros passos para a organização da “Revolução”, portanto, se deram através de um complô arquitetado secretamente por alguns políticos. Tito Teixeira menciona Antônio Carlos, Camilo Chaves e Odilon Braga, os principais políticos mineiros envolvidos. Alcançadas as condições concretas, a conspiração rompe as paredes das “conferências secretas” e atinge outro sujeito que, a partir daí, será o sujeito “revolucionário” por excelência: o povo. Este sujeito, povo, vem adjetivado, trata-se de um “povo escravizado”.

Esta apresentação da “Revolução de Trinta” como conspiração, é comum na historiografia que trata o tema. Virgílio de Melo Franco e Barbosa Lima Sobrinho, por exemplo, fazem uma narrativa minuciosa dos episódios desta conspiração, das dificuldades de organização do movimento, da inconstância dos líderes políticos ligados à Aliança Liberal. Existe, entretanto, uma dificuldade de compreender a passagem entre o complô e o momento em que este toma “as ruas” e é assumido pelo povo. Nos diversos autores, este momento aparece quando começa o confronto armado, através da tomada dos quartéis do exército pelos batalhões aliancistas. Estes batalhões, ao menos

²¹⁹ TEIXEIRA, Op. Cit., p. 282.

em Minas Gerais, num primeiro momento, foram compostos pela milícia estadual e posteriormente, foram agregados os voluntários civis²²⁰. No Triângulo Mineiro, esse papel foi exercido pelo 4º batalhão da polícia mineira sediado em Uberaba²²¹.

Estão dados os elementos da trama: o “povo escravizado por um governo prepotente” adere às idéias do complô político, levando-o para as ruas, assumindo para si, a tarefa de quebrar os grilhões que o prendem. Disso podemos apreender o significado construído pelo autor para a “Revolução de Trinta”: ela é, ao mesmo tempo, uma mudança violenta no poder, visto seu carácter de movimento armado, e uma mudança jurídico-política, dada a necessidade de tirar os políticos que governavam o país de forma autoritária e antidemocrática. Não se tratava, portanto, de uma mudança estrutural, o movimento é concebido por Tito Teixeira como um “movimento regenerador do regime republicano”.

Essa mesma concepção, de “retorno” às normas democráticas e defesa do regime republicano, pode ser encontrada, também, em outras fontes do período, é, por exemplo, o caso do jornal O Estado de São Paulo. Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, em O Bravo Matutino, ao analisarem os editoriais de O Estado de São Paulo, nos anos trinta, demonstram que a centralização do Executivo e o crescente intervencionismo nos Estados, promovidos particularmente nos governos de Artur Bernardes e Washington Luís, eram vistos, pelos representantes do jornal, como uma ameaça ao regime republicano²²². Para os representantes do jornal essa situação poderia

²²⁰ Pareceu-nos, ao longo da elaboração deste trabalho, que seria importante confrontar as interpretações dos civis com a do exército sobre a “Revolução de Trinta”, bem como para compreender as operações militares na região do Triângulo Mineiro, mas infelizmente não tivemos acesso a história militar do Exército. No que diz respeito aos confrontos armados em Minas Gerais estaremos utilizando o livro Três Revoluções: 24/30/32 do Cel. Paulo René de Andrade, coronel aposentado da Polícia Militar de Minas Gerais.

²²¹ O Cel. Paulo R. Andrade, no livro Três Revoluções: 24/30/32, justifica a participação da polícia mineira da seguinte forma:

Tinha Minas, pois, sob ameaças tão claras e positivas de aniquilamento, de se precaver, de se preparar, contanto para tal emergência, não apenas com a bravura de seus filhos, que certamente não lhe faltariam, mas principalmente com a única organização militar de que dispunha o Estado, a sua velha e conceituada Força Pública, como base para toda e qualquer ação numa luta que, se chegasse a ser deflagrada, só poderia ser violenta e decisiva. A velha corporação, como era de esperar, não faltou ao seu Estado nem ao seu Governo. (...) Constituída, quase na sua absoluta totalidade, de mineiros, não lhe seria possível desatender ao chamamento de seu chefe constitucional, o presidente do Estado(...) ANDRADE, Cel. Paulo R. de, Três Revoluções: 24/30/32, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1978. P. 321.

²²² CAPELATO, M^a Helena e PRADO, M^a Lígia. O Bravo Matutino (Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”). São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1980.

ser revertida através da adoção do voto secreto e conseqüente moralização do processo eleitoral, salvando o Brasil de um “Estado autoritário”. A derrota eleitoral da Aliança Liberal e a atuação do Governo Washington Luís em Minas Gerais e Paraíba, levou os representantes do jornal a apoiar o movimento armado. Segundo as autoras:

*os liberais de “O ESP” acabaram por admitir a necessidade da Revolução, embasados no pressuposto de que a desmoralização dos costumes políticos, aliada ao fortalecimento do Executivo, concebido como abuso de poder, justificavam o recurso à força como alternativa para a substituição de um governo que, de seu ponto de vista, não atendia aos interesses da população, nem lhe respeitava os direitos. Ressalte-se, contudo, que essa Revolução não poderia interferir na estrutura econômica e social vigentes e mesmo as reformas políticas, que lhe caberia levar a efeito, visavam precipuamente dotar de bases mais sólidas o regime constituído*²²³.

2.3 - Notícias das operações militares

A partir do momento em que o complot ganha a dimensão das ruas e se difundiu entre o “povo”, o autor descreve os passos preparatórios, de junho a outubro de 1930. Num extenso relato, narra as operações que prepararam o movimento revolucionário na região. Este relato está centrado na figura do Senador Camilo Chaves:

*Comandante em chefe, foi dada a incumbência de reunir voluntários e coordenar os esforços dos municípios da região. Ao comando geral cabia a responsabilidade de conter o inimigo (...) Recebidas do Governo do Estado as instruções necessárias, os dois comandantes (Camilo Chaves e Capitão José Persilva, oficial do 5o. Batalhão da Força Pública de Minas) regressaram a Uberlândia, de onde saíram (...) em visita de propaganda e organização defensiva, a todas as cidades e pontos marginais dos rios Grande e Paranaíba, nas divisas de São Paulo e Minas Gerais.*²²⁴

Para o autor, a importância da tarefa estava justificada pela posição geográfica da região para a operação militar. Num relato de Camilo Chaves, citado por Títo Teixeira, encontramos a explicação desta importância: “A região do Triângulo Mineiro foi uma das mais visadas, crê-se com o intuito político de ali firmar um interventor para

²²³ Idem, p. 39.

²²⁴ TEIXEIRA, *Op. Cit.*, pp. 282/283.

Minas”²²⁵. A região, portanto, deveria por um lado, impedir que as forças dos “estados inimigos”, Goiás e São Paulo, se reunissem. Por outro, ao atrair as tropas que seriam retiradas do sul de São Paulo, aliviando este setor, facilitaria o avanço do exército rebelde que viria do Sul.

Apesar de Tito Teixeira empregar a expressão “estados inimigos” para se referir à São Paulo e Goiás, ele não assume a idéia de “guerra de estados”, presente no livro A verdade sobre a revolução de outubro-1930 de Barbosa Lima Sobrinho²²⁶.

Para Tito Teixeira a visita de “propaganda e organização defensiva” deveria garantir a adesão de todas as cidades limítrofes, e, para tanto, segundo o autor, “nesse trajeto foram designados chefes orientadores e responsáveis, com a incumbência de alistarem voluntários”²²⁷. A tarefa defensiva, árdua, segundo o autor, dada a precariedade de armamentos, visava também impedir que as comunicações com a capital mineira fossem interrompidas. Apesar disso, a região gozava de uma situação um pouco mais tranqüila que a de outras regiões mineiras que deveriam, segundos vários autores, além de cuidar da defesa e guarda de seu próprio território contra possíveis invasões, imobilizar e dominar as unidades do Exército aquarteladas no Estado, impedindo assim, que aderissem ao movimento²²⁸.

²²⁵ “A defesa da fronteira de Minas na região do Triângulo”, In: O Diário da Revolução, nº 04, 12/10/30, apud TEIXEIRA, Op. Cit., p. 335.

Para efeitos de separação entre o que é comentário de Tito Teixeira e o que ele cita de O Diário da Revolução, faremos a citação completa do documento. Usaremos a partir de agora D. R., para O Diário da Revolução e apenas TEIXEIRA, para Tito Teixeira. Como trabalhamos com um única obra do autor, não faremos mais referência a obra, a menos que se trate do volume 02, então especificar-se-á apenas o volume.

²²⁶ LIMA SOBRINHO, Barbosa. A verdade sobre a revolução de outubro-1930. 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1975. A primeira edição deste livro é da Gráfico-Editora Unitas (SP - 1933).

²²⁷ TEIXEIRA, Op. Cit., p. 283

²²⁸ Segundo Cel Paulo Andrade estas unidades do Exército são: “10º R. I em Juiz de Fora, 11º R.I. em São João Del Rei, 12º R.I. em Belo Horizonte, 4º em Três Corações, 8º R.A.M. em Pouso Alegre, 10º B.C. em Ouro Preto e 4º B.E. em Itajubá”. O que leva à divisão do Estado em nove setores assim distribuídos: 1- Setor de Belo Horizonte; 2 - S. Centro (Ouro Preto, São João Del Rei e Juiz de Fora); 3 - S. Fluminense (fronteiras com Rio de Janeiro e Guanabara); 4 - S. Capixaba (fronteira com o Espírito Santo); 5 - S. Baiano (fronteira com o sul da Bahia); 6 - S. Goiano - Triângulo Mineiro (fronteira com Goiás); 7 - S. Paulista - Triângulo Mineiro (fronteira com São Paulo); 8 - S. Paulista - Sul de Minas; e 9 - S. Mineiro do Sul (Três Corações, Pouso Alegre e Itajubá). E segundo o Cel. Paulo Andrade:

(...) a Revolução de 1930, em nosso Estado, teve uma intensa movimentação, combates, ataques, defesas, avanços, recuos não apenas em Belo Horizonte, onde teria lugar o mais prolongado e um dos mais sangrentos choques armados, o da tomada do Quartel do 12º R.I., mas em todas as fronteiras de Minas e nas regiões sedes das demais unidades federais estacionadas no território mineiro

ANDRADE, Cel. Paulo R. de, Op. Cit., pp. 341 a 371.

A região do Triângulo Mineiro, que para fins estratégicos, fora dividida em dois Comandos Revolucionários em Uberaba e em Uberlândia, enfrentou combates, respectivamente, na fronteira com o Estado de São Paulo e com o Estado de Goiás. Como já dissemos antes Tito Teixeira centra sua narrativa nas operações empreendidas pelo Comando de Uberlândia que se subdividiu em cinco sub-setores: Araguari, Ituiutaba, Monte Alegre, Porto Cemitério - municípios de Frutal e Prata (fronteira com São Paulo), Tupaciguara.

Num relatório sob a ótica de quem participou da organização como Assistente do Comandante Civil, o autor descreve sua própria tarefa. Na iminência da deflagração do movimento, coube ao autor, verificar se a rede telefônica, que ligava Goiás ao Triângulo Mineiro, não seria danificada. No relato de sua viagem ao estado de Goiás, o autor demonstra que a questão da “revolução” estava presente na discussão da região, mesmo que, por parte de alguns, houvesse um certo descrédito na possibilidade de acontecer uma revolução no Brasil:

*aproximou-se (Tito Teixeira) de uma roda de amigos, sentados à porta da rua em palestra, onde ouviu dizer que não se acreditava em revolução e que no Brasil ela nunca se daria, ao que retrucou, dizendo: 'pois olhe amigo, ela nunca esteve tão perto como neste momento'; e ao pronunciar estas palavras, ouviu o batido da campainha do telefone.*²²⁹

O chamado era para avisá-lo que “a revolução havia estourado”. Nesta passagem o autor tenta demonstrar sua inabalável fé no complô político. A narrativa mostra, também, como durante sua viagem foi armado todo um esquema de códigos que lhe permitiram saber, em Goiás, da deflagração do movimento, e regressar em segurança para Uberlândia. Nessa volta, o autor passa por Monte Alegre (MG), onde, segundo ele, grande “massa popular” o aguardava junto ao Prefeito. O autor busca sempre demonstrar a maciça adesão popular ao movimento; em várias passagens de seu relato, ele se referia à “grande massa popular”.

Já em Uberlândia, o autor informa que: “(...) o comando geral que já havia organizado todo o planejamento das operações e estava empenhado no aumento do quadro de voluntários e reservistas. A fila de inscrições estava repleta.”²³⁰. Passa então a descrever a participação de Camilo Chaves, construindo para este, o papel de Chefe

²²⁹ TEIXEIRA, Op. Cit., p. 284.

²³⁰ Idem, pp. 285/286.

de Estado, e buscando evidenciar a relevância de sua participação como articulador político:

O Senador Camilo Chaves, em Belo Horizonte, recebeu na manhã de 3 de outubro, momentos antes de deflagrar o movimento, intimação dos seus chefes para regressar a Uberlândia.

Partindo daquela capital, às 13 horas do mesmo dia, chegando à estação da estrada de ferro Mogiana, em Uberlândia, no dia seguinte e sem descer à cidade, seguiu em trem de carga para Araguari a fim de tentar um encontro parlamentar com o Coronel Pirineus, face ao comentário, que já tomava vulto, de que o 6º B.C. de Ipameri (GO) estava se deslocando para tomar Araguari, Uberlândia e Uberaba, e fazer junção com as forças paulistas.

Pelo telégrafo, entraram num entendimento os dois comandantes, resultando um desmentido aos boatos pelo Coronel Pirineus, seguido da afirmativa de que não invadiria o território mineiro e nem hostilizaria as forças revolucionárias.²³¹

Cabe ao chefe buscar entendimento com as forças militares goianas para evitar uma invasão do território mineiro e a conseqüente união destas, com as forças paulistas. Não apenas nesta passagem, mas em todas as que o autor se refere às forças goianas, ele procura demonstrar que estas não queriam se envolver no conflito armado. Quando se envolvem na maioria da vezes o faz aderindo ao comando triangulino. Aqueles que combatem os o fazem, segundo o autor, porque são obrigadas pela “tirania caiadista”²³². Cabe ao Comando de Uberlândia enfrentar diretamente as forças goianas. Não o 6º Batalhão de Ipameri, que aparentemente não ofereceu grande resistência aos revolucionários de Araguari, mas enfrentou os Batalhões Patrióticos caiadistas na fronteira de Ituiutaba²³³.

Depois de começada a “revolução”, o autor passa a relatar as providências militares de “caráter administrativo”:

O Senador Camilo Chaves, em entendimento com o Comandante Militar da Praça, tomou imediatamente diversas providências de caráter administrativo.

²³¹ Idem, ibidem.

²³² A referência ao caiadismo diz respeito a uma das mais importantes famílias goianas os Caiados, que mantiveram-se no poder político e econômico em Goiás por todo o período da chamada “Primeira República”. Em 1930, o Senador Antônio Ramos Caiado manteve-se fiel ao governo de Washington Luís, comandando em Goiás a resistência e ofensiva contra a Aliança Liberal.

²³³ Os batalhões patrióticos, tanto mineiros quanto goianos, eram formados por voluntários e reservistas, além das forças militares e da polícia.

*Como preliminar, organizou-se um grupo de homens de responsabilidade, inclusive o Prefeito Municipal e o Juiz de Direito, distribuídos em diversas comissões que, no edifício do Ginásio Mineiro, sede do comando geral, estivesse se incumbiriam da execução dos planos de emergência*²³⁴.

Além da comissão de governo, são constituídas as seguintes comissões: de requisição, de finanças, de trânsito, de abastecimento, de ordem pública, de redação, comando da Praça e Governo Militar, sendo que, excetuando este último, todas as comissões eram mescladas de civis e militares. A participação do Prefeito local na Comissão de Governo, será tratada, neste trabalho, mais adiante, visto que o mesmo era do partido de oposição ao PRM.

A cidade passa assim a ser regida pelos códigos militares, como demonstram os editais expedidos pelo Comando, que regulamentam desde os pronunciamentos contrários aos atos do Comando até os preços praticados pelos comerciantes de alimentos. O edital sobre entrega de armas, por exemplo, além do caráter de policiamento, pode ser relacionado com a falta de armamentos por parte do Comando. Segundo o autor, os estados de São Paulo e Goiás encontravam-se melhor armados e municiados que os dois Comandos do Triângulo Mineiro. Enquanto as forças da polícia mineira (que aderiram ao movimento e deveriam dar reforço bélico) combatessem o exército em Belo Horizonte, seria necessário buscar armamentos entre a população. Além de forças da polícia e do exército, Minas contava ainda com a Força Pública, uma espécie de reserva do exército para policiamento interno ou de suas fronteiras, mas que não possuía nem armas, nem homens suficientes. Aparentemente, a “visita de propaganda e organização defensiva” de Camilo Chaves pela região, não conseguiu acumular muitas armas para o movimento.

Depois de discorrer sobre a organização do Comando, o autor passa a descrever a organização de batalhões de voluntários que subsidiariam os chefes, seja no combate nas fronteiras, seja na manutenção da ordem dentro da cidade. A primeira referência do autor é ao Batalhão Feminino “João Pessoa”, do qual trataremos mais adiante quanto discutirmos os sujeitos “revolucionários”.

Além do Batalhão Feminino, foram criados também a Companhia de Guerra de Uberlândia, o Batalhão Patriótico Afonso Pena e o Batalhão Marcos de Freitas. Os dois

²³⁴ TEIXEIRA, Op. Cit., p. 286.

primeiros para o combate nas fronteiras, e o terceiro, “para policiamento e manutenção da ordem na cidade de Uberlândia”²³⁵.

Segundo Tito Teixeira, a Companhia de Guerra “denominada Coluna Revolucionária de Uberlândia foi enviada como primeiro destacamento de forças combatentes para a fronteira goiana”²³⁶. Segundo artigo transcrito de O Diário da Revolução, a Companhia de Guerra tinha como objetivo:

*associar aqueles que desejarem trabalhar com denodo para a Revolução. A lista de inscrição (...) já conta com um bom número de inscritos, tendo-se a salientar que quase todos são pessoas de responsabilidade e que estão dispostos a lutar mesmo com o sacrifício da própria vida, pela causa revolucionária*²³⁷.

Outro Batalhão organizado foi o Batalhão Patriótico “Afonso Pena”²³⁸, transcrito também de O Diário da Revolução: “Numa brilhante profissão de fé patriótica, reuniram-se em torno do nosso nobre pendão revolucionário, 50 rapazes ardorosos e animados, que serão por certo imarcescível de Uberlândia no após a reivindicação, a mão armada, de todos os nossos direitos de cidadãos livres(...)”²³⁹. Este grupo “armado e municiado”, seguiu para a ponte Afonso Pena, (...) e incorporou-se à Coluna Revolucionária de Uberlândia”²⁴⁰.

O autor apresenta os componentes dos dois grupos de voluntários que foram para a fronteira como verdadeiros heróis, pessoas comuns e do “escol da sociedade”, “valorosos” que ante o perigo imposto à Pátria voluntariamente se dispunham a combater, mesmo que isso significasse o sacrifício da vida. O convite é feito aos “homens livres de Uberlândia”, liberdade aqui é adotada como sinônimo de defesa da democracia, já que o “povo (estava) escravizado por um governo prepotente”.

Quanto ao policiamento e “manutenção da ordem na cidade”, foi formado o Batalhão Marcos de Freitas, que recebe o nome do presidente do PRM em Uberlândia. Segundo o autor, “este Batalhão era composto dos elementos de escol da sociedade”²⁴¹.

²³⁵ TEIXEIRA, Op. Cit., p. 298.

²³⁶ Idem, p. 295.

²³⁷ “Companhia de Guerra de Uberlândia”, In: D. R., nº 01, 09/10/1930, apud TEIXEIRA, pp. 296/297.

²³⁸ Recebeu este nome por que o seu comandante, Abelardo Pena, era sobrinho de Afonso Pena.

²³⁹ “Batalhão Patriótico “Afonso Pena”, In: D. R., nº 01, 09/10/1930, apud TEIXEIRA, p. 297.

²⁴⁰ TEIXEIRA, p. 298.

²⁴¹ Idem, *ibidem*.

Era o contingente da elite local que não foi para a fronteira²⁴². Sobre a atuação deste grupo de voluntários, o autor cita o seguinte artigo que, segundo ele, expressa devidamente o reconhecimento da cidade ao trabalho realizado pelo batalhão:

*Coisa singular e quase inconcebível para nós, outros pouco afeitos a movimento dessa natureza, fora a organização insólita e imediata arrigementação do batalhão patriótico "MARCOS DE FREITAS" em cujas fileiras se inscreveram os mais respeitados e prestigiosos chefes de família, tendo à sua frente, a guiá-los e instruí-los na disciplina militar, vultos varonis que se nos afiguram de real merecimento e credores incontestáveis de nossa imorredoura gratidão, pelo muito que dispensaram na ingente tarefa.(...) Aos uberlandenses ponderadores e dotados de sentimentos elevados não passou despercebido o muito que, pela tranquilidade de nossas famílias e mesmo nossa segurança pessoal, velaram esses esforçados mantenedores da ordem (defensores da cidade) como lhes chama(...)*²⁴³

Este batalhão, composto pelos chefes de família da elite local, no entanto, segundo o autor, dado o fato de usar as iniciais "M.F.", em seu pavilhão, recebe dos adversários políticos a alcunha de "MARIA FUBÁ, cuja ironia popularizou-se"²⁴⁴. Esta é a primeira vez que o autor faz referência a adversários políticos. Apesar do edital anterior que proibia "comentários contrários aos atos do Comando", deixar entrever a existência de opiniões contrárias, o autor não fala em oposição política ao movimento "revolucionário". No caso do Batalhão Marcos de Freitas, pode-se inferir que se trata dos partidários de Washington Luis, pois Marcos de Freitas era o presidente local do PRM²⁴⁵. Não sabemos dizer se isso é válido para outras regiões, mas no Triângulo Mineiro a expressão "Maria Fubá" tem um cunho extremamente pejorativo, é empregada normalmente para designar prostitutas e tendo mesmo o significado de "mulherzinha", ou, "mulher fácil que vai com qualquer um". Outra interpretação possível para o trocadilho dos "adversários políticos" poderia ser, na perspectiva da análise de Luise Bundy, uma referência ao fato de os "revolucionários", ao promoverem

²⁴² Para a fronteira foram, além dos militares e da polícia mineira, os trabalhadores comuns que aderiram aos batalhões e os reservistas.

²⁴³ "Notas", In: D. R., apud TEIXEIRA, p. 301.

²⁴⁴ TEIXEIRA, p.298.

²⁴⁵ Segundo Tito Teixeira, no volume de biografias, Marcos de Freitas, por desentendimentos com o Presidente do Executivo local em 1916 filia-se ao Partido Republicano Mineiro, tornando-se seu presidente. Este partido será então oposição municipal até 1930, assumindo o poder local com a vitória da "Revolução". Marcos de Freitas continua como presidente do PRM até 1936, mudando de partido quando da criação do Partido Popular Progressista, e em 1945 passa para o recém fundado Partido Social Democrático, também na condição de direção do mesmo. TEIXEIRA, volume 02, pp. 371 a 373.

o movimento, estariam se “vendendo” aos “coronéis” de Belo Horizonte; ou simplesmente, o que é mais provável, tratar-se-ia de uma tentativa de desmoralização dos “revolucionários”.

Para a formação do Batalhões Patrióticos, além dos voluntários, foram convocados reservistas através de editais:

*Ficam, pelo presente edital, convocados todos os reservistas deste Município, para comparecerem no Comando Geral, sem perda de tempo, logo que tenham conhecimento do presente (...) serão considerados desertores e tratados com tal todos os que não comparecerem*²⁴⁶.

O edital nos desperta para a possibilidade de uma certa resistência por parte dos reservistas. Até porque num edital anterior de 10 de outubro de 1930, o Comando já alertava para o fato dos voluntários comprometerem-se a dar “baixa imediata, após a vitória da campanha”. O edital, que convoca os reservistas, é datado de 13 de outubro, o que significa que depois de nove dias de deflagrado o movimento nem todos aderiram tão prontamente²⁴⁷..

O autor não combateu na fronteira, por isso, faz referência esparsas aos combates, mas transcreve duas entrevistas de Camilo Chaves aos jornais O Estado de Minas-MG e A Noite- RJ e publicadas pelo O Diário da Revolução:

(...) Tivemos que guarnecer mais ou menos trinta portos fluviais com fortes contingentes. Tínhamos a intenção de avançar sobre Goiás. Se nos sobrava gente afoita e destemida, faltavam-nos armamentos e munições. Assim, bem a contra vontade minha e da gente do Triângulo tivemos de nos limitar a uma atitude defensiva.

*(...) Durante sete dias e sete noites se combateu para assegurar a posse da ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba. Um contingente de uns trezentos patriotas, ajudados por um pelotão de 30 soldados da polícia, ali lutou todo aquele tempo defrontando uns 500 homens da polícia goiana, bem armada e municuada.(...)*²⁴⁸

²⁴⁶ “Edital”, apud TEIXEIRA, 296.

²⁴⁷ Quanto ao alistamento de voluntários, em Uberaba, foi necessário publicar edital de convocação ameaçando tratar como “desertor” aquele que não se apresentasse. Em Araguari, o comandante local, em correspondência a Camilo Chaves, deixa explícito que a adesão deve-se ao fechamento de oficinas e estabelecimentos industriais da cidade.

Cf. Jornal Lavoura e Comércio, Uberaba, 10-10-1930 e Carta de Philadelpho de Lima (comando de Araguari), para Senador Camilo Chaves. Araguari, 12-10-1930. Acervo “Tito Teixeira” - CDHIS-UFU
Araguari e Uberaba são cidades do Triângulo Mineiro, vizinhas de Uberlândia.

²⁴⁸ “A defesa da fronteira de Minas na região do Triângulo”, In: D. R., nº 32, 12/11/1930, apud TEIXEIRA, pp. 336 e 337.

“Em Porto Cemitério, que fica sobre o Rio Grande, terminam os trilhos da Companhia Paulista. E ali se combateu, encarniçadamente, durante dias seguidos. Os adversários, sob o Comando do Major Moya, levaram a efeito cinco grandes ataques do Delta, um a um repelidos heroicamente, pelos nossos, com perdas sensíveis dos dois lados(...). Em todo Triângulo Mineiro o povo correspondeu inteiramente, ao que esperávamos. (...) a verdade é que toda a população do Triângulo mostrou a mesma decisão para a revolução. Até as mulheres e crianças vinham oferecer-nos armas e munições.(...) outra grande luta, essa fez-se em torno da Ponte Afonso Pena.(...) É coisa extraordinária, apesar do encarniçado da luta, não sofreram prejuízos de monta as grandes pontes em trono das quais se deram esses combates. Sem qualquer acordo prévio, uns e outros, respeitamos esses bens públicos.”²⁴⁹

A rememoração de Camilo Chaves tenta ressaltar o heroísmo dos “revolucionários” e a adesão popular ao movimento. De fato, não podemos questionar totalmente este heroísmo, na medida que, como já dissemos, os Estados de Goiás e São Paulo estavam melhor armados e municiados que os “revolucionários mineiros”. Mas não deixa de ser curiosa a afirmação de que, mesmo sob fogo intenso, não se tenha danificado a ponte, por respeito aos bens públicos.

Os combates na fronteira, apesar de descritos por Camilo Chaves como verdadeiras “batalhas sangrentas”, aparentemente não fizeram muitos mortos. No relato de Tito Teixeira encontramos referência a apenas uma morte: a do Sargento Vermondes Ribeiro da Silva, promovido a Tenente como homenagem póstuma. Apesar de o jornal O Diário da Revolução, na nota de falecimento, apresentar a morte do Tenente Vermondes como ato de bravura em defesa da causa revolucionária, Tito Teixeira faz um breve comentário atribuindo esta morte ao descuido do próprio Tenente:

Certo dia, designado pelo Comandante de um grupo de guardas da referida trincheira (Porto Velho), pelo Tenente Cairo Egytio foi dada a recomendação especial de não consentir que qualquer elemento sob seu comando, erguesse o corpo na trincheira, a fim de evitar baixa na tropa.

No entanto, foi o próprio Sargento Vermondes, que num assomo de entusiasmo e coragem, expôs-se de peito descoberto. A trincheira inimiga, ocupada por tropa regular da polícia goiana, mantendo-se vigilante e em posição de disparo, mandou

²⁴⁹ “As lutas encarniçadas na região do Triângulo”, In: D. R., nº 38, 19/11/30, apud TEIXEIRA, pp. 343 e 344. Segundo o autor, este artigo foi reproduzido do jornal A Noite, RJ

no seu “ninho”, uma rajada de metralhadora, sendo o Sargento Vermondes atingido por uma dessas balas, em plena testa, o que lhe causou a morte²⁵⁰

Não encontramos, na documentação pesquisada, registro de outras mortes, ou número de feridos durante os combates. Ainda quanto à organização militar depois da vitória, o autor faz também um breve relato das operações militares em alguns dos principais municípios da região, ou setores, tais como Setor de Araguari, Setor de Ituiutaba, Setor de Monte Alegre, Setor de Porto Cemitério (municípios de Frutal e Prata), Tupaciguara (sub-setor de Uberlândia). Na narrativa das atividades nos diversos setores do Comando de Uberlândia, Tito Teixeira à semelhança da descrição que fez da movimentação em Uberlândia, ressalta a pronta e total adesão nas diversas cidades, a bravura nos combates de fronteira, acentuando o patriotismo e civismo da população de toda a região. O autor não fala de Uberaba, excetuando-se uma missão que empreende para levar munição aos combatentes de Uberaba; provavelmente isso se deve ao fato da divisão em dois comandos de operação.

Uma última questão que gostaríamos de ressaltar, na narrativa dos aspectos militares do movimento, é a forma como a vitória do movimento é apresentada. Como se tem demonstrado, a rememoração de Tito Teixeira, como é próprio do rememorar, manipula constantemente o tempo, seja quando recorre a um passado de “tradições” ou quando antecipa desfechos. Um dos momentos em que isso fica mais explícito é quando o autor anuncia a vitória da “Revolução”. Até então, ele não havia feito nenhuma referência à figura de João Pessoa propriamente, a não ser no que se refere ao fato de existir um hino João Pessoa, ou ao Batalhão Feminino que recebe este nome. Mas no parágrafo anterior ao anúncio da bandeira branca na fronteira com São Paulo, ele faz a seguinte referência, aparentemente deslocada:

A morte de João Pessoa foi a bomba relógio que fez explodir o sentimento de ódio e vingança. O nome do grande brasileiro jamais foi esquecido pela mocidade. Em todas as manifestações de guerra ou de regozijo, o nome de João Pessoa era lembrado,

²⁵⁰ TEIXEIRA, pp. 358 e 359.

Durante a pesquisa da iniciação científica, em uma das muitas conversas com as pessoas mais velhas da cidade, uma delas nos contou uma versão diferente do fato. Segundo essa, o Tenente Vermondes, ao receber a notícia da vitória do “movimento revolucionário”, levantou-se para comemorar e foi atingido pela artilharia inimiga. Esta versão, no entanto, não corresponde aos fatos, visto que a nota de sepultamento do Tenente Vermondes é de 20 de outubro de 1930; mas é interessante para demonstrar como a “Revolução de Trinta” permaneceu na memória popular.

*tanto nas aclamações como nos hinos. (...) o hino (a João Pessoa) serviu ao desafogo sentimental dos revolucionários! Enquanto na sede do comando geral revolucionário em Uberlândia se desenrolavam essas ocorrências, nos postos militares, nas trincheiras, nas fronteiras do nosso Estado com Goiás e São Paulo, a resistência mantinha seu ritmo aguerrido, até a queda do governo federal, provocada pelo levante revolucionário do Rio de Janeiro, viesse fêrir mortalmente a esperança ilusória dos legalistas em armas.*²⁵¹

A referência à morte de João Pessoa aparece na narrativa de Tito Teixeira antecipando o anúncio da vitória do movimento. Legitimado mais uma vez o movimento, o autor pode anunciar a vitória. O primeiro anúncio da vitória, “primeiros sinais de bandeira hasteada pela trincheira inimiga”²⁵² é dado no dia 23 de outubro, através da publicação de um despacho do Comando de Uberaba sobre o pedido de trégua das forças paulistas que combatiam na Ponte do Delta²⁵³. O autor volta então ao relato militar, a negociação com os paulistas e goianos e a tomada de Santa Rita (Ituiutaba-GO) “reduto do caiaçismo”.

2.4 - Sujeitos “revolucionários”

Do complô ao movimento armado propriamente, Tito Teixeira enumera a participação de uma série de sujeitos: os “políticos”; o “povo”; os comandantes, civil e militar; os voluntários; entidades de classe; a participação feminina e algumas indivíduos de Uberlândia. Neste conjunto, porém, os sujeitos “revolucionários” privilegiados pelo autor, são o “povo” e os “políticos”. A atuação dos políticos se dá no âmbito da liderança do movimento, seja no primeiro momento através da conspiração, ou no movimento armado propriamente através do seu papel de direção do povo, que é o grande sujeito “revolucionário”.

O uso do sujeito “povo” para legitimar um determinado pleito ou intenção, é algo recorrente; mesmo se tratando de um sujeito coletivo presente no termo “povo”: “não possui um sentido unívoco, não tendo um significado homogêneo em todos os

²⁵¹ Idem. p 322.

²⁵² Idem, ibidem.

²⁵³ “A polícia paulista pede tregua”, In: D. R., n.º 15, 23/10/1930, apud TEIXEIRA, pp. 322 e 323.

tempos e espaços; muitas vezes, na prática política, pode-se pensar que o povo é quase uma abstração...²⁵⁴. Quase nunca empregada por aqueles que supostamente designa, a palavra povo, em consequência o sujeito histórico que denomina, está quase sempre relacionada com outrem em nome de quem se fala. Por isso mesmo talvez seja a preferida pelos políticos que tomam a expressão por uma coletividade homogênea, sendo comum encontrarmos sinônimos tais como: massa, massa popular ou multidão. No caso específico do movimento de 1930, conforme Vavy Pacheco Borges: “Os sujeitos históricos genericamente designados como militares e políticos, procuram permanentemente, no jogo político, a parceria do povo; procuram sempre se identificar com o povo para, por ele, poder falar”²⁵⁵.

O sujeito povo vai sendo definido aos poucos por Tito Teixeira. Enquanto sujeito “revolucionário”, o povo aparecerá, na maioria das vezes, adjetivado, trata-se, como já dissemos, de “um povo escravizado por um governo prepotente”. A definição construída pelo autor firma-se pela contraposição, “povo escravizado” *versus* “governo prepotente”. Por analogia, o povo aparece como o único sujeito capaz de restituir a liberdade à Nação, que se encontra nas mãos de um “governo prepotente”, mesmo que, para isso, tenha que fazer uso de algo que não lhe é habitual: as armas. Portanto, um povo avesso às lutas armadas, mas que, em defesa de seus direitos usurpados por tiranos, não hesita em rebelar-se: “um povo que fez-se soldado”²⁵⁶. Esta passagem de “povo escravizado” para “povo que fez-se soldado” dá à “Revolução” um caráter pedagógico:

*O Brasil já não é um país de eunucos, de desfibrados morais, porém, um povo consciente de seu destino, um povo em marcha para a conquista de si mesmo, para a afirmação de sua personalidade. O Brasil já possui filhos que sabem QUERER*²⁵⁷.

Mas o que significa deixar de ser “eunuco” para se tornar “consciente de seu destino”, para afirmar sua personalidade? Se a “Revolução” é uma “reivindicação armada, de todos os nossos direitos de cidadãos livres dentro do país republicano”²⁵⁸, um “movimento de reivindicação republicano”, afirmar sua personalidade significa

²⁵⁴ BORGES, Vavy Pacheco, *Tenentismo e a Revolução Brasileira*. Op. Cit., pp. 119/120

²⁵⁵ Idem, pp. 119/120

²⁵⁶ “Cidadãos de Uberlândia”, In: *D. R.* n° 14, 22/10/30, apud TEIXEIRA, p. 314.

²⁵⁷ “Entusiástico espetáculo de civismo”, In: *D. R.* n° 09, 17/10/30, apud TEIXEIRA, p. 352.

²⁵⁸ “Batalhão Patriótico ‘Afonso Pena’”, In: *D. R.* n° 01, 09/10/30, apud TEIXEIRA, p. 297.

assumir seu papel de defensor da Pátria. O discurso “revolucionário” opera, aqui, um jogo: se a legitimidade do movimento está no povo, mas este, no geral, está aprendendo com a “Revolução” a “afirmação de sua personalidade”, faz-se necessário construir, dentro do sujeito coletivo, uma especificação capaz de garantir o caráter legítimo da “reivindicação armada”. Oferece-se, então, um exemplo edificante nesta “marcha para a conquista de si mesmo”. Trata-se do “povo mineiro”, guardião desde tempos longínquos dos princípios de liberdade, civismo e coragem:

*Os mineiros cheios de fé em Deus, no mais vivo e ardente entusiasmo, hão de saber dignificar esta terra gloriosa de Tiradentes, Felipe dos Santos, Teófilo Otoni e tantos outros que escreveram nas páginas de nossa história, as mais fulgurantes lições de civismo. Só queremos quebrar o jugo dos tiranos seguindo as lições dos nossos antepassados. Nada mais!*²⁵⁹

Parte do sujeito coletivo, portanto, já possui o caráter e a “personalidade” construídos e afirmados: temente a Deus, com tradição histórica plenamente respaldada não só conhece como já deu “lições de civismo”. Logo, apto a “quebrar o jugo dos tiranos”. O passado tomado como autoridade, credencia o “povo mineiro” para esta “reivindicação armada”, ou talvez, mais que isto, impulsiona, obriga-o a seguir as “lições dos antepassados”.

Em vários momentos da história de Minas encontramos esta recorrência à figura de Tiradentes, como imagem que concentraria em si todos os atributos do “ser mineiro”. Um exemplo disso é a formação do grupo os “Novos Inconfidentes”, em Belo Horizonte na década de sessenta, analisado por Heloísa Starling²⁶⁰.

O discurso “revolucionário” apropria-se do mito, expande-o e exige dele respostas, estas se expressam em dois níveis: num âmbito maior, apresenta-se uma aparência de adesão generalizada, “todo o povo aderiu”; no restrito, alguns homens se destacam desta massa abstrata e personificam todos aqueles atributos. São eles, particularmente, os políticos. O primeiro da lista dos novos heróis mineiros é Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, presidente de Minas Gerais. Segundo o autor, é por acreditar no grande Andrada que o Triângulo entra no movimento. Pintado em cores

²⁵⁹ “Aos goianos”, In: *D. R.* n.º 10, 18/10/30, apud TEIXEIRA, p. 319

²⁶⁰ STARLING, Heloísa M. M., *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o Golpe de 1964*. 4 ed., Petrópolis, Vozes, 1986.

vibrantes por Tito Teixeira, ele aparece já em 1927, como se viu. Antônio Carlos é assim descrito:

*O nome histórico dos ANDRADAS cobre de glórias a nacionalidade e condiz com a personalidade invulgar de Antônio Carlos que, como mestre da elegância, dominava as multidões. (...) A visita do Presidente Antônio Carlos a esta zona do Triângulo Mineiro veio reforçar a confiança do povo no ilustre chefe do executivo mineiro, cujos feitos refletiram de forma decisiva na arrancada de outubro de 1930.*²⁶¹

De novo a recorrência ao passado, que neste caso, molda, através da tradição familiar, pela história, a “personalidade invulgar” que fez surgir um “mestre da elegância”. Atributo pessoal que junto ao passado do qual Antônio Carlos é detentor, lhe confere a liderança máxima do movimento, tanto que, na passeata da vitória, sua fotografia foi conduzida, “coberta com as bandeiras de Minas e do Brasil”²⁶². Vale a pena lembrar que esta relevância dada a Antônio Carlos como grande articulador e líder do movimento, aparece também em Barbosa Lima Sobrinho e Virgílio de Melo Franco, mesmo mostrando as oscilações do Andrada, os dois autores o colocam como “mentor” da “Revolução de Trinta”, o que marcou bastante a historiografia posterior.

O cunhado Camilo Chaves, no entanto, é o personagem central da narrativa de Tito Teixeira, apresentado como o “grande chefe revolucionário” e “representante da política governamental do presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada” no Triângulo Mineiro²⁶³. Responsável pela “propaganda”, “organização defensiva” e liderança do movimento, Camilo Chaves é, para o autor, depositário da “fé e confiança de seus comandados”.

Exemplo de bravura, dado a insuficiência de armamento, “(...) teve que enfrentar a situação, com coragem e heroísmo, no coice de uma insuficiente carabina Winchester 44, até que lhe chegassem mais recursos...”²⁶⁴. Exemplo de liderança política e de preocupação com o seu povo, procura, antes de mais nada, fazer um acordo com o oponente Coronel Pirineus, comandante militar do 6º Batalhão de Caçadores da cidade de Ipameri-GO, para impedir a invasão do Triângulo Mineiro²⁶⁵. Todas estas qualidades levam o Tito Teixeira a declarar:

²⁶¹ TEIXEIRA, pp. 281/282.

²⁶² Idem, p. 326.

²⁶³ Idem, p. 280.

²⁶⁴ Idem, p. 283.

²⁶⁵ Idem, p. 286.

*na organização do movimento revolucionário nesse setor do Triângulo Mineiro, o Senador Camilo Chaves demonstrou sua capacidade exuberante de 'condottiere', levantando a alma do mineiro dessa região, imprimindo-lhe o sentimento patriótico e afetivo. Reuniu dois mil espontâneos combatentes, que, ao invés de serem procurados, vinham ao encontro do seu chefe, de armas na mão. O seu nome era exaltado pela fé e confiança dos seus comandados*²⁶⁶

O autor ressalta os atributos de Camilo Chaves como líder “revolucionário”, e portanto, como modelo a ser seguido pelos comandados, em particular no que diz respeito ao “sentimento patriótico”. Esta interpretação é corroborada pelo artigo de onde Tito Teixeira retira a referência a Camilo Chaves como um “condottiere”:

Sob o controle direto do distinto Senador Camilo Chaves, as energias triangulinas vem se concentrando a fim de no momento azado, enfrentarem com denodo aqueles que tiveram a ousadia de se interporem à marcha gloriosa. (...) o Senador Camilo Chaves, com o prestígio de seu nome, vem sendo um verdadeiro general, que ponderado e destemido, já dispõe de um voluntariado de mais dois mil homens (...) Percorrendo constantemente as cidades da zona, prestando, quando necessário, a sua assistência pessoal, (...). É a este gentil-homem, cidadão-soldado, mineiro de fibra, enfrentador de perigos desde o início da campanha, nós uberlandenses - temos a satisfação de ter como "Condottiere"²⁶⁷. (Grifos nossos)

Tanto Tito Teixeira quanto o jornal O Diário da Revolução ressaltam as qualidades de liderança do Comandante Civil do “movimento revolucionário”. No combate aos “camisas vermelhas” de Totó Caiado, o Comandante Civil está à frente da “mocidade triangulina (que) ostenta galharda no seu kaki, o lenço e faixa vermelha da guerra, trazendo à altura do coração o laço auri-verde que é a expressão eloqüente da nossa Pátria”²⁶⁸.

Não só o discurso “revolucionário” é nacionalista através da exaltação da fé patriótica, mas a simbologia usada é emblemática neste sentido: “o laço auri-verde” na altura do coração. O discurso é materializado no símbolo, se a “faixa vermelha da guerra” representa a coragem do povo em arma-se e lutar, “mesmo com o sacrifício da

²⁶⁶ Idem, p. 304.

²⁶⁷ “Um batalhador incansável”, In: D. R., 10/10/30, apud TEIXEIRA, p. 304.

²⁶⁸ “Batalhão Patriótico ‘Afonso Pena’”, In: D. R., nº 01, 09/11/30, apud TEIXEIRA, p. 297.

própria vida”, e se este teve que usar do recurso das armas, é porque falou mais alto o coração patriótico, o amor pela pátria vilipendiada por um “governo prepotente”.

Além do Comandante Civil, várias pessoas são mencionadas por Tito Teixeira ao longo de sua narrativa. No âmbito dos moradores de Uberlândia, Mário Magalhães Porto será, entre estas, o que recebe maior destaque; bacharel em Direito, professor de História Geral e Diretor do Ginásio Mineiro de Uberabinha (Quartel General da “Revolução”), é ressaltado, particularmente, por sua eloquência e capacidade de entusiasmar a “massa popular” com seus “discursos inflamados”²⁶⁹:

*(...) que dava(m) aos voluntários de Uberlândia o estímulo e o entusiasmo, jorrados em abundância de palavras. Aquela figura de Mário Porto, apóstolo da mocidade, tornou-se indispensável naqueles momentos de vibração nacional. Quando a massa popular se postava em frente ao Q.G. revolucionário, só se ouvia a voz destacada da mesma, rouca de esperança por ouvir o apóstolo... “Mário Porto ... Mário Porto!...”. E quando esse ídolo da mocidade assomava à sacada do prédio, o barulho era ensurdecedor, com aclamações estridentes, parecendo o desabar do prédio*²⁷⁰.

Mário Porto não combateu na fronteira, sua função, pelo que se depreende da narrativa de Tito Teixeira, é “influenciar” as manifestações de apoio da “mocidade” (provavelmente adolescentes que não puderam se alistar dado a idade) ao movimento “revolucionário” na cidade. O que leva Tito Teixeira a chamá-lo de “ídolo da mocidade” é que, ele era sempre, segundo o autor, conclamado pela população a fazer uso da palavra, como por exemplo na comemoração da vitória:

*Foi então que o povo insistiu pela palavra do Doutor Mário Porto, Reitor do Ginásio local. De uma das janelas do Comando Geral, começou a falar o doutor Mário Porto, sob as palmas da numerosa assistência. O orador saudou o Brasil livre; (...) João Pessoa o mártir desta campanha gloriosa; o centro representado por Minas Gerais, cujo povo guarda tradições de honra da nacionalidade; o extremo sul (...) Terminando seu discurso, o povo entusiasmado carregou nos braços o Dr. Mário Porto, entre aclamações delirantes*²⁷¹.

Antônio Ramos Caiado, Totó Caiado, é membro de uma das mais importantes famílias goianas que manteve-se no poder em Goiás por todo o período da chamada “Primeira República”. Totó Caiado foi representante de Goiás no âmbito federal de 1909 a 1930, na Câmara e no Senado. Em 1930, enquanto Senador da República, manteve-se fiel ao governo de Washington Luis.

²⁶⁹ TEIXEIRA, pp. 375 a 377, volume 02.

²⁷⁰ TEIXEIRA, p. 295.

²⁷¹ TEIXEIRA, p. 326.

Com relação a sua própria participação no movimento, o papel de maior destaque que o autor atribui a si mesmo é o fato de ser assistente do Comandante Civil e servir de “apara-choques dos interesses militares com a incompreensão dos civis menos orientados, evitando descontentamentos chocantes”²⁷². No que diz respeito ao movimento de 1930, esta atuação é descrita no episódio envolvendo o Agente Executivo e o telegrafista, onde Tito Teixeira atribui à sua intervenção o fato de Otávio Rodrigues da Cunha (oposicionista dos revolucionários) permanecer no cargo administrativo durante o movimento, conforme se verá mais adiante.

Além de sua viagem de inspeção das linhas telefônicas e alguns pequenos serviços em que não especifica seu nome, ele refere-se a si mesmo como o Capitão Assistente do Comando Geral, sua participação aparece com a transcrição de alguns documentos sua nomeação em Capitão da Forças Revolucionárias pelo Major Persilva, sua nomeação em Capitão Assistente do Comando Geral por Camilo Chaves, documentos atestando que “prestou serviços”²⁷³. Tito Teixeira não combateu na fronteira, pois apenas em uma passagem relata uma missão à Ponte Afonso Pena para levar munição.

A participação de alguns outros sujeitos pode ser pinçada da narrativa: as mulheres e algumas entidades e clubes de serviço. A primeira referência que o autor faz à participação feminina é no momento de organização do Comando Geral de Uberlândia, quando se refere à formação do Batalhão Feminino João Pessoa. Segundo Jane F. Rodrigues: “A idéia da criação do Batalhão Feminino ‘João Pessoa’, partiu da capital de Minas, através de Elvira Komel que, em 5/10/1930, lança um manifesto intitulado ‘À mulher mineira’, apelando para o espírito cívico que a mulher *deveria* ter em um momento tão difícil da política nacional.”²⁷⁴.

O manifesto de Elvira Komel, que circula em forma de panfleto, tem um forte apelo ao civismo e ao passado de lutas dos mineiros, bem como busca acentuar a participação feminina nos momentos em que estão em perigo Minas e a Pátria:

Em todos os movimentos em que esteve empenhada a honra do Glorioso Estado de Minas, teve a mulher mineira um papel que a imortaliza, que a eleva aos cumes mais altos da dignidade feminina.

²⁷² TEIXEIRA, Tito. Carta Aberta..., Op. Cit., p. 05.

²⁷³ TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros..., Op. Cit., p. 350.

²⁷⁴ RODRIGUES Jane de Fátima, Perfis femininos: simbologia e representação na sociedade uberlandense: 1920-1958, São Paulo, USP, Doutorado, 1995. P. 105.

Minas atravessa, nesta grave hora de reconquista da liberdade, um momento decisivo de sua história(...)

Está empenhada a honra de um povo, que nunca se abateu, que nunca titubeou em dar a própria vida pela Pátria unida e livre. A mulher mineira, neste doloroso transe, não abandonará as suas tradições e apoiará como manda o seu civismo, a santa causa da revolução.

Precisa, portanto, ativar-se nesta luta, encorajando os ânimos, comparecendo a todas as manifestações, a todas as sessões cívicas, mostrando com a sua presença, que ainda conserva a herança de altivez - padrão de glória dos seus antepassados.²⁷⁵

Fica bem claro qual é a maior atribuição feminina: encorajar os ânimos, dando apoio moral. Outro aspecto do trecho acima é a personificação da mulher em “mulher mineira”; a adjetivação chama para si toda a tradição do Estado. Se Minas tem a tradição de lutar pela liberdade, a mulher tem o papel de responder com o devido apoio moral, à “missão histórica do Estado” de luta pela liberdade da Pátria²⁷⁶. As mulheres uberlandenses respondem ao chamado, pois em seguida circula um boletim informando a criação do Batalhão Feminino

O convite é extensivo a todas as classes, sem distinção, destinado a oferecer apoio material e moral aos soldados combatentes e suas famílias, empenhados na luta pela grande e sagrada causa nacional, creio, ninguém se esquivará de dar valioso concurso.²⁷⁷

As comissões formadas pelo Batalhão Feminino João Pessoa são: de informações, de amparo às famílias combatentes, de confecção de roupas, lençóis e peças de vestuário, de proteção à indigência, para angariar donativos e da Cruz Vermelha. Portanto, além do apoio moral, às mulheres cabia também o apoio material, confeccionando fardas, angariando alimentos e cuidando dos feridos. A presença feminina cumpria, segundo o autor, com o papel a que fora chamada: “Na sala de estar do Q.G., reuniam as senhoras dando ao ambiente aspecto familiar e de solidariedade à causa de interesse geral”²⁷⁸.

²⁷⁵ Panfleto, “À mulher mineira”, apud TEIXEIRA, pp. 290 e 291.

²⁷⁶ Cabe-nos ressaltar que Minas Gerais, assim como o Estado de São Paulo, aparecem como um sujeito construído à semelhança do sujeito “nação”, as diferenças entre as diversas regiões do Estado são esquecidas, bem como os de interesses de classes. A mineiridade é exaltada como sinônimo de coragem, luta pela liberdade, pela ordem e pela tradição. Cf. BORGES, Vavy Pacheco, Tenentismo e a Revolução Brasileira. Op. Cit., p. 111.

²⁷⁷ Boletim “B- F- J- P”, apud TEIXEIRA, p. 291.

²⁷⁸ TEIXEIRA, p. 297.

Elas aparecem em alguns outros momentos, na confecção de um pavilhão de guerra para a faixa do prédio do Comando Geral, ou ainda na participação das normalistas:

*Em quase todas as manifestações revolucionárias na cidade, encontramos as normalistas empunhando a bandeira vermelha da revolução, garridamente trajadas, realçando com sua presença o brilho dos cortejos. Em mais de uma centena de brasileiros - mineiros na sua maioria - se vêem na firmeza dos cantos entoados (...) concretizados todos os dotes alevantados e o patriotismo da mulher montanhesa. Salve pois as normalistas uberlandenses(...)*²⁷⁹.

A presença feminina na narrativa de Tito Teixeira, vai além do papel de realçar “o brilho dos cortejos”. Sua participação é evocada no sentido de impulsionar, estimular os homens para o combate. Neste sentido, o discurso “revolucionário” em torno da participação feminina será sempre de atribuir-lhe a capacidade de concentrar as qualidades da “tradição mineira”. Se lhes falta a força física, sobra-lhes coragem, patriotismo, civismo e tradição:

Nesta fase agitada da nossa existência política a cooperação incansável da mulher escreve uma das páginas de maior refulgência, endossa o otimismo salutar e construtor dos que contrariando os derrotista inveterados e os sociólogos, superficiais, reafirmam, sempre, a crença nas reservas morais de nossa raça. Ao lado dos que deram sinal de combate pela salvação dos nossos créditos de nação livre e civilizada a sua imagem, confortadora como um emblema de sadias esperanças, concita os brios populares a baterem-se pela cruzada santa de emancipação pública. (...)

*Ainda é o sublime consolo da mulher a maior a mais salutar recompensa que possa ter, no eu subjetivo, a plêiade valorosa de lutadores, que o consolo material de há muito já se vinha fazendo sentir com a valiosa cooperação de todos bem sabida*²⁸⁰.

Enquanto guardião do patriotismo e das tradições, o discurso “revolucionário” (do sexo masculino) cria uma imagem curiosa para as mulheres, transformando-as em “emblema de sadias esperanças” que “concita os brios (masculinos) populares a

²⁷⁹ “A escola Normal na Campanha”, In: D.R., n.º 03, 11/10/30, apud TEIXEIRA, p. 309.

²⁸⁰ “A Mulher Mineira e a Pátria Brasileira”, In: D.R., n.º 22, 31/10/30, apud TEIXEIRA, pp. 333 e 334.

baterem-se pela cruzada santa da emancipação pública”.²⁸¹ A participação feminina não se dá, portanto, em situação de igualdade política com os “revolucionários” do sexo masculino, mas dentro de uma construção do que seja o papel feminino, em particular, se atentarmos para o fato de que, para corroborar esta construção, o discurso “revolucionário” apropria-se de metáforas religiosas que usam a imagem da mulher como “santa”, “pura” e “combatente do mal”. A justificativa da necessidade do apoio feminino, portanto, não é apenas material, ou tão somente moral, ela aparece no discurso, acima de tudo, como espiritual. Não se trata somente de uma “reivindicação armada”, mas de uma “cruzada santa”. Ou ainda,

*A mulher brasileira é inegavelmente o símbolo de Joana D’Arc, onde quer que ela esteja, no lar, na escola dirigindo a formação moral e intelectual da mocidade, na luta pela vida - ombro a ombro com seu pai ou seu esposo, na consolação dos aflitos ou desprotegidos da sorte, enfim, na guerra em defesa da integridade moral ou material de sua Pátria, ela se apresenta como verdadeira heroína, aquela que não conhece obstáculo no cumprimento de seus deveres, para com a sociedade, a família ou a sua Pátria!*²⁸²

A recorrência à imagem de Joana D’Arc é ilustrativa do papel que se atribui às mulheres. Não se fala da mulher-soldado, não se trata de estimular a sua participação no

²⁸¹ A historiadora Jane Rodrigues apresenta uma leitura desse discurso que contrasta com a nossa. A autora assume a participação feminina como de grande importância para o “movimento revolucionário” e conclui, num trecho de forte apelo emocional, que:

As árduas tarefas desempenhadas pela mulher uberlandense, durante os agitados dias dos meses de outubro e novembro de 1930, foram uma pequena demonstração de civismo, em face do que estava por vir. O contraste percebido nas ruas, entre os rumores de botas, uniformes e fuzis e o farfalhar das longas saias, o pisar dos saltos altos, batons e rendas colocava os dois sexos em luta por uma causa maior. No entanto, as lágrimas contidas ou derramadas solitariamente, no momento em que entes queridos partiam para a linha de batalha; os longos abraços nos momentos de despedidas, com certeza romperam as barreiras do sexo.

Teriam as inúmeras passeatas realizadas nas vias públicas da cidade, os discursos pronunciados por homens e mulheres, a arregimentação de forças em todos os níveis, contribuído para amenizar as desigualdades entre os sexos? Podemos afirmar, sem margem de erro, que na mulher a consciência de sua cidadania foi despertada. RODRIGUES, Jane, *op.cit.*, pp. 111 e 112.

A autora nos parece um tanto entusiasmada com a participação feminina no “movimento revolucionário”, talvez por ter encontrado em poucos momentos da história política da cidade tal participação. Isso faz com que ela superestime tanto a participação geral no movimento, quanto a participação feminina. Em que pese a intenção de resgatar a participação feminina, às vezes um tanto romantizada, a leitura de Jane Rodrigues contrasta com a documentação que pesquisamos. Não negamos a existência das passeatas, nem tão pouco a atuação do Batalhão Feminino, mas estas parecem-nos restritas ao âmbito daquilo que se construiu como sendo o papel feminino.

²⁸² “A mulher mineira e a pátria brasileira”, In: *D. R.*, nº 22, 31/10/30, apud TEIXEIRA, p. 339.

front. As mulheres não combatem nas fronteiras, não pegam em armas, não estão organizadas politicamente enquanto grupo²⁸³. Como Joana D'Arc a mulher enfrenta uma luta, mas está é travada a partir do lar, no incentivo moral e espiritual aos homens. É a divisão sexual de papéis explicitada de maneira singular, à mulher, imagem de Maria mãe de Jesus ou de Joana D'Arc, cabe consolar os aflitos e desafortunados, dar apoio moral e estímulo espiritual.

Não podemos dizer que a recorrência à religiosidade seja uma característica apenas mineira, ou um elemento da "mineiridade", mas os "revolucionários" mineiros fizeram uso abundante das imagens religiosas. Como já observado em artigo anterior sobre o discurso "revolucionário":

Assim como a família, a religião tem um papel na educação moral dos princípios e crenças que são constantemente utilizados. A submissão, disciplina, humildade, o trabalho são virtudes que "Deus" prega. O bom fiel, o bom filho, o bom cidadão são agora o mesmo fio, o mesmo pêndulo. No jogo maniqueista do jogo político, luzes e trevas estão no combate sem descanso. Portanto, termos como "cruzada santa" trafegam com fluidez neste léxico "revolucionário". É preciso salvar almas do satânico inimigo. A fé em Deus e na pátria assegura aos "revolucionários" a vitória nessa luta do bem contra o mal²⁸⁴.

Defender a pátria equívale defender a família e a sociedade. A recorrência à família sempre que se fala da mulher é grande e facilmente compreensível²⁸⁵. A mulher

²⁸³ Segundo Bundy, "há dados sobre mais um batalhão que teria seguido para Uberlândia durante a Revolução de 30. Era o batalhão goiano constituído por gente muito humilde e por jagunços. Seu comandante era uma mulher, Santa Dica, que teria poderes milagrosos, aos quais devia sua liderança. Este grupo ficou aquartelado na parte velha da cidade e chegou a ser conhecido como o 'Batalhão Pé-de-Palha' (Pé-de-Páia), pois seus integrantes amarravam uma palha na perna direita a fim de identificar o pé direito na hora de acertar o passo." (pp. 117/118)

A autora chega a este batalhão através do relatos orais, mas segundo ela há nestes uma certa confusão sobre as datas, se se trata de 1930 ou de 1932. O que se sabe ao certo sobre Santa Dica é que forma seu batalhão em 1926 e há referências (não comprovadas) de que ela chega a eleger-se deputada na década de 40.

²⁸⁴ FREITAS, Eliane M., *Op. Cit.*, p. 197.

Conforme mostra Heloisa Starling, que em 1964 para além da utilização do discurso religioso, houve uma participação efetiva da Igreja Católica. Ver:

STARLING, Heloisa. *Op. Cit.*

²⁸⁵ Conforme Alcir Lenharo,

Para Reich, a família - "microcosmos do Estado autoritário", "célula reacionária central" - atua especialmente como sua fábrica ideológica e sua estruturação. A família opera com a energia sexual dos filhos para lhes impor as normas sociais e canalizá-la para os rumos de sua manutenção. Incute a propensão para o esforço e para o trabalho. (...) cultiva a honra, o dever, a docilidade não crítica, a subserviência à autoridade. LENHARO, Alcir, A sacralização da política. Campinas, Papirus, 1986, p. 45.

é chamada a assumir seu papel de mãe e ser exemplo para os esposos e filhos, no que concerne à honra e ao dever patriótico.

Tito Teixeira destaca, no âmbito militar, a figura do Major José Persilva, oficial do 5º Batalhão da Força Pública do Estado de Minas Gerais e Comandante militar do setor de Uberlândia. Persilva é assim descrito:

*Militar honrado e consciencioso, o Capitão Persilva impressiona, sobretudo pela integral consciência que possui, de seus deveres. Patriota ardente ele é um admirável animador. A sua palavra de militar afeita a dirigir soldados, tem sido ouvida pelo nosso povo*²⁸⁶.

Os atributos de Persilva, promovido a Major durante o movimento, estão intimamente ligados à disciplina militar. E é como tal que receberá a comparação com “os heróis de Verdun”. O discurso “revolucionário”, produzido e recuperado por Tito Teixeira é de grande riqueza de imagens; à imagem de Camilo Chaves, Comandante Civil do movimento, como “condottiere”, soma-se aquela atribuída ao Comandante Militar:

Desde o rompimento das hostilidades, no setor do Triângulo Mineiro, uma figura varonil de Militar, se tem imposto à admiração da gente montanhesa.

*O Comandante Persilva é bem aquele soldado admirável feito nos campos de batalha, que em instante grave da vida de Uberlândia, exclamou: Mesmo sozinho, eu seguirei para a frente! Em suas artérias parece circular o sangue dos heróis de Verdun, que ante a investida alemã, exclamava animosos: aqui não se passa on ne passe pas!*²⁸⁷.

As qualidades de Persilva não podem ser mais significativas: “figura varonil de Militar”. O termo “varonil” tem um papel bem definido no imaginário popular, ele representa força, coragem altivez, entre outros. O tom grandiloquente da comparação com o episódio da I Guerra Mundial atribui a ele e à atuação dos “revolucionários” o papel de grandes feitos, de duas grandes epopéias. Aliás, conforme se verá adiante, inúmeras vezes o discurso “revolucionário” atribui ao movimento a dimensão de uma epopéia. A Batalha de Verdun assume, na simbologia beligerante, o exemplo de heroísmo e patriotismo. Conforme Gérard Vincent:

Os combatentes passaram por todos os suplícios: a fome, a sede (chovia muito, mas o cadáveres boiavam nos buracos de obuses

²⁸⁶ “Capitão Persilva”, In: *D. R.*, nº 31, 11/11/30, apud TEIXEIRA, p. 308.

²⁸⁷ *Idem*, p. 315.

*cheios de água), o frio, a neve, a chuva, a falta de sono (...). A incrível resistência dos franceses em Verdun não se deve a um Estado-Maior medíocre: ela é a honra do combatente, do civil mobilizado. A ética da convicção e a ética da responsabilidade, ao menos uma vez reunidas, convencem cada soldado de que a sorte da guerra depende de sua coragem*²⁸⁸.

Ou ainda:

*(...) Conhecia apenas um lema: “resistir”. Cada unidade tinha a convicção de que o desfecho da batalha podia depender exclusivamente dela. Nunca tantos homens, e todos juntos, se sentiram assim inspirados por tal certeza*²⁸⁹.

A imagem é poderosa. Além da coragem e heroísmo que se quer atribuir ao Comandante e por transferência simbólica, aos comandados, outro aspecto pode ser ressaltado: a construção simbólica não é algo que se impõe à realidade, mas algo que se retira da realidade e se potencializa, dando vida própria e força explicativa.

Logo outra relação pode ser feita com o artigo sobre Persilva, pois em Verdun:

*(...) todos os combatentes são movidos por uma ética do nacionalismo exacerbada pela perda da Alsácia e da Lorena. O ‘boche’ (alemão) é o inimigo atávico, o predador de nossas duas províncias, o invasor*²⁹⁰.

Os “inimigos predadores”, no caso do Triângulo Mineiro, são os Estados vizinhos, mais particularmente os partidários de Washington Luis em São Paulo que, segundo Camilo Chaves, tinham a pretensão de ocupar o Triângulo e instaurar um governo interventor para Minas Gerais²⁹¹.

Chamou-nos a atenção o fato de Tito Teixeira organizar sua narrativa inicialmente na forma de um relato militar e, no entanto, os militares aparecem pouco. Pode se concluir que esta relevância, dada aos aspectos militares do movimento, não diz respeito à atuação dos militares como principais sujeitos “revolucionários”, mas está ligada à tentativa de ressaltar a importância da região do Triângulo Mineiro para o movimento nacional. A narrativa do autor centra-se na figura dos civis, e é uma apologia à atuação civil, seja na organização do movimento, seja nos combates através dos batalhões patrióticos. Essa interpretação parece corroborada pelo fato de Persilva

²⁸⁸ VINCENT, Gérard, “Uma história do segredo?”, In: Prost, A. & VINCENT, G. (Org.) História da Vida Privada n° 5, São Paulo, Companhia das Letras, 1992. P. 205.

²⁸⁹ M. Ferro, apud VINCENT, Op. Cit., pp. 205 e 206.

²⁹⁰ VINCENT, Op. Cit., pp. 208.

²⁹¹ Ver nota n° 221.

ser o único militar destacado pelo autor. A leitura que Tito Teixeira faz da “Revolução de Trinta”, portanto, não é sob a ótica de um movimento militar ou tenentista. O autor não comunga com a vertente da historiografia brasileira inaugurada pelo livro O sentido do tenentismo, de Virgílio Santa Rosa²⁹², pois para este autor, com a reestruturação da sociedade e o crescimento da pequena burguesia, ela estava sendo acuada pela oligarquia agro-exportadora e detentora do poder político. Formada “exclusivamente pelas classes médias urbanas, o operário das fábricas e os párias quase inconscientes do campo”, a pequena burguesia sem consciência de classe, precisava de um catalisador das agitações sociais, e este papel será exercido, então, pelos militares, que, a partir de 30 têm sua presença definitivamente marcada no cenário nacional²⁹³. Assim, segundo ele:

*vitoriosa a Revolução de 1930, abriram-se grandes brechas no quadro social brasileiro. Desfeita a velha moldura constitucional, as novas camadas das nossas populações irromperam, pouco a pouco, na vida partidária nacional.(...) disso resulta que o tenentismo se torne a única força capaz de mudar o panorama nacional*²⁹⁴.

Esta interpretação dá base para a maioria das interpretações posteriores, no entanto, não é a única interpretação feita imediatamente após o movimento. Outros autores, como Virgílio de Melo Franco e Barbosa Lima Sobrinho, buscam negar esse papel dos militares e, ao nosso ver, a interpretação de Tito Teixeira aproxima-se mais destes autores. Uma das principais preocupações do mineiro Virgílio de Melo Franco, em Outubro, 1930, é desvincular a imagem do movimento armado de trinta de um movimento militar, reforçando seu caráter de movimento civil que partiu de “políticos honrados e cômicos de seus deveres”, que só apelaram para “o recurso extremo” devido à intolerância e violência do então presidente da República, Washington Luís. Para o autor foi o desrespeito de Washington Luís ao compromisso com Minas, de fazer seu sucessor um mineiro, que desencadeou todo o processo que levaria à sua deposição. Melo Franco faz uma retrospectiva do que teria sido a história republicana brasileira até então e, minuciosamente, vai mostrando que o Brasil é acima de tudo um “país civilista”: “a evidente tendência civilista do povo brasileiro, que tem as suas raízes no

²⁹² SANTA ROSA, Virgílio, O sentido do tenentismo. 3ª ed., São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976.

²⁹³ Idem, p. 27

²⁹⁴ Idem, p. 53

longo reinado pedagógico do Imperador, nunca cedeu terreno à caudilhagem militarista, tão dos moldes sul-americanos”²⁹⁵.

2.5 - Cotidiano e a “Revolução”

Existe um aspecto subjacente à narrativa de Tito Teixeira sobre a “Revolução de Trinta”, que gostaríamos de tratar neste momento: o cotidiano da cidade e a “Revolução”. Segundo Agnes Heller, “a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, (...). Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade”²⁹⁶. Isto nos parece válido também para a vida da cidade, não que esta seja um ente com vida própria e independente, mas um conjunto de diversas atividades executadas pelo conjunto pessoas que nela habita. Assim, a vida cotidiana da cidade seria a composição da cotidianidade de seus habitantes.

E esta cotidianidade no que se refere à cidade Uberlândia, foi muito afetada durante o “movimento revolucionário”. Afinal, a cidade, “transformada em quartel general de um dos setores revolucionários”, durante os vinte e um dias do movimento viveu sob o código militar, com controle de preços, com necessidade de “salvo conduto” para se deslocar²⁹⁷.

O Comando impõe à sociedade ordens e códigos militares, como demonstram os primeiros editais expedidos:

AVISO

Fica terminantemente proibido qualquer comentário sobre atos emanados do Comando Geral ou do Governador Militar sob pena de ser punido severamente o infrator deste aviso. (grifos nossos)

EDITAL

Intima a todas as pessoas que possuírem armas e munições de guerra:

1o. - A fazer a entrega das mesmas (...)

3o. - O não cumprimento dessa intimação acarretará penas para o infrator de acordo com o código penal militar

²⁹⁵ FRANCO, Virgílio A. de Melo. Outubro, 1930. 5ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. P. 01.

²⁹⁶ HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 4 ed., São Paulo, Paz e Terra, 1992. P. 17.

²⁹⁷ “Notas”, In: D. R., nº 19, 28/10/30, apud TEIXEIRA, p. 301.

4o. - A autoridade militar já está de posse de uma relação das pessoas que possuem armas e munições(...) (grifos nossos)

EDITAL

Chegando ao seu conhecimento que alguns negociantes desta praça, servindo-se do momento em que batalhamos para o bem do próprio povo, estão aumentando o preço dos gêneros de primeira necessidade, resolve declarar para ciência de todos os interessados que a tabela de preços de ser a mesma vigorada até 3 do corrente. (...) este abuso é inominável. Saibam pois todos os negociantes e vendeiros que punirá incontinentemente aquele que exorbitar nos preços de gêneros alimentícios, contrariando os termos deste Edital.²⁹⁸ (grifos nossos)

Os editais nos oferecem imagens que contradizem àquelas construídas por Tito Teixeira ao mostrar, também, seu caráter repressor. Censuram-se “comentários sobre os atos do Comando”, ameaçando com punições severas, bem como a alteração de preços, também poderá sofrer punições previstas no “código penal militar”. O que leva o discurso “revolucionário” a tentar amenizar o máximo possível o impacto das atividades do “movimento revolucionário” sobre a cidade:

(...) Nenhum incidente de vulto tivemos de registrar, para gáudio dos mais pacatos chefes de família. Nem tampouco nos foi dado presenciar cenas de pânico tão da índole de gente de localidades idênticas à nossa, em se tratando de boatos, movimentação de tropas armadas, etc.²⁹⁹

Mas as alterações não se percebem apenas no pânico ou em “incidentes de vulto”. Tito Teixeira, ao rememorar o movimento buscando enfatizar o clima de adesão, descreve eventos sociais, homenagens aos combatentes, homenagens póstumas a João Pessoa, passeatas, que davam à cidade um clima festivo. Alguns destes momentos mais significativos estão na entrega do “Pavilhão de Guerra” ao comandante militar e a passeata do grupo escolar, assim descritas:

Uberlândia viveu ontem à noite um desses instantes em que a alma da multidão vibra desesperadamente na explosão incontida do sagrado amor à Pátria.(...) (algumas senhoritas) que fazendo-se acompanhar da mocidade ardorosa (...) e de uma corporação musical, foram à sede da Comando Geral (...) oferecer ao Capitão Persilva o Pavilhão de Guerra para a fachada do prédio³⁰⁰.

²⁹⁸ Apud TEIXEIRA, *Op. Cit.*, pp. 287 a 289..

²⁹⁹ Idem, pp. 301/302.

³⁰⁰ D. R., nº 02, 10/10/30, apud TEIXEIRA, p. 305.

Segundo a nota do jornal, depois de alguns oradores usarem a palavra realizou-se “uma bonita passeata”. A passeata do Grupo Escolar contou com entoação do Hino Nacional, Hino “João Pessoa” acompanhados de banda de música. A dramatização em torno da causa, de seus objetivos e de suas diretrizes, serve para forjar uma impressão de unanimidade de ideais. Sua força simbólica interna é de grande relevância; no que diz respeito à cidade, poderá ter servido de válvula de escape para as tensões que “a movimentação de tropas” gera no cotidiano alterado dela.

Na atuação de entidades sociais, particularmente, através da promoção de obras assistencialistas, percebe-se o impacto do movimento na classe trabalhadora. É o caso, por exemplo, da referência à Loja Maçônica:

Causou boa impressão o gesto da Loja Maçônica, desta cidade, que, no intuito de amparar a pobreza, no momento que passa, resolveu angariar donativos. Realmente na hora atual, fazia-se necessário não esquecer daqueles cujo pão quotidiano é ganho numa luta de trabalho intenso.

*E para evitar que mais tarde se realizassem alguns fatos desagradáveis, por parte da pobreza faminta, tomou a Loja Maçônica a iniciativa de fornecer alimentos aos necessitados. Tal atitude deixou a cidade confiante de que sua vida serena, não seria perturbada pelo desespero daqueles que, para não morrerem de fome seriam capazes de tudo praticar.*³⁰¹

Quando o autor se refere ao “povo” ou às “massas populares”, o faz de forma homogênea, sem distinguir classes sociais. O discurso em torno da adesão ao movimento é nivelador, trabalhadores e elites não podem ser identificados a não ser em referências como esta ao assistencialismo. No entanto, mesmo nestes casos a narrativa não nos permite perceber como o “movimento revolucionário” afetou a classe trabalhadora³⁰². O autor faz referência apenas à iniciativa como uma forma de “evitar alguns fatos desagradáveis por parte da pobreza faminta”. De certa forma, esta observação nos leva a pensar que o movimento afetou o mundo da produção, possivelmente algumas oficinas foram fechadas e aqueles que não se alistaram como “voluntários” não tinham de onde tirar o “pão quotidiano (que) é ganho numa luta de trabalho intenso”. Segundo O Diário da Revolução, “cerca de 2.000 pessoas estavam

³⁰¹ TEIXEIRA, p. 311.

³⁰² Como não existiam indústrias de grande porte neste período, podemos dizer que a classe trabalhadora era composta por trabalhadores rurais, pequenos agricultores, funcionários públicos, trabalhadores de pequenas oficinas, marceneiros, trabalhadores do comércio, professores entre outros.

recebendo víveres, assistência médica e medicamentos³⁰³. Infelizmente não temos o contingente da população de Uberlândia na década de trinta, mas se levarmos em conta que a em 1910 a população da cidade era de 20.000 habitantes e que esta tem seu crescimento populacional mais significativo na década de cinquenta, contando em 1962 com 120.000 habitantes, o número de pessoas atendidas pelas entidades assistenciais em trinta parece relevante.

A situação dos trabalhadores fica mais explícita na carta que o Comandante Civil de Araguari, Philadelpho de Lima, manda a Camilo Chaves:

*(...) o fechamento das oficinas e estabelecimentos industriais da cidade, durante os dias da campanha, tem produzido grande numero de desocupados, os quais, para conseguirem o sustento próprio e de seus familiares, atualmente sem meios de subsistência, tem procurado alistar-se como voluntários.*³⁰⁴

Tito Teixeira, como já dissemos, não faz referência a acontecimentos deste gênero em Uberlândia. Outras entidades citadas pelo autor são a Sociedade São Vicente de Paula e a Sociedade Espírita Luz e Caridade (cuja atuação normalmente estava voltada para a assistência aos pobres), durante o período “revolucionário” voltam-se também para a assistência às tropas que estão em combate, com campanha de alimentos e agasalhos³⁰⁵.

Por fim, esta alteração do cotidiano pode ser percebida também na comemoração da vitória do movimento, que é apresentada em dois momentos distintos: um, no âmbito da cidade (os festejos que o “povo uberlandense” promoveu) e outro, quando descreve a tomada de Santa Rita. A descrição da tomada desta cidade goiana é feita de tal forma que mais parece uma comemoração de vitória por parte de seus habitantes do que uma intervenção do Comando Uberlandense na praça inimiga. No que diz respeito à Uberlândia, numa passagem de rara beleza literária em sua narrativa, Tito Teixeira descreve como a cidade recebeu o anúncio da vitória:

A cidade amanheceu calma. O dia era claro. As ruas permaneciam sem movimento. Havia como que uma serena expectativa. Raras pessoas, nas primeiras horas do dia, percorriam os logradouros públicos. Aliás, quem observou a alma da cidade, nos dias inquietos que atravessamos haveria de notar certo ritmo de emoção coletiva. Momentos houve que toda

³⁰³ “A Maçonaria e o Movimento Revolucionário”, In: *D. R.*, nº 17, 251/10/30, apud TEIXEIRA, p. 312.

³⁰⁴ Carta de Philadelpho de Lima (comando de Araguari), para Senador Camilo Chaves. Araguari, 12-10-1930. “Acervo Tito Teixeira” - Centro de Documentação e Pesquisa em História - UFU

³⁰⁵ TEIXEIRA, pp. 313 a 315.

Uberlândia fremia de entusiasmo. Em outras horas, o povo como que emudecia e esperava os minutos que se seguiriam, fatalmente, de vibração ruidosa. A cidade sofria, de tempos em tempos, uma relativa fadiga. E o povo se recolhia um pouco, aguardando as notas sensacionais. Não era desânimo e nem falta de fé na vitoriosa Revolução. Era, podemos dizer um certo cansaço físico produzido pela vibração que se apoderava da multidão³⁰⁶.

A cidade ganha vida nesta descrição, através dela, podemos entrever o que é o cotidiano de uma pequena cidade do interior e as alterações provocadas pelo movimento. O ritmo normal, que a rememoração antecipa por já conhecer o desfecho dos fatos, anseia por se restabelecer. A vitória antecipada pelo memorialista, encontra uma cidade fatigada, mas na expectativa de “notas sensacionais”.

As notícias tão esperadas vieram por despacho do Rio de Janeiro, a fadiga se fez festividade, como se fez também no regresso dos voluntários. O jornal O Diário da Revolução, no dia 25 de outubro de 1930, anuncia os acontecimentos da capital:

O povo soberano do Brasil reconquistou o Governo da República que os déspotas usurparam! (...) Brasil! Brasil! Brasil! És livre ! Quebraram-se as cadeias que os déspotas de uma República caricata puseram no teu pulso! O teu povo, Brasil! filho dos trópicos, respira, nesta hora grávida de sonhos e promessas boas, o ar puro dos teus céus livres. Entrega-te agora a construção do Mundo Novo! Aqueles que minaram teu organismo, Pátria querida, caíram. (...) O teu povo, Brasil, vai fazer mais: traçará na história, em futuro não muito distante, princípios que levarão os povos para uma época mais fraternal e mais humana. Brasil liberto! O povo crê no alto destino que te reserva o futuro!

O artigo apresenta a vitória como um divisor de águas: o antes e o depois do movimento. O antes é moralmente corrompido, identificado com a tirania, com a falta de liberdade e o depois, diz respeito ao futuro prenhe de possibilidades, respaldado nos princípios, que são retirados de um “passado glorioso”, de uma “idade do ouro”, que possibilitarão ao “organismo” regenerado, um avanço para o devir, que será necessariamente grandioso.

Quanto à tomada de Santa Rita do Paranaíba, será tão ou mais festiva: Camilo Chaves e sua comitiva são recebidos com festejo, inclusive banda de música, fogos,

³⁰⁶ TEIXEIRA, Op. Cit., pp. 325\326

flores e discursos, pois levam a “bandeira da liberdade” ao “reduto caiadista”, depondo o “cacique local”³⁰⁷.

O regresso dos “patriotas de Uberlândia” é também motivo de festa, as famílias recuperam seus filhos amados que “estiveram defendendo Minas e a grande causa libertadora nas fronteiras goianas”³⁰⁸. Por fim, deu-se o último ato militar, a condecoração dos combatentes.

³⁰⁷ “Para Goiás: uma caravana cívica e patriótica”, In: D. R., n.º 18, 27/10/1930, apud TEIXEIRA, pp. 328.

³⁰⁸ “Um povo que anseia, uma cidade que vibra”, In: D. R., n.º 20, 29/10/1930, apud TEIXEIRA, pp. 329.

Victoria á Victoria

Bravura dos Uberlandenses :- Gloria a João Pessoa || Libérias quæ sera tamen

Foi organizada, hontem, pomposa passeata, abrilhantada por muitas moças, inclusive as alumnas da Escola Normal de Uberlandia, Batalhão Patriótico «Cel. Marcos de Freitas», banda de musica local e grande massa popular para glorificarem a memoria do Intrepido brasileiro João Pessoa.

Estacionados em frente do edificio onde funciona o Commando Geral do Movimento Revolucionario, ouviu-se com o maior entusiasmo o "Hymno João Pessoa" e a "Canção do Soldado". Falaram, então, o Dr. Mario Porto e o Senador Camillo Chaves que electrizaram as massas com os seus ardorosos concitamentos.

Terminados os discursos, em desfile pelas principais ruas da cidade, dirigiram-se em uma manifestação entusiastica ao Cap. José Persilva, falando em nome do Batalhão Patriótico «Cel. Marcos de Freitas», o Sr. João Guilherme Chaves que em phrases incandescidas de patriotismo, garantiu áquella autoridade regimenter 200 homens á guarda de Uberlandia. Cap. Persilva, com aquella vibração que lhe é peculiar, agradeceu essa moção de apoio. Em frente á casa do Cel. Marcos de Freitas, orou o Dr. Francisco Barbosa, agradecendo ao povo, em tão significativa passeata, sendo debantado o Batalhão, depois de ter prestado mais uma vez o compromisso de bem e fielmente defender esta cidade em qualquer emergência.

Uberlandia, dentro as cidades triangulinas, diz o senador Camillo Chaves, se orgulha pelo seu entusiasmo, pela sua coragem, pela sua promptidão no appello das altas autoridades, neste momento de dor e alegria, em que todos se empenham pela victoria e integridade dos direitos de um povo Republicano, de um povo livre.

Sabam todos que o povo de Uberlandia, ao lado do auren verde pendão, hastea a flamula vermelha de guerra cruenta aos desmandos na Patria.

VIVA A REVOLUÇÃO!

Participação voluntaria na manifestação em homenagem ao Intrepido	
53 João da Silva Zuza	116 Remy de Freitas Franca
54 Osvaldo Rodrigues da Cunha	117 Adolpho Fonseca e Silva
55 Abdalla Atile	118 Dr. Antonio Mendes dos Santos
56 Orosimbo Luiz da Costa	119 Alvaro Fonseca e Silva
57 Alfredo Maxcia	120 Joaquim Fonseca e Silva
58 Christovam Marra de Castro	121 Alexandre Martins Marquez
59 Rodolpho Rodrigues Moraes	122 Francisco Grana
60 Antonio Zumpano	123 Justulano J. Silva
61 João de Sousa	124 Manoel Baptista de Araújo
62 Aluizio Levy	125 Pedro Francisco da S. Zuza
63 José Paolino Sales	126 José Bernardo Alvim
	João Roberto Zanatta

NOTA:- Toda as pessoas que queiram se inscrever neste Batalhão poderão procurar o encarregado no Commando Geral

Uberlandia, 8 de Outubro de 1930

Visto,

Capitão José Persilva
Comde. da Praça

Offs. KOSMOS—Uberlandia

Homens Livres de Uberlandia

O momento nacional já não requer palavras.

A hora rhetorica dos comícios, das reuniões, dos vivas, das bandoleiras passou.

Agora é preciso que a coragem se materialize em actos de bravura e que o civismo verdadeiro faça soldados dispostos para todas as resistencias e promptos para todas as marchas.

Já não é a hora de procurar a tranquilla paz dos lares; vai longe o instante das conversas placidas e dos commentários espi-rituosos.

Ahi está o dia da acção.

Acção de soldado da grande causa que é a Revolução Nacional.

Que amanhã os filhos dignos não venham envergonhar-se dos paes que fugiram ao cumprimento integral dos seus deveres para com a nacionalidade brasileira na hora de angustia que atravessamos.

E só ha para isto um remedio. E só ha para isto um caminho: o dos acampamentos militares nos quaes sejamos apenas soldados.

Assim, que o compromisso a assumir seja um rompimento com o passado de illicezas ou de negligencias e que em cada coração os adocicados sentimentos da paz se substituam o ruído viril da guerra que faz homens livres com a dignidade conquistada e assegurada pelo sangue.

Aos covardos as restricções, as reservas e os compromissos.

Para o brasileiro valido no dia de hoje só ha um compromisso: o da lucta.

Fugir a ella é reservar-se o papel eunuchoides de homem que não merece nem o amor das mulheres, nem a admiração dos outros homens, nem a paz de consciencia.

Este manifesto, dirigido por homens livres aos seus eguaes, convoca-os para a formação de uma companhia de guerra que se apresente immediatamente na disposição de jurar e defender a causa revolucionaria aqui ou em qualquer recanto do paiz.

Aqueilles que quizerem se alistar na COMPANHIA DE GUERRA DE UBERLANDIA, deverão se apresentar na LIVRARIA PAVAN.

Avizemos, desde já, que os inscriptos ficarão debaixo de rigoroso regimen militar e que a Companhia de Guerra ficará logo á disposição do Commando Geral Indo, caso ordene, para a linha de fogo.

Os que já estiverem inscriptos nos batalhões de defesa da cidade e quizerem tomar parte activa na companhia, poderão fazel-o sem prejuizo da organização d'aquelles batalhões.

Viva a Revolução!

A Comissão

A' MULHER MINEIRA

Em todos os movimentos em que esteve empenhada a honra do glorioso Estado de Minas, teve a mulher mineira um papel que a immortalisa, que a eleva aos cumes mais altos da dignidade feminina.

Minas atravessa, nesta grave hora de reconquista da liberdade, um momento decisivo de sua historia. Todos os cidadãos mineiros, sem distincção de classes, começam a accorrer ás fileiras, promptos, para, com o proprio sangue, não deixar que succumba a patria que os falsos, os traidores, os interesseiros, conduzem á decadencia, á miséria.

Está empenhada a honra de um povo, que nunca se abateu, que nunca titubeou em dar a propria vida pela patria unida e livre.

A mulher mineira, neste doloroso transe, não abandonará as suas tradições, e apoiará como manda o seu civismo, a santa causa da revolução.

Precisa, portanto, activar-se nesta lucta, encorajando os animos, comparecendo a todas as manifestações, a todas as sessões civicas, mostrando com a sua presença, que ainda conserva a herança de altivez - padrão de gloria dos seus antepassados.

————— A Commissão de Redacção: —————

José A. Teixeira

Nelson Porto

Nelson Cupertino

Eurico Silva.

— AVISO —

Aos lavradores do Municipio de Uberlandia

O Commandante em Chefe das Forças Revolucionarias do Triangulo Mineiro e o Commandante da Praça e Governo Militar da Cidade, fornecem salvo-conducto permanente para livre transito dentro deste Municipio a todos os lavradores n'elle residentes afim de que possam assim e com todas as garantias cuidar dos seus negocios de lavoura e entrar e sair da Cidade, a pé, a cavallo ou conduzindo vehiculos, sem embaraços de quaesquer especies.

Avisam=n'os, outrosim, que Uberlandia está em paz absoluta, continuando a sua vida normal, e que releguem para o desprezo a tarefa ingrata dos maos cidadãos que por ahi implantam o receio, o temor entre os nossos municipes.

Uberlandia, 20-10-930

VISTO:

CAMILLO CHAVES

VISTO:

Major José Persilva
Commandante da Praça

Typ. PAVAN — Uberlandia

CHAVES, Camilo e PERSILVA, Major José "Aos Lavradores do Município de Uberlândia". Uberlândia, 20/10/1930 - Aviso - Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte)

Cidadãos de Uberlândia!

Mais um gesto de patriotismo, de humanidade e desprendimento, exigimos de vós.

Centenas de voluntarios patriotas, muitos filhos desta terra e parentes vossos, talvez, soffrem hoje a dureza da vida agreste, nas fronteiras do nosso Estado, ás margens dos rios, ás orlas das florestas.

Consideraes o morticínio physico a que, tão sublimemente, se entregam para a deleza dos nossos lares, da integridade do nosso solo.

Vinde a nós, cidadãos de Uberlândia, trazel-nos os agasalhos que possuis — as vossas capas, os vossos sobre-tudos, os vossos pallas — e nós os enviaremos incontinenti, hoje mesmo si possível, áquelles nossos compatriotas que têm por leito a folhagem humidecida e verde da frondosa matla e como tecto o manto azul do firmamento.

Offerecei-lhes, por este Commando Geral, os agasalhos que possuis, vós que gozaes ainda das delicias do conforto dos vossos lares.

Uberlândia tem sublimado nos ancelos de patriotismo, pela salvação da Pátria, pela realisação do mais alevantado ideal de um povo, e não deslustreis, portanto, cidadãos, essa gloriosa jornada.

Vinde, cedei o vosso manto para ser ainda um pequeno conforto ao povo que se fez soldado.

Uberlândia, 22-10-1930

Typ. PAYAN — Uberlândia

CAPÍTULO III:

Revolução: concepção e imagens

Nos capítulos anteriores, procuramos restituir à narrativa de Tito Teixeira sua dimensão temporal, buscando apreender as mediações entre presente e passado, a partir do resgate do contexto histórico em que produziu sua obra. No entanto, existe na estrutura narrativa do capítulo “Grande Revolução Nacional”, dois aspectos que o diferenciam do restante do livro: o uso mais regular e quase exclusivo de uma fonte, o jornal O Diário da Revolução, e o fato de atrelar acontecimentos locais a um acontecimento nacional. Neste sentido, para seguir os fios urdidos no tecido de sua memória sobre a “Revolução de Trinta”, buscaremos, neste capítulo, compreender o uso que o autor fez de sua fonte principal e a relação que ele estabeleceu entre a “Revolução de Trinta” e a história de Uberlândia.

O jornal O Diário da Revolução, órgão oficial do Comando Revolucionário de Uberlândia, circulou de 09 de outubro a 25 de novembro de 1930; contando com quarenta e três números, é o mais completo acervo documental editado pelo Comando durante o “movimento revolucionário”³⁰⁹.

Sua finalidade encontra-se expressa no editorial do seu primeiro número:

*Surge hoje o Diário da Revolução que vai ser porta voz do movimento revolucionário em Uberlândia (...). Noticiará todos os despachos rádio telegráficos e as ordens do Governador militar da cidade; talvez de duração efêmera, será no entanto, um documento de que Uberlândia soube agir sobranceira diante da Grande Revolução*³¹⁰.

³⁰⁹ A coleção completa de O Diário da Revolução pode ser encontrada no Arquivo Público de Uberlândia e no Acervo Tito Teixeira do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) da Univ. Fed. Uberlândia.

O Comando Revolucionário de Uberlândia, através de sua Comissão de Redação, utilizou vários meios de comunicação com a população da cidade, além do jornal O Diário da Revolução, tais como: editais, panfletos avulsos e um “placar de informações”. Pelas referências encontradas no O Diário da Revolução, este “placar de informações” era um painel colocado na porta do Ginásio Mineiro, sede do Comando Revolucionário de Uberlândia, e onde eram afixadas cópias de despachos rádio-telegráficos expedidos ou interceptados e recortes de jornais que chegavam à cidade.

³¹⁰ “Nosso Fim”, In: D. R. Uberlândia, 09/10/1930, n° 01, apud Tito Teixeira, p. 294.

Ou ainda, no artigo intitulado “O Diário da Revolução e o serviço rádio-telegráfico”:

Órgão eminentemente voltado aos interesses da Revolução a sua vida é efêmera.

Tem a duração do movimento em marcha para o definitivo triunfo. Em nossas páginas o público encontra estímulo do ideal revolucionário e as informações mais palpitantes dos sucessos principais ocorridos no território nacional³¹¹.

Tanto o editorial, quanto o artigo citado, nos possibilitam compreender o papel atribuído ao jornal pelo Comando Revolucionário: funcionar não só como um órgão informativo, mas também como formador de opiniões, na medida em que devia estimular seus leitores, no que dizia respeito ao “ideal revolucionário”. E, por fim, teria também a incumbência de se tornar registro da participação de Uberlândia no “movimento revolucionário”. Este jornal foi objeto de análise da historiadora Luise Bundy, em sua tese de doutoramento O movimento político de 1930 em Uberlândia. Para a autora o jornal:

(...) foi criado para propagar as idéias revolucionárias e mobilizar as consciências a favor da causa. No entanto, não foi bem esta a realidade, pois nem todas as notícias sobre a Revolução foram divulgadas por este jornal. Ele foi tendencioso, tendo servido como uma espécie de regulador do fluxo revolucionário na cidade de Uberlândia. Este periódico não divulgou todas as notícias recebidas sobre o andamento da Revolução no restante do país. Apenas publicou notícias selecionadas pelo Comando Geral das Forças Revolucionárias e julgadas adequadas para a população. Isto parece indicar um controle direto (altamente inteligente e político) do potencial da ideologia revolucionária na cidade³¹².

A autora parece ter tirado suas considerações de uma pequena nota que o jornal publica em 18 de outubro de 1930 justificando porque nem todas as notícias eram divulgadas:

Muitas pessoas entendem que as notícias sobre o movimento revolucionário deveriam ser transmitidas, todas elas ao público, sempre ávido de novidades. A esse respeito convém saber-se que o Comando Geral das Forças Revolucionárias do Triângulo

³¹¹ “O Diário da Revolução e o serviço radiotelegráfico”, In: D. R., n.º 10, 18/10/30, apud TEIXEIRA, pp. 316 e 317.

³¹² BUNDY, Luise, O movimento político de 1930 em Uberlândia. São Paulo, Departamento de História/USP, 1985. (Tese de Doutorado). P. 125.

*Mineiro somente autoriza publicidade daquelas que se referem aos desfechos de alguns acontecimentos de maior importância, considerando desnecessário prender a atenção do povo aos episódios de pouca monta. Isto, naturalmente, para evitar os mal entendidos, as interpretações capciosas e o trabalho impatriótico de determinados indivíduos que andam, por aí, a querer experimentar a energia do Comando Geral das Forças Revolucionárias do Triângulo Mineiro ...*³¹³

A nota nos remete ao caráter “tendencioso”, de que fala Luise Bundy, parece-nos natural que o jornal, como órgão informativo do Comando, se preocupasse desde o início, em “filtrar” as informações e em forjar uma imagem vitoriosa para o movimento armado em andamento; eliminando “perante o público as oscilações e ameaças de não vitória dos revoltosos, atendo-se à divulgação de imagens sempre positivas”³¹⁴. Isso faz parte da tática de qualquer luta pelo poder, o próprio jornal acusa a Rádio Educadora Paulista de estar fazendo o mesmo do lado dos situacionistas. O que nos interessa na análise desse jornal, é recuperar a construção que ele faz da “Revolução de Trinta” e compreender a apropriação que Tito Teixeira faz de certas imagens e não de outras, ao selecionar os artigos que reproduziu em seu livro. O tratamento que procuramos dar ao jornal, leva em conta, que mesmo os jornais ligados mais diretamente à política partidária, deixam “entrever ou passar falas diferenciadas de uma orientação central. (...) Assim, ao se trabalhar com os jornais, é sempre preciso ter-se cuidado para não ficar tentado a arrumar tudo direitinho numa só direção”³¹⁵.

A composição de sua equipe de redatores é outro elemento a ser destacado sobre este jornal, que contava com: Nelson Porto, Nelson Cupertino, Eurico Silva e José Aparecido Teixeira; excetuando o primeiro que era advogado, todos os outros membros eram professores. Os três primeiros aparecem na análise de Luise Bundy como fazendo parte do núcleo propagador das idéias de esquerda em Uberlândia³¹⁶. O principal expoente desse grupo de intelectuais de esquerda é Mário Porto, que, segundo a autora, usava o estabelecimento de ensino que dirigia para propagar suas idéias. A presença de

³¹³ Sem título, *D. R.*, nº 10, 18/10/1930.

³¹⁴ BUNDY, Luise, *Op. Cit.*, p. 125.

³¹⁵ BORGES, Vavy Pacheco, *Tenentismo e a Revolução Brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1992. P. 22.

³¹⁶ Segundo Luise Bundy.: “o professor Nelson Cupertino tinha idéias de esquerda e convicção marxista. Defensor das idéias marxistas, rotulado de socialista, nunca se filiou ao Partido Comunista, tendo pertencido à Aliança Nacional Libertadora. Em 1930, encontrava-se atuando junto às forças revoltosas”. BUNDY, *Op. Cit.*, Cf. Cap. 02 “O coronelismo, sua organização partidária e o grupo de intelectuais”. P. 66

Mário Porto como uma das figuras proeminentes do movimento em Uberlândia, como se viu no capítulo anterior, e desse grupo de intelectuais na redação, em nossa opinião devia-se muito mais a uma característica da própria Aliança Liberal que, conforme a historiografia, era uma “colcha de retalhos” - abrigando em seu interior, diferentes interesses, projetinhos, perspectivas, idéias e forças -, do que às suas idéias “socialistas”, tanto que as idéias expressas nos diversos artigos de O Diário da Revolução são de cunho liberal. A questão central colocada por eles era a da participação política através do voto e não a transformação do modo de produção. Sobre a Aliança Liberal, o próprio Antônio Carlos, “pai da Aliança Liberal”, segundo Barbosa Lima Sobrinho: “via na Aliança um simples movimento em torno dos acontecimentos e não uma criação idealista, ou doutrinária”. O que levou o autor a perguntar: “Seria esse conglomerado uma Aliança Liberal? Ou apenas uma sociedade para a exploração de Tendências populares?”³¹⁷. Para ele, o que havia de novo na plataforma política da Aliança Liberal era o fato de que “as reivindicações que ela agitava constituíam problemas não só de atualidade, como de importância capital. Em torno da anistia e do voto secreto é que se vinham dividindo os campos partidários do País”³¹⁸.

Quanto ao conteúdo do jornal, verificamos a existência de artigos justificadores do movimento armado, normalmente contra Washington Luis e a relação deste com Minas Gerais; hinos dos batalhões patrióticos; palavras de ordem; mensagens rádio-telegráficas sobre o movimento nos diversos estados do país e principalmente em Minas Gerais, comunicação entre as lideranças dos diversos estados; notícias do movimento no Triângulo Mineiro; organização do Comando de Uberlândia, composição de comissões, editais e atos emanados do Comando, relações nominais de voluntários que compunham os batalhões patrióticos; avisos de utilidade pública; descrição e/ou chamada para passeatas, comícios e comemorações; entrevistas com pessoas que chegavam de outros lugares; informações de outros jornais, reprodução de entrevistas com lideranças do movimento; anúncios comerciais e artigos sobre personagens ilustres do movimento. Depois de 25 de outubro de 1930 voltou-se basicamente para noticiar a vitória, através de notas de outros jornais e mensagens rádio-telegráficas, e discutir os

³¹⁷ LIMA SOBRINHO, Barbosa. A verdade sobre a revolução de outubro-1930. 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1975. P. 67.

³¹⁸ Idem, p. 68.

rumos futuros do Brasil, particularmente no que se referia à política econômica. A partir desta enumeração, podemos agrupar o jornal em quatro seções centrais: 1) artigos de cunho político-ideológico sobre o que levou ao desencadeamento do movimento armado, “artigos de estímulo”; 2) reprodução de mensagens rádio-telegráficas, 3) organização do movimento em Uberlândia (organização do interna do Comando e atividades dos batalhões patrióticos); e 4) artigos sobre o movimento em outros estados e sobre lideranças do movimento nacional.

Quanto à seleção feita por Tito Teixeira, podemos dizer que se concentrou nas informações sobre organização do Comando Geral de Uberlândia, textos dirigidos para justificar a “Revolução” e atividades dos batalhões patrióticos, exceção feita apenas a algumas mensagens rádio-telegráficas.

No sentido de compreender a construção que Tito Teixeira fez da “Revolução de Trinta”, buscaremos, a partir de agora, desvendar a seleção de artigos feita por ele, ou seja analisar as imagens e concepções que ele retira de O Diário da Revolução e resgatar outras questões que o jornal coloca e que Tito Teixeira não usou. Num segundo, momento tentaremos, através da discussão colocada ao longo de nosso trabalho, compreender a relação que o autor estabeleceu entre a “Revolução de Trinta” e a história de Uberlândia.

3.1 - Revolução: concepção e imagens

Os hinos e slogans são instrumentos que nos possibilitam compreender os projetos e a ação política. Segundo João Fábio Bertonha, no geral, eles têm três funções na mística política: concentram as idéias centrais do movimento, funcionam como socialização ideológica e doutrinária destas para a “massa” militante e são glorificações³¹⁹. As idéias apresentadas em forma de hino, no entanto, sofrem uma simplificação necessária, visto que, enquanto veículo, não dispõem de muito espaço e tempo, necessitando ser conciso e direto. O jornal O Diário da Revolução publicou vários hinos dos diversos batalhões patrióticos e palavras de ordem; entre estes Tito Teixeira destaca o hino do Batalhão Marcos de Freitas. Neste sentido, procuraremos, a

³¹⁹ BERTONHA, João F. “A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30”, In: Revista História & Perspectivas, Uberlândia, UFU, nº 7, jul./dez. 1992.

partir dos elementos apresentados por este hino, estabelecer um diálogo com o discurso “revolucionário” em busca de uma concepção de revolução:

Nós somos os defensores,/ Da liberdade da nossa terra,/ Contra todos os opressores,/ Nós levantamos em pé de guerra,/ A mocidade mineira,/ Toda, pujante, peito viril,/ Vaie-se bater altaneira,/ Contra os caciques deste Brasil.

Não temos ódio fratricida,/ Do sangue dos nossos irmãos,/ Só queremos ver remida,/ A nossa terra querida,/ De todos maus cidadãos./ Eia! Mineiros para a jornada,/ Vamos todos defender, esta nossa terra amada;/ Se alguém morrer, suprema glória!/ De concorrer para a vitória.

Os nossos irmãos do Norte/ Como os do Sul, já se levantaram,/ Antes preferimos a morte,/ Que o vilipêndio, que lhe lançaram,/ Marchando todos unidos/ Vão a conquista dum ideal,/ Ao encontro do inimigo./ Entrincheirado na Capital.³²⁰

O aspecto doutrinário do hino é explícito e na sua busca da concisão, apesar da simplificação, estabelece o objetivo e, portanto, a concepção que se tem do movimento. A “Revolução” é apresentada como uma luta pela “liberdade da nossa terra” contra “os caciques do Brasil”, que se encontram “entrincheirados na Capital”. Para isso, faz-se necessário o uso de armas, não contra os “irmãos brasileiros”, pois não se trata de ódio fratricida, mas contra o governo composto por “maus cidadãos”. E a imagem se completa com uma auto-glorificação dos “revolucionários”: são mineiros de “peito varonil” que não temem a morte, ou antes a desejam se isso levar à vitória do movimento. É da causa da liberdade contra a tirania que falam os “revolucionários”.

A retórica revolucionária da liberdade aparece em vários movimentos e trabalhos ao longo da história. Cabe-nos então, compreender de que liberdade estão falando os “revolucionários” uberlandenses. Nos diversos artigos selecionados por Tito Teixeira, a “Revolução” aparece como uma “reivindicação armada, de todos os nossos direitos de cidadãos livres dentro do país republicano”³²¹. É uma “luta pela conquista de direitos conspurcados, que se revolta pelo saneamento do caráter e a democratização do nosso regime político; que repele, desassombradamente, o complô corrupto e prepotente do pachá do Castelo da Águias!...”³²². O objetivo da “Revolução” é, portanto, o retorno ao “o império das boas normas legais e da moralidade e

³²⁰ “Hino patriótico do Batalhão Marcos de Freitas”, In: *D. R.*, n° 05, 13/10/30, apud TEIXEIRA, p. 303.

³²¹ “Batalhão Afonso Pena”, In: *D. R.*, n° 05, 13/10/30, apud TEIXEIRA, p. 303.

³²² “À Mocidade de Uberlândia”, In: *D. R.*, n° 07, 15/10/30, apud TEIXEIRA, p. 316.

responsabilidade administrativas.”³²³ Uma “campanha regeneradora do país”, que busca “quebrar o jugo dos tiranos , seguindo as lições dos nossos antepassados.”, no “sagrado interesse da coletividade”.

As palavras-chave do discurso são: liberdade, direitos de cidadão (cidadania), direitos conspurcados, democratização, interesse coletivo, país republicano (República), regime político, reponsabilidade administrativa, reivindicação armada, regeneração, normas legais, moralidade, corrupção (política), tirania. Podemos agrupar tudo isso em três eixos básicos: Democracia, República e Revolução.

O discurso se constrói pela negativa, a falta de liberdade expressa em direitos próprios da democracia que são retirados por um governo tirano, e, aparentemente, pela reafirmação “na tradição do pensamento democrático (onde) democracia significa: a) igualdade, b) soberania popular, c) preenchimento das exigências constitucionais, d) reconhecimento da maioria e dos direitos da minoria, e) liberdade.”³²⁴

Isto implica pensarmos a democracia tanto no âmbito econômico, quanto político. No entanto, no caso dos artigos retirados de O Diário da Revolução a referência à democracia é apenas no âmbito político. Trata-se da Democracia Liberal/Burguesa, que conforme Marilena Chauí:

A peculiaridade liberal está em tomar a democracia estritamente como um sistema político que repousa sobre os postulados institucionais que se seguem, tidos, como condições sociais da democracia.

1) A legitimidade do poder é assegurada pelo fato de os dirigentes serem obtidos pela consulta popular periódica (...) As condições aqui postuladas são a cidadania e a eleição.

2) A eleição pressupõe a competição entre posições diversas (...)

5) A potência política é limitada pelo judiciário, que não só garante a integridade do cidadão face aos governantes, como garante o sistema contra a tirania, submetendo o próprio poder à lei (...)

Ora, esse conjunto de critérios políticos e sociais configura a democracia, como uma forma de vida social (cidadania, direito, eleições, partidos e associações, ...) que se manifesta apenas no processo eleitoral, na mobilidade do poder e, sobretudo, em seu caráter representativo.”³²⁵

³²³ “Honra à Polícia Mineira”, In: D. R., n.º 03, 11/10/30, apud TEIXEIRA, p. 307.

³²⁴ CHAUÍ, Cultura e Democracia, 5 ed., São Paulo, Cortez, 1989. P. 141.

³²⁵ Idem, *ibidem*.

Esta vinculação da democracia ao sistema político fica clara naquilo que os “revolucionários” entendem por “direitos conspurcados”, pois a crítica aqui está intimamente ligada ao processo eleitoral de março de 1930. A crítica é específica quanto à manipulação dos resultados eleitorais, agravada pela morte de João Pessoa, que “foi a bomba relógio que fez explodir o sentimento de ódio e vingança”³²⁶.

Por República, por tanto, os “revolucionários” entendem um regime democrático, onde o chefe do Estado é legitimamente eleito pelo povo. Daí opera-se uma identificação entre Democracia e República. Revolução, como uso de força, e República, como Democracia. Tais definições, tanto em Tito Teixeira, quanto no discurso produzido pelo jornal O Diário da Revolução, se complementam, sendo a primeira necessária para a manutenção da segunda.

Segundo Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, estas concepções estão presentes, também, nos editoriais do jornal O Estado de São Paulo, e estão embasadas na teoria política exposta por Locke e pelo Iluminismo francês. A Democracia defendida pelo jornal sustenta-se, particularmente, nas concepções de Montesquieu e Rousseau, sendo que para este último, segundo sua teoria da “vontade geral”, “a soberania pertence exclusivamente ao povo, como órgão corporativo, sendo o governo seu mero agente”³²⁷. Tanto para os representantes do jornal O Estado de São Paulo, quanto para os “revolucionários” triangulinos, a revolução deve se dar no âmbito restrito do político institucional, ou seja, uma “reivindicação armada” para defender o regime político:

*A nossa luta é a luta pela liberdade. E a liberdade não se consegue com a humilhação. A liberdade conquista-se com o sangue quente e rubro vertendo, fecundando o solo pátrio, semeando por toda a parte a semente boa e promissora de um mundo novo.*³²⁸

A liberdade de que trata este artigo, e outros selecionados por Tito Teixeira, e que aparece como justificadora da luta armada, é a liberdade do exercício formal da cidadania. A noção de agressão, de violência armada, aparece em vários momentos como sendo um crime que só pode ser justificado se visar repelir ou prevenir outra agressão, nesse caso, a tirania. A imagem é de grande beleza literária, mas antes de

³²⁶ TEIXEIRA, p. 322.

³²⁷ CAPELATO, M^a Helena e PRADO, M^a Lígia. O Bravo Matutino, Op. Cit., p. 93.

³²⁸ “Honra à Polícia Mineira”, In: D. R., n.º 03, 11/10/30, apud TEIXEIRA, p. 308.

tudo, é poderosa: somente o “sangue rubro” dos cidadãos pode manter a pátria viva, afinal a idéia de fecundidade não leva outra coisa senão a idéia de vida.

Ao lado destas questões, urdindo a concepção de “Revolução”, aparece a dicotomia entre o velho e o novo. Sendo o “velho” é a tirania, a corrupção dos valores e o vilipêndio dos cidadãos. Mas o novo não é outro regime, e sim, novas práticas políticas. Na nossa opinião não é por acaso que dentre os diversos artigos transcritos de O Diário da Revolução, Tito Teixeira coloca em seu livro um despacho do Rotary Club de Porto Alegre, interceptado pelo serviço rádio-telegráfico do Comando:

*Aos rotarianos de todo o mundo a bem da verdade e para tranquilização de quantos no estrangeiro, tenham interesses morais ou materiais que os ligam ao Brasil, o Rotary Club de Porto Alegre alheio pela sua finalidade política, assegura aos rotarianos de todo o mundo que o movimento revolucionário brasileiro não tem absolutamente caráter comunista*³²⁹.

O despacho acima torna-se mais significativo, para nossa análise, na medida em que podemos constatar que ele é apresentado de forma meio solta na narrativa de Tito Teixeira. Na maioria das transcrições, ele faz um breve comentário introdutório do assunto, buscando dar coerência à narrativa, e especialmente, se posicionando; no caso deste despacho, Tito Teixeira não faz qualquer comentário sobre o conteúdo. Mas o autor o coloca estrategicamente entre um artigo de “fundo patriótico”, exaltando a mocidade uberlandense, de 18 de outubro de 1930, e outro, sobre os “patriotas goianos”, também de 18 de outubro.

O despacho apresenta uma concepção de revolução como retorno às “normas legais e à moralidade”. Os “revolucionários” buscam não deixar dúvidas sobre o caráter do movimento, não pretendem alterações na ordem econômica. Aqueles que tivessem interesses “materiais” no Brasil podiam se tranquilizar, o movimento buscava manter a ordem estabelecida.

O fato do jornal reproduzir este despacho é compreensível dada a preocupação de que a “Revolução” tomasse outros rumos. O despacho dos rotarianos gaúchos reforça a imagem da “Revolução” como um processo de regeneração. Regenerar, aqui, equivale a recuperar, restabelecer. As imagens construídas em torno da “revolução” são esclarecedoras do que se pretende com o movimento:

³²⁹ “O Rotary Club de Porto Alegre dirige-se aos rotarianos de todo o mundo”, In: D. R., n° 12, 20/10/30, apud TEIXEIRA, p. 317.

*Desde o dia em que aqui chegaram as primeira notícias do levante regenerador do País, a nossa cidade assumiu inteiramente um aspecto novo. É um misto de entusiasmo, de regozijo, de alegria inteiramente juvenil, alguma coisa parecida com o que sente um enfermo que, após demora doença, contempla de novo a verdura dos jardins. E a comparação não é de todo descabida, pois que, de há muito, vinha se processando a gestação do movimento que agora atingiu ao seu termo feliz.*³³⁰

A metáfora do País como um jovem doente em recuperação, em regeneração, fala muito sobre o conjunto ideológico que norteia o movimento. Vários pensadores, ao longo da História, têm buscado a comparação entre o funcionamento do corpo humano e a organização da sociedade, para compreender os “segredos” desta : “O estudo do corpo atua como um recurso para diagnosticar e medicar a sociedade; quase sempre visa-se a obtenção de métodos políticos apropriados à preservação da estrutura social tal como se encontra; poucas vezes tem-se em mira transformá-la”³³¹.

A configuração do corpo político, no corpo humano, presta-se particularmente à idéia de unidade do povo, e, segundo Claude Lefort, “povo-Uno”³³². Cria-se em torno da diversidade política a imagem do inimigo, do maléfico, sendo necessário extirpá-lo, para o bom funcionamento do todo social. O discurso “revolucionário” opera algo parecido em relação a Washington Luís, que simboliza uma doença na medida que representa os “processos medievais da politicalha”, nocivos à democracia³³³. A cura, ou o saneamento do mal, encontra um único caminho: a luta armada.

Esta imagem médico-sanitarista, de cunho maniqueísta, não é a única utilizada pelos “revolucionários”; várias outras aparecem ao longo da narrativa de Tito Teixeira. A comparação com uma “cruzada santa”, por exemplo, parece-nos complementar. Trata-se do que Alcir Lenharo chama de “sacralização da política”³³⁴, ou seja, a simbologia religiosa apropriada pelo discurso “revolucionário” converte-se em instrumento para legitimar um embate político. Regenerar o país dos males de um

³³⁰ “Uberlândia Alerta”, In: *D. R.*, n.º 04, 12/10/30, apud TEIXEIRA, p. 309.

³³¹ LENHARO, Alcir, *A sacralização da política*. Campinas, Papirus, 1986, p. 139.

³³² LEFORT, *A invenção democrática*, apud LENHARO, *Op. Cit.*

³³³ Idem, p. 310.

³³⁴ Conforme Alcir Lenharo por “sacralização da política” entende-se o processo pelo qual boa parte dos símbolos e imagens presentes no universo cristão foram apropriados pelo discurso político e travestidos de outros significados.

“governo prepotente”, equivale aqui à “salvação dos nossos créditos de nação livre e civilizada”³³⁵.

Neste sentido, o uso freqüente da autodenominação do movimento de “epopéia”, dá a dimensão da grandeza da tarefa que os “revolucionários” empreendem. Se por epopéia entendemos a narrativa de um fato histórico de relevância nacional ou universal, ou um grande acontecimento, a metáfora brinca com o tempo pois projeta-se para o futuro. É a enunciação *a priori* da grandeza da obra e da vitória pré-estabelecida.

A denominação surge primeiro através de um artigo de O Diário da Revolução, de 15 de outubro de 1930, intitulado “À mocidade de Uberlândia”, nos seguintes termos: “A semana que passou foi uma semana de epopéias na história, e os dias que seguem são de luta, glórias e esperanças!... Viva a Luta! Viva a Revolução!”³³⁶

A dimensão dos acontecimentos futuros já está dada pelos “revolucionários”. Afinal, o que poderia ser uma “revolução” senão um grande acontecimento? O que define e marca este acontecimento é a luta armada, e a epopéia é adjetivada, trata-se de uma “epopéia vermelha”. Não podemos esquecer que no imaginário político, o vermelho é sempre a imagem do revolucionário e da guerra. Referência mais que simbólica à “faixa vermelha da guerra”:

*Prepara-se o ataque de Santa Rita. (...) Domina-os a loucura do combate; de nada vale ante o desejo feroz da vitória. (...) Pressente-se alguma coisa de imensamente heróico. (...) Para aquela empreitada, estavam ali somente os voluntários, à ordem de prontidão, quase cem homens deram um passo a frente. Lágrimas borbulharam no rosto dos oficiais. Não se imaginava bravura tamanha. Foi difícil escolher os vinte preciosos: todos queriam a glória daquele suicídio. (...) À face de Deus, seria traidor aquele que fugisse. (...) Algumas mulheres presentes soluçavam abertamente. (...) Deus porém, velando, impediu o sacrifício. Ordem superior susteve o ataque. Mas à coluna da morte (...) ficou a glória inesquecível daquela arrancada generosa - uma das muitas arrancadas, que escreveram a epopéia vermelha e maravilhosa da Alvorada*³³⁷.

Os bravos combatentes de Uberlândia, em Santa Rita (Itumbiara-GO), quase nada ficariam à dever aos “heróis de Verdun”, não fosse o fato de que na batalha francesa foram “302 dias de combate, 221 mil franceses mortos, desaparecidos ou

³³⁵ “A Mulher Mineira e a Pátria Brasileira, In: D. R., n° 22, 31/10/30, apud TEIXEIRA, p. 333.

³³⁶ “À mocidade de Uberlândia”, In: D. R., n° 07, 15/10/30, apud TEIXEIRA, p. 316.

³³⁷ Jacy de Assis, “Epopéia Vermelha”, In: D. R., n° 20, 29/10/30, apud TEIXEIRA, pp. 365 e 366.

prisioneiros, 320 mil feridos”³³⁸ e que, no caso em questão, não houve sequer o combate. Mas o que importa para o discurso não é o fato em si, pois “foi Deus que impediu o sacrifício”, os homens estavam preparados, pois pressentiam “alguma coisa de imensamente heróico” e estavam dispostos a sacrificar a vida. Não faltou também a comparação com a Revolução Francesa: na comemoração da vitória “J. G. Chaves rememorando episódios da Revolução Francesa, proclamava que a bastilha brasileira do Catete estava por terra”³³⁹.

3.2 - Os “inimigos” da “Revolução”: paulistas, goianos e a oposição local

Outra imagem que gostaríamos de desatacar é aquela que os “revolucionários” fazem dos “inimigos”. Se até agora vimos como os artigos selecionados por Tito Teixeira buscam a caracterização do que seja a “Revolução” e a justificativa da causa, resta recuperarmos como se explicita quem é o inimigo. O inimigo maior, apresentado pelo discurso “revolucionário”, é Washington Luis, “tirano e usurpador”, no entanto, ele não é o único. Temos, entre os inimigos gerais da “Revolução”, os paulistas e os goianos que permaneceram fiéis ao governo. Gostaríamos de lembrar que, apesar do regionalismo da República antes de 1930, a luta de mineiros contra paulistas e goianos não é apresentada por Tito Teixeira como “guerra de estados”, conforme vimos no capítulo 2. A referência a estes dois estados, deve-se ao fato da localização geográfica do Triângulo Mineiro, que está posicionado como uma cunha entre os dois estados.

A divisão do Triângulo Mineiro em dois Comandos Revolucionários, Uberaba e Uberlândia, não é uma divisão apenas formal para facilitar a organização militar. Ela se dá, na prática, de forma bem concreta, e cabe a cada um deles, respectivamente, a

³³⁸ VINCENT, *Op. Cit.*, p. 203.

³³⁹ TEIXEIRA, p. 327.

defesa da fronteira paulista e goiana. Como a narrativa de Tito Teixeira é centrada no Comando de Uberlândia, sua atenção também está voltada para os combates com os goianos e pouco se refere à atuação dos uberabenses contra os paulistas. Nas poucas vezes que se refere aos paulistas, ele busca homogeneizar sua atuação: São Paulo aparece coeso. O autor não deixa entrever possíveis adesões de paulistas à causa “revolucionária”³⁴⁰. Sobre os paulistas temos o seguinte artigo:

Diziam os Turiferários de São Paulo que o Brasil era um comboio de vinte vagões vazios, conduzidos pela locomotiva paulista. É que materializadas pelos interesses subalternos, os descendentes degenerados dos bandeirantes, que se deixaram escravizar por uma oligarquia corruptora, não mais sabiam aquilatar os valores inestimáveis da inteligência e do sentimento. Nos vagões, que pareciam vazios, pulsava a alma da Revolução. Os paulistas haviam esquecido dos ensinamentos do Andradas e dos Feijós. A mentalidade de São Paulo jazia asfixiada sob o peso das sacas de café. Hoje, o comboio está em movimento; os soldados da revolução enchem-nos.

*São Paulo que julgava arrastar, é arrastado. A força moral mais uma vez revela a sua supremacia sobre o valor físico. Esta, a lição da hora presente, de que constitui admirável demonstração a partida da gloriosa Coluna de Uberlândia*³⁴¹

O artigo nos apresenta duas questões: a imagem da locomotiva e a imagem do bandeirante. Ambas estão fortemente cravadas no imaginário nacional no que diz respeito a São Paulo pela própria intenção (oficial) das elites dirigentes do estado. Estudos recentes têm se preocupado em analisar a construção do mito do “bandeirante”. Segundo Maria Isaura de Queirós, esta imagem do bandeirante ligada à do paulista, é uma construção histórica que remonta do início do século XX e que toma maior força a partir da “Revolução de 1932”. Para a autora o mito do “bandeirante”, assim como toda criação simbólica de uma coletividade, é assumido pela elite paulista não só para buscar a coesão interna, diferenciando os paulistas dos imigrantes, e sim, mais particularmente, para diferenciá-los do resto do país.³⁴²

³⁴⁰ Tanto Barbosa Lima Sobrinho quanto Virgílio de Melo Franco apontam a morte de Siqueira Campos como fato desarticulador do movimento em São Paulo. Segundo Melo Franco, existia uma articulação liderada por Siqueira Campos em São Paulo, preparando a luta armada. Mas com a perda do chefe a conspiração não consegue se reerguer. FRANCO, Virgílio A. de Melo. Outubro, 1930. 5ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Pp. 153 a 161.

³⁴¹ “O Diário da Revolução” - nº 10, 18/10/30, apud TEIXEIRA, pp. 353 e 354.

³⁴² Queiroz, Maria Isaura P. de, “Ufanismo paulista”, Op. Cit..

O que ressaltamos no uso da imagem do trem, não é tanto o seu funcionamento em si, como uma máquina cheia de engrenagens que empresta uma explicação para a sociedade. A relação está mais ligada à idéia de movimento criada em torno, particularmente, da locomotiva, que lidera e arrasta consigo os vagões. Imagem criada pela elite paulista, para justificar o papel econômico do estado, mas também muito usada pela classe média paulista, numa perspectiva etnocêntrica, para expressar seu regionalismo e seu preconceito, particularmente em relação aos estados nordestinos.

A imagem de locomotiva, construída para São Paulo está diretamente ligada à questão econômica. Mas, no discurso “revolucionário”, é transferida para o campo da política. A supremacia econômica, não questionada pelos “revolucionários”, é suplantada pela “força moral”, pela defesa da democracia. Num artigo sobre a Revolução Russa, Adalberto Marson nos mostra a utilização da imagem da locomotiva pelos bolcheviques através da “apresentação da revolução como potente máquina em movimento. Varrendo dos trilhos da história todos os obstáculos, rumo ao progresso e à emancipação”³⁴³. A mesma idéia de uma máquina potente encontra-se na comparação dos “revolucionários” uberlandenses, mas inversamente, a força motriz não vem da locomotiva, mas dos vagões. Os vagões assumem o movimento da história porque “os paulistas haviam esquecido dos ensinamentos” do passado, “deixando se escravizar por uma oligarquia corruptora”.

Se a imagem de São Paulo, como a locomotiva do país, está impregnada de regionalismo, não há dúvida que a imagem construída pelos revolucionários também está. Como vimos ao longo deste capítulo, o discurso buscou, através de uma certa caracterização do “povo mineiro”, atribuir a este, o papel de guardião das lições do passado e, conseqüentemente, de pilares basilares tais como fé, moral, democracia entre outros. Como já dissemos antes, não nos parece que Tito Teixeira ou o discurso que ele transcreve entenda a “Revolução de Trinta” como uma guerra de estados. No jogo político estabelecido pelo discurso “revolucionário”, parece-nos mais plausível pensar no recurso aquilo que se configura como identidade “regional”.

Mas se a caracterização do “ser mineiro” passa por tudo isso, o próprio discurso não perde de vista o que caracterizaria o “ser paulista”. A imagem do paulista como destemido desbravador, do bandeirante, é também muito forte, daí a busca da

³⁴³ MARSON, A. “A locomotiva e a célula: imagens opostas da mesma revolução (russa, 1918)”, In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Marco Zero, v.10, n° 20, mar./ago. 1991. p.129.

depreciação. Os paulistas, diferentemente dos mineiros, esqueceram os ensinamentos dos antepassados, tornaram-se “descendentes degenerados dos bandeirantes”. Toda a força e admiração presentes na imagem do bandeirante, é negada quando se usa o termo “degenerado”. No discurso, os paulistas perderam a sua “essência”, cabe então, recolocar a locomotiva nos trilhos.

Como dissemos, existe em Tito Teixeira uma tentativa de mostrar a atuação paulista como homogênea. O mesmo, no entanto, não acontece em relação aos goianos, pois Tito Teixeira constroa sua narrativa de forma a mostrá-los mais como aliados que inimigos, apesar dos combates. Esta representação dos goianos como aliados despertou-nos várias questões, pois, ao lado da imagem do “povo goiano” como aliado, o autor apresenta como inimigo um setor bem definido da classe dominante goiana: a “oligarquia caiadista”. Nos vários momentos da narrativa, seja sobre o combate, seja na descrição da vitória, Goiás aparece, à semelhança da pátria, sob o “jugo da tirania caiadista”.

Essa dupla representação dos goianos, tanto em Tito Teixeira quanto no jornal O Diário da Revolução pode ser compreendida a partir das relações comerciais existentes entre o Triângulo Mineiro e Goiás, particularmente entre Uberlândia e Santa Rita (Ituiutaba-GO). Tais relações remontam, conforme vimos no primeiro capítulo, ao século XVIII e são dinamizadas no final do século XIX e início do XX pelas diversas melhorias de comunicações entre as duas regiões; melhorias expressas na construção da Estrada de Ferro Mogiana (1895), Ponte Afonso Pena (1910), Estrada de Ferro Goiás (1909) e ampliação da malha rodoviária construída pela Empresa Mineira de Autoviação (1922) e pelas estradas construídas por Tito Teixeira no estado de Goiás.

Nos artigos selecionados pelo autor, como dissemos, o inimigo goiano concentra-se em uma pequena parcela ligada ao caiadismo, e, na narrativa, o “povo goiano” quando não adere ao movimento, mantém-se simpático à causa “revolucionária”. Um exemplo disto encontra-se na transcrição de uma entrevista com o Capitão Benedito Melo, comandante de um batalhão goiano contrário à “Revolução”:

Disse-nos que se havia simpatizado com a causa da Aliança Liberal, porém, a atitude assumida pelo seu Estado nessa questão e a sua qualidade de oficial da Força Pública forçaram-no a silenciar essa simpatia para lembrar-se do compromisso que havia assumido ao iniciar a sua carreira

*militar, qual o de defender os direitos e a integridade da terra goiana, seu berço natal*³⁴⁴.

Ou ainda, quanto à adesão de algumas lideranças:

*Chegaram-nos notícias de que, naquele Estado vizinho, organizaram-se batalhões patriotas (situacionistas). Enquanto isso acontece, pessoas da mais alta representação naquela unidade federativa sentindo-se em completa falta de garantias, para aqui se transportam. E o que é mais notável é que três pessoas oposicionistas ao governo goiano, por serem liberais, para aqui se dirigem para aderir à Revolução Nacional(...)*³⁴⁵

Para além da tentativa de legitimar a “revolução” com a adesão daqueles que deveriam ser “o inimigo”, transferindo para o plano estadual goiano a situação de “desmandos” e “tirania” através da atuação “caiadista” vividos em nível nacional, o discurso “revolucionário” nos deixa perceber a extensão da política naquele Estado, ou seja, a existência de uma disputa pelo poder em Goiás. Segundo Nasr Chaul³⁴⁶, no final da década de vinte começa a se organizar a oposição ao domínio dos Caiados em Goiás. A disputa política no estado tem como protagonistas os Caiados, no poder desde o final do século XIX, e a chamada “oligarquia moderna”, composta por produtores da região sul do estado e que, mesmo com o enriquecimento proporcionado pelas relações comerciais com o Triângulo Mineiro, encontra-se alijada do poder político no estado. Tal situação facilita em 1930 a união dos “revolucionários” uberlandenses com este setor goiano, tendo em vista a derrubada do domínio caiadista, levando à interventoria de Goiás o médico Pedro Ludovico, parente de Camilo Chaves.

Esta oposição está fragmentada, segundo Nasr Chaul, e necessita de “um estímulo externo que fosse capaz de aglutinar em torno de si as vozes oposicionistas e as forças políticas e econômicas ainda dispersas”³⁴⁷. Este impulso externo capaz de organizar a oposição para o enfrentamento político, materializa-se com a formação em âmbito nacional da Aliança Liberal, guardando em Goiás, segundo o autor, uma certa peculiaridade:

Em Goiás a Aliança Liberal serviu como alternativa para as oposições regionais. Destacados políticos e intelectuais como

³⁴⁴ “A Coluna goiana do Capitão Melo”, In: *D.R.*, n.º 19, 28/10/1930, apud TEIXEIRA, pp. 371.

³⁴⁵ “Os patriotas goianos”, In: *D.R.*, n.º 10, 18/10/1930, apud TEIXEIRA, p. 318.

³⁴⁶ CHAUL, Nasr. “A Revolução de 1930 em Goiás: a marcha do progresso”, In: *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia, Ed. CEGRAF/UFG, 1997.

³⁴⁷ Idem, p. 169.

Mário Caiado, Pedro Ludovico, Domingos Neto Velasco, Americano do Brasil, Nero Macedo, entre outros, dela fizeram parte, em perfeita sintonia com o presidente da Aliança em Minas Gerais, Antônio Carlos. O resultado foi a adesão da oposição goiana ao centro político de lideranças da Aliança Liberal.

De formação heterogênea no plano nacional, a Aliança Liberal, em Goiás, debatia quase que somente a questão presidencial que estava prestes a se realizar. Assim, o universo crítico dos oposicionistas goianos se restringia à estrutura jurídico-política nacional, sem maiores propostas partidárias e/ou ideológicas, capazes de operacionalizar mudanças significativas na estrutura de poder local³⁴⁸.

No que concerne à adesão deste grupo ao “movimento de 1930”, Nasr Chaul³⁴⁹, em outra obra, conclui que, “(...) a eclosão do movimento de Trinta em Goiás teve relevante e, porque não dizer, básica participação da coluna mineira que, literalmente, proclamou a Revolução de 30 em Goiás”³⁵⁰.

Pedro Ludovico, que fugiu para a cidade mineira de Ituiutaba, segundo entrevista de Camilo Chaves, combateu na fronteira goiana ao lado dos voluntários triangulinos. Conforme Camilo Chaves, “(...) um contingente 120 patriotas de Ituiutaba, sob comando do Dr. Pedro Ludovico, que ora participa da Junta Governativa de Goiás, invadiu o território goiano (...)”³⁵¹. Vitorioso o movimento, Tito Teixeira transcreve uma correspondência de Pedro Ludovico para Camilo Chaves:

Comunico ilustre amigo Governo de Goiás ficou organizado por uma junta composta dos doutores: Emílio Póvoa, Mário Caiado e eu, (...) Aproveitamos ensejo apresentar ilustre grande amigo calorosos sinceros agradecimentos em meu nome e de todos os goianos pelo interesse pela causa Goiás nesta luta pela libertação nacional.³⁵²

Além da própria situação política de Goiás, outros vínculos ligavam a atuação dos “revolucionários uberlandenses” a Pedro Ludovico. Ele é parente de Camilo Chaves e genro de Antônio Martins Borges, Totonho Borges, grande criador de gado em

³⁴⁸ Idem, p. 171.

³⁴⁹ CHAUL, Nasr. “A Revolução de Trinta”, In: *A Construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1988.

³⁵⁰ Idem, p. 49.

³⁵¹ “A defesa da fronteira de Minas na região do Triângulo”, In: *D. R.*, n.º 32, 12/11/1930, apud TEIXEIRA, p. 335. Transcrito do jornal “O Estado de Minas”.

³⁵² “Organização do Governo provisório de Goiás”, In: *D. R.*, n.º 22, 30/10/1930, apud TEIXEIRA, p. 319.

Uberaba. Segundo Bundy, “o poderio econômico (de Totonho Borges) se fazia sentir de Uberaba a Goiás”³⁵³. Assim, para esta autora, o combate ao “caiadismo” de Santa Rita (Itumbiara-GO) estava diretamente ligado a um embate econômico. A tomada daquela cidade, porta de entrada para a região sudoeste de Goiás, representava a expansão econômica do Triângulo Mineiro no estado goiano. Segundo Bundy,

*(...) até a vitória da Revolução, (estas relações comerciais) permanecera com os Caiados. Acredita-se que a Revolução de 30 tenha proporcionado o momento oportuno para um acerto de contas entre os coronéis rivais, pois em âmbito regional (Triângulo Mineiro-Goiás) a Revolução apresentou-se como sendo um conflito entre os mesmos. Portanto, ao apoiar um lado ou outro dos contentores da Revolução, eles estariam apenas visando a sua própria defesa e a sua permanência no poder*³⁵⁴.

Tito Teixeira faz rápidas menções às relações entre Uberlândia e Santa Rita, mas estas são de grande importância, ao ponto dos “revolucionários” expedirem o seguinte comunicado:

*Saibam todos os brasileiros, principalmente os nossos irmãos goianos, que onde as nossas tropas chegarem só levarão o abraço fraternal de irmão que só desejam libertá-los do jugo da opressão e da tirania. Fiquem pois tranquilas as famílias nos recessos sagrados de seus lares, para nós invioláveis*³⁵⁵.

Com relação aqueles denominados “inimigos goianos”, ou “oligarquia caiadista” temos:

*Por onde vão passando os chefes goianos vão segurando, por bem ou por mal quantos indivíduos encontram. Sob ameaças, intimidando pela força aos que deparam no caminho, por esse modo formam-se forças, no vizinho Estado. Mas com elementos assim constituídos, que resistência moral podem oferecer os patriotas goianos? Sem amor pela causa, porque ela é a causa da tirania brasileira! Sem entusiasmo por uma luta, uma vez que, no terreno em que se encontram defendem a escravidão do povo e, portanto, a própria escravidão, qual o resultado esperado pelos chefes situacionistas desse povo vizinho? (...) No momento oportuno todo Goiás estará do nosso lado, pois o povo que lá vive anseia por ser livre*³⁵⁶.

³⁵³ BUNDY, Luise, *Op. Cit.*, p. 121.

³⁵⁴ Idem, pp. 121 e 122.

³⁵⁵ “Aos goianos”, In: *D. R.*, apud TEIXEIRA, p. 319.

³⁵⁶ “Os patriotas goianos”, In: *D. R.*, n° 10, 18/10/1930, apud TEIXEIRA, p. 318.

Os “revolucionários” estabelecem assim sua diferença com os “inimigos goianos”; enquanto que no Triângulo a adesão de voluntários teria sido espontânea, os batalhões goianos eram compostos pelo uso da força. O “povo goiano” segundo o discurso revolucionário era coagido a defender a “escravidão”. São atribuídos a Antônio Ramos Caiado os mesmos desmandos presentes em Washington Luis.

Entre os inimigos do movimento encontra-se também a oposição local; esta, entretanto, não é apresentada tão explicitamente como os inimigos paulistas e goianos. A referência à existência de uma oposição por parte dos que são fiéis ao governo federal situacionista, aparece de forma esparsa em alguns artigos. Pode ser percebida, por exemplo, no edital que proíbe comentários contrários aos atos do Comando assim como, na alcunha de “Maria Fubá” imputada ao Batalhão Marcos de Freitas. Mas é no artigo “Homens e Atitudes” que percebemos mais explicitamente a existência da oposição:

Têm os homens, às vezes, resoluções tão felizes e assumem atitudes tão simpáticas que se fazem inscrever duradouramente na memória ou no coração dos seus semelhantes. Haja visto a memória com que se houvera, nesse momento crítico de agitação e incertezas que atravessa o país, os Senhores Comandantes Revolucionários deste setor e os cidadãos que divergem e contrariam o nosso credo político, neste e em outros municípios. Não importa e nem discutamos a minoria absoluta do perrepismo, aqui trata-se da compostura e das deliberações tomadas por esses, até então, adversários, numa ocasião em que mais que outra coisa qualquer falavam os sentimentos de patriotismo e de humanidade.(...) Entenderam-se ambas partes (...) e aderindo , os nossos adversários colocaram a dignidade de Minas, a garantia da cidade e o sossego das famílias a cavaleiro de quaisquer competições, do que nada adviria em benefício para uma das partes.(...) falam mais alto o respeito de si próprios e o sagrado interesse da coletividade³⁵⁷.

A intenção do artigo é clara: elogiar o comportamento dos Comandantes revolucionários em relação àqueles “cidadãos que divergem e contrariam o nosso credo político neste e em outros municípios”. Mais que isso, o artigo tenta mostrar uma adesão por parte dos adversários políticos ao movimento. Existem implícitas no artigo duas posturas; aparentemente, uma parte dos adversários aderiram ao movimento, mas existe uma “minoria absoluta do perrepismo” que não aderiu.

³⁵⁷ Luiz Franco, “Homens e Atitudes”, In: D. R., nº 19, 28/10/30, apud TEIXEIRA, pp. 321 e 322.

Para compreender o embate político que esta minoria ofereceu aos revolucionários é necessário uma breve explicação sobre a situação político partidária em Uberlândia antes de estourar o movimento de 1930. Conforme Luise Bundy, em 1910, quando da campanha eleitoral, Rui Barbosa/Hermes da Fonseca, verifica-se a consolidação de duas facções políticas na cidade, organizadas no Partido Republicano Municipal (civilista) e Partido Republicano Mineiro (hermistas)³⁵⁸. Em 1918, um novo conflito relacionado à sucessão no âmbito estadual levará a uma ruptura entre os dois principais chefes políticos da cidade o Cel. Severiano Rodrigues da Cunha e o Cel. Olímpio de Freitas Costa. Este último, juntamente com seu irmão Marcos de Freitas, rompe com o Partido Republicano Municipal e transfere-se para o Partido Republicano Mineiro, que ficará sob a presidência de Marcos de Freitas até 1936³⁵⁹. Segundo Bundy,

De uma forma ou de outra, foi a partir de 1910 que as duas facções (Coió e Cocão) passaram a disputar, ferrenhamente o poder político local. Desta luta participaram fazendeiros, comerciantes e profissionais liberais (coronéis rurais e urbanos) que se dividiram entre os dois partidos. A disputa centrou-se em torno do poder local, não tendo ocorrido em função de ideologias.(...)

Entre Coiós e Cocões não se distinguia uma ala progressista e uma ala conservadora. Ambos eram conservadores, havendo polarização de seus chefes, apenas para a consecução do governo³⁶⁰.

Para a autora, estes partidos seriam aglomerações em torno de grandes famílias, os Rodrigues da Cunha(Cocão) e os Freitas da Costa (Coió). Esta seria a situação político-partidária de Uberlândia de 1910 até 1930, quando encontra-se no poder municipal o Otávio Rodrigues da Cunha, do Partido Republicano Municipal (PR ou Cocão).

Conforme dissemos anteriormente, Otávio Rodrigues da Cunha fez parte da comissão administrativa montada pelo Comando Geral. Segundo Tito Teixeira:

Ficou resolvido que as autoridades administrativas da cidade fossem mantidas em seus postos, desde que não hostilizassem o desenvolvimento natural da causa - somente na repartição dos telégrafos, em virtude de ser um próprio federal, o comandante militar resolveu substituir o chefe da estação, Cláudio Silveira.

³⁵⁸ BUNDY, *Op. Cit.*, Cap. 2 - "O coronelismo, sua organização e o grupo de intelectuais".

³⁵⁹ TEIXEIRA, p. 372, volume 02.

³⁶⁰ BUNDY, *Op. Cit.*, p. 44.

*Entretanto, por insistência sua, formulada por intermédio do capitão assistente (Tito Teixeira), foi o mesmo readmitido*³⁶¹.

A narrativa de Tito Teixeira apresenta o episódio de forma bastante tranqüila: aparentemente o Agente Executivo uberlandense, Otávio Rodrigues da Cunha, que era do partido de oposição ao PRM, teria aderido ao movimento sem grandes problemas. Segundo Bundy, Rodrigues da Cunha manteve-se fiel a Washington Luiz e “chegou até mesmo a se recusar a reconhecer o governo revolucionário”³⁶². Tito Teixeira apresenta uma versão um pouco mais detalhada no seu volume de biografias, no qual faz o seguinte relato do episódio:

Seu governo foi surpreendido pela revolução nacional de 3 de outubro de 1930, em cujo período o Dr. Otávio Rodrigues da Cunha manteve-se fiel ao governo legal, deixando de tomar conhecimento das atividades revolucionárias que mantinha uma das suas sedes em Uberlândia, (...)

O comandante militar da praça, major Persilva, notificado de que, não obstante sua neutralidade, o presidente Otávio Rodrigues da Cunha continuava mantendo comunicações telegráficas com elementos do governo legal, tomou a deliberação de fechar a Prefeitura, destituindo-o do cargo.

*Informado pelo Capitão Tito Teixeira, assistente do Comando Geral, o senador Camilo Chaves, das ocorrências, este se opôs terminantemente à execução da ordem militar, alegando não querer criar casos no comando revolucionário de Uberlândia e evitar esmorecimento no entusiasmo geral*³⁶³.

A não destituição do Agente Executivo foi no sentido de evitar confusões entre a elite política da cidade. Aparentemente existiam membros do comando “revolucionário” que apoiavam a administração de Rodrigues da Cunha e a sua destituição poderia gerar um desconforto entre estes e os Comandantes. Tanto que Rodrigues da Cunha foi substituído somente no final de dezembro de 1930, quando foi extinto o regime de Câmaras Municipais.

Tito Teixeira atribui a si tanto a manutenção do Agente Executivo no cargo, quanto a reincorporação do telegrafista. A não explicitação no relato da “revolução” da posição de oposição de Otávio Rodrigues da Cunha, o que é feito no volume de biografia, reafirma o que já dissemos sobre a narrativa do autor: a tentativa de construir

³⁶¹ Idem, p. 287.

³⁶² BUNDY, Luise, *Op. Cit.*, p. 58.

³⁶³ TEIXEIRA, p. 412, volume 02.

uma homogeneidade e harmonia de posições em torno do movimento, como se em Uberlândia houvesse apenas partidários da Aliança Liberal.

Não é improvável que, depois de resolvido o impasse no Comando, Rodrigues da Cunha, provavelmente também para evitar confusões políticas, tenha mudado de lado, tanto que sua esposa Stela Cunha será a encarregada de organizar o Batalhão Feminino “João Pessoa”. Mas isso não significa uma adesão de todos os “perrepistas”, o que infelizmente não podemos aprofundar, dadas as características da documentação pesquisada, pois tanto Tito Teixeira quanto os jornais da época eram aliados do movimento.

3.3 - A “Revolução de Trinta” e a história de Uberlândia

A partir da seleção de artigos de O Diário da Revolução feita por Tito Teixeira é possível apreendermos a relação que ele estabelece entre a “Revolução de Trinta” e a história de Uberlândia. Para compreendermos esta relação buscaremos resgatar outras imagens e concepções presentes no jornal e que não são utilizadas por Tito Teixeira. Ressaltamos que, com esse procedimento não pretendemos contrapor à sua leitura uma outra versão da “Revolução”, mas temos como objetivo destacar uma certa construção da memória feita pelo autor.

Conforme vimos ao longo desse trabalho, a concepção que Tito Teixeira constroa a partir dos artigos selecionados mostra a “Revolução” como ação restauradora, regeneradora da República, que se concretizou em um movimento armado, último recurso da política. Esta concepção não se restringe, no entanto, aos artigos selecionados pelo autor, sendo reafirmada em diversos outros de O Diário da Revolução. Porém, neste último, ela aparece também com um sentido de continuidade, de processo, que não existe em Tito Teixeira. No artigo “Mentalidade Nova” temos, por exemplo, a continuidade legitimada a partir do resgate dos princípios republicanos:

O povo brasileiro evolui rapidamente no campo dos ideais democráticos. (...) Abalada nos alicerces a monarquia ruíu, levantando-se sobre os escombros dela o regime republicano. A nação confiou na república, que se alicerçava na normas democráticas.

Mas pouco a pouco os princípios soberanos da monarquia renasceram, iguais parasitas (...). Reagiu então a alma

*nacional. A campanha civilista primeiro; o movimento de 5 de julho de 1924 em seguida. (...) Até aqui, as revoluções eram feitas pela força armada; com aplauso do povo sim, mas sem sua intervenção direta. Agora é o povo, quem faz a revolução; é o povo quem, deixando as comodidades, arriscando a vida, reivindica seus direitos*³⁶⁴.

Por “princípios soberanos da monarquia” o discurso “revolucionário” entende o desligamento entre o povo e o governo, onde este último se impôs sobre os interesses do primeiro. Neste sentido, o discurso “revolucionário” tenta mostrar que os “princípios republicanos” vinham sendo desvirtuados por sucessivos governos, que em consequência enfrentaram vários movimentos de reação. O movimento de 1930 aparece, assim, dentro de um contexto maior, de processo de defesa da “República”. Mas o artigo não deixa de ressaltar o que há de novo nesse movimento: a presença do povo. Conforme se viu anteriormente, o povo é destacado no discurso “revolucionário” como o sujeito principal do movimento. Mas as diferenças não param por aí:

*Pela seqüência dos acontecimento e com a ajuda de um, aliás, facilimo raciocínio, chegaremos às seguintes conclusões: ao contrário do que foi feito nas revoluções anteriores, o movimento desta partiu da periferia para o centro, o que permite aos revolucionários: em primeiro lugar, reduzir , progressivamente, a autoridade do Presidente da República ao menor número possível de Estados, em segundo receber incorporação de todos os elementos que anseiam pela Redenção da Pátria de modo que a onda Revolucionária, dia a dia se avolumando possa levar de vencida os óbices que se lhe anteponham (...)*³⁶⁵.

O discurso ressalta as novas estratégias de maneira a estabelecer a diferença, também, no campo tático. Mas em que pese a novidade da presença do povo e nova tática “revolucionária”, o que fica patente nos dois artigos e em outros, é o reconhecimento da existência de um processo anterior a 1930, onde se busca a legitimidade. Particularmente nesse segundo artigo, as “revoluções anteriores” de que fala o discurso “revolucionário”, referem-se aos movimentos militares que eclodiram ao longo dos anos vinte, principalmente os de 1922 e 1924.

Este sentido de continuidade carrega consigo um certa concepção de “revolução”. Segundo Vavy Pacheco Borges imediatamente após a tomada do poder em

³⁶⁴ “Mentalidade Nova”, In: *D. R.*, nº 10, 18/10/1930.

³⁶⁵ “Meu Amigo”, In: *D. R.*, nº 11, 19/10/1930.

1930 é possível identificar duas posições quanto ao caráter da “Revolução”: a primeira posição acredita que a “Revolução” está terminada, pois “foi um movimento eminentemente civil, político, que - infelizmente! - teve um momento militar e que se estruturou a partir da Aliança Liberal, sua campanha e seu programa, os grandes responsáveis pela tomada do poder”³⁶⁶. Para a segunda vertente “a ‘Revolução’ está longe de terminar, pois se inicia com a tomada do poder. É um movimento mais amplo de transformações de caráter social; sua mola propulsora teriam sido as rebeliões militares de 22-24”³⁶⁷.

Junto a esta tentativa de construir uma idéia de continuidade centrada no resgate dos princípios democráticos está a questão econômica. Existe em vários artigos um complementariedade entre as causas políticas e econômicas como desencadeadoras do movimento, numa crítica à política econômica empreendida pelo governo:

Com grande mágoa, acompanhávamos, nestes últimos tempos, a decadência patente que ameaçava levar a nossa nacionalidade a ruir. (...) Mais um passo, mais um quadriênio de administração nefasta como a que presentemente agoniza e a desorganização governamental teria consumado a sua funesta tarefa de coveiro.

*A produção nacional depreciada, a lavoura e a pecuária desamparadas, a moeda desvalorizada, o cambio quase nulo, tudo isso estava a indicar sintomaticamente o mal profundo que solapava os alicerces do Brasil. (...) Mas, não é tudo: o Brasil, além de lutar contra esse desequilíbrio resultante da impropriedade das medidas contraproducentes dos maus administradores, sofria ainda mais as sangrias continuas dos empréstimos contraídos no estrangeiro, a fim de alimentar as orgias dos gozadores da Pátria*³⁶⁸.

O discurso “revolucionário” acrescenta a todas as “culpas” do governo Washington Luis mais uma: o caos econômico. Além de corromper os “costumes políticos”, este governo “tirano” destrói fisicamente o país. A questão da dívida externa aparece recoberta por um nacionalismo ainda maior que antes, pois, se no âmbito da política a “Revolução” tem a tarefa de “regenerar”, “reconstruir” a “República”, no âmbito econômico além de garantir ao Brasil seu futuro “predestinado” de grandeza, devolvendo-lhe o caminho do crescimento, é necessário também salvá-lo da ávida

³⁶⁶ BORGES, Vavy Pacheco, *Tenentismo e a Revolução Brasileira*, op. cit., p. 114.

³⁶⁷ Idem, p. 115.

³⁶⁸ “Abençoada reação”, In: *D. R.*, nº 09, 17/10/1930.

exploração estrangeira. O discurso se reporta então, à independência brasileira frente aos países credores.

Para que não se confunda, no entanto, esse projeto de salvação nacional com “idéias alienígenas” nada próprias aos trópicos o discurso “revolucionário” busca diferenciar seu movimento do comunismo:

*O Ministro da Guerra e seus generais vivem espalhando notícias visivelmente mentirosas para atirar antipatias sobre o movimento revolucionário dizendo-o de origem comunista. É uma afirmação ridícula tanto que pelos pendores comunistas foi o General Carlos Prestes afastado já há muito tempo da direção revolucionária. (...) Só aspiramos este mesmo regime republicano, fielmente cumprida a nossa Constituição que é a mais livre do mundo e entramos em luta pela execução das promessas democráticas (...)*³⁶⁹

Ou ainda:

*Espalham os veículos noticiosos prestistas que o fim desta revolução é perturbar a ordem; chamam-nos daí de desordeiros, sediciosos, comunistas, etc. A este último título responde o rádio oficial que recebemos estes dias passados, “que o comandante Luiz Carlos Prestes havia sido afastado do plano da revolução por sua bandeira comunista”. Isto porque os revolucionários não comungam com as idéias de Lenine por impróprias ao nosso povo*³⁷⁰.

O artigo reafirma aquilo que aparece na seleção feita por Tito Teixeira: o movimento armado não deseja uma mudança na estrutura da sociedade, mas apenas corrigir o “desvio” imposto ao país pelos “maus governantes”. A repetição dos objetivos do movimento e de suas causas é um recurso que a retórica “revolucionária” utiliza com abundância. A questão do comunismo está presente, não só em O Diário da Revolução, mas nos jornais da época, particularmente ligada à figura de Luis Carlos Prestes. Segundo Vilma Marcelino, os jornais tentam construir uma imagem do comunismo como um movimento que surge “destruindo tradição, propriedades, família e a fé”, é apresentado no “nível do discurso, como o inimigo maior do povo brasileiro, uma vez que através dele, o sistema existente passa a ser questionado”³⁷¹.

³⁶⁹ “Rádio”, In: D. R., nº 02, 10/10/1930.

³⁷⁰ “Nossa bandeira”, In: D. R., nº 03, 11/10/1930.

³⁷¹ LIMA, Vilma Marcelino. “1930: História e Memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro”, In: Revista História e Perspectivas, Uberlândia, Ed. UFU, jul./dez. 1992, nº 7. P. 78

Como o jornal, além da tarefa informativa, devia conquistar “corações e mentes” para a causa “revolucionária”, podemos observar que há uma grande preocupação em responder os ataques “prestistas”, são muitos os artigos de resposta e esclarecimento.

Além do comunismo, outro tema que se enquadra nesta categoria é o que gira em torno de uma caracterização do movimento como de cunho regionalista. O jornal busca rebater as acusações de “ser pelo fracionamento do país”, colocando em Washington Luis o perigo da desagregação “ao tratar de forma desigual os estados”:

E pode-se mesmo atribuir como um dos motivos determinantes da presente crise política o desvirtuamento do caráter eminentemente nacional que deveria ter a presidência da República no Brasil (...) Os três estados líderes da Revolução simbolizam a razão unificadora da nacionalidade. O caráter nacional do movimento nos prova que o Sr. Washington representa a desintegração. E dentro de São Paulo, o elemento integralmente brasileiro é revolucionário. (...) A vitória da Revolução marcará um episódio culminante na vida do Brasil forte e unido³⁷².

O discurso busca inverter a argumentação dos “inimigos” colocando na unificação dos três estados - Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba - uma ação unificadora. Esta discussão, no entanto, não vem sozinha, junto dela está a relação com São Paulo:

Algumas pessoas, ao se referirem ao movimento revolucionário que empolga, neste momento, a consciência dos homens livres da nação dão a entender - por malícia ou por ignorância - que a presente luta se opera contra o Estado de São Paulo. Ora, essa asserção é supinamente ignorante e, os que lhe dão curso incorrem numa feita gravíssima qual a de deturparem as intenções dos heróis que tomaram a si a generosa campanha de saneamento moral e político de nossa Pátria³⁷³.

Ou ainda no seguinte artigo:

³⁷² “Brasil unido”, In: D. R., nº 08, 16/10/1930.

³⁷³ “Contra o governo, sim!”, In: D. R., nº 10, 18/10/1930.

Esta interpretação da “Revolução de Trinta” como um movimento contra São Paulo é bastante recorrente na documentação da época e aparece também na historiografia. Para Boris Fausto, “(...)Em certo sentido, o ponto de vista do PRP de que a revolução de 30 fora contra São Paulo é verdadeiro. A classe dirigente paulista - onde o setor cafeeiro era predominante - perdia a hegemonia política no episódio daquele ano. São Paulo ampliaria sua importância econômica mas a representação política fugiria de suas mãos”. FAUSTO, Boris citado por BORGES, Vavy Pacheco, Tenentismo e a Revolução Brasileira, São Paulo, Brasiliense, 1992. p. 28.

*Não se pode atinar com a idéia que empolga certos espíritos tacanhos de que a revolução atirou Minas Gerais contra S. Paulo, de que o mineiro combateu o paulista, ou vice-versa.(...) Tudo isso é malícia e veneno que procuram inocular na alma dos compatriotas, quando o certo ;e que tradicionalmente o mineiro e o paulista tem marchado sempre ao lado um do outro, entendem-se bem, e se confundem perfeitamente em todas as suas relações políticas, sociais e comerciais. No último caso da Grande Revolução deve-se compreender que não se bateu o paulista, que não se atacou o paulista, mas fez-se guerra, e guerra cruenta aos chefes despóticos desse mesmo povo, aos políticos eternos, enraizado daquela parte da Federação, à oligarquia que encabeçada pelo celebre P.R.P., tolhia a liberdade do povo (...)*³⁷⁴

Esta preocupação em reforçar os laços existentes entre São Paulo e Minas, mais particularmente o Triângulo Mineiro, pode ser compreendida no processo histórico de desenvolvimento desta região. A proximidade com São Paulo sempre foi muito maior que com o restante de Minas. Segundo a historiografia que discute a história do Triângulo Mineiro, esta relação mais próxima com São Paulo do que com Belo Horizonte, se justifica pela posição geográfica da região, que desde a sua origem, serve de elo de ligação entre o mercado paulista e os Estados de Goiás e Mato Grosso. Segundo Paul Singer:

*a integração da economia mineira no grande mercado urbano formado pelo eixo Rio-São Paulo acarretou o desenvolvimento de certas zonas que até então tinham estado parcialmente excluídas da economia de mercado. Isto aconteceu sobretudo no sudeste do Estado - Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - cuja economia se ligou ao mercado de São Paulo*³⁷⁵.

Esta explicação é também a encontrada pelo brasilianista John Wirth, para justificar o distanciamento entre o Triângulo Mineiro e a capital de Minas:

*O Triângulo e grande parte do Sul pareciam pertencer naturalmente ao mercado paulista com o qual estavam ligados através de boa estrada e comunicação por via férrea. Os guias comerciais de São Paulo incluíam os municípios do Triângulo, no final, em letra miúda*³⁷⁶.

³⁷⁴ "Erva daninha", In: D. R., nº 37, 18/11/1930.

³⁷⁵ SINGER, Paul. Desenvolvimento econômico e evolução urbana, 2 ed., São Paulo, Cia nacional, 1977, p. 232.

³⁷⁶ WIRTH, John D., O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira (1889-1937). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 77.

Nas fontes da época, principalmente nos jornais da década de vinte esta proximidade com São Paulo aparece como um alerta ao Governo de Minas, no sentido de rever as relações entre o Triângulo Mineiro e o restante de Minas:

*A ligação do Triângulo Mineiro à capital do Estado é uma velha aspiração dos habitantes daquela zona. A rica região do sudoeste mineiro tem vivido até aqui praticamente fora da esfera de ação da Capital das Alterosas, só se corresponde intelectual e economicamente com o Estado de São Paulo. Nenhum homem público mineiro terá deixado de encarar a solução deste problema como de grande importância para Minas (...)*³⁷⁷.

Em setembro de 1927, às vésperas da visita de Antônio Carlos ao Triângulo Mineiro, o jornal retoma a necessidade de estreitar as relações do Triângulo Mineiro com o restante do Estado; nas palavras do jornal, a necessidade de “mineirar” o Triângulo:

*S. Ex.a. terá muito gosto de conhecer esta opulenta e progressista cidade(Uberaba). Gostará de entrar em contato com as suas riquezas e necessidades, e se sentirá satisfeito de conhecer de perto o seu povo bem diferente, diga-se logo, do mineiro do centro e do norte do Estado. S. Ex.a. vai notar a grande influência exercida por São Paulo sobre esta zona. Influência explicável pelo nosso intercâmbio com a vizinha terra do café, pelas suas excelentes vias férreas e rodovias magníficas (...). O Triângulo, assim, parece mais um subúrbio de São Paulo, do que um hato de terra mineira. O Sr. Antônio Carlos vai convencer-se de que é preciso mineirar o Triângulo por todos os meios, desacostumando-o de recorrer a São Paulo para tudo, até no copiar figurinos políticos e as inclinações revoltosas (...)*³⁷⁸.

As facilidades de comunicação com São Paulo, via melhores estradas e rede ferroviária, desenvolveram uma proximidade com aquele estado que vai além das relações comerciais e políticas, mas está presente também na formação cultural e intelectual da região. Como destaca o artigo, o mineiro desta região é “diferente do mineiro do centro”. Em outras palavras, diferente daquilo que convencionou-se chamar de *mineiridade*³⁷⁹. No entanto, *mineirar* o Triângulo colocando-o mais diretamente

³⁷⁷ “A ligação do Triângulo a Belo Horizonte”, In: JORNAL LAVOURA E COMMERCIO. 17-07-1927, p. 03.

³⁷⁸ “Ecos políticos”, In: JORNAL LAVOURA E COMMERCIO. 29-09-1927, p. 07

³⁷⁹ A concepção de “mineiridade”, neste trabalho, é buscada em:

ARRUDA, M^a A. N., Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1990.

subordinado à política estadual, resgatando-o da influência paulista, significa também se prevenir contra suas idéias separatistas. Existe na história desta região, desde o final do século XIX, um forte sentimento separatista. A idéia separatista no Triângulo remonta a 1870, época da transformação das antigas Províncias em Estados. Como a idéia não avançou em 1890, quando é proposto ao Congresso Constituinte uma “equitativa redivisão territorial dos Estados”, criou-se uma movimentação em torno da criação do “Estado do Paranaíba”. Este novo Estado deveria ser composto por municípios das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba de Minas Gerais, sul e sudoeste de Goiás e sudoeste de Mato Grosso, cuja capital seria Uberaba(MG). Novamente a idéia é abandonada e retomada no final da década de dez, agora, o novo Estado deveria receber o nome de “Brasil Central”, e excluiria o Mato Grosso. Cabe-nos ressaltar que a idéia separatista seria retomada em vários outros momentos, 1948, 1951, 1967 e 1988³⁸⁰.

Um último elemento nesta caracterização do movimento de 1930 diz respeito aos sujeitos “revolucionários”, além do povo, o jornal elege também as lideranças nacionais do movimento: Juarez Távora, Miguel Costa, Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Goes Monteiro, Olegário Maciel, Antônio Carlos e Djalma Pinheiro. Além, é claro, das lideranças regionais, incluindo aí, tanto de Uberlândia e Uberaba, como a de outras cidades da região. Os artigos sobre essas lideranças estão carregados dos mais altos elogios, ressaltando particularmente seu patriotismo e coragem.

Ao lado das lideranças, aparecem os “inimigos”, assim como faz Tito Teixeira, o “inimigo” maior é Washington Luis. Outros inimigos muitas vezes aparecem sob a denominação de “oligarquia”. O termo aparece às vezes adjetivado: “oligarquia caiadista”, “oligarquia administrativa” e “oligarquia paulista”. Segundo Vavy Pacheco Borges:

Antes de outubro de 30, os oponentes ao sistema de poder existente ou aqueles que somente disputavam o poder sem querer mudar o sistema, atribuíam ao velho termo de origem grega o seguinte significado: todo grupo no poder era uma “oligarquia”, e o emprego do termo trazia sempre uma conotação negativa. A oligarquia pode ser vista como o inimigo comum que unia as diversas “falas revolucionárias” dos

³⁸⁰ Conforme:

GOMIDE, Leila R. S., “O Triângulo Mineiro: História e Emancipação - Um estudo sob a perspectiva da História Regional”, In: CADERNOS DE HISTÓRIA - Especial sobre história de Uberlândia, Uberlândia, UFU, vol. 4, nº 4, jan. 1993. PP. 25 a 48.

*militares rebelados e da oposição política, pois as 'oligarquias' eram sempre os grupos no poder; há por vezes a conotação de grupos familiares.*³⁸¹

Ou seja, os inimigos genericamente denominados de “oligarquia” são todos aqueles que se mantêm fiéis ao governo Washington Luis.

Por fim, o jornal apresenta também, a partir de 25 de outubro de 1930, um longo debate em torno do futuro do país, concentrando-se principalmente nos relatos das atividades “revolucionárias” em todo o país e na busca de soluções de problemas, como as constantes reformas constitucionais, estabilidade da moeda, sistema ferroviário, ligação dos diversos estados entre si, educação, anistia dos envolvidos no movimento de 24. Entre as atividades militares além das operações em outros estados, aparecem diariamente notícias de como se deu o movimento em outros setores de Minas Gerais. No que tange à solução dos problemas nacionais, a preocupação com a política econômica é o ponto culminante. O discurso “revolucionário” centra-se na questão da dívida externa:

*Vitoriosa a mão armada, a revolução nacional, não será com maiores dificuldades que se há de conseguir brilhantemente a finalidade desse grande, universal movimento. A obra sublime de reconstrução nacional se tornará, em futuro breve, o padrão de glória do povo brasileiro. (...) Mas o povo brasileiro divisa com ansiedade, lá bem longe nos horizontes econômicos, os destinos duvidosos e incertos a que foi arremessado o seu país por mãos inábeis quando não perversas de governos incapazes, de homens sem escrúpulo, e o resgate da sua dívida externa é hoje o lábaro sacrossanto que, em lufadas de brio e de civismo agita nervosamente a alma desse mesmo povo*³⁸².

Como vimos antes, a questão da dívida externa é pautada pelo discurso nacionalista de independência do país. Uma série considerável de artigos busca incentivar a participação do povo em geral, e do uberlandense em particular, na campanha de resgate da dívida externa.

Buscaremos agora, compreender porque estas questões não estão presentes na narrativa de Tito Teixeira. Duas delas nos parecem diretamente ligadas ao contexto do Regime Militar: a idéia da “Revolução” como continuidade dos movimentos militares da década de vinte e a questão do comunismo. Quanto à primeira questão, vimos no

³⁸¹ BORGES, Vavy Pacheco, *Tenentismo e a Revolução Brasileira*, op. cit., p. 140.

³⁸² SCHUILLER, Ernesto, “Juremos por esse resgate!”, In: *D. R.*, nº 09, 11/11/1930.

capítulo anterior, que Tito Teixeira tenta mostrar o movimento armado de 1930 como uma ação essencialmente civil, apesar da presença militar. Esse sentido de continuidade, portanto, leva a um atrelamento que Tito Teixeira busca esvaziar na sua narrativa. Assim, ele pôde reforçar a participação civil e minimizar a presença militar.

Quanto ao comunismo, Tito Teixeira guarda um silêncio absoluto sobre a questão em sua narrativa. A única referência que encontramos ao comunismo é o despacho dos rotarianos de Porto Alegre. Isso chamou-nos a atenção porque, segundo seu filho Durval Teixeira, o próprio Tito Teixeira “não gostava do comunismo (...), mas era conservador, sabe? Assim meio contra os comunistas”³⁸³. Na nossa opinião, existem duas explicações possíveis para isso: a primeira é que, na busca da homogeneização de um apoio a “Revolução de Trinta”, o autor procura anular outros projetos existentes à época, apagando assim da memória histórica, ou em alguns casos, como o da oposição local, minimizando a participação de outras posições políticas. A segunda explicação, que não se contrapõe à primeira, é que o autor queira proteger os comunistas locais, na maioria, são seus amigos. Ser comunista em 1930 tinha um outro significado do que ser comunista no pós-64. Por exemplo, Nelson Cupertino que estava entre o chamado grupo de esquerda e que foi retirado da direção do Aero Clube na década de quarenta por causa da denúncia de professar “ideologia contrária ao regime” era amigo pessoal de Tito Teixeira. E Roberto Margonari, principal expoente do PCB em Uberlândia a partir dos anos cinquenta, foi o único vereador a denunciar, nas sessões da Câmara Municipal, a articulação política contra Tito Teixeira no processo da telefônica. Roberto Margonari foi cassado, preso e torturado logo após o golpe militar de 1964, sua casa foi vasculhada em busca de documentos “comprometedores” e sua família perseguida. Assim, parece-nos provável que, apesar de “não gostar dos comunismo”, o autor se resguardasse de maiores considerações na sua rememoração.

Quanto às outras questões, podemos perceber que o jornal O Diário da Revolução tem a preocupação em dar ao movimento armado de 1930 uma dimensão nacional, seja no debate em torno de suas justificativas e objetivos, na busca de uma continuidade com movimentos anteriores, na eleição do povo e das lideranças nacionais como sujeitos revolucionários, ou ainda no debate pós-vitória sobre as soluções para os problemas nacionais. Em contrapartida, Tito Teixeira faz um recorte bem específico do

³⁸³ Durval Teixeira, entrevista, op. cit.

movimento “revolucionário”, particularmente no destaque dado ao Comando Revolucionário de Uberlândia, seja quanto às atividades dos batalhões patrióticos ou ao ressaltar a participação de Camilo Chaves e de algumas pessoas da cidade. A questão que nos colocamos a partir disso é: Tito Teixeira não vê a “Revolução de Trinta” como um acontecimento nacional? Ou o episódio tem para ele apenas um sentido regional? Não nos parece ser isso, porque nas imagens e na concepção de “Revolução” que o autor constroe fica explícito que ele valoriza essa dimensão nacional ao ponto de intitular seu capítulo de “Grande Revolução Nacional”. Como compreender então a especificidade do recorte feito por ele?

O discurso “revolucionário” veiculado pelo O Diário da Revolução é uma construção do momento do acontecimento e como tal, busca legitimar o movimento em si. Daí a preocupação com essa dimensão nacional, é necessário convencer e fazer adesões à causa “revolucionária”. O capítulo no qual Tito Teixeira trata do assunto é uma rememoração à *posteriori*, pois quarenta anos separam o acontecimento do rememorar. Tito Teixeira não tem a necessidade do convencimento sobre o caráter nacional da “Revolução de Trinta”, esta já está cristalizada na memória histórica nacional, inclusive como ruptura entre a “República Velha” e a “República Nova”.

As preocupações que norteiam o rememorar são de outra ordem. Como dissemos anteriormente, o Golpe Militar de 1964 guarda muitas semelhanças com o movimento armado de 1930; e nossa hipótese é que Tito Teixeira, ao construir um papel de destaque para Uberlândia em 1930, está fazendo uma reflexão sobre o papel que a cidade deve ocupar no pós-64. O próprio contexto, como vimos, de ascensão política de Uberlândia no cenário nacional corrobora com esta expectativa do autor. É neste ponto, portanto, que a narrativa sobre a “Revolução de Trinta” se cruza com a narrativa da história da cidade. O episódio “Revolução de Trinta”, dada a sua dimensão nacional, é um momento privilegiado para que o autor possa dar a dimensão da grandeza que ele vê e almeja para a cidade. Não sendo no entanto o único, como vimos no Capítulo 1 ele constroe sua narrativa sobre a cidade, atualizando e ampliando a narrativa de Pedro Pezzuti, de forma a mostrar a história da cidade como um grande feito de grandes homens, “uma grande odisséia”.

Esta imagem de Uberlândia, que aparece no livro de Tito Teixeira, faz parte do imaginário social da cidade e neste sentido, compreender as representações que os

uberlandenses fazem de sua cidade ajuda a compreender a narrativa de Tito Teixeira. Existe um discurso das elites políticas da cidade, reproduzido pela imprensa local e pela população uberlandense, que tenta cristalizar, na memória coletiva, uma certa “missão histórica da cidade para o progresso” aliada à “índole ordeira e trabalhadora de seu povo”. Pudemos perceber, ao longo de nossa pesquisa, que várias imagens são construídas para Uberlândia, e entre elas, as mais recorrentes são: “princezinha do Triângulo”, “capital do Brasil Central” e “metrópole do Triângulo”.

Este discurso de engrandecimento e glorificação da cidade estava presente no documento de 1888 que solicitava a criação do município, nos jornais, desde os primeiros, e na fala do poder e das associações de classe³⁸⁴. Em 1907, por exemplo, numa série sobre o desenvolvimento de Uberlândia, o jornal *O Progresso* trouxe o seguinte artigo de abertura: “(...) a esta cidade, cujo extraordinário desenvolvimento nestes três últimos anos enciúma, seriamente as nossas vizinhas, está incontestavelmente reservado um belíssimo futuro como praça comercial e industrial, que há de ser”³⁸⁵. Ressaltamos que discursos desta natureza não são especificidade de Uberlândia, todas as cidade tentam construir para si esse imaginário de progresso, trabalho e futuro promissor. Mas, inevitavelmente, como já dissemos, aquele que busca compreender a obra de um memorialista deve conhecer as representações sociais criadas sobre a história de cidade para compreender os compromissos sociais, políticos e econômicos que o memorialista assume ao fazer sua narrativa. E Tito Teixeira como, vimos, fez parte durante muitos anos da elite política e econômica da cidade.

Voltando ao discurso sobre a cidade, Uberlândia aparece como uma “ilha paradisíaca” dentro do caos nacional. Esta apresentação da cidade constroa a imagem de um “eldorado”, onde todos são bem vindos e encontrarão aquilo que falta no resto do país: crescimento com qualidade de vida e oportunidade para todos. Esta imagem foi muito bem sintetizada pelo Prefeito, por época da comemoração do seu centenário:

Parafraseando um ilustre mineiro, na histórica frase em que definia que 'o outro nome de Minas é Liberdade', poderíamos dizer, sem medo de errar, que o outro nome de Uberlândia é DESENVOLVIMENTO. A cidade nasceu e vem se consolidando sob este signo, que é marca e vocação de um povo determinado

³⁸⁴ O documento a que nos referimos é reproduzido por Pedro Pezzuti e por Tito Teixeira e encontra-se transcrito no Capítulo 1 de nosso trabalho, no item “Tito Lívio Teixeira: o historiador e a obra”.

³⁸⁵ *Jornal O Progresso*, Uberlândia, 15/12/1907, citado por RODRIGUES, J. F. S., “Nas sendas do progresso: trabalho e disciplina - Uberlândia, um percurso histórico”, In: *CADERNOS DE HISTÓRIA - Especial sobre história de Uberlândia*, Uberlândia, UFU, vol. 4, nº 4, jan. 1993. P. 10.

a construir aqui, neste Brasil Central, uma cidade que concilia como poucas o crescimento econômico com a qualidade de vida de sua população (...)

A determinação de seu povo para o trabalho tem conseguido criar, aqui no Triângulo Mineiro, uma ilha de prosperidade no mar da crise brasileira. O impacto das dificuldades que atingem a todos vem sendo superado com a competência e o talento dos que constroem, com seu suor, um dos mais ricos capítulos da história do desenvolvimento do País³⁸⁶.

Podemos destacar do discurso de Virgílio Galassi alguns elementos comuns ao discurso produzido sobre a cidade: desenvolvimento, progresso, modernidade, ordem, missão histórica, trabalho, harmonia entre projeto político-administrativo e vontade da população, crescimento ordenado com qualidade de vida, clarividência dos políticos para solucionar problemas econômicos e sociais. Existem três eixos básicos que podem ser assim sintetizados: progresso (desenvolvimento econômico), modernidade (desenvolvimento tecnológico) e trabalho.

A imagem da vocação para a modernidade ganhou, nos últimos anos, um reforço grande quando a UNESCO escolheu Uberlândia para ser uma das cidades a receber o projeto TECNÓPOLIS:

Somente uma grande idéia é capaz de inaugurar uma nova era de desenvolvimento. Sob esta perspectiva e aproveitando a experiência de outros países, está sendo implantado em Uberlândia o diferencial que vai projetar a cidade rumo à conquista do próximo século: Tecnópolis, uma cidade inteligente.

Detendo um conjunto de qualidades que viabilizam este salto para o futuro, Uberlândia é uma cidade privilegiada.

Aqui, uma iniciativa privada historicamente empreendedora (...), forma condições propícias para o surgimento de uma moderna Tecnópolis - um ambiente estimulante à convivência social e à criatividade³⁸⁷.

Muito se tem estudado sobre este discurso a maioria dos estudos produzidos nas últimas décadas vem tentando desmontá-lo e demonstrar que as questões sociais, entre outras, não foram resolvidas e muitas vezes foram apagadas, silenciadas, pelo discurso político³⁸⁸. Não nos interessa neste momento fazer um exaustivo arrolamento das

³⁸⁶ Galassi, Virgílio, in: Uberlândia Documento, Uberlândia, Ed. Interglobo, 1988, p. 05.

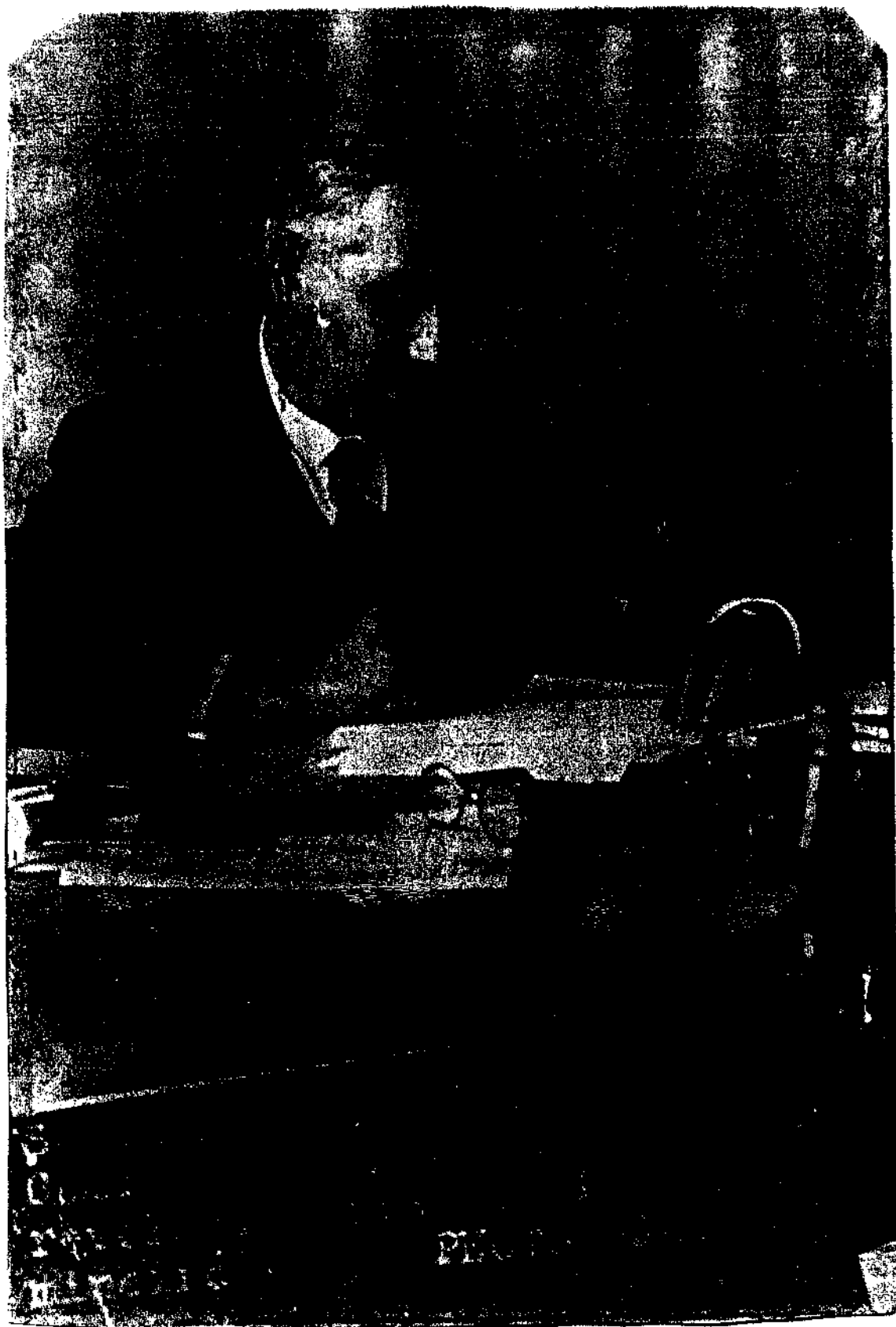
³⁸⁷ Tecnópolis, Panfleto da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, sem data.

³⁸⁸ Sobre o assunto ver:

ALEM, J. M., "Representações coletivas e história política de Uberlândia". In: Revista História e Perspectivas. Uberlândia, Ed. UFU, n° 04, jan/jun. 1991.

questões levantadas por estes trabalhos, muito menos discutir se Uberlândia desenvolveu-se ou não e como o fez. Interessa-nos analisar como este discurso foi construído. Porém, cabe-nos ressaltar que, excetuando o trabalho de João M. Alem, a maioria dos estudos acima referidos, mesmo aqueles que buscam desmistificar o discurso, acaba por enredar-se pelas fontes. Isso se dá porque a maioria busca a formulação, reprodução e divulgação destas representações somente no discurso da imprensa local e das elites. Mas este discurso, como se viu ao longo deste trabalho, encontra-se também nas narrativas dos memorialistas. Assim, os estudos que buscam a crítica do discurso da “grandeza inata” não podem usar os memorialistas apenas como fonte bibliográfica, mas deveriam vê-los, também, como porta-vozes desse imaginário social uberlandense.

-
- MACHADO, M. C. T. A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada - Uberlândia 1965 a 1980. São Paulo, USP, 1990. (Dissertação de Mestrado)
- RODRIGUES, J. F. S. Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. O setor de serviços, 1924-1964. São Paulo, USP, 1989. (Dissertação de Mestrado).



Fotografia nº 11

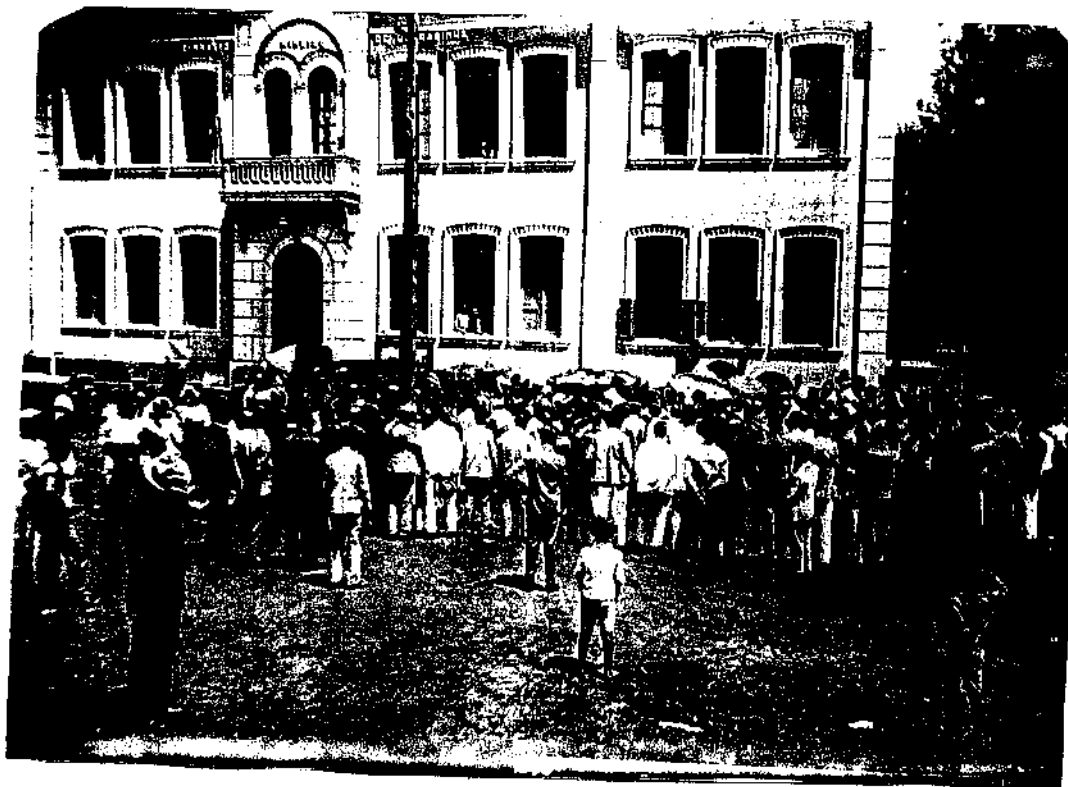
“Senador Camilo Chaves - Comandante Civil da Revolução de Trinta no Triângulo Mineiro - 1930 -
Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Major José Persilva comanda
o militar do setor Triângulo
Revolução de 1930

Fotografia nº 12

"Major José Persilva. Comandante Militar do Setor do Triângulo Mineiro - Revolução de 1930" - 1930
- Acervo "João Quituba" (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



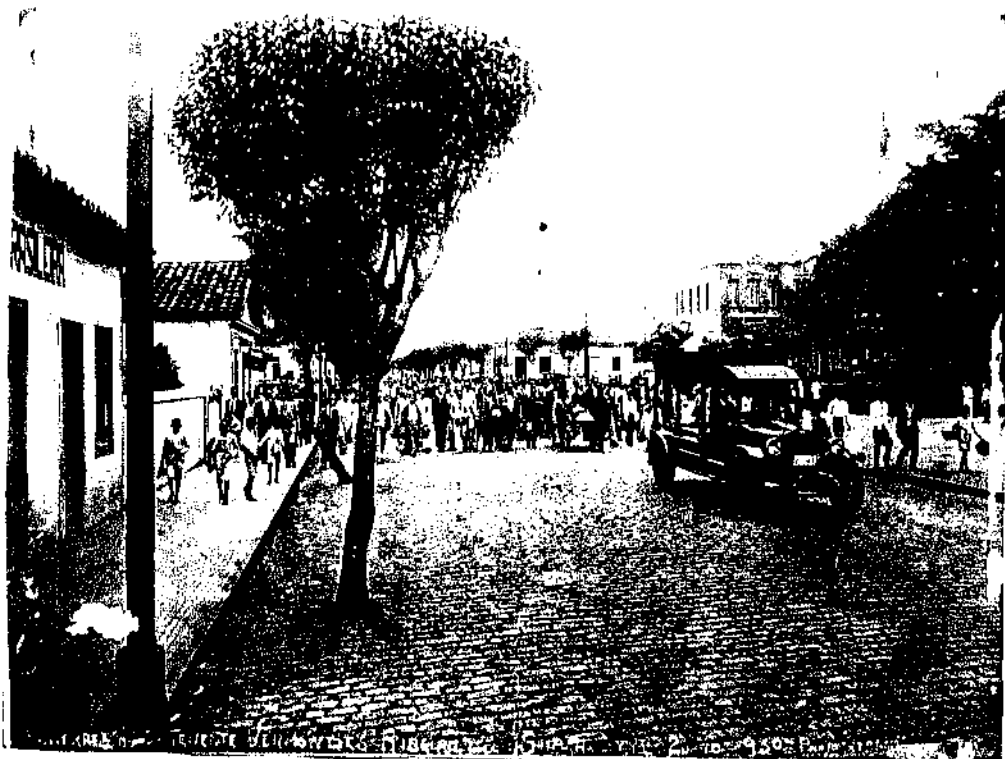
Fotografia nº 13

“Senador Camilo Chaves fala aos reservistas” -17/10/1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



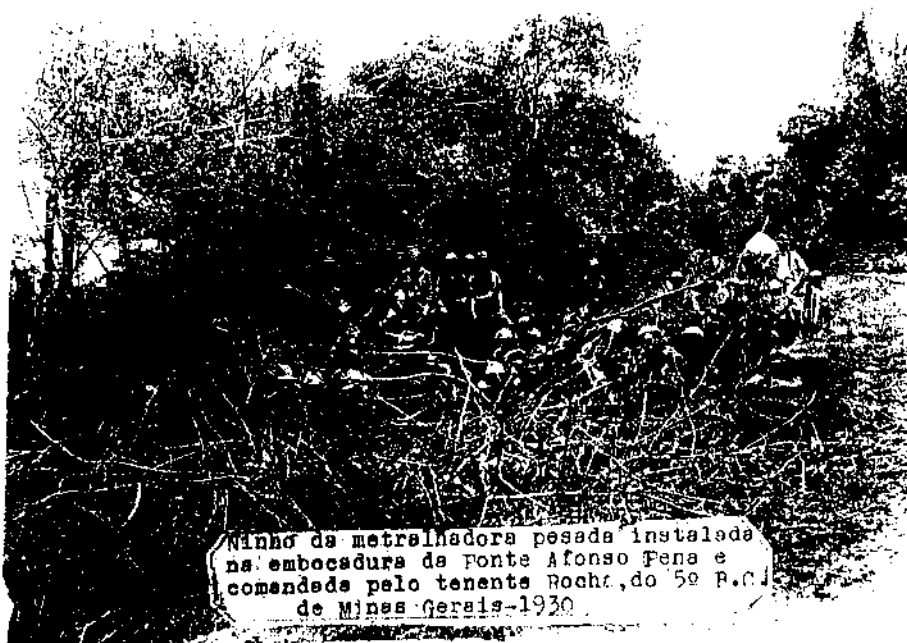
Fotografia nº 14

“Senador Camilo Chaves e oficiais militares mineiros” - 1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



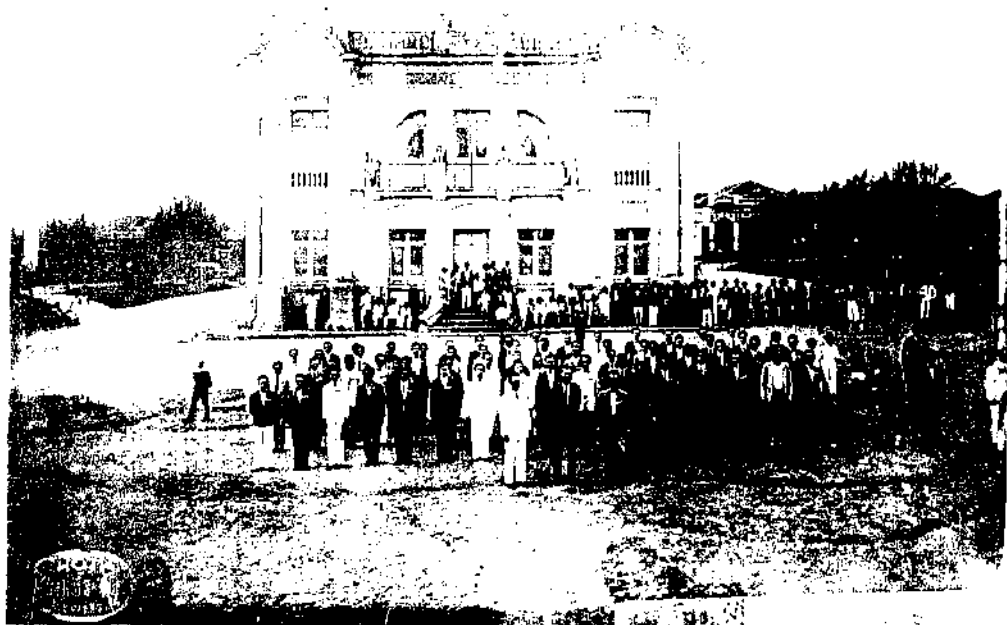
Fotografia nº 15

"Funeral do Tenente Vermondes Ribeiro" - 20/10/1930 - Acervo "João Quituba" (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 16

"Ninho de metralhadora pesada - Ponte Afonso Pena" - 1930 - Acervo "João Quituba" (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 17

“Câmara Municipal de Uberlândia - Batalhão Marcos de Freitas” - 1930 - Acervo “João Quituba”
(Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 18

“Reservistas em forma prontos para a partida” - 17/10/1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 19

“Partida dos reservistas para a fronteira” -17/10/1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)

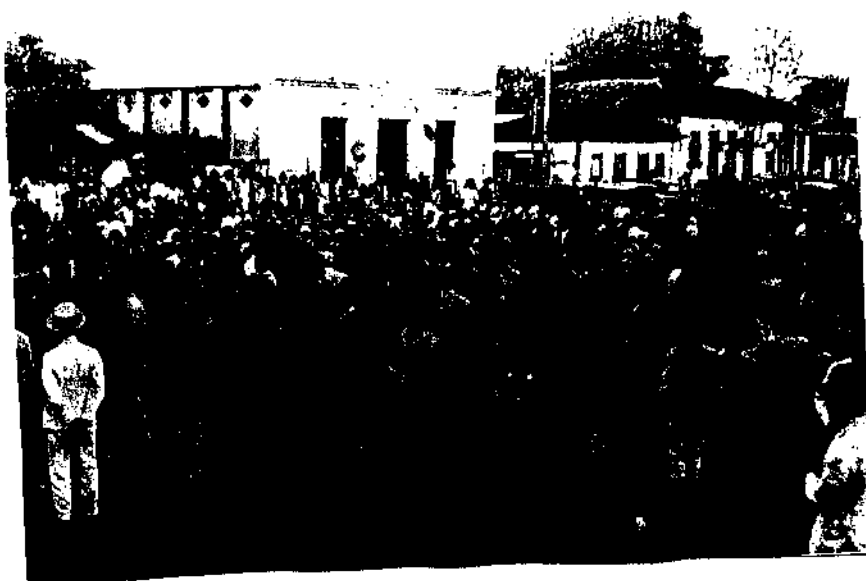


Fotografia nº 20

“Ponte Afonso Pena chegada do Senador Camilo Chaves” - 1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 21
“Comando de Uberlândia” (ao centro Major Persilva) - 1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 22
“Recepção ao Senador Camilo Chaves - Santa Rita-GO” - 1930 - Acervo “João Quituba” (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 23

"Estação Telegráfica em Uberlândia"- 1930 - Acervo "João Quituba" (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)



Fotografia nº 24

"Setor Mineiro: Major Persilva, Senador Camilo Chaves, Atanagildo França (Comandante do Prata) e Antônio Martins Borges (sentados), Arlindo Teixeira Jr., Capitão Olavo (Comandante de Araguari), Oficiais da polícia mineira, Capitão Tito Teixeira" - 1930 - Acervo "João Quituba" (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS/UFU)

EDITAL

O Capitão José Persilva, da 2.ª Companhia do 5.º Batalhão de Infantaria da Força Pública, Commandante da Praça e Governador Militar de Uberlândia e outros Municípios, do Estado de Minas Geraes, etc., etc.

Usando de todos os poderes que lhe confere a auctoridade de que se acha investido, faz conhecer ao publico que, estando Minas Geraes sob o regimem do

ESTADO DE SITIO,

lançará mão de todas as medidas que se fizerem necessarias contra qualquer pessoa que pretender implantar no seio da população o espirito de derrotismo, de desanimo ou de rebeldia, por qualquer forma, e, se referindo á sagrada causa patriótica por que todos os **Bons Brasileiros** se empenham nesta hora com o risco da propria vida, mais uma vez proclama a confiança que tem nos brios e na firmeza de animo do povo Uberlandense.

Taes medidas estão sendo tomadas de accordo com o Exmo. Snr. Senador Camillo Chaves, representante do Exmo. Snr. Presidente do Estado, Dr. Olegario Dias Maciel e Chefe do Movimento Revolucionario no Triangulo Mineiro.

Dado e passado nesta cidade de Uberlândia, aos seis dias do mez de Outubro de mil novecentos e trinta.

Capitão José Persilva

Commandante da Praça e Governador Militar

VISTO:

Camillo Chaves

Impresso nas Officinas da Typ. PAVAN

EDITAL

O Capitão José Persilva, da 2.^a Companhia do 5.^o Batalhão de Infantaria da Força Pública, Commandante da Praça e Governador Militar de Uberlândia e outros municípios, do Estado de Minas Geraes, etc., etc.

Chegando ao seu conhecimento que alguns negociantes desta praça, servindo-se do momento em que batalhamos para o bem do próprio povo, estão aumentando o preço dos generos de primeira necessidade, resolve declarar para sciencia de todos os interessados que a tabella de preços deve ser a mesma vigorada até o dia tres do corrente.

O Triangulo é zona farta, está em plena tranquillidade e o movimento revolucionario rebentou só ha quatro dias - portanto esse abuso é inominavel.

Salbam pois todos os negociantes e vendedores, que punirá incontinenti, com as penalidades das leis de guerra, todo aquelle que exhorbitar nos preços de generos alimentícios, contrariando os termos deste edital.

Uberlândia, 7 de Outubro de 1930

Capitão José Persilva

Commandante da Praça
e Governador Militar.

VISTO:

Camillo Chaves

EDITAL

O Capitão José Persilva, da 2.ª Companhia do 5.º Batalhão de Infantaria da Força Publica, Commandante da Praça e Governador Militar de Uberlândia e outros municípios, do Estado de Minas Geraes, etc., etc.

Intima a todas as pessoas que possuírem armas e munições de guerra:

- 1.º - A fazer a entrega das mesmas aos representantes da comissão de requisição: Immediatamente, os residentes nesta cidade e no prazo de tres dias, os residentes nos demais districtos.
- 2.º - As armas e munições a que se refere o parágrafo 1.º são carabinas e fuzis com as respectivas munições e armas curtas, calibres 32 e 38, também com as munições.
- 3.º - O não cumprimento dessa intimação accretará penas para o infractor, de accôrdo com o Código Penal Militar.
- 4.º - A autoridade Militar já está de posse de uma relação das pessoas que possuem armas e munições.
- 5.º - As pessoas arrecadadoras dessas armas apresentarão o cartão assignado por este Commando.

Uberlândia, 7 de Outubro de 1930.

Capitão José Persilva

Commandante da Praça e Governador Militar

VISTO: Camillo Chaves

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não buscamos, em nossa pesquisa, explicar o que foi o fato histórico “Revolução de Trinta”, e sim, compreender a memória histórica deste acontecimento, fixada na narrativa de Tito Teixeira. Partimos do pressuposto que a rememoração é uma recriação, uma reconstrução, e não uma repetição do passado, pois, como nos ensina Ecléa Bosi a lembrança “é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do passado”³⁸⁹. Logo, o passado rememorado torna-se lugar de reflexão reconstruído no presente, e o rememorar é, ao mesmo tempo, um percurso que se refaz e um horizonte que se alarga.

Resgatar o passado fixado por Tito Teixeira na sua narrativa, então, levou-nos, ao longo deste trabalho, a refazer seu percurso em busca do presente da rememoração, para que pudéssemos compreender as mediações entre o presente da rememoração e o passado rememorado. Tentamos demonstrar como o contexto histórico da rememoração de Tito Teixeira, aliado a um imaginário social uberlandense, ordena uma dada leitura da história de Uberlândia e da memória que ele resgata sobre a “Revolução de Trinta”. Através do paralelo com a obra de Pedro Pezzuti percebemos uma operação de retomada e fortalecimento de questões como a missão para o progresso, vocação para modernidade, vocação para o trabalho e imagem de povo ordeira que se busca construir para Uberlândia. Estas construções foram bastante pertinentes para o projeto do Regime Militar; na rememoração, via de mão dupla, a memória histórica, retomada e ampliada por Tito Teixeira, é legitimada pelo presente da rememoração, e legitima a importância que a região adquire na política de desenvolvimento e segurança nacional do pós-64.

Compreende-se daí, a busca do autor em construir um papel de grande importância para Uberlândia no movimento armado de 1930. O capítulo “Grande Revolução Nacional”, e todo o restante do livro, é uma rememoração à *posteriori* dos acontecimentos, mas é, também uma revisão, e como é próprio da memória, rever não é

³⁸⁹ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. 3ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 413.

necessariamente opor-se a algo, mas principalmente reconstruir o fato, ampliando sua significação. Conforme Vesentini, definido:

(...) o vínculo pelo qual uma realização pesou, para todos, por ter imposto um resultado, com aparente abrangência geral, repetido para nós pelo cotidiano - à medida que este se interesse pela história, é claro, o fato obriga quem relembra a procurar sua situação peculiar, nesse momento.(...)A certeza de tê-lo feito, ou de ter participado de tal elaboração é ponto de partida relevante. A afirmação social e a própria presença, nesse caso, coincidem, e o reportar-se apenas acrescenta, revê, estabelece novas nuances - que a bibliografia ou a reiteração social perderam de vista. Não deixa de ser, todavia, revisão - pelo próprio eu mudado, pelo contato com o posterior, pelas leituras feitas³⁹⁰.

Na rememoração de 1930 feita pelo autor várias concepções de revolução foram empregadas. Em alguns momentos, é o próprio autor a defini-la, em outros, ele usa documentos de época para isso, mas seja ele ou a documentação o conceito aparece com termos equivalentes: “salvação”, “regeneração”, “reconstrução” e similares. E do discurso brotam imagens como “cruzada santa”, “epopéia vermelha”, comparação com a Batalha de Verdun e com a Revolução Francesa; concepções e imagens, fios que, nas mãos hábeis do tecelão, se cruzam e dão forma ao tecido da memória. Surge então a “Revolução” denominada como “arrancada de outubro de 1930”, “campanha memorável de 1930”, “grande revolução nacional”, “revolução regeneradora”, “campanha regeneradora do país”, “grande epopéia” ou, simplesmente, “revolução”, termos que se ligam à luta armada. Mostram uma ruptura jurídico-política da ordem, mas não uma transformação na estrutura da sociedade.

Nos fios que urdem a memória existem também os invisíveis fios do presente; passado e presente se entrelaçam e a preocupação com os rumos do Golpe de 1964 leva Tito Teixeira a construir sua narrativa na forma de um relato militar, sem, no entanto, definir o movimento armado como um movimento militar. Os desvios, expressos na crescente militarização do governo pós-64, ampliam a significação de 1930. E são os civis os grandes “heróis”, nomes bordados neste tecido: Antônio Carlos, Camilo Chaves, Tito Teixeira, Mário Porto e tantos outros.

Apesar de sua “magnitude”, a “Revolução de Trinta” apareceu como um episódio dentro de outra “grande odisséia”: a história de Uberlândia. Tito Teixeira

³⁹⁰ VESENTINI, C. A., *A teia do fato*. Op. Cit., p. 127.

construiu um papel de grande relevância para a cidade no movimento de 1930 para mostrar como os “herdeiros dos pioneiros” podiam e deveriam ocupar um espaço no cenário nacional do pós-64.

Este trabalho levou-nos também a buscar Tito Teixeira, seu papel social e sua relevância para a memória oficial de Uberlândia. Num primeiro momento, não o encontramos nos “lugares de memória” caracteristicamente reservados aos grandes empresários e políticos. Assim, chegamos à hipótese de que, a partir de meados da década de 50, quando ele perdeu a Empresa Telefônica “Teixeirinha”, operou-se uma reestruturação da memória oficial da cidade em torno de sua figura. Elegeu-se um novo “herói”. Um novo personagem que estaria à frente dos “interesses” da cidade, cuidando do progresso. E para que isso acontecesse a memória sobre Tito Teixeira como empresário e político começa a ser silenciada. As referências à telefonia aparecem fundidas, como se “Teixeirinha” e Companhia de Telefones do Brasil Central (CTBC) fossem uma mesma empresa que mudara de nome. Na memória oficial da cidade, o empresário de telefonia reverenciado, “o pioneiro das comunicações telefônicas”³⁹¹ não era mais Tito Teixeira, como o fora até a década de 50, mas Alexandrino Garcia o novo dono. O próprio Tito Teixeira percebeu e denunciou este processo de manipulação da memória: “A nova concessionária (...) demoliu o novo e bonito prédio da “Teixeirinha” (...) e transferiu as instalações existentes para Itumbiara, nada ficando da “Teixeirinha” na cidade de Uberlândia a não ser a página de um grande esforço, registrada na sua história”³⁹².

No entanto, ele está na memória oficial, em outros “lugares de memória” construídos por outros agentes, como por exemplo no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS/UFU), na ampla utilização de seu livro pela rede escolar e mesmo no discurso da imprensa antes de sua morte. Mas nestes, ele não aparece como empresário, político ou mesmo aviador, e sim como historiador. Sua última atividade torna seu registro pessoal para a memória que se cristaliza em torno dele. Talvez porque, como “historiador local”, o memorialista Tito Teixeira, como poucos, soube ser porta-voz do discurso de “grandeza, modernidade e progresso” que as elites criaram ao longo de sua história para representar a cidade no imaginário social uberlandense.

³⁹¹ Informativo da FAMÍLIA ABC, Uberlândia, Ed. ABC Propaganda, ano II, n 20, p. 5, 1984.

³⁹² TEIXEIRA, Tito, Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central. Op. Cit., p. 270.

FONTES

I - LIVROS:

ARANTES, Jerônimo. Corografia do Município de Uberlândia. Uberlândia, Pavan, 1938.

_____. Memórias Históricas de Uberlândia. 2ª ed., Uberlândia, Zardo Gráfica, 1982.

CAPRI, Roberto. Município de Uberabinha. (Physico, Econômico, Administrativo e suas riquezas naturais e agrícolas). São Paulo, Capri Andrade Editores, 1916.

PEZZUTI, Pedro. Município de Uberabinha. História, Administração, Finanças e Economia. Uberabinha, Oficinas Livraria Kosmos, 1922.

UBERLÂNDIA DOCUMENTO, Uberlândia, Ed. Interglobo, 1988.

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central. História da criação do município de Uberlândia. Uberlândia, Uberlândia Gráfica Ltda, 1970, 2 volumes.

_____. Cidade de Morrinhos: tradicional sala de visita de Goiás. s/ref., 1966.

II - ARQUIVO PÚBLICO DE UBERLÂNDIA

2.1 - JORNAIS:

- A Tribuna - 1910 a 1945
- O Correio de Uberlândia - 1938 a 1970
- O Repórter - 1933 a 1963
- O Estado de Goyas - 1935 a 1945
- A Notícia - 1918/1919
- Jornal de Uberlândia - 1941/1942

2.2 - ATAS E PROCESSOS:

- Atas da Câmara de Vereadores de Uberlândia - 1909 a 1960
- Processos: N^o 617 (sobre o aumento das tarifas telefônicas da Empresa de Telefones Teixeira)

2.3 - ACERVO JERÔNIMO ARANTES:

- Panfleto avulso de Tito Teixeira - "Carta Aberta aos Snrs Acionistas da Cia de Telefones do Brasil Central", Uberlândia, 15/10/54.

III - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA (CDHIS) - UFU

3.1 - Acervo Tito Teixeira - aproximadamente 200 documentos diversos e o jornal O Diário da Revolução

3.2 - Acervo João Quituba - correspondência do Aero Clube de Uberlândia

IV - ARQUIVO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE UBERLÂNDIA - ACIUB

4.1 - Atas da ACIUB - 1924 a 1966

V - OUTROS ACERVOS

- Jornal Lavoura e Comércio - 1927 a 1932

VI - ENTREVISTAS:

- Senhor Durval Teixeira - 13/07/96
- Senhora Yolanda Teixeira - 16/07/96

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEM, João M., "Representações coletivas e história política em Uberlândia". In: História e Perspectivas. Uberlândia, Ed. UFU, nº 4, janeiro/junho de 1991.
- ANDRADA, Bonifácio de, "Aspectos da Revolução de 30 e o papel de Minas". In: VI Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1987.
- ARRUDA, M^a A. N., Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- BARROS, Edgard L. De, Os Governos Militares. São Paulo, Contexto, 1997.
- BENJAMIN, Walter, Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. 3ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.
- BERTONHA, João F., "A máquina simbólica do integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30", In: Revista história & Perspectivas, Uberlândia, UFU, nº 07, jul./dez. 1992.
- BOMENY, Helena B., "A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos 30". In: GOMES, Angela M. C.(org.).Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BORGES, Barsanufio G. O despertar dos dormentes. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1990.
- BORGES, Vavy P., "Tenentes, tenentismo versus oligarquia: reflexões para uma revisão historiográfica". In: Anaes do Museu Paulista, São Paulo, USP, 1985, Tomo XXXIV.
- _____, A "História da República": um objeto, alguns temas, alguns conceitos. Campinas, IFCH/UNICAMP, Col. Primeira Versão, nº 31, 1991.
- _____, Tenentismo e Revolução Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- _____, "Anos Trinta e política: história e historiografia", In: FREITAS, Marcos (org.), Historiografia brasileira em perspectiva, São Paulo, Contexto, 1998.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. 3ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, C. A., TRIÂNGULO: capital comercial, geopolítica e agroindústria. Belo Horizonte, UFMG, 1989. (Dissertação de Mestrado)
- BRANDÃO, C. R.(org.), As faces da Memória. Campinas, EDUNICAMP, s/d.

- BUNDY, Luise. O movimento político de 1930 em Uberlândia. São Paulo, Departamento de História/USP, 1985. (Tese de Doutorado)
- CADERNOS DE HISTÓRIA- Especial sobre história de Uberlândia, Uberlândia, UFU, vol. 4, nº 4, jan. 1993.
- CAPELATO, M^a Helena e PRADO, M^a Lígia. O Bravo Matutino (Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"). São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1980
- CHAUÍ, Marilena, Cultura e Democracia, 5ª ed., São Paulo, Cortez, 1989.
- CHAUL, Nasr F., A Construção de Goiânia e a transferência da capital. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1988. Coleção Doc. Goianos nº 17.
- _____, Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1997.
- CHESNEAUX, Jean, Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores. São Paulo, Ed. Ática, 1995.
- DE DECCA, Edgar S., 1930. O silêncio dos vencidos. 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1988.
- _____, "A revolução acabou", In: Revista Brasileira de História. São Paulo, Ed. Marco Zero, nº 20, março/agosto de 1990.
- DIAS, Fernando C., "Mineiridade: construção e significado atual". In: Revista Ciência e Trópico, v. 13, Nº1, Jan/jun. 1985.
- DULCI, Otávio S., "As elites mineiras e a conciliação: a mineiridade como ideologia". In: Revista Ciências Sociais Hoje. São Paulo, Cortez/AMPOCS, 1985.
- FAUSTO, Boris, A revolução de 1930: história e historiografia. 12ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____, "Estado, classe trabalhadora e burguesia industrial (1920-1945): uma revisão". In: Novos Estudos do CEBRAP, São Paulo, nº 20, março de 1988.
- FELDMAN-BIANCO, Bela, "História e poder local", In: ARANTES, Antônio A., Produzindo o passado. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Marieta M. e AMADO, J.(org.), Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FRANCO, Virgílio A. de Melo, Outubro, 1930. 5ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Col. Brasil-Século 20, 1980.

- FREITAS, Eliane M., "Aletheiando o Discurso Revolucionário Mineiro", In: Boletim da Coordenação do Curso de História, Uberlândia, UFU, nº 07, 2º semestre de 1990.
- _____, "O Triângulo em marcha: construção do imaginário sobre a Revolução de 1930". In: Revista Análise & Conjuntura. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, v. 6, nº 2, maio/ago. 1991.
- _____, "Memória e História Local: a produção dos memorialistas". In: Boletim NIESC, Catalão, UFG, vol. nº 01, ed. nº 2, dez/1998.
- GOUBERT, Pierre, "História local", In: Revista História & Perspectivas, Uberlândia, UFU, nº 6, jan/jun. 1992.
- GUIMARÃES, Eduardo N., "A transformação econômica do Sertão da Farinha Poder: o Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho", In: História e Perspectivas, Uberlândia, UFU, nº 4, jan./jun. 1991.
- HALBWACHS, Maurice, A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes, O cotidiano e a história. 4ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 1992.
- HOBSBAWM, E. J.(org.), A invenção das tradições. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- LE GOFF, Jacques, História e memória. 2ª ed., Campinas, Ed. UNICAMP, 1992.
- LENHARO, Alcir, Sacralização da política. Campinas, Papyrus, 1996.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa, A verdade sobre a revolução de outubro-1930. 2ª ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1975.
- LIMA, Vilma M., "1930: História e Memória - a construção do imaginário sobre a revolução de trinta no Triângulo Mineiro", IN: Revista História e Perspectivas, Uberlândia, Ed. UFU, jul./dez. 1992, nº 7.
- MARSON, Adalberto, "A locomotiva e a célula: imagens opostas da mesma revolução (russa, 1918)", In: Revista Brasileira de História, São Paulo, Marco Zero, v.10, nº 20, mar./ago. 1991.
- MARTINS FILHO, Amílcar V., A economia política do café com leite (1900-1930). Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1981.
- MENEZES, Geraldo B., Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro, Clube de Literatura Cromos, 1997.
- MOISÉS, Massaud, A criação literária. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1975,
- MOOG, Vianna, Bandeirantes e Pioneiros, 14ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Bras., 1983.

NORA, Pierre, Les lieux de mémoire. I la République. Paris, Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, Lúcia L., Elite Intelectual e Debate Político nos Anos Trinta. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1980.

PONTES, Hildebrando A., História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central. 2ª ed., Uberaba, Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

RESENDE, Mª Efigênia L., Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais: o novo PRM - 1889-1906. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982.

_____, "Reação oligárquica e avanço centralizador em Minas Gerais no pós-Revolução de Outubro de 30". In: Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, UFMG, nº 65, julho de 1987.

REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS: MEMÓRIA. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

RIBEIRO, José E. e SANDES, Noé F., "O estrangeiro", In: Cadernos de Pesquisa do ICHL, Goiânia, UFG, nº 03, 1991. Série Estudos Regionais.

SANDES, Noé F., A invenção da Nação entre a Monarquia e a República. São Paulo, USP, 1997. (Tese de Doutorado)

SANTA ROSA, Virginio, O sentido do tenentismo. 3ª ed., São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976.

SANTOS, Carlos M., "Memória, história, nação: propondo questões", In: Memória e História - Revista Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, nº 87, , out./dez. 1986.

SILVA, Ana Lúcia da, A Revolução de 30 em Goiás, São Paulo, USP, Doutorado, 1982.

SILVA, Antônio P., Com o suor de teu rosto: biografia de Alexandrino Garcia. Uberlândia, SABE, 1993.

SILVA, Marcos A., (Coord.), República em Migalhas: história regional e local. São Paulo, Marco Zero, 1990.

_____, "A história e seus limites", In: Revista História & Perspectivas, Uberlândia, UFU, nº 6, jan/jun. 1992.

SILVA, Vera Alice C., "O significado da participação dos mineiros na política nacional, durante a primeira República". In: V Seminário de Estudos Mineiros: A República Velha em Minas. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1982.

SILVEIRA, Cel. Hely A., Memórias do 4º BPM de Uberaba, Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1991.

- SIMONINI, Gizelda C. S., Telefonia: relação empresa e cidade - 1954-198, São Paulo, PUC-SP, 1994. (Dissertação de Mestrado)
- STARLING, Heloísa M. M., Os senhores da Gerais: os novos inconfidentes e o Golpe de 1964. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986.
- THUILLIER, G. e TULARD, J., Histoire locale et régionale. Vendôme, Presses Universitaire de France, 1992.
- THOMPSON, E. P., A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VESENTINI, Carlos A., A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo, HUCITEC, 1997.
- ____ e DE DECCA, Edgar S., "A revolução do vencedor", In: Revista Ciência e Cultura. 29(1), jan 1977.
- VINCENT, Gérard , "Uma história do segredo?", In: PROST, A. & VINCENT, G. (Org.), História da Vida Privada nº 5, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- WIRTH, John D., "Minas e a Nação. Um estudo de poder e dependência regional 1889-1937. In: FAUSTO, Boris(Org.), História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, Difel, 1977, T. 3, v. 1.
- ____, O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira (1889-1937). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.